

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO
POSURB

Rosely Mayse Seno

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina da Silva Schicchi

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E O PATRIMÔNIO EDIFICADO:
urbanismo, arquitetura e fisionomia da cidade (1920 - 1960)

PUC-Campinas

2018

Rosely Mayse Seno

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E O PATRIMÔNIO EDIFICADO:

urbanismo, arquitetura e fisionomia da cidade (1920 - 1960)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Urbanismo na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina da Silva Schicchi

PUC-Campinas

2018

Ficha catalográfica elaborada por Marluce Barbosa CRB 8/7313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

t350.85 S478s	<p>Seno, Rosely Mayse São José do Rio Preto e o patrimônio edificado: urbanismo, arquitetura e fisionomia da cidade (1920 – 1960) / Rosely Mayse Seno. - Campinas: PUC-Campinas, 2018 260f</p> <p>Orientadora: Maria Cristina da Silva Schicchi Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pós-Graduação em Urbanismo. Inclui anexo e bibliografia.</p> <p>1. Patrimônio cultural - Proteção. 2. São José do Rio Preto (SP) – Conservação história. 3. Urbanização - São José do Rio Preto (SP). 4. Planejamento urbano . 5. Cidades e vilas - Melhoramentos públicos. I. Schicchi, Maria Cristina da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias. Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título</p> <p>.CDD – 18.ed. t350.85</p>
------------------	---

ROSELY MAYSE SENO

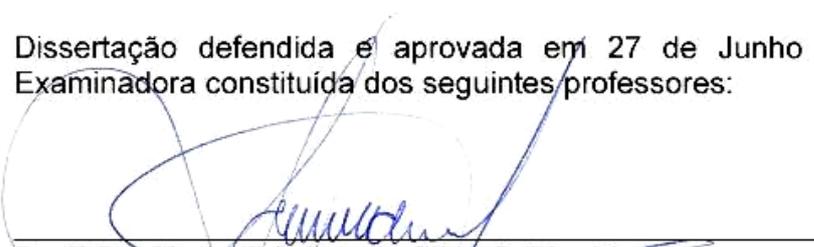
“SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E O PATRIMÔNIO EDIFICADO: URBANISMO, ARQUITETURA E FISIONOMIA DA CIDADE (1920-1960)”

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Área de Concentração: Urbanismo.

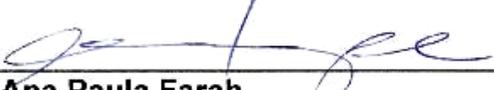
Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Cristina da Silva Schicchi

Dissertação defendida e aprovada em 27 de Junho de 2018 pela Comissão Examinadora constituída dos seguintes professores:



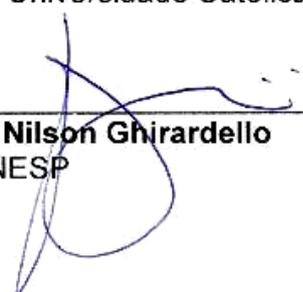
Prof^a Dr^a Maria Cristina da Silva Schicchi

Orientadora da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Prof^a Dr^a Ana Paula Farah

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Prof. Dr. Nilson Ghirardello

FAAC UNESP

AGRADECIMENTOS

Com muita gratidão, expresso aqui meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para o êxito dessa pesquisa.

A Profa. Dra. Maria Cristina da Silva Schicchi, minha orientadora, pelo conhecimento generoso e exigente na mesma proporção, dedicação e credibilidade ao meu trabalho. A todos os professores do PÓSURB, em especial ao Prof. Dr. Luiz Augusto Maia Costa e Prof. Dr. Wilson Ribeiro dos Santos Junior

A minha família, em especial a meu filho João Vicente Seno Ozawa, o maior incentivador para o meu ingresso no mestrado, minha mãe Edmée de Souza Pereira Seno (in memorian), grande incentivadora, irmã Rosana Marisa Seno Francese e irmão José Carlos Seno Júnior (in memorian) e sobrinhas Maria Raquel Francese e Maria Carolina Francese.

Aos amigos de sempre, Maria Antônia de Oliveira, Cleonice Morandi e Cristina Morandi Barboza.

Aos amigos aqui na PUC, durante o mestrado, Flávia Terricone Jimenez, Tatiana E. Domingos Souza, Fabíola Lowenthal e Ana Laura Evangelista.

Aos grandes colaboradores, Professor Agostinho Brandi, Professora Nilce Lodi, Lelé Arantes, Jorge Luís Guerra, Heloísa Fernandes Conter, Tarcísio Augusto Oliveira da Cruz, Tina Riscalì – Secretária de Cultura Esporte e Lazer da Estância Turística de Olímpia e Amaury Hernandes - Coordenador de Mobilidade Urbana da Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto.

As funcionárias da Biblioteca Pública Municipal “Dr. Fernando Costa”, de São José do Rio Preto, Terêsa Cristina Belisário da Silva, Márcia Vieira e Berenice de Fátima Castro Nogueira, que de maneira muito gentil me forneceram todo o material de que eu precisava.

Cada um, a sua maneira, acrescentou à pesquisa e a jornada. Muito Obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa procurou elaborar um registro físico das permanências urbanísticas e arquitetônicas no centro tradicional do Município de São José do Rio Preto, no período compreendido entre as décadas de 1920 e 1960. O recorte escolhido decorre de uma primeira observação empírica das permanências, posteriormente alicerçada em estudos de fontes primárias tais como jornais, revistas, periódicos, conversas com memorialistas e outros, que foram apresentados no decorrer do trabalho. A partir do registro físico, buscou-se investigar aspectos do desenvolvimento urbano e arquitetônico ocorridos no período, que conferiram ao Município uma fisionomia peculiar, a qual permanece até hoje, representada, majoritariamente, pela presença maciça de construções com repertório Art Déco e Neocolonial e, por isso mesmo, passíveis de um estudo de conjunto para a sua preservação. A leitura se fundamenta também nas transformações urbanas ocorridas no centro da cidade, com a implantação de alguns melhoramentos urbanos, como a chegada a Estrada de Ferro, dos serviços de água e esgoto, pavimentação, construções de novas edificações para usos institucionais, comerciais e residenciais, tamponamento de rios, abertura de avenidas e outros. Tais transformações foram predominantemente demandadas pelas elites locais, que almejavam usufruir de melhorias na qualidade de vida urbana e que, concomitantemente, construíram uma representação simbólica que julgavam estar associada à “modernidade” que, em geral, vem junto aos processos de “modernização”. Esse estudo não visou estabelecer um juízo de valor às permanências urbanísticas e arquitetônicas que remanesceram por décadas e resistem à especulação imobiliária, e sim enfatizar a importância de uma política preservacionista de manutenção desse legado não monumental, mas que possui elementos essenciais que revelam a trajetória urbanística e arquitetônica do Município, à luz dos modismos e dos Movimentos Internacionais e que foram absorvidas de forma peculiar pela clientela, pelos profissionais, ou mesmo expressos na arquitetura vernácula.

Palavras-chave: Transformações urbanas, centro, Art Déco, Neocolonial, Preservação, São José do Rio Preto.

ABSTRACT

This research sought to elaborate a physical record of the architectural and urban stay in the traditional center of São José do Rio Preto city in the period that comprehends the decades from 20 to 60. The picked clipping is from a first empirical observation of the stays, later rooted by studies of primary sources such as newspapers, magazines, journals, conversations with memorialists and others that were presented in the course of the work. As of the physical record we pursued to investigate aspects of the architectural and urban development occurred in that period that granted to the city a peculiar physiognomy which stays until today. It is represented, mostly, by the massive presence of the constructions with Art Déco and neocolonial repertoire and because of this capable of a study of set for its preservation. The reading is also based on the urban transformations occurred in the city center with deployment of a few urban improvements as the railroad coming, water and sewage services, paving, construction of new buildings for institutional, commercial and residential uses, river tamponades, avenue openings and others. Such transformations were predominantly demanded by the local elite that aimed to enjoy the improvements in the urban life quality and that concomitantly they built a symbolic representation that they judged to be linked to the “modernity” and that in general comes together with the processes of “modernization”. This study has not aimed to establish a value judgment to the architectural and urban stays that remained for decades and resist to the property speculation but to emphasize the importance of a preservationist policy of conservation of this not monumental legacy but it has essential elements that reveal the city architectural and urban course in the light of fads and International movements and that were absorbed in a peculiar way by the clients, by the professionals or even expressed by vernacular architecture.

Keywords: Urban transformations, center, Art Déco, Neocolonial, Preservation, São José do Rio Preto.

LISTA DE FICHAS

Ficha 01	88
Ficha 02	90
Ficha 03	92
Ficha 04	94
Ficha 05	97
Ficha 06	99
Ficha 07	102
Ficha 08	104
Ficha 09	107
Ficha 10	109
Ficha 11	111
Ficha 12	114
Ficha 13	116
Ficha 14	118
Ficha 15	120
Ficha 16	122
Ficha 17	124
Ficha 18	126
Ficha 19	129
Ficha 20	131
Ficha 21	133
Ficha 22	135
Ficha 23	137
Ficha 24	139
Ficha 25	142
Ficha 26	144
Ficha 27	146
Ficha 28	148
Ficha 29	150
Ficha 30	153
Ficha 31	155
Ficha 32	158
Ficha 33	160
Ficha 34	162
Ficha 35	164

Ficha 36	166
Ficha 37	168
Ficha 38	170
Ficha 39	172
Ficha 40	174
Ficha 41	176
Ficha 42	178
Ficha 43	180
Ficha 44	182
Ficha 45	185
Ficha 46	187
Ficha 47	189
Ficha 48	191
Ficha 49	193
Ficha 50	195
Ficha 51	197
Ficha 52	200
Ficha 53	204
Ficha 54	207
Ficha 55	209
Ficha 56	211
Ficha 57	213
Ficha 58	215
Ficha 59	217
Ficha 60	219
Ficha 61	221
Ficha 62	223
Ficha 63	226
Ficha 64	228
Ficha 65	230
Ficha 66	232
Ficha 67	234

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Anúncio do óleo de cozinha “A Patroa”	47
Figura 02: Cartaz da inauguração do Cine Rio Preto	58
Figura 03: Correspondente da “Folha da Manhã”, 29 de dezembro de 1940	59
Figura 04: Perspectiva do prédio do Cine Rio Preto	60
Figura 05: Fachada do ginásio	64

LISTA DE FOTOS

Foto 01: Fachada original da Estação Ferroviária Araraquarense	28
Foto 02: À direita, ponte de madeira que servia como travessia do Centro Tradicional para o Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo pelo Córrego Borá	31
Foto 03: Cruzeiro em frente à Praça São José	36
Foto 04: Sobrado localizado na Rua Bernardino de Campos, visto de frente	37
Foto 05: Jardim Velho	37
Foto 06: Hotel Términus, década de 1920	38
Foto 07: Catedral na década de 1939, aproximadamente	38
Foto 08: Edifício Caramuru, com frente para o Jardim Novo (atual Praça Ruy Barbosa)	39
Foto 09: Catedral antiga (1913 - 1929)	39
Foto 10: Comércio da Rua Prudente de Moraes, esquina com Rua Bernardino de Campos	40
Foto 11: Swift – Complexo fabril composto de graneleiro (edificação maior), prédio da caldeira, onde se observa a chaminé, reservatório de água, armazéns e o ramal de trilhos da Araraquarense, que chegava até a fábrica	46
Foto 12: Swift	48
Foto 13: Edifício Caramuru, 1939	49
Foto 14: Residência da família Antônio Curti, em 1949 e imagem da casa em 2005	50
Foto 15: Casa de Cenobelino de Barros Serra, na Boa Vista	50
Foto 16: Edificação do Palácio das Águas e Arejador	51
Foto 17: A Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo) com o Edifício Caramuru ao fundo nos anos 1939, aproximadamente	55
Foto 18: Placa da Construtora Arnaldo Maia Lello	56
Foto 19: Prédio inaugurado	60
Foto 20: Fonte de água construída em frente ao edifício, com motivos Déco	61
Foto 21: Aspectos internos do edifício	61
Foto 22: Vista interior da plateia	62
Foto 23: Edifício Curti - Hotel e Cine São Paulo (1939/1941)	62
Foto 24: Tapume da Construção do Edifício Curti, com a placa da Sociedade Arnaldo Maia Lello Ltda, construtora do Prédio	63
Foto 25: Ginásio Diocesano, 1934, atual Instituto Monsenhor Gonçalves	63
Foto 26: O palácio Episcopal	65
Foto 27: Basílica Menor de Nossa Senhora da Conceição Aparecida	66
Foto 28: Sistema construtivo da fundação do Prédio da ACIRP	67
Foto 29: Prédio da ACIRP com iluminação	67

Foto 30: Estação Ferroviária	68
Foto 31: Inscrições no portal de entrada de granito negro	68
Foto 32: Lado ímpar da Rua Bernardino de Campos	71
Foto 33: Ponto de ônibus da Praça Dom José Marcondes Homem de Mello, elaborado pelo engenheiro/arquiteto Eiras Garcia	73
Foto 34: Canalização do antigo Córrego Canela, hoje Avenida Alberto Andaló	74
Foto 35: São José do Rio Preto em 1942 – tendo a Catedral de São José como referência	75
Foto 36: São José do Rio Preto na década de 1960 – tendo a Catedral de São José como referência e o início da verticalização	75
Foto 37: Antiga e emblemática escadaria, demolida na década de 1970, para dar lugar à Estação Rodoviária	78
Foto 38: A escadaria da Estação Rodoviária, construída na década de 1970, delineada no Plano de Eiras Garcia, de 1958	78
Foto 39: Perspectiva da Rua Pedro Amaral e a Estação Ferroviária, construída na década de 1970	79
Foto 40: A Estação Ferroviária, projeto do arquiteto José Carlos de Lima Bueno.....	79
Foto 41: Edificação principal do Antigo Tiro de Guerra 197 (hoje Museu de Arte Naif) ..	80
Foto 42: Residência do Instrutor do Tiro de Guerra 197 - Waldemar César Machado ...	81
Foto 43: Relógio da Estação Ferroviária de São José do Rio Preto	81
Foto 44: Edifício Curti – Cine Curti e Hotel São Paulo	82
Foto 45: Edifício Zini (atual Praça Shopping), inaugurado em 1944 para abrigar o Cine-Teatro Rio Preto	83
Foto 46: Swift atualmente	237
Foto 47: Mercado Municipal	238
Foto 48: Basílica de São José do Rio Preto	238
Foto 49: Antigo Tiro de Guerra 197, atualmente Museu de Arte Naif	239
Foto 50: Túmulo de Ugolino Ugolino, localizado no cemitério da Vila Ercília	239
Foto 51: Asilo do Distrito de Engenheiro Schmitt (antigo Colégio São José)	240
Foto 52: Estação Ferroviária de São José do Rio Preto	240
Foto 53: Estação Ferroviária de Engenheiro Schmitt	240
Foto 54: Instituto Penal Agrícola	241

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Transporte de passageiros pela EFA	45
--	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Perímetro urbano e estradas abertas em 1893	29
Mapa 02: Primeiro traçado do centro urbano, feito por Ugolino Ugolini, em 1895	32
Mapa 03: Delimitação do perímetro urbano segundo a lei nº 8 de 25 de dezembro de 1902	33
Mapa 04: Planta do município de São José do Rio Preto em 1923	35
Mapa 05: São José do Rio Preto em 1911	41
Mapa 06: Mapa de Localização	76
Mapa 07: Localização da Rua Pedro Amaral, que não se tornou Avenida, como delineado no Plano de Eiras Garcia e da efetiva implantação da Estação Ferroviária, na década de 1970	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
MÉTODOS E PROCEDIMENTOS	23
CAPÍTULO 1 - ANTECEDENTES URBANOS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	25
1.1 Origem do povoado	25
1.2 Traçado original da cidade	30
1.3 As transformações no Centro Urbano entre 1920 e 1940	35
1.4 A consolidação do Centro Tradicional	40
CAPÍTULO 2 - A PAISAGEM RENOVADA DOS ANOS 1940	43
2.1 A consolidação da produção industrial	45
2.2 A nova clientela	49
2.3 Profissionais emblemáticos do período	52
2.3.1 Canuto de Almeida Moura	52
2.3.2 José Maria da Silva Neves	52
2.3.3 Sampaio de Freitas	53
2.3.4 Rodolfo Fehr	54
2.3.5 Arnaldo Maia Lello	55
2.3.6 Jesus Villanova Vidal	56
2.4 Obras que se destacaram no Período	57
2.4.1 Edifício Zini: Cine Rio Preto	58
2.4.2 Edifício Curti: Cine São Paulo	62
2.4.3 Prédio do Instituto Estadual de Educação Monsenhor Gonçalves ..	63
2.4.4 Palácio Episcopal	65
2.4.5 Basílica	66
2.4.6 Associação Comercial e Empresarial de Rio Preto (ACIRP)	67
2.4.7 Estação Ferroviária	68
2.5 A Lei de Zoneamento de 1958	69
2.5.1 O Plano efetivamente executado de Eiras Garcia, na Gestão do Prefeito Alberto Andaló	71
CAPÍTULO 3 - DEFINIÇÃO DA FISIONOMIA URBANA	80
3.1 O Art Déco	80

3.2 O Neocolonial	83
3.3 O <i>Art Nouveau</i>	84
3.4 O Ecletismo	85
3.5 Os remanescentes de 1920 até 1960: critérios de seleção e análise de conjunto	86
CAPÍTULO 4 - A ÁREA DE INTERESSE CULTURAL E AS LEIS DE PRESERVAÇÃO	235
CONCLUSÃO.....	242
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	245
ANEXO 01.....	254
ANEXO 02.....	255
ANEXO 03.....	256
ANEXO 04.....	257
ANEXO 05.....	258
ANEXO 06.....	259
ANEXO 07.....	260

INTRODUÇÃO

Estudar o centro histórico de São José do Rio Preto foi uma oportunidade de compreender um contexto urbano que representa um recorte do cenário histórico nacional, cujo percurso inicia-se em um território caracterizado como “boca de sertão”¹ (GHIRARDELLO, 2002), posteriormente denominada “ponta de trilhos”² (GHIRARDELLO, 2002), o que permitiu sua ascensão econômica e tornou possível uma transformação urbanística e arquitetônica gradativa e ascendente, cujo percurso será demonstrado nesta dissertação.

O interesse pela área central da cidade vai além da constatação da importância do seu papel na dinâmica urbana atual, haja vista ser ela o núcleo inicial, local que congrega o traçado urbano original, o qual, mais tarde, assiste à implantação do Urbanismo Moderno³, além de expressar, por muito tempo, a própria Fisionomia do Município⁴, que ainda representa sua singularidade e que se reflete nos bairros, caracterizados como as primeiras expansões.

A cronologia apresentada no presente estudo, entre 1920 e 1960, foi objeto de interesse por ser o período que registra as transformações urbanas e arquitetônicas que definiram a fisionomia atual da cidade e por possuir o maior número de exemplares arquitetônicos que a caracterizam.

A pesquisa busca investigar a evolução urbana e arquitetônica do centro tradicional⁵, localizado entre as Avenidas Bady Bassit e Alberto Andaló e as Ruas Pedro Amaral e Independência, assim como as primeiras expansões do período mencionado.

¹ Expressão usada para definir uma localidade antes de adentrar o sertão.

² Expressão usada para definir a última localidade de uma Estação Férrea.

³ Nossa definição de Urbanismo Moderno segue o postulado pela Carta de Atenas, a qual preceituava as funções urbanas (habitar, trabalhar, circular e recrear) e formou as bases do plano diretor, cujo pensamento urbanístico partia do princípio de que na ciência (diagnóstico e prognóstico científicos) e na técnica (plano diretor) era possível encontrar a chave para a solução do que se considerava “problemas urbanos” (VILLAÇA, 1999).

⁴ Utilizaremos aqui o conceito de fisionomia da cidade apresentado pelo dicionário informal: “aspecto geral da cidade, que inclui elementos de ordem cultural (tais como costumes e formas de relacionamento entre seus habitantes) e de ordem material (tais como edifícios, praças e avenidas)”. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/fisionomia+da+cidade/>>. Acesso em 09.09.2017.

⁵ “O centro tradicional consiste naquele que surgiu acompanhando a formação do núcleo urbano da cidade, isto é, o velho centro. Além das mudanças que sofreu, sobretudo nas últimas décadas, em um contexto de cidades policêntricas, o centro tradicional contém permanências, onde é possível observar a coexistência de formas materiais ligadas ao passado e feiras livres, combinadas com novos equipamentos e lojas comerciais” (FERREIRA, 2015, p. 115).

O conjunto urbanístico do local é expressivo e acredita-se que, evidenciá-lo, partindo do reconhecimento de seu significado cultural⁶, será uma contribuição para sua preservação, cuja relevância se dá em função do entendimento e leitura da evolução do sítio⁷ urbano, inclusive seu papel de centro econômico ativo, inserido na realidade contemporânea.

Sendo assim, a pesquisa se fundamenta na compreensão de usos pretéritos, mas sem deixar de vislumbrar a compreensão de sua problemática atual, a qual envolve aspectos históricos, bem como transformações econômicas e sociais que foram ocorrendo, atingindo os usos hoje estabelecidos.

Para tanto, o presente trabalho recua a 1920, período em que havia uma urbanização incipiente; perpassa os anos 1930, em que a transformação urbana se intensifica, ainda que timidamente, e foca nos anos 1940, década em que ocorrem expressivas alterações socioeconômicas, espaciais e arquitetônicas. Nessa época, são identificados os efeitos da modernização sobre o antigo sítio, no qual é possível verificar, ainda hoje, os resultados. O trabalho se estende até 1958, quando ocorre a implantação do Plano de Avenidas, formulado de acordo com os preceitos do Urbanismo Moderno.

Para efeito dessa pesquisa, entende-se “modernidade” a partir da conceituação proposta por Abascal, Bruna e Alvim (2006)⁸:

O propósito de focar os antecedentes da modernidade, partindo da situação histórica encontrada no ambiente europeu e dos Estados Unidos, não significa submissão reducionista, uma vez partindo do pressuposto da aceitação da complexidade do curso histórico, de sua não-linearidade e de sua feição específica, no Brasil e na América Latina. É importante observar, do ponto de vista metodológico, que a importância conferida a determinados arquitetos e obras, no discurso histórico é instrumental, e não é sinônimo apenas de uma vontade manifesta. A seleção de exemplos não se fundamenta em conferir a um ou a outro a epígrafe de autor indispensável, mas de tornar explícito em que cada contribui para a modernidade. Assim, em sua dinâmica esse processo evidencia racionalismos, expressionismos e organicismos, cidades planejadas conforme uns e outros conceitos, revisões historicistas e enfáticas das identidades, preocupações com o ambiente sustentável, com o espaço público coletivo e com o espaço

⁶ “Significado cultural significa valor estético, histórico, científico, social ou espiritual para as gerações passadas, actual ou futuras” (AUSTRÁLIA ICOMOS, 2006, p. 05).

⁷ “Sítio significa lugar, área, terreno, paisagem, edifício e outras obras, grupo de edifícios ou de outras obras, e pode incluir componentes, conteúdos, espaços e vistas” (AUSTRÁLIA ICOMOS, 2006, p. 05).

⁸ Conteúdo publicado no site Vitruvius - Arqtextos, com o título *Modernização e Modernidade*, produzido para a disciplina “Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo”, ministrada pelas autoras no curso de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

percebido, evitando-se qualquer forma de homogeneização e compreendendo os fenômenos em seu contexto, tempo-espaço.

Com relação à “modernização”, entende-se que essa traduz os processos de renovação urbana, tais como melhoramentos viários que resultam na remodelação de praças, ganhando-se em áreas calçadas, saneamento, captação e distribuição de água, implementação de novos sistemas de transportes público e viário nas áreas centrais, correios, telégrafos, imprensa e outros implementos que caracterizam uma transformação, seja ela de natureza tecnológica, urbana ou comportamental, entre outras. Tais ações transcendem a consolidação do espaço urbanizado e afirmam uma intencionalidade política e discursiva de ingresso da cidade em uma rede de ações transformadoras, guiadas pela técnica e em direção a um desenvolvimento progressista. Assim, a cidade é o ambiente propício para que se desenvolvam essas transformações (ABASCAL, BRUNA e ALVIM, 2006).

No caso de São José do Rio Preto, a modernização e a conseqüente expressão de modernidade são expressas no repertório *Déco*, na construção de edifícios institucionais e comerciais, e no repertório Neocolonial, nas edificações de natureza residencial, em sua maioria. O município acompanha a evolução de natureza tecnológica, a exemplo do que ocorre nas grandes capitais e em todo o mundo, quando linhas sóbrias e novos materiais, como o concreto armado, passam a ser utilizados na construção civil (ABASCAL, BRUNA e ALVIM, 2006).

A pesquisa que aqui se apresenta é desmembrada em quatro capítulos, levando-se em consideração: a trajetória da área central, conectada às transformações político-econômicas, urbanísticas e arquitetônicas, a partir de 1940; a conseqüente mudança de perfil social, econômico e cultural; o marco histórico decorrente da implantação do Urbanismo Moderno e o crescente processo de verticalização.

No primeiro capítulo são apresentados os antecedentes urbanos da São José do Rio Preto de 1920, incluindo um panorama histórico do povoado em formação e seu traçado original, executado por Ugolino Ugolini⁹. O texto se apoia na análise de

⁹ Ugolino Ugolini foi um renomado engenheiro civil italiano que também atuou como jornalista, além de ter sido eleito como vereador de São José do Rio Preto em 1899. Veio ao Brasil como integrante da Expedição de Hummel, liderada pelo engenheiro Olavo Von Hummel. Em 1893, passando pela cidade paulista, decidiu não regressar à Capital, pois vislumbrou aqui um futuro de prosperidade. Em 1897 lecionou na Escola Municipal e em 1899 ajudou a fundar a Loja Maçônica Cosmos. Participou da organização do sistema de aforamento local e criou o primeiro mapa do município, encomenda do padre José Bento da Costa. Em seguida, traçou a abertura das estradas que ligam Rio Preto a

cartografia histórica, bibliografia disponível, em teses sobre a localidade e em órgãos públicos.

A cartografia, juntamente com fatos socioeconômicos e culturais, obtidos em pesquisa nos jornais da época, conversas com memorialistas e pesquisa *in loco*, foi utilizada para a compreensão de sua história, de forma a apreender a transformação urbana, a configuração de uma paisagem representativa e de seu patrimônio edificado, neste primeiro momento.

São abordadas, ainda, as alterações da área central, diagnosticando-se as transformações do primeiro núcleo, as primeiras expansões e os vetores de crescimento. Com apoio da pesquisa cartográfica, iconográfica e documental, busca-se contextualizar as diversas etapas de transformação do município, os códigos de postura, códigos de obras e toda a documentação necessária para o embasamento relativo à transformação e às expansões ocorridas no período estudado.

Interessa-nos ainda considerar o perímetro da centralidade histórica e indagar o motivo dessa delimitação, que permanece, hodiernamente, com as mesmas características.

No segundo capítulo são abordadas as transformações socioeconômicas do período, as conseqüentes mudanças urbanas e a apresentação do novo perfil urbano configurado, incluindo o processo de verticalização ocorrido entre 1930 e 1960. Para tanto, foram estudados com maior profundidade os códigos de postura, os códigos de obras, os jornais da época, as atas da Câmara, além de realizadas pesquisas *in loco*, bem como a observação de certas reminiscências, conversas com memorialistas, bibliografia local e bibliografia geral, para aprofundamento do tema.

O terceiro capítulo apresenta o exame dos conjuntos de edificações remanescentes, propriamente ditos, para o qual foram elaboradas fichas, desenvolvidas especificamente para esta pesquisa, com vistas à análise dos setores urbanos representativos do período estudado, visando evidenciar a fisionomia da centralidade tradicional, através da leitura do conjunto de edificações remanescentes. Concomitantemente, são investigadas as transformações do núcleo

Catanduva e a Avanhandava, Miguel Calmon e Penápolis. Em seu currículo também há espaço para o meio ambiente e a ecologia: lutou contra a pesca indiscriminada nos rios e córregos da região e defendeu o Código Sanitário Francês, segundo o qual toda zona circundante aos cemitérios, em um raio de 50 a 100 metros, é considerada infecta. Em reconhecimento à sua importância, a praça da Vila Maceno (parte da 2ª expansão), leva seu nome. Fonte: ARANTES, L. Dicionário Rio-pretense. São José do Rio Preto: Editora Rio-pretense, 2000.

urbano original e das primeiras expansões, através de elaboração de documentos cartográficos e de informações oriundas da bibliografia sobre a localidade.

Para isso, apresenta-se o Plano de Avenidas de São José do Rio Preto, implantado em 1958, durante a gestão do prefeito Alberto Andaló e executado pelo arquiteto urbanista Heitor Eiras Garcia, técnico da prefeitura de São Paulo que, em muitos aspectos, se baseava no urbanismo americano, difundido por vários urbanistas da época, inclusive Anhaia Mello¹⁰.

Também são apreciadas em profundidade dissertações de vários autores sobre o assunto, bem como uma pesquisa da exposição de motivos e do Plano, propriamente dito, complementadas por conversas com memorialistas locais, consultas em jornais, atas da Câmara e a bibliografia sobre o pensamento urbanístico daquele momento. O intuito é investigar como estas ideias circularam no município, culminando na implantação do Plano, o que foi alterado e o que remanesceu.

O quarto capítulo busca indagar quais políticas de preservação, disponíveis no âmbito municipal e planejamento urbano de São José do Rio Preto, podem contribuir para a preservação da fisionomia de seu centro tradicional, bem como outras ferramentas de âmbito estadual e federal que podem ser utilizadas com este objetivo.

A pesquisa que aqui se propõe pretende servir como instrumento para que uma política de preservação possa se estabelecer efetivamente, com o intuito de valorizar a peculiaridade dos remanescentes existentes na cidade. O levantamento procurou evidenciar a relevância do traçado urbano original, como já dito, e das edificações vernaculares e/ou elaboradas por profissionais, as quais mantêm a centralidade histórica ainda íntegra e compõem a fisionomia urbana até hoje.

Para tal, discute-se o planejamento urbano atual do município, com dados obtidos em pesquisa junto à Secretaria de Planejamento Estratégico, Ciência,

¹⁰ Luis Inácio Romeiro de Anhaia Mello foi um renomado estudioso dos aspectos urbanos da cidade, pensando as questões urbanas pelos vieses sociológico e legislativo. Em 1913, formou-se engenheiro-arquiteto na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Foi um dos fundadores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1948, da qual foi diretor e professor. Foi prefeito de São Paulo entre 1930 e 1931 e secretário da Viação e Obras Públicas. Apesar de admirador do urbanismo norte-americano, reconhecia que as especificidades locais deveriam reger as articulações do urbanista e do próprio urbanismo. Fonte: <http://www.fau.usp.br/saberres/?autor=anhaia-mello>. Acesso em 01 de maio de 2018.

Tecnologia e Inovação de São José do Rio Preto, onde também foram examinados os instrumentos legais vigentes para a preservação desse Patrimônio Cultural.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Os métodos e procedimentos adotados para a pesquisa se dividem em quatro etapas. A primeira é relativa à análise da historiografia do município, com a qual se buscou compreender a história de São José do Rio Preto, percorrendo sua fundação e acompanhando sua trajetória, incluindo aspectos abrangentes da história brasileira que a contextualizam. A observação empírica, aliada a imagens históricas, as conversas com memorialistas, os levantamentos cartográfico e bibliográfico permitiram reconhecer uma fisionomia característica – que permanece até hoje, a despeito das transformações de sua malha urbana, nos sucessivos períodos econômicos – assim como acompanhar a definição dos vetores das primeiras expansões.

A segunda etapa, composta pelo terceiro capítulo, consiste em um levantamento de campo de toda a área do centro tradicional, delimitada quadra a quadra, onde foram demarcadas as permanências históricas, desde a década de 1920. Essa catalogação, juntamente com a análise crítica embasada nos documentos coletados e com a leitura das transformações urbanas, foi a base para a elaboração de critérios de seleção da área que se espera constituir como Área de Preservação e ou Área de Interesse Cultural. A esta foi agregado um mapa, que demonstra as primeiras expansões e vetores de crescimento e que poderão fazer parte de futuras pesquisas, pois empiricamente pode-se observar que as tipologias arquitetônicas encontradas no Centro Tradicional repetem-se e dialogam com as tipologias arquitetônicas observadas nos bairros do entorno do primeiro núcleo. (ver Mapa anexo número 06).

A cartografia histórica foi sistematizada e reelaborada em meio digital para esta pesquisa, possibilitando uma percepção mais clara da transformação urbana e das primeiras expansões, complementada pelas visitas *in loco*.

Na terceira etapa, aspectos teóricos se alinharam à pesquisa empírica, documental e iconográfica, acrescidos de levantamento de fontes primárias encontradas no Arquivo Público Municipal, Atas da Câmara, Códigos de Obras, jornais e livros de autores locais e memorialistas, documentos essenciais para reforçar a compreensão histórica local e avançar na investigação do que resultou como fisionomia atual.

Foi essencial para este estudo a junção de material teórico, histórico e iconográfico à reprodução dos mapas digitais e, especialmente, à investigação empírica analítica do ambiente urbano do centro tradicional e das expansões. Essas últimas foram estabelecidas no período do primeiro traçado oficial, nas décadas de 1920 a 1930, com maior foco na década de 1940, cujo crescimento proporcionou o maior número de construções emblemáticas do centro tradicional e resultou em sua fisionomia nas décadas de 1950 a 1960, período em que se deu início ao processo de verticalização da cidade. Na mesma época, foi proposto o Plano de Avenidas por Eiras Garcia, ou seja, de 1920 a 1960, esse processo ocorreu praticamente sem interrupções. Portanto, a delimitação e seleção das seções de ruas e seus conjuntos abrangeram o período em sua totalidade.

O quarto capítulo consiste em uma discussão sobre a possibilidade de preservação e gestão da área de interesse cultural analisada. Para essa etapa, foram analisados os elementos de salvaguarda contidos na legislação Municipal, mas principalmente os conceitos e ferramentas disponibilizados pelos órgãos de preservação, no que se refere à proteção patrimonial, em especial, a de conjuntos e os itinerários culturais.

O conjunto de informações coletadas possibilitou acompanhar o percurso das transformações da citada fisionomia, a qual permanece e caracteriza a centralidade tradicional de São José do Rio Preto como um sítio peculiar e, portanto, passível de preservação.

CAPÍTULO 1 - ANTECEDENTES URBANOS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

1.1 Origem do povoado

Em primeiro lugar, há que se destacar que, diferentemente do usual, na região de São José do Rio Preto não existiram sesmarias, haja vista que sua criação foi posterior ao desaparecimento do Instituto, que ocorreu com a Resolução de 17 de julho de 1822 (BRANDI, 2002).

Outro ponto de destaque é que o local é cortado por um rio de pequeno porte (rio Preto) e alguns córregos afluentes (Canela, Borá e Piedade) que não apenas determinam uma ligeira ondulação do relevo, como também dificultaram a tentativa inicial de formação do povoado na região dos campos de Araraquara, com relação à doação do Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo, conforme descreve-se a seguir.

Em 1847, Luís Antônio da Silveira e sua esposa, Thereza Francisca de Jesus, doaram o Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo¹¹, com escritura registrada em Jaboticabal. Contudo, a região parecia não ter nenhum atrativo para além do córrego Borá, em sua margem esquerda, possivelmente pela falta de favorecimento da topografia e pela distância maior até o espigão do que o córrego Canela.

Nesse caso, a doação não coincidiu com a formação espontânea do povoado, fato que se repetiu em muitas outras cidades brasileiras (PINHEIRO, 2004).

A efetiva povoação é cercada por várias conjecturas e nenhuma certeza. Alguns historiadores, como Leonardo Gomes¹² e Ugolino Ugolini¹³, atribuem a Luiz Antônio da Silveira a doação de um segundo patrimônio, em 1850, o Patrimônio de São José, entre o rio Preto e os córregos Borá e Canela. Contudo, Brandi (2002) suscita outra hipótese: a possibilidade de que famílias mineiras tenham doado tal Patrimônio.

O que se sabe é que, a partir dessa tradição típica do Brasil Colonial, que perdurou até após a Independência, teve origem o nome do município: doação do Patrimônio ao santo de devoção do doador (São José) e Rio Preto, pelo fato de que

¹¹ Doação de Patrimônio se refere à doação de terras ao santo de devoção.

¹² Autor do livro "Gente que ajudou a Fazer Rio Preto - uma grande cidade", publicado em 1975.

¹³ Autor de *Monographia*, trabalho publicado no jornal Correio do Sertão, de Jaboticabal, em sucessivas edições, a partir de 28 de março de 1895. Trata-se da primeira narrativa sobre o município rio-pretense, descrito em suas múltiplas facetas: histórica, geográfica, sociológica, geológica, topográfica e econômica, entre outras (BRANDI, 2012).

o rio era escuro, em função do sombreamento das árvores que o margeavam (BRANDI, 2002; BRANDI, 2016, depoimento oral, durante a pesquisa in loco).

Os historiadores pesquisados são unânimes ao afirmar que, em 1851, no espigão oposto – entre os córregos Borá e Canela – João Bernardino de Seixas Ribeiro e sua família se estabeleceram, vindos de Casa Branca (BRANDI, 2002; PINHEIRO, 2004). O fazendeiro, possuidor de terras naquele local, se aventurou em busca da posse de novas terras. Assim, em 1852, erigiu um cruzeiro e fundou oficialmente o arraial. Construiu sua casa, fez contato com moradores da redondeza, liderando os habitantes do povoado, na maioria famílias de mineiros empobrecidas, vindas das regiões auríferas.

Três anos depois, em 1855, de acordo com as leis provinciais, sua iniciativa e liderança fizeram com que fossem criados os Distritos de Paz e Policial, com sede em São José do Rio Preto, originalmente um “bairro” de Araraquara, localizado na região entre os rios Tietê, Grande e Paraná. O povoado mais próximo era Jaboticabal (BRANDI, 2002).

Desde sua fundação, o município atua como polo regional. Inicialmente, graças à ocupação dos pioneiros mineiros, no período entre 1852 e o fim do século XIX, quando o local se transformou em ponto estratégico de comunicação com a antiga Estrada Geral¹⁴ que ligava as províncias do Império, do triângulo mineiro até Cuiabá, servindo de apoio à colonização da Região Oeste, que ainda era inexplorada. Embora precária, a rota era muito conhecida e a cidade passou a ser ponto estratégico de parada para os tropeiros, antes de entrarem no sertão (BRANDI, 2002).

A Guerra do Paraguai (1864-1870) também beneficiou o comércio local: devido à sua posição geográfica privilegiada, a localidade se transformou em importante via de comunicação entre Mato Grosso e São Paulo, entre o interior do país e o litoral do estado. O contexto da guerra expandiu o tráfego da Estrada Geral em função da aquisição dos insumos necessários para o provimento dos militares (BRANDI, 2002).

Em fins do século XVIII e meados do século XIX, houve uma grande onda de migração mineira em direção ao imenso território do recém-criado distrito de São

¹⁴ Principal “rodovia” que cortava o território distrital – em sentido sul-norte – localizada em posição estratégica, dirigindo-se a Cuiabá, via Triângulo Mineiro. Sua importância se deve ao fato de servir para a penetração, exploração e ocupação do sertão, desde os campos de Araraquara até o Rio Grande (BRANDI, 2002).

José do Rio Preto, bem como às demais áreas da província paulista, em decorrência da queda da produção aurífera em Minas Gerais. Assim, gradativamente a região do interior de São Paulo foi se povoando e os latifúndios foram sendo formados, à medida que os colonizadores avançavam e se apossavam das terras, em grande parte terras devolutas (TEODÓZIO, 2008).

As atividades praticadas pelos colonizadores eram de subsistência, caracterizadas como agrícolas e de criação de animais domésticos. Assim, a mão de obra não era elemento relevante diante de uma economia tão simplificada e a posse de escravos muito pouco somava ao *status* dos proprietários de terras. Logo, a maior parte deles era de escravos familiares ou quase livres, trazidos pelos mineiros de seus locais de origem.

Por volta de 1890, comerciantes estrangeiros e nacionais abriram casas modestas na vila. Um hotel, um açougue, uma farmácia, lojinhas de quinquilharias, bebidas e quitanda, uma fábrica de potes, uma olaria, uma carpintaria e oficina de ferreiro e dois engenhos de açúcar e pinga. Nesta época, o crescimento do povoado se estendeu além do córrego Borá em direção correspondente ao atual bairro da Boa Vista (BRANDI, 2002).

Em 19 de julho de 1894, deu-se a emancipação político-administrativa do município, desmembrado de Jaboticabal por meio da lei nº 294. Naquele momento, o vilarejo possuía uma zona urbana com cerca de 800 habitantes. Uma década depois, quando a cidade já registrava aproximadamente 14 mil habitantes, foi criada a comarca de São José do Rio Preto através da lei nº 903 de 1904. O povoado mais próximo continuava sendo Jaboticabal (BRANDI, 2002).

Em 1907, houve uma difícil batalha judicial entre a Fábrica Paroquial e a Câmara Municipal (GHIRARDELLO, 2002), responsável pela administração do local, representada pela figura do intendente, cujas funções se assemelham às do prefeito no poder público atual. O poder público contestava a posse legal do território pela Igreja, devido à ausência de documentação de doação feita por Luiz Antônio da Silveira.

Em se tratando de terras devolutas e sem registro, a defesa da Câmara sustentava que não poderiam ser doadas, negando a legitimidade da posse da Igreja. Uma possível versão sobre o fato é que a doação tenha sido feita através de instrumento particular, ficando sem o competente registro durante o século XIX. Ao

fim de um longo embate, contudo, a posse da Fábrica Paroquial acabou sendo legitimada (BRANDI, 2002).

Em 1912, a instalação da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA) transformou o local em ponto terminal do transporte ferroviário, por meio do qual era escoada a produção agrícola deste e dos poucos municípios do entorno. Em pouco tempo, a cidade considerada “boca de sertão” apropriou-se da condição de cidade “ponta de trilhos” (GHIRARDELLO, 2002) graças à gigantesca mola propulsora de desenvolvimento que foi a chegada da EFA, principalmente com relação à atividade terciária.

Até o início do século XX, a cidade se apresentava ainda como uma pequena vila em pleno sertão paulista. Somente com a construção da ferrovia, a economia e o desenvolvimento da cidade são fortemente impulsionados. O local de implantação da Estrada de Ferro Araraquarense se deu à margem esquerda do rio Preto, através da intervenção do Estado para aterrará-la. Nesse sentido, pode-se considerar que esta área fora fabricada para possibilitar a instalação dos trilhos no fundo de vale (FRANCISCO, 2011, p. 01).

A Foto 01 mostra o prédio original da EFA, posteriormente demolido para dar lugar a um novo edifício, erigido em 1942 e mantido até hoje.



Foto 01: Fachada original da Estação Ferroviária Araraquarense

Fonte: Tonello (2006, p.127)

São José do Rio Preto passou a se destacar como referência regional à medida que se tornava o principal eixo de escoamento da produção agrícola e de manufaturados do centro-oeste do país, passando a oferecer serviços públicos,

Ainda em 1912 foi inaugurada a primeira Máquina de Beneficiamento, nas proximidades da EFA (TEODÓZIO, 2008). O crescimento da cidade foi ascendente, e, em 1929, já contava com 27.800 habitantes.

“As rodovias Transbrasiliana (BR 153), Federal, passando na direção NE-SW, e Washington Luiz (SP 310), Estadual, no sentido E-W, influenciaram o direcionamento do crescimento da cidade” (BOLÇONE, 2005, p. 08), caracterizada por um relevo pouco ondulado, com espigões amplos e de modesta altitude (média de 500m) (FREITAS, 2017).

Atualmente, São José do Rio Preto é reconhecida como influente cidade do interior de São Paulo, polo da 8ª Região administrativa, localizada na Região Noroeste¹⁵. Mesmo estando distante 451 Km da Capital, possui fundamental importância, principalmente frente às localidades vizinhas, sendo considerada de porte médio, por abrigar uma população estimada em 408.435, de acordo com o censo de 2010.

1.2 Traçado original da cidade

Em 1892, o governo de São Paulo criou a Comissão Geográfica e Geológica com o objetivo de estudar rios, solo, fauna e flora do Estado, visando definir o traçado mais adequado que ligasse o Mato Grosso com o litoral, passando pela Região do alto Paraná. Para isso, foi contratado o engenheiro Olavo Von Hummel, encarregado pela expedição que atuou na região entre 1886 e 1931. Um dos integrantes de sua equipe era o engenheiro florentino Ugolino Ugolini, responsável pelo primeiro traçado de São José do Rio Preto (FREITAS, 2017).

Ugolini considerava que os dois patrimônios originais – de Nossa Senhora do Carmo e de São José – haviam sido doados por Luiz Antônio da Silveira. A pedido da Igreja, representada pelo Padre José Bento da Costa, o engenheiro mediu oficialmente os dois Patrimônios: o primeiro media 190 alqueires e o segundo, 678 alqueires, totalizando 868 alqueires, o equivalente a 20.832.000 m² (BRANDI, 2002).

¹⁵ Para efeito dessa pesquisa, utilizaremos o enfoque de Ghirardello (2002) e Francisco (2011), segundo os quais a cidade se situa na Região Noroeste, e não na Região Norte, como defende Teodózio (2008).

O engenheiro também organizou o sistema de aforamento¹⁶, realizando a planta e o registro cadastral dos lotes do patrimônio de São José, que já se encontrava habitado, identificando as vias públicas ali existentes, bem como o número das casas, área em metros quadrados, valor dos aluguéis e nomes dos moradores. Com relação ao patrimônio de Nossa Senhora do Carmo, localizado do outro lado do córrego Borá, ainda não povoado, Ugolini planejou o espaço, reservando diversas quadras para o uso de parques e praças, projetando novas vias na área prevista para a expansão da cidade (FRANCISCO, 2011).

Na Foto 02, vê-se a pequena ponte de madeira que ligava o Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo (atual bairro Boa Vista) e o Antigo Patrimônio de São José (hoje Centro Tradicional):



Foto 02: À direita, ponte de madeira que servia como travessia do Centro Tradicional para o Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo pelo córrego Borá.

Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

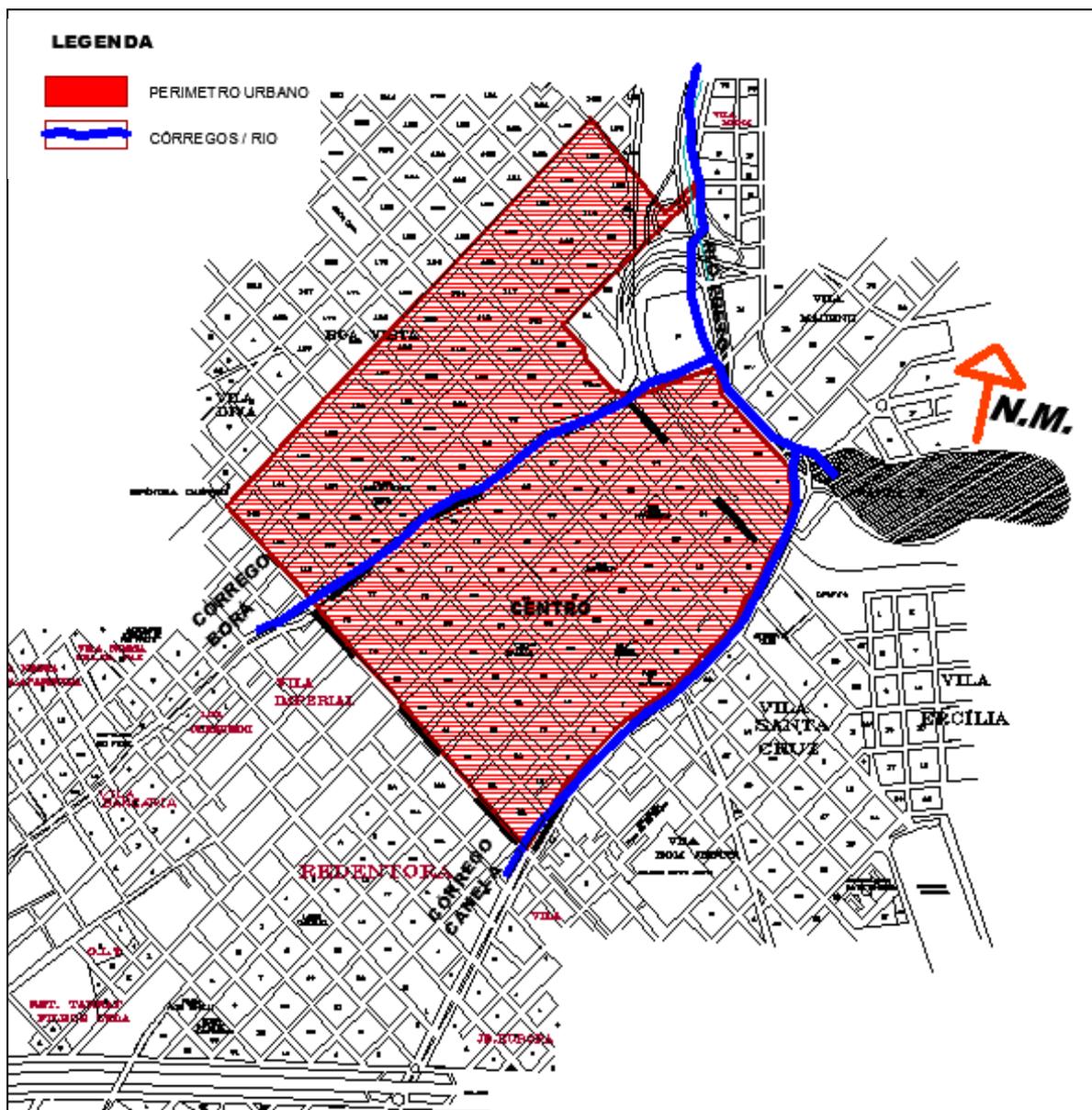
O Mapa 02 mostra o primeiro traçado oficial de São José do Rio Preto, no qual é possível localizar tanto o centro histórico tradicional – entre o rio Preto, a Rua Independência e os córregos Borá e Canela, circulado em vermelho – quanto o traçado da primeira expansão (Bairro Boa Vista), localizada além do córrego Borá, circulado em azul, (BRANDI, 2002).

¹⁶ De acordo com o artigo 678 do Código Civil de 1916: Art. 678. Dá-se a enfiteuse, aforamento, ou emprazamento, quando, por ato entre vivos, ou de última vontade, o proprietário atribui a outro o domínio útil do imóvel, pagando a pessoa que o adquire, e assim se constitui enfiteuta, ao senhorio direto uma pensão, ou foro, anual, certo e invariável.



Mapa 02: Primeiro traçado do centro urbano, feito por Ugolino Ugolini, em 1895
 Fonte: Brandi (2002, p. 535)

O Mapa 03 mostra a delimitação do perímetro urbano de São José do Rio Preto, conforme a Lei nº 8 de 25 de dezembro de 1902, que se refere ao primeiro Código de Posturas do Município (PINHEIRO, 2004). Anteriormente, utilizava-se o Código de Posturas de Jaboticabal. De acordo com a análise da autora, na atmosfera do final do século XIX, o caminho escolhido pelos governantes republicanos foi legislar para propor modelos de condutas e organização de espaços, estabelecendo a ordem na vida coletiva (PINHEIRO, 2004).



Mapa 03: Delimitação do perímetro urbano segundo a lei nº 8 de 25 de dezembro de 1902
 Fonte: Assis Júnior (2003), redesenhado pela autora.

A conduta contida no Código de Posturas incluía a normatização de características ordenadoras do espaço físico, tais como medidas de ruas, avenidas e calçadas, alinhamento das edificações, dimensão das praças, iluminação, dentre outros itens necessários à qualidade de vida do cidadão. Buscava, ainda, reger as relações sociais, no âmbito das atitudes coletivas e individuais, criando regras de comportamento para o “homem urbano”, cidadão que frequentaria um novo ambiente: o espaço citadino.

De acordo com Arantes (2001), em 1/5/1902, a Lei nº 08, delinea o perímetro urbano, que começa na foz do córrego Canela, subindo por ele até a Rua Independência (que já existia em 1902, com este mesmo nome), descendo até a

Rua Rio Preto (atual Floriano Peixoto) e de lá até a rua do Matadouro (não foi possível identificar a qual Rua corresponde atualmente).

Essa delimitação do perímetro, fugiu à lógica posteriormente implementada, que foi ocorrendo naturalmente, ou seja, a ocupação do que se convencionou chamar de “ilha”, entre o Córrego Borá (hoje Avenida Bady Bassit), Canela (hoje Avenida Alberto Andaló), Rua Pedro Amaral e Rua Independência.

O primeiro título do código do município, denominado “*Dos arruamentos e das edificações*”, se dedica ao traçado urbano, detalhando medidas para ruas, avenidas e praças¹⁷ (PINHEIRO, 2004).

As casas deveriam estar a pelo menos 50 centímetros do solo e a 5 metros da rua. As portas deviam ter um tamanho mínimo de 3,20m x 1,30m; as janelas, 2,20m x 1,10m, e as entradas para carros 2,75m x 3,25m. As casas de mais de um andar (sendo 3 o máximo permitido) deveriam ter a altura mínima de 3 metros para cada um deles. Daí para cima, essa altura seria proporcional à largura da altura total do prédio. As novas edificações deviam ter, obrigatoriamente, testada e passeios construídos de tijolos ou alvenaria revestida de forte camada de cimento. Sua altura não poderia exceder a largura das ruas, exceto quando fora do alinhamento, enquanto a altura mínima das edificações ao alinhamento das ruas será de 5 metros a partir da soleira à cornija de coroamento (LODI, 2006).

O Código de Posturas dispunha, ainda, de regras sobre hotéis e casas de pensão, higiene, salubridade e outros temas pertinentes à organização, bem estar e convívio público, tendo sido utilizado no município até 1930. A partir desta data, as cidades brasileiras foram governadas por prefeitos nomeados, o que ocorreu até 1948, sem que houvesse a existência do poder Legislativo, com atuação nas Câmaras, desaparecendo assim a utilização do documento (ARANTES, 2001).

Em 1949, com a queda do Estado Novo de Getúlio Vargas e com o retorno do Regime Democrático, a Câmara adota o Código Arthur Sabóya¹⁸, que será utilizado até 1956, quando o município passa a adotar a orientação do Plano de Eiras Garcia.

¹⁷ As medidas para ruas e avenidas da cidade são as mesmas que figuram no Código de Posturas de São Paulo, elaborado em 1875 e reformulado em 1886, quando as ruas foram alargadas de 13,22m para 16m. As avenidas apareciam no documento com a medida de 25 metros (LODI, 2006).

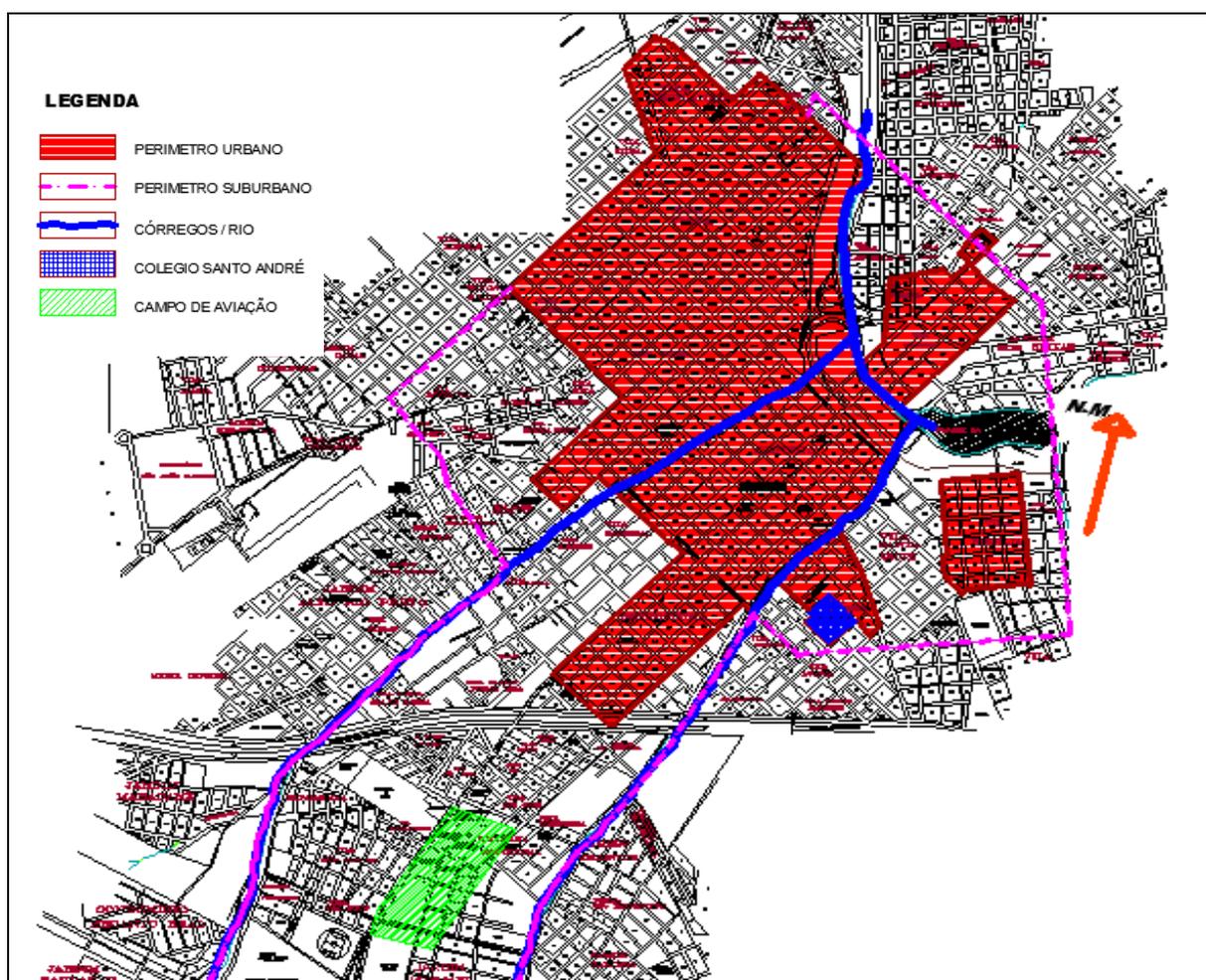
¹⁸ Ato Municipal nº 663 de 1934, que atualizou o Código de Obras, sendo conhecido como Código Arthur Sabóya.

1.3 As transformações no Centro Urbano entre 1920 e 1940

Em 1900, o núcleo urbano de São José do Rio Preto contava com pouco mais de três mil habitantes. Duas décadas depois, graças aos avanços proporcionados pela chegada da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA), houve um significativo aumento populacional na cidade, que chegou a ter 126.800 habitantes (SILVA, 2013).

O crescimento apresentado diz respeito não apenas à concentração populacional do próprio núcleo urbano, que aumentou consideravelmente, mas também de outros núcleos urbanos próximos, que apresentavam certo desenvolvimento, para os quais a localidade representava o centro de uma série de atividades fundamentais.

O Mapa 04 revela a grande expansão, ocorrida na década de 1920:



Mapa 04: Planta do município de São José do Rio Preto em 1923

Fonte: Assis Júnior (2003), redesenhado pela autora.

Comparado com o primeiro perímetro, apresentado no mapa 03, fica evidente o crescimento em 20 anos, com necessidade de delimitação de um perímetro suburbano.

Conforme relata Silva (2013, p. 14):

A grande concentração de estrangeiros na estrutura populacional da região – a Araraquarense tinha, em 1920, 22% de sua população constituída de estrangeiros, 22 mil apenas em São José do Rio Preto, que já abriga, em 1934, uma população de quase 40 mil imigrantes – aliada às novas condições de trabalho oferecidas pela economia cafeeira (salário), faz com que o elemento estrangeiro se transforme em um dos principais agentes urbanos do período, uma vez que boa parcela da população que se dirigia para as novas áreas era constituída de trabalhadores que rumavam para as cidades, além da grande maioria de trabalhadores do campo, que constituíam importante mercado consumidor de produtos e importante reforço na pequena produção de gêneros alimentícios.

As pesquisas iconográficas e de campo nos revelam que, a partir da década de 1920, inúmeras intervenções urbanas e arquitetônicas contribuíram para a transformação da paisagem de São José do Rio Preto, trazendo à tona relevantes traços do aspecto fisionômico da cidade, como veremos a seguir.

A foto 03 mostra a Praça São José e o cruzeiro de madeira defronte à matriz.



Foto 03: Cruzeiro em frente à Praça São José

Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

A foto 04 traz um trecho da Rua Bernardino com o sobrado onde funcionou, entre 1920 e 1935, o Banco Francês-Italiano, prédio de 1920, um dos poucos

prédios remanescentes desta década, ainda hoje mantendo sua arquitetura original e pouco descaracterizado, pelo menos com relação à volumetria.



Foto 04: Sobrado localizado na Rua Bernardino de Campos, visto de frente
Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

A foto 05 mostra o Jardim Velho (atual Praça Dom José Marcondes), com o coreto (já demolido) e ao fundo, à direita, a antiga cadeia pública (atual prédio dos Correios). No centro do quarteirão, ao fundo, o antigo Hotel Términus:



Foto 05: Jardim Velho
Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

A foto 06 mostra o antigo Hotel Términus visto de frente. Ele ainda hoje encontra-se edificado e conserva a função de Hotel, embora com outro nome. São

poucas as reminiscências da década de 1920. Este edifício é um dos exemplares mais significativos, inclusive no que diz respeito à sua função, haja vista que na área central estava localizada a maior parte do complexo hoteleiro da cidade, devido à proximidade da Estação Ferroviária.



Foto 06: Hotel Términus, década de 1920

Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

Na década de 1930, São José do Rio Preto contava com 62.090 habitantes, um decréscimo populacional em comparação à década anterior (SILVA, 2013).

A foto 07 mostra o Jardim Velho com o coreto (atual Praça Dom José Marcondes); o Jardim São José, praticamente inexistente após a construção da nova catedral; o Jardim Novo (hoje Praça Ruy Barbosa) e o Edifício Caramuru.



Foto 07: Catedral na década de 1939, aproximadamente

Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

O Edifício Caramuru foi primeiro prédio de vários andares de São José do Rio Preto e existe até hoje, configurando-se como um relevante exemplar do conjunto *Art Déco*, conforme se vê na foto de 1939:



Foto 08: Edifício Caramuru, com frente para o Jardim Novo (atual Praça Ruy Barbosa)
Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

Em 1913, quando foi criada a Diocese de São José do Rio Preto, teve início a construção da primeira catedral, com repertório renascentista, na antiga Praça São José. Terminada em 1929, a construção teve que passar por uma reforma: a torre arredondada se transformou em pontiaguda. Nos anos 1940, o artista plástico Alberto Ferrante fez a pintura interna. Na Foto 09 observa-se parte da Praça Dom José Marcondes Homem de Mello com a fonte luminosa:



Foto 09: Catedral antiga (1913 - 1929)
Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal

1.4 A consolidação do Centro Tradicional

Em meados da década de 1910, período da construção da estrada de ferro, o engenheiro italiano Ugolino Ugolini foi substituído por José Antônio Bignardi, o qual desenhou a nova planta cadastral do município. Nela, a zona urbana se restringia ao perímetro central, limitada pelos córregos Canela e Borá, indo do rio Preto até a Rua Independência (LODI, 2016).

Neste local, denominado “ilha”, ficavam concentradas, além das residências, as atividades administrativas, religiosas, de lazer e de comércio, principalmente aquelas ligadas à exportação do café, tais como seu financiamento, realizado pelos bancos e pelas casas comissárias. Ao lado da antiga Matriz estavam localizados instituições financeiras, lojas, café, restaurantes, hotéis e cinemas.

A Foto 10 mostra um edifício comercial, que demonstra o padrão das edificações localizadas na “ilha”, que datam da década de 1930, e que permanece íntegro nos dias hoje, embora totalmente descaracterizado pela propaganda excessiva:

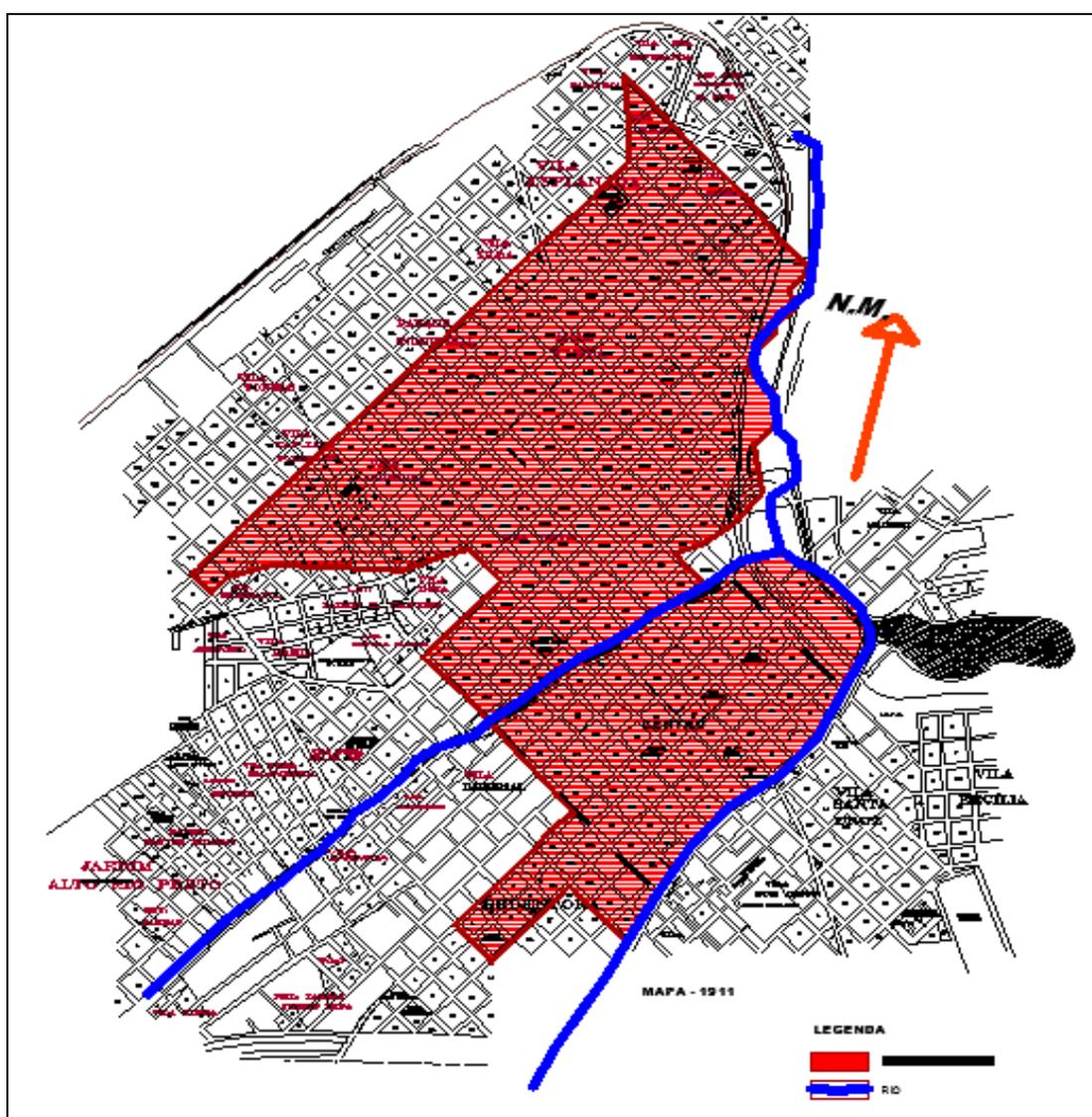


Foto 10: Comércio da Rua Prudente de Moraes, esquina com Rua Bernardino de Campos
Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

Grande parte da burguesia cafeeira havia se mudado para a cidade não somente para ficar mais perto dos negócios, mas também porque havia mais condições de usufruírem da civilidade e da modernidade, aproximando seus integrantes dos padrões e valores culturais europeus. Assim, embora os proprietários de terras conservassem a casa na fazenda, começaram a erigir suas

residências na área central, predominantemente na Rua 15 de Novembro, entre as ruas Tiradentes e Independência, e ao longo da Rua Voluntários de São Paulo (LODI, 2016).

O Mapa 05 mostra a Planta Cadastral de 1911, feita por José Antônio Bignardi com base no traçado anterior, de 1895, realizado por Ugolino Ugolini. Nele se vê a primeira expansão ocorrida, além da “ilha”, atravessando o córrego Borá (atual Avenida Bady Bassit) em direção ao Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo (Bairro Boa Vista):



Mapa 05: São José do Rio Preto em 1911

Fonte: Assis Júnior (2003), redesenhado pela autora.

A consolidação do trecho denominado “ilha”, posteriormente institucionalizado como Centro, seguiu a lógica de ocupação proposta inicialmente pelo líder João

Bernardino de Seixas: tratava-se de um local privilegiado, próximo ao espigão, sem a necessidade de travessia do córrego e protegido contra enchentes.

Assim, embora o Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo tenha sido fruto de uma doação incontestável, documentada e prévia ao Patrimônio de São José, a escolha dos moradores acabou recaindo sobre o local que oferecia não somente melhores condições de acomodação, mas também dotado da infraestrutura urbana necessária para acomodar comércio, hotéis, bancos, cinemas, rádios, correios, cadeia pública, serviços e toda a ordem de elementos importantes, para a burguesia nascente que iria ocupá-lo, e que foi sendo acrescentada ao núcleo urbano, gradativamente.

CAPÍTULO 2 – A PAISAGEM RENOVADA DOS ANOS 1940

No início do século XX, as transformações que ocorriam nacionalmente repercutiram em São José do Rio Preto, fazendo a cidade se desenvolver de forma muito rápida. A região Noroeste, anteriormente pouco explorada, começou a avançar em um progresso sem precedentes, principalmente graças à chegada da ferrovia, que encurtou a distância geográfica da capital, do porto de Santos e de outros tantos lugares, interligando regiões, comerciantes, trabalhadores, imigrantes e intelectuais.

O município passou a atrair pessoas de fora, que vinham em busca dos benefícios oferecidos pelo comércio e aqui fixavam moradia, formando os primeiros núcleos de profissionais liberais: advogados, médicos, farmacêuticos e professores chegavam de Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, caracterizando um período em que as oportunidades de enriquecimento no sudeste brasileiro atraíam não só estrangeiros, mas também brasileiros de outras províncias (CAMPOS, 2004).

O domínio da propriedade agrária foi formando a elite que participaria das transformações do núcleo urbano, o qual florescia com o dinamismo proporcionado pelo café e incrementado com a chegada da ferrovia. Além disso, a elite política e econômica – personificada na figura dos coronéis – influenciou diretamente nas melhorias urbanas do município, tais como a implantação de iluminação, água encanada, saneamento, calçamento, guias de ruas, praças e tudo o que pudesse proporcionar maior conforto à burguesia nascente (TEODÓZIO, 2008).

Os “coronéis tradicionais” eram chefes políticos que influenciavam diretamente a administração pública, em decorrência do prestígio junto aos governos estadual e federal. Por conta de suas posses econômicas e de sua posição financeira, corporificavam as oligarquias nacionais, da República Velha. Havia a “figura do coronel”, homem rico por excelência, o dono da terra e outras figuras importantes para a sociedade da época: os “coronéis remediados”, o “coronel advogado”, o “coronel comerciante”, o “coronel médico”, o “coronel padre” – todos com certa relevância política no âmbito do governo estadual – e os “homens letrados”, profissionais liberais e donos de jornais¹⁹ que reivindicavam, através da

¹⁹ Os Jornais que veiculavam no período eram: a revista *Cosmos*, fundada pela loja maçônica e lançada em 1902, com direção do Coronel Adolpho Guimarães Corrêa, mesmo diretor do jornal *O*

Imprensa, o que julgavam ser a “sociedade ideal”, no geral tendo como parâmetro o modelo europeu, ou norte-americano, mas principalmente a cidade de São Paulo, tida como um modelo de ascensão econômica e de modernidade (CAMPOS, 2004; TEODÓZIO, 2008).

Foi essa clientela que colaborou para a consolidação da fisionomia urbana de São José do Rio Preto nos anos 1920 e que fundou, em 17 de outubro de 1920, a Associação Comercial, Industrial e Agrária de Rio Preto (ACIA)²⁰, cujo objetivo era, a princípio, defender os interesses do comércio e da agropecuária, em pleno desenvolvimento, e da indústria, ainda nascente.

Composta por fazendeiros, comerciantes e profissionais liberais, a ACIA exerceu grande influência sobre o poder executivo e legislativo municipal e, conseqüentemente, sobre as decisões locais, diminuindo ou revogando impostos e requisitando implantação de hospitais, escolas públicas e demais melhorias. Vários membros foram eleitos nos âmbitos municipal e estadual (ARANTES e PARISE, 2000).

A infraestrutura urbana – bancos, agências bancárias, correio, telégrafos, hotéis e serviços que orbitavam em torno da economia cafeeira – aos poucos foi adquirindo vida própria. O rápido e contínuo crescimento a que a cidade vinha se submetendo persistiu, principalmente impulsionado pela alta produtividade do café da região Araraquarense, que demandava um aumento constante na mão de obra disponível, tanto nacional quanto estrangeira, a fim de corresponder às expectativas do sistema exportador cafeeiro (SILVA, 2013).

Tal dado é corroborado pelo Gráfico 01, que aponta uma considerável ampliação no número de passageiros da companhia ferroviária EFA:

Porvir, lançado em 1903, quando era presidente da Câmara e lutava pela instalação da Comarca, com o objetivo de providenciar um órgão de imprensa para a publicação dos atos oficiais. Os jornais diários (*Diário de Rio Preto*, *A Notícia*, *O Rio Preto*, o *Poder Moderador*, dentre outros), surgiram na década de 1920, fundados e dirigidos por advogados, professores, médicos, empresários, etc. (ARANTES, 2006). O *Diário da Região*, fundado por Euphy Jalles em 1950, tornou-se um dos maiores jornais do interior do Estado (TEODÓZIO, 2008).

²⁰ Em 1982, passou a ser denominada Associação Comercial e Industrial de Rio Preto (ACIRP). Recentemente, foi renomeada Associação Comercial e Empresarial de São José do Rio Preto (ACE).

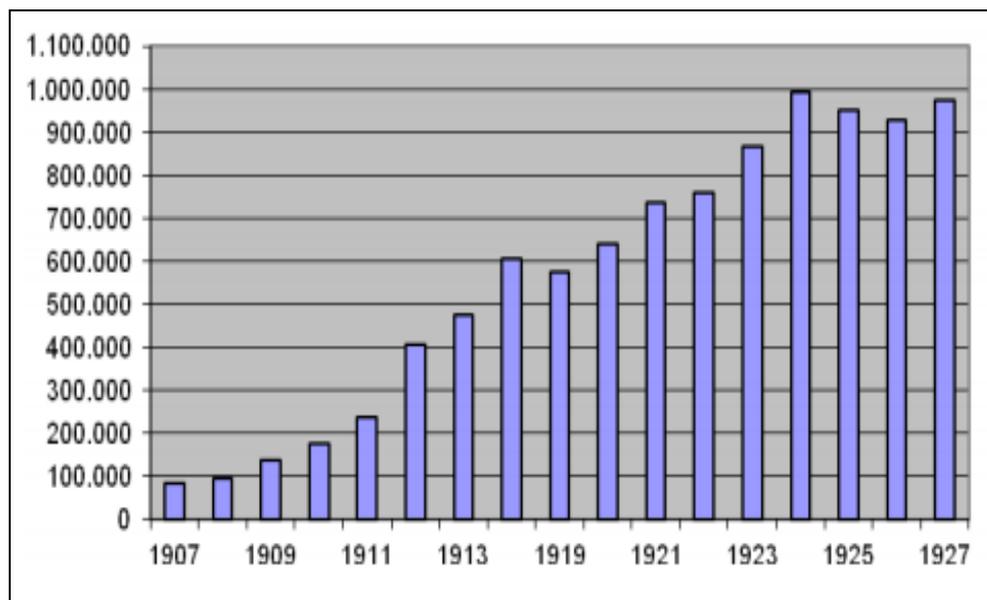


Gráfico 01: Transporte de passageiros pela EFA

Fonte: Silva (2009, p. 45)

Graças à ferrovia (1912) e à produção do café (década de 1920), a cidade apresentou um sólido desenvolvimento financeiro, suficiente para o acúmulo de capital, valorização da terra e consequente articulação ao movimento econômico do Estado (FRANCISCO, 2011).

Contudo, a queda da economia cafeeira a partir de 1929 desencadeou uma grave crise, afetando os 60 mil habitantes de São José do Rio Preto e os demais, de toda a região. Com a divisão dos grandes latifúndios, a cana-de-açúcar e o algodão se mostravam como as opções mais viáveis, tendo em vista que a Europa se encontrava completamente devastada pela Segunda Guerra Mundial. Surgia, naquele momento, a classe média agroexportadora que, durante muito tempo, sustentou o município (TEODÓZIO, 2008).

2.1 A consolidação da produção industrial

Na década de 1940, a população chegou a 74.359 habitantes e a lavoura algodoeira foi decisiva para a consolidação econômica, social e urbana da cidade e das localidades vizinhas (TEODÓZIO, 2008). Com isso, em 1942, a Prefeitura, à época comandada por Ernani Pires Domingues, decidiu investir no desenvolvimento urbano-industrial, publicando um edital de concorrência pública para que uma empresa, com capital mínimo de 9 mil contos de réis, instalasse ali uma indústria de

produção de óleo comestível derivado do caroço de algodão. A vencedora foi a Cia Swift do Brasil e, no mesmo ano, iniciou-se a construção da fábrica.

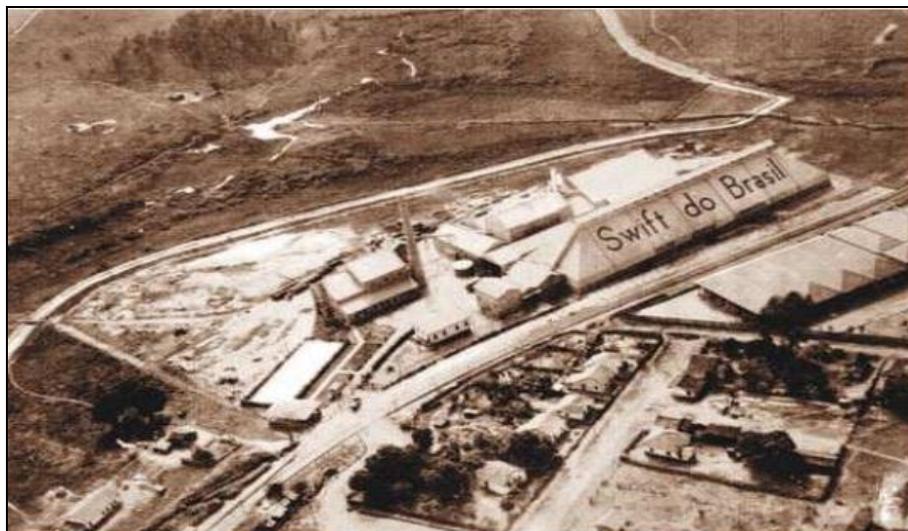


Foto 11: Swift – Complexo fabril composto de graneleiro (edificação maior), prédio da caldeira, onde se observa a chaminé, reservatório de água, armazéns e o ramal de trilhos da Araraquarense, que chegava até a fábrica

Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

Em abril de 1944 começou a produção de óleo, empregando quase 300 rio-pretenses e transformando o perfil da cidade, que deixou de ser movida pelas atividades agrícolas e ganhou ares industriais. O pagamento quinzenal permitia às famílias comprarem comida e roupa no comércio local pelo menos duas vezes ao mês (LODI, 2014)²¹.

“Na mesma época em que Vargas instaurava as leis trabalhistas, a Swift trouxe trabalho com carteira assinada e horário definido. Ou seja, oferecia esperança para os trabalhadores, que sonhavam em trabalhar por lá” (ARANTES, 2014)²². A produção ininterrupta durou cinco anos, transformando amendoim no óleo “A Dona” e caroços de algodão no óleo “A Patroa”. As duas marcas estiveram muito presentes nas cozinhas brasileiras nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Outro produto famoso era o “Prima Donna”, misto de óleo de oliva com óleo de algodão.

²¹ Extraído de FERRO, Bruno. Swift, sete décadas de história. **Diário da Região**, 13 dez. 2017.

²² Idem.

**"É MAIS ECONOMICO
- NÃO FUMEGA
E NÃO QUEIMA!"**

— DIZ D^{NA} OLGA H.

Si a Sra. gosta de servir frituras, mas receia os alimentos engordurados e de difícil digestão, será uma verdadeira revelação para a Sra. fazer as frituras no fino óleo "A Patrão". O óleo "A Patrão" pôde ser aquecido muito mais sem queimar nem fumar — por isso é mais económico — e as frituras ficam muito mais digeríveis. E o óleo "A Patrão" também é ideal para saladas e mayonnaises. Peça hoje mesmo, uma lata do fino óleo "A Patrão", super-purificado e cor de ouro. Nos empórios e mercearias.

OLEO
A Patrão

É UM PRODUCTO SWIFT

Anúncio do óleo "A Patrão", produzido em Rio Preto pela Swift.

Figura 01: Anúncio do óleo de cozinha "A Patrão"

Fonte: Ferro (2017)

A fábrica extraía o óleo bruto da mamona, do amendoim, do gergelim e do caroço do algodão, colocava nos vagões do trem e levava os artigos para Campinas, onde eram refinados, embalados e distribuídos por todo o país. Mas a produção rio-pretense não se restringia ao consumo interno: países como Alemanha, Dinamarca, a antiga União Soviética e até Sibéria importaram as mercadorias da Swift.

A implantação da Swift ocorreu nesse contexto e, dali em diante, passou a fazer parte da história rio-pretense.

Era tudo o que a cidade precisava para retomar os rumos do progresso. Setenta anos depois, mesmo com a fábrica fechada há mais de 40 anos, o prédio se mantém vivo, tanto fisicamente quanto na memória dos personagens que ajudaram ou presenciaram sua história (FERRO, 2017).



Foto 12: Swift

Fonte: Arquivo Público Municipal

A Swift não veio sozinha. Com ela, indústrias como a Sanbra e a Reunidas Matarazzo também aportaram ali. Teve início, então, a proeminente fase industrial.

Em virtude da expansão da lavoura algodoeira, a cidade pôde se recuperar da crise do café, pois a instalação de estabelecimentos destinados ao beneficiamento do algodão gerou impactos diretos sobre o ritmo do processo da industrialização e da urbanização da cidade e da região. O número de empregos de manufatura cresceu e a construção de armazéns e fábricas foi incrementada de forma importante. A cidade se tornava, novamente, ponto de concentração econômica.

A indústria, até então incipiente e pouco diversificada – 2/3 da produção eram de produtos alimentícios – prosperou significativamente ainda no final da década de 1940. Nesse período, consolidou-se uma elite formada por fazendeiros, comerciantes urbanos, comerciantes de terras – especuladores imobiliários – e profissionais liberais, sobretudo agrimensores e advogados (BRANDI, 2002).

Lodi (2009, p. 01) relata que

Nos anos 1940, importantes transformações ocorreram no município de Rio Preto. Entre as modificações de caráter político, social, econômico e cultural, destaca-se o acentuado processo de urbanização e, conseqüentemente, os impactos que tal processo provocou no mercado imobiliário da cidade nesse período. De 1939 a 1944, o município era composto dos distritos: Rio Preto (1ª zona Rio Preto e 2ª zona Boa Vista), Nova Itapirema, Borboleta, Nova Aliança, Engenheiro Schmitt, Ribeirão Claro, Ipiguá e Mendonça (transferido para o município de Nova Aliança em 1944). De 1945 a 1953, os distritos eram: São José do Rio Preto (1º subdistrito São José do Rio Preto e 2º subdistrito Boa Vista), Borboleta, Engenheiro Schmitt, Ipiguá, Guapiaçu (antiga Ribeirão Claro) e Talhado. Os cartórios eram: dois de Registro Geral de Imóveis e Hipotecas (primeira e segunda circunscrição) 1º e 2º escritórios; Cartórios de Registro Civil (1ª e 2ª

zona); um Cartório Depositário Público; e um Cartório do Contador e Distribuidor. O município de Rio Preto confrontava-se com Nova Granada (1925), Olímpia (1918), Uchoa (1925), Cedral (1929), Potirendaba (1925), Mirassol (1924) e Nova Aliança (1945). Os anos marcam suas datas de autonomia.

2.2 A nova clientela

Essa fase, de grande crescimento econômico, populacional e urbano, se configura como um período relevante da urbanização da cidade. Apesar disso, entre o fim da década de 1930 e o início de 1940, predominavam as construções térreas e os sobrados, que conferiam ao município uma feição típica de cidade pequena. O único destaque em sua paisagem era o Edifício Caramuru (atual Hotel Itamarati), construído em 1939 em frente à praça da matriz, com 06 pavimentos (FRANCISCO, 2011).



Foto 13: Edifício Caramuru, 1939
Fonte: Arquivo Público Municipal

O que distinguia as habitações mais modestas, de porta e peça únicas, das casas mais amplas e abastadas, era um pequeno jardim frontal, que seguia o modelo das típicas casas burguesas do fim do século XIX (REIS FILHO, 1970). Ainda assim, apesar do refinamento dos domicílios privilegiados, até a década de 1950 as diferentes classes sociais dividiram o mesmo espaço. “Habitat burguês e proletário são mal diferenciados e coexistem tanto nas ruas mercantis, quanto nas imediações da estação e nas ruas mais excêntricas” (MONBEIG, 1984, p. 361).



Foto 14: Residência da família Antônio Curti, em 1949 e imagem da casa em 2005
Fonte: Lodi (2016)

Com o tempo, a burguesia cafeeira passou a ocupar cada vez mais as novas áreas urbanizadas, criadas com o loteamento de chácaras, espalhadas ao redor do núcleo central. Eram, em sua maioria, casas térreas que davam diretamente para a rua a partir de um jardim. Poucos sobrados, mais luxuosos, ostentavam ornamentos nas fachadas, assemelhando-se a pequenos palacetes (LODI, 2016).



Foto 15: Casa de Cenobelino de Barros Serra, na Boa Vista
Fonte: Lodi (2016)

Visando manter esse público na cidade, o poder municipal se dedicou a criar uma infraestrutura adequada às suas necessidades, iniciando a instalação de redes

de água encanada, esgoto e energia elétrica. Além disso, largos e praças foram construídos com o intuito de embelezar a paisagem urbana. Nas terras mais baixas das várzeas dos rios surgiram novos bairros, que se ligavam ao centro por meio de pontes, inclusive bairros operários e industriais.

O prefeito Cenobelino de Barros Serra, na década de 1950, aproveitou a oferta de água abundante na região para investir na implantação do serviço público de abastecimento, bem como de ampliação da rede de esgoto, melhorando o saneamento e evitando a proliferação de doenças relacionadas a condições de salubridade precárias. Em seu mandato foi construído o Palácio das Águas, a Represa Municipal e diversas caixas d'água espalhadas pela cidade. Além disso, foi aberta concorrência para a construção da Estação de Tratamento de Água (ETA).

Após a escavação dos reservatórios de decantação, foram colocadas as tubulações e o prédio foi ornamentado com estátuas de sereia e florões nas colunas, características típicas das construções de Benedicto Sobrinho²³, produzidas em conjunto com seus filhos Otávio, Jaime e João. A parte final foi a inserção do arejador de água e a liberação do mirante para visitação, que acabou se tornando uma atração pública para os moradores da região. Após a finalização do paisagismo, o prédio foi inaugurado em 1º de outubro de 1955, contando com a presença do prefeito Philadelpho Gouvea Netto (LODI, 2015).



Foto 16: Edificação do Palácio das Águas e Arejador, foto de 1960 aproximadamente
Fonte: Lodi (2015)

²³ Benedicto Sobrinho participou da construção do Palácio das águas, ao lado do engenheiro Canuto Almeida Moura.

O mesmo construtor executou o reservatório de água da Redentora, na expansão posterior à Rua Independência, assim como a barragem do Rio Preto (BRANDI, 2002).

2.3 Profissionais emblemáticos do período

Algumas construtoras importantes da Capital atuaram na cidade, assim como arquitetos e engenheiros que se destacavam como vanguarda e propunham modelos baseados numa concepção moderna. É o que se destaca a seguir. O intuito desta descrição de empresas e profissionais é caracterizar uma ação concertada e concomitante às demandas da população e às transformações urbanas, em boa parte proporcionada pela atuação dos órgãos do Estado no município. Também, a partir da atuação destes profissionais, evidencia-se a circulação de ideias e do gosto estético adotado nas edificações da capital, conforme já apontado.

2.3.1 Canuto de Almeida Moura

Engenheiro civil e poeta, foi diretor da Obras Novas de Água e Esgoto (ONAE), autarquia municipal criada pelo prefeito Cenobelino de Barros Serra; autor do Plano de Emergência de Água e Esgoto, em 1949, e diretor municipal de Obras em 1951, tendo construído a Represa Municipal e o Palácio das Águas (ETA) entre 1949 e 1955 . Foi um dos fundadores da Sociedade dos Engenheiros e Arquitetos de São José do Rio Preto, em 1953. Lotado no Departamento de Obras Sanitárias, da Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo, em 1956. Benedicto Sobrinho foi seu colaborador na construção do Palácio das Águas. (ARANTES, YARAKA e REY, 2006).

2.3.2 José Maria da Silva Neves

Sua formação de engenheiro-arquiteto deu-se na Politécnica, em 1922, onde mais tarde foi nomeado catedrático, em 1943, ali permanecendo até sua

aposentadoria em 1966. Foi autor do Edifício San Thiago da Politécnica e trabalhou na Secretaria de Estado e Negócios Metropolitanos. Entre 1935 e 1937, foi diretor da Seção de Arquitetura do Serviço de Prédios Escolares, órgão cujo objetivo era estudar um novo modelo de prédio escolar e implantar quarenta grupos escolares em São Paulo (FICHER, 2005).

Tais projetos, que seguiram a orientação de Francisco Prestes Maia, possivelmente representem o primeiro emprego de uma estética moderna em obras públicas da cidade. Seu traço arquitetônico identificava-se com o modernismo, apesar de seu interesse pela arquitetura colonial. Sendo também pintor e aquarelista, executou pinturas na capela do Convento de Santa Teresa (atual PUC/SP) e na capela-mor da Igreja de São Bento, em Marília (FICHER, 2005).

Em seu artigo “A fachada das escolas”, defendeu os princípios da arquitetura escolar semelhantes aos projetos de Enéas Silva para as escolas do Rio de Janeiro. Também foi arquiteto da Secretaria de Obras Públicas do Estado de São Paulo e remodelou a Praça Mauá, em Santos, em 1938. Ao lado de Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia Mello, entre 3 de novembro de 1948 e 22 de julho de 1950, participou da comissão para obras de urbanização e construção da Cidade Universitária, da Universidade de São Paulo, instituída pelo Reitor Almeida Prado, graças à obtenção do segundo lugar do “Concurso de ideias”, em que utilizou o pseudônimo de “Calouros”. Também foi responsável pelo projeto do pavilhão de metalurgia e tratamento de madeiras do IPT, do campus Butantã (CAMPOS, 2004).

É de sua autoria, o projeto do Complexo da Estação Ferroviária de São José do Rio Preto, de 1942, que segue o repertório *Déco*, construído no mesmo local do prédio instalado em 1912.

2.3.3 Sampaio de Freitas

Entre 1934 e 1979, manteve o próprio escritório de construção. Depois disso, teve diferentes sócios: o primeiro foi José André Telles de Mattos, com quem fundou em sociedade a Mattos e Freitas, em 1941. No ano seguinte, a firma se desfez e, em 1944, passou a ser sócio de Hipólito Pujol Jr. (FICHER, 2005).

Apesar de ter construído obras particulares, seu maior legado foram as obras públicas do governo estadual, tais como cadeias, delegacias, fóruns, grupos

escolares, etc., tendo atuado, ainda, na reforma e ampliação do prédio da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz, em Piracicaba, em meados da década de 1940, quando fazia parte da Diretoria de Obras Públicas. Além disso, projetou e construiu a Maternidade de Amparo Maternal, na Vila Clementino, a pedido da Prefeitura de São Paulo (FICHER, 2005).

Entre 1958 e 1959, trabalhou em Brasília, realizando obras para a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). Nos anos seguintes, entre 1961 e 1965, foi engenheiro-chefe das obras Centrais de Abastecimento de São Paulo (Ceasa/SP). Entre 1966 e 1967, exerceu o cargo de intendente da Caixa Estadual de Casas para o Povo (Cecap), voltando ao Ceasa entre 1967 e 1971 (FICHER, 2005).

Finalmente, foi diretor financeiro do Ceasa/MG, em Belo Horizonte, entre 1971 e 1975. Registrou-se no CREA, 6ª Região, a partir de 1935, tendo sido seu conselheiro no biênio 1938-1939 (FICHER, 2005). Em São José do Rio Preto, ficou sob sua responsabilidade, a construção do Complexo ferroviário de 1942, executado no mesmo local do prédio instalado em 1912.

2.3.4 Rodolfo Fehr

Filho de imigrantes ricos, conseguiu sair de São Carlos para cursar a escola de engenharia na capital, assim como seu irmão, Theodoro. Ambos se tornaram engenheiros civis (BORTOLUCCI, 1991).

Também formado em arquitetura, Rodolfo Fehr atuou em diversas Obras em São José do Rio Preto, entre elas, o Edifício Caramuru, projetado em 1939, o Edifício Zini, inaugurado em 24 de dezembro de 1940, para abrigar o Cine Teatro Rio Preto, com 2.144 poltronas, sendo 900 no balcão. O empreendimento foi idealizado por Rodolpho Fehr, e o projeto de ventilação foi de J. C. Knauer, o mesmo que fez a ventilação do Cine Rex e da Ópera de São Paulo (ARANTES, 2001). Rodolfo Fehr projetou também o antigo Ginásio Diocesano, de 1933 e o Palácio Episcopal, de 1947 (LODI, 2009).



Foto 17: A Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo) com o Edifício Caramuru ao fundo nos anos 1939, aproximadamente

Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

2.3.5 Arnaldo Maia Lello

Até meados do século XX, Arnaldo Maia Lello foi um dos mais importantes construtores paulistas. A Construtora Maia Lello, de propriedade dos irmãos Arnaldo, Arlindo, Álvaro e Armando, além dos primos Wilson Maia Fina e Lamartine Maia Rosa, realizou lançamentos imobiliários que foram destacados em levantamentos históricos sobre a propaganda imobiliária na cidade de São Paulo nos anos de 1940 e 1950, principalmente na região da Praça da República. Sobre o interior dos apartamentos do Edifício São Tomas, lê-se que:

A distribuição dos cômodos segue o estilo francês, cheio de pequenas salas que se comunicam e corredores que isolam partes da casa. Os banheiros são ventilados por janelas grandes, em vez de basculantes. O imóvel tem três sacadas e rígida separação entre as áreas íntima, social e de serviços, conforme o estilo da época, marcante também na Casa da Memória Italiana, em Ribeirão Preto (PAINEL, 2015, p. 08).



Foto 18: Placa da Construtora Arnaldo Maia Lello
Fonte: Legris (2012)

2.3.6 Jesus Villanova Vidal

Construtor espanhol, radicado em São José do Rio Preto, responsável pelas obras da Basílica Nossa Senhora Aparecida, em 1938, do Lar de Fátima, em 1954, e da sede da Associação Comercial, Industrial e Agrícola (ACIA, atual Acirp), da qual foi o primeiro secretário, de 18 de outubro de 1934 a 3 de janeiro de 1937, e membro

do Conselho Consultivo, de 3 de janeiro de 1937 a 9 de janeiro de 1938; doou terreno na Boa Vista em 1933, para construção do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves (ARANTES, 2002).

2.4 Obras que se destacaram no Período

A seguir, procurou-se destacar as obras emblemáticas do período estudado, bem como alguns de seus autores, citados anteriormente, pois tratam-se de obras cujas tipologias arquitetônicas configuram a fisionomia do município, objeto de estudo desta pesquisa. Ainda hoje, tais edificações permanecem íntegras, embora pouco destacadas ou valorizadas no contexto urbano.

O Edifício Caramurú de 1939, localizado no Centro Tradicional, cuja autoria é do engenheiro arquiteto Rodolpho Fehr, segue a tipologia arquitetônica Déco. A Estação Ferroviária, de autoria de José Maria da Silva Neves, cuja construção ficou a cargo de Sampaio de Freitas, é da década de 1940 e também segue a arquitetura Déco. O Edifício Zini, da Construtora Arnaldo Maia Lello, também da década 1940, é emblemático da Arquitetura Déco. As obras citadas localizam-se no Centro Tradicional e foram analisados nas fichas números 01, 24 e 29.

O prédio da ACIRP, também localizado no Centro Tradicional, analisado na ficha de número 28, é da década de 1930, possui repertório Déco e foi construído por Jesus Villanova Vidal, empreiteiro que atuou em São José do Rio Preto entre 1920 e 1960 (ARANTES, 2002), tendo sido responsável, também pela obra da Basílica Nossa Senhora Aparecida, de 1938, localizada na primeira expansão urbana do Município, atual Bairro Boa Vista.

O Instituto Monsenhor Gonçalves, antigo Ginásio Diocesano, teve como autor do projeto Rodolpho Fehr, assim como o Palácio Episcopal. Ambos estão localizados na primeira expansão, atual Boa Vista e seguem a tipologia Neocolonial.

O Palácio das Águas, complexo de edificações para tratamento de água e originalmente uma Praça destinada ao passeio público, foi inaugurado em 1955, tem tipologia arquitetônica eclética e teve como construtor Canuto de Almeida Mora e Benedicto Sobrinho como colaborador. Está localizado na segunda expansão do Município. (ver a localização da segunda expansão urbana, no Mapa anexo, número 06).

2.4.1 Edifício Zini: Cine Rio Preto

O Edifício Zini, de propriedade dos irmãos Zini, localizado à Rua Bernardino de Campos, foi inaugurado pública e solenemente em 24 de dezembro de 1940. Com projeto de Rodolpho Fehr, abrigou o antigo Cine Rio Preto, com capacidade para aproximadamente 2100 lugares. O primeiro filme a ser exibido foi “As viagens de Gulliver”, de Dave Fleicher (1939).

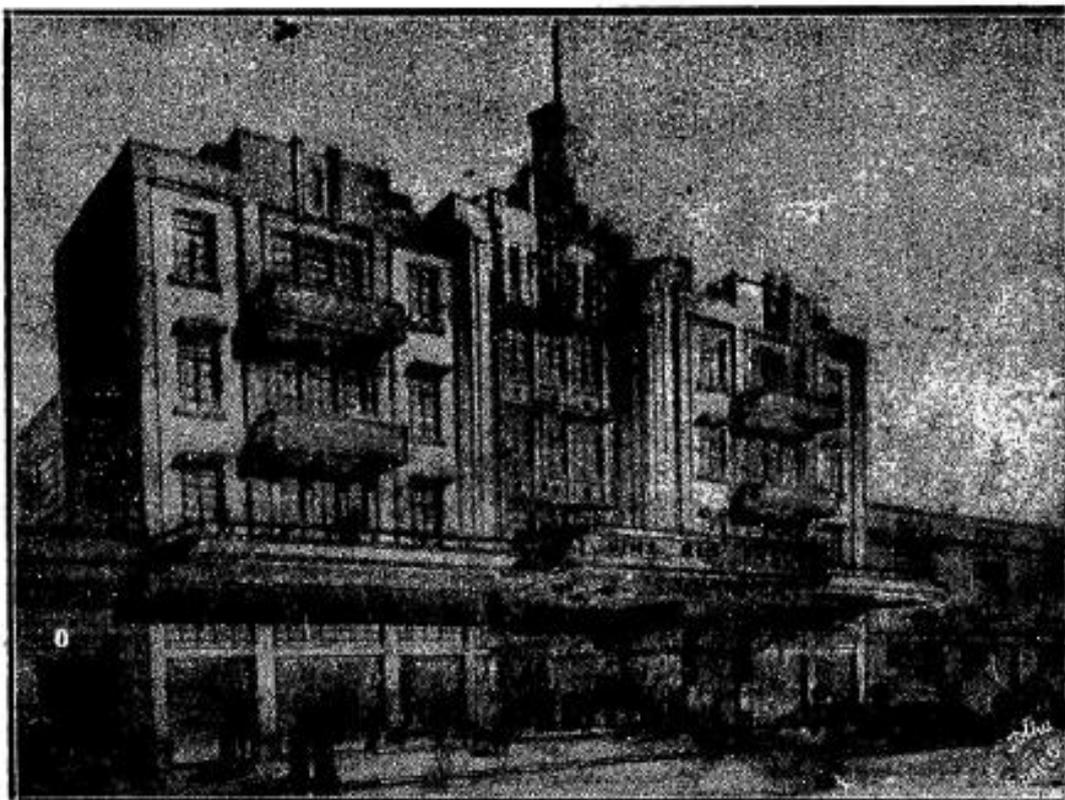


Figura 02: Cartaz da inauguração do Cine Rio Preto
Fonte: acervo particular de Agostinho Brandi, gentilmente cedida

RIO PRETO

Solenemente Inaugurado o Cine-Teatro "Rio Preto", Considerado dos Mais Importantes do Interior do Estado

A Nova Casa de Diversões, Instalada em Belo Edifício, Dispõe de Todos os Requisitos da Moderna Técnica Cinematográfica — O Ato Inaugural



A fachada do Cine-Teatro Rio Preto

RIO PRETO, 25 (Do correspondente da "Folha da Manhã") — Constituiu acontecimento de alto relevo social e de profunda significação para o progresso de Rio Preto, a inauguração, ontem, do Cine-Teatro Rio Preto, dos Irmãos Zini.

Aquela casa de diversões é tida como das mais importantes do interior do Estado. O cinema é dos mais modernos, dotado de todos os requisitos exigidos pela técnica cinematográfica. Amplo, com cerca de 3.000 poltronas, excelente aparelho de projeção, instalado no magnífico edifício cujo "clichê" estampamos ao lado, o Cine-Teatro Rio Preto foi construído, como disse o orador do ato inaugural, dr. Aloisio Nunes Ferreira, Filho, nome

nome da Municipalidade, com confiança no presente e fé segura das possibilidades futuras da capital da Alta Araraquarense.

Grande foi o número de pessoas presentes à inauguração. Ali estavam representados as autoridades, imprensa local e de São Paulo, Rádio e principal sociedade riopretense e pessoas gradas numa prova expressiva de orgulho e apoio da gente riopretense à iniciativa que se concretizava como índice de desenvolvimento de uma cidade nova e dinâmica.

O major João Baptista França, representando o sr. prefeito municipal, ao som do Hino Nacional deu por inaugurado o majestoso edifício, cortando a fita simbólica após a benção

solene de s. exa. revma. d. Lafayette Libanio, bispo da Diocese.

Aos presentes foi servido champagne e uma mesa de finos doces, tendo falado em nome dos Irmãos Zini, e d. Renato Lerro. Como parte final das solenidades de inauguração, foi oferecida a todos uma sessão cinema-

Figura 03: Correspondente da "Folha da Manhã", 29 de dezembro de 1940
Fonte: acervo particular de Agostinho Brandi, gentilmente cedida

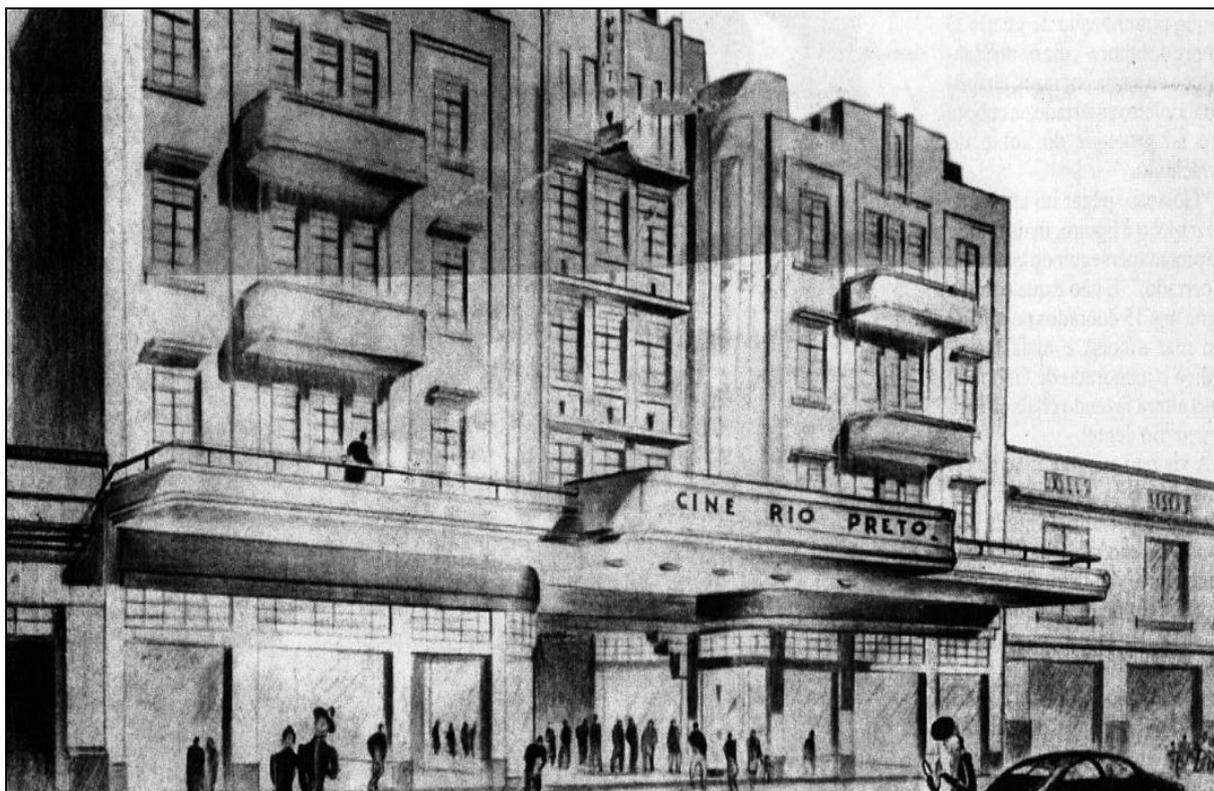


Figura 04: Perspectiva do prédio do Cine Rio Preto
Fonte: acervo particular de Agostinho Brandi, gentilmente cedida



Foto 19: Prédio inaugurado
Fonte: acervo particular de Agostinho Brandi, gentilmente cedida



Foto 20: Fonte de água construída em frente ao edifício, com motivos Déco
Fonte: acervo particular de Agostinho Brandi, gentilmente cedida

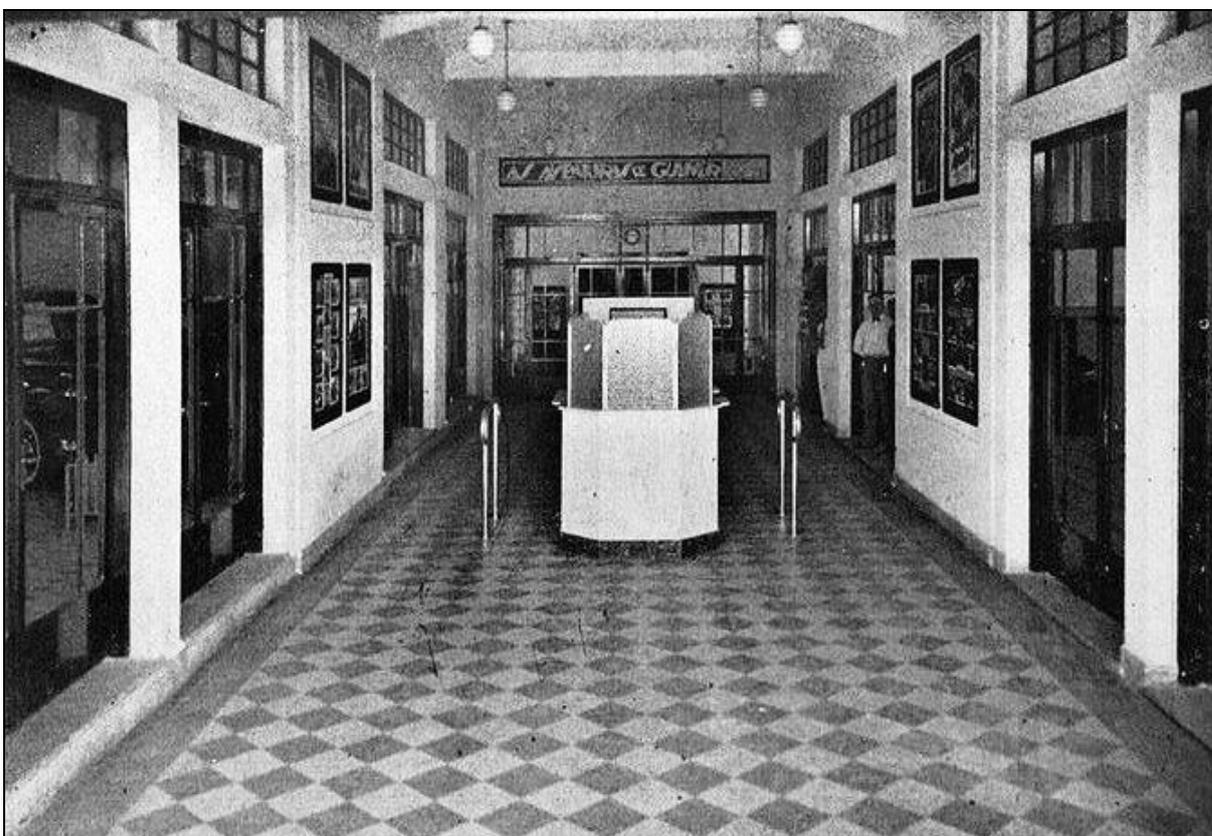


Foto 21: Aspectos internos do edifício
Fonte: acervo particular de Agostinho Brandi, gentilmente cedida

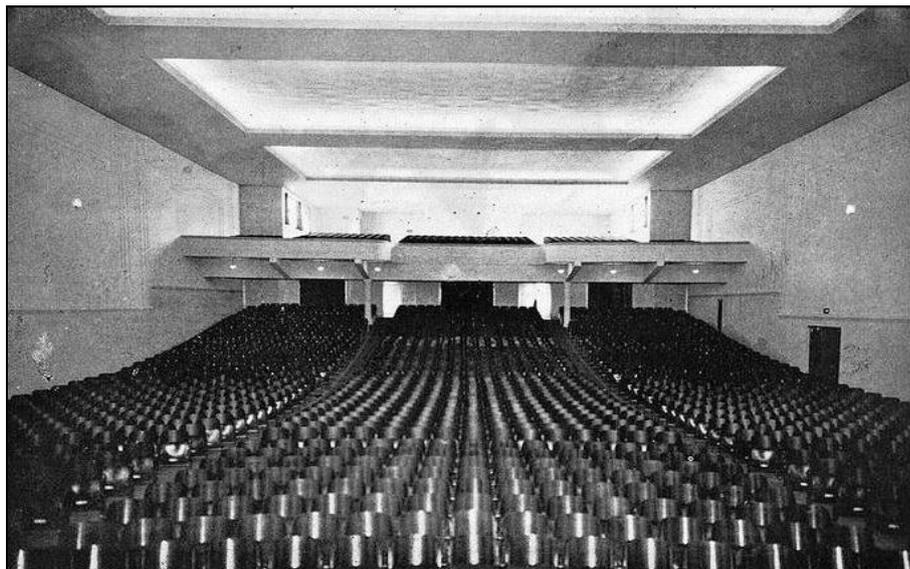


Foto 22: Vista interior da plateia

Fonte: acervo particular de Agostinho Brandi, gentilmente cedida

2.4.2 Edifício Curti: Cine São Paulo

Inaugurado em 1939, na esquina da Rua Bernardino de Campos com a Rua Silva Jardim, bem no centro da cidade, o Edifício Curti foi construído para abrigar o Cine e Hotel São Paulo. Sua arquitetura original, construída pela Sociedade Maia Lello, ainda está completamente preservada, inclusive internamente. Hoje funciona uma loja de comércio popular.



Foto 23: Edifício Curti - Hotel e Cine São Paulo (1939/1941)

Fonte: Marques (2015)



Foto 24: Tapume da Construção do Edifício Curti, com a placa da Sociedade Arnaldo Maia Lello Ltda, construtora do Prédio
Fonte: Marques (2015)

2.4.3 Prédio do Instituto Estadual de Educação Monsenhor Gonçalves



Foto 25: Ginásio Diocesano, 1934, atual Instituto Monsenhor Gonçalves
Fonte: Lodi (2015)

O prédio do antigo Ginásio Diocesano foi construído em um terreno doado pelo construtor rio-pretense, Jesus Villanova Vidal, em 15 de agosto de 1933, data em que se comemorava o quarto aniversário de sua fundação. Com o apoio de Dom

Lafayette Libânio, primeiro bispo diocesano ergueu-se a sede própria na Rua Floriano Peixoto, esquina com Silva Jardim, no bairro da Boa Vista (LODI, 2009).

O projeto foi escolhido em 27 de outubro de 1933, dentre as plantas apresentadas pelos engenheiros Augusto Schimith, José A. Kleindienst, Teodoro Fehr e Rodolfo Fehr. A Cúria Diocesana escolheu o projeto deste último, o qual se propôs a iniciar as obras no prazo de 15 dias e concluí-las em dez meses, a partir da data da assinatura do contrato de construção, que foi fechado no valor de 175:000\$000 (cento e setenta e cinco contos de réis), pago em parcelas. A construção ficou a cargo da firma G. Bozzani Engenharia, do engenheiro G. Bozzani (LODI, 2009).

Em 2 de dezembro de 1933, o contrato entre o bispado e o engenheiro foi assinado no Cartório de 1º Ofício. No ano seguinte, em 19 de novembro de 1934, o prédio foi oficialmente inaugurado diante de dom Lafayette Libânio, bispo da Diocese; do cônego doutor Henrique de Magalhães, convidado especial; das autoridades civis e militares; do professor Francisco Caputo, diretor do estabelecimento; diversos professores e alunos, além dos representantes da imprensa (LODI, 2009).

O prédio passou a receber alunos internos, semi-externos e externos, oferecendo instrução pré-primária, primária e secundária. Anos mais tarde, tornou-se o primeiro estabelecimento de ensino secundário da cidade, recebendo o nome de Ginásio Estadual Monsenhor Gonçalves, em homenagem ao vigário e fundador do Ginásio São Joaquim (LODI, 2009).

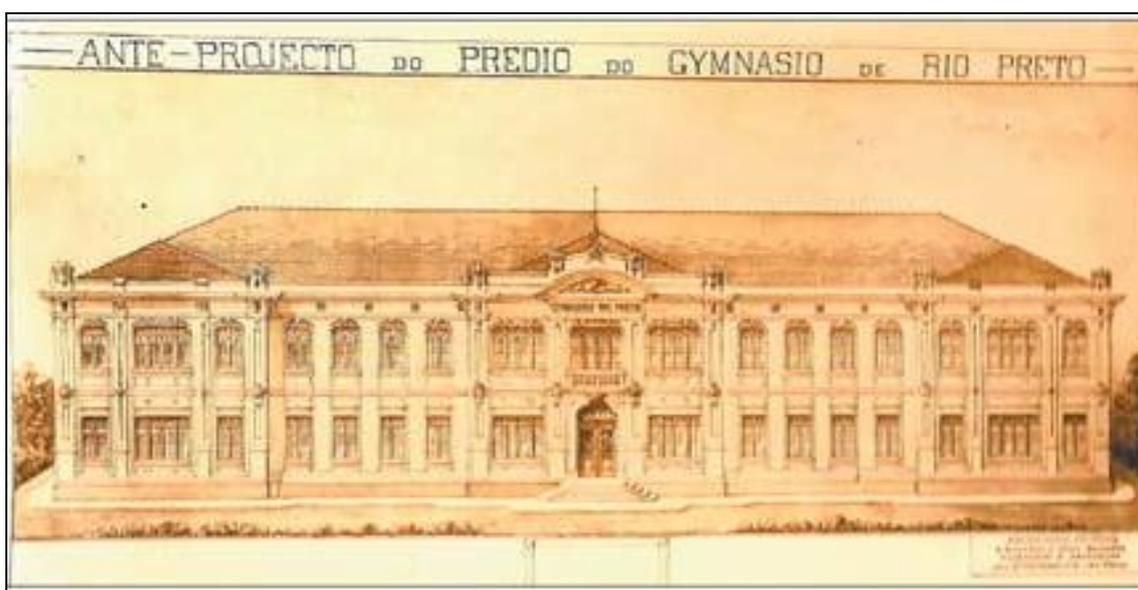


Figura 05: Fachada do ginásio
Fonte: Lodi (2015)

2.4.4 Palácio Episcopal

Em 1929, foi criada a Diocese de São José do Rio Preto. O primeiro bispo, Dom Lafayette Libânio, tomou posse em 22 de janeiro de 1931 e permaneceu na função durante 35 anos, tendo recebido da família Spínola Castro a doação de uma área para a construção da residência episcopal e da Cúria Diocesana (LODI, 2015).

O Palácio Episcopal teve o projeto arquitetônico elaborado por Rodolpho Fehr e a construção, ficou a cargo do mestre de obras e empreiteiro Jesus Villanova Vidal. Foi inaugurado em 1947 e continua íntegro, mantendo suas características originais. Sua localização servia de referência da principal saída para os viajantes que se dirigiam para Mirassol, Monte Aprazível, Nhandeara, Bálsamo e as barrancas dos rios Grande e Paraná (LODI, 2015).

Conhecido como o “Palácio do Bispo”, localiza-se nas proximidades da Basílica Menor Nossa Senhora da Conceição Aparecida, também próximo à Escola Estadual Monsenhor Gonçalves, no bairro Boa Vista, a primeira expansão além do centro tradicional, ultrapassando o córrego Borá (hoje Avenida Bady Bassit) (LODI, 2015).

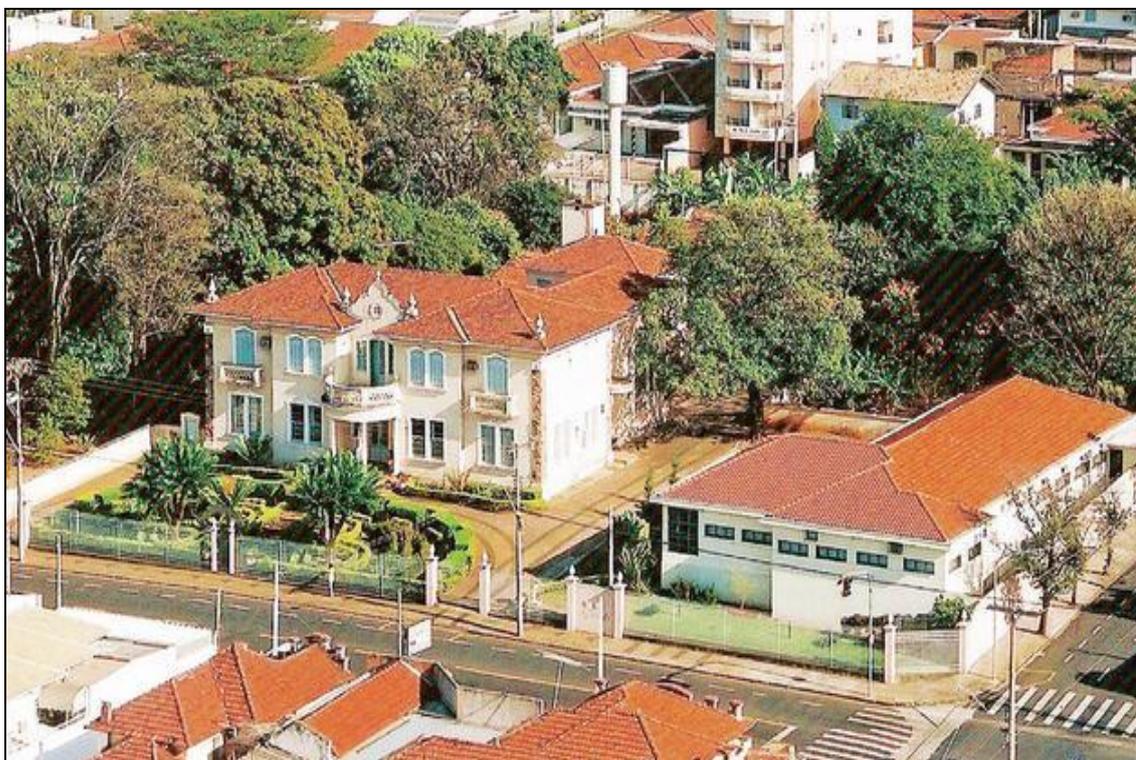


Foto 26: O Palácio Episcopal

Fonte: Lodi (2015)

2.4.5 Basílica

Concebida em 11 de maio de 1933 e concluída em 1942, a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida fica localizada no alto do bairro Boa Vista. Trata-se de uma forma de agradecimento do Bispo Diocesano D. Lafayette Libânio à proteção recebida pela população rio-pretense que, durante a Revolução de 1932, não enfrentou conflitos armados, apesar da intervenção militar. Apenas os líderes revoltosos, inclusive D. Lafayette, foram perseguidos.

A primeira missa foi celebrada em 31 de maio de 1940, durante a realização do 1º Congresso Eucarístico Diocesano. A consagração solene do Santuário, contudo, só ocorreu três anos mais tarde e em julho de 1954, o Santuário foi elevado à categoria de Basílica Menor pelo Papa Pio XII.²⁴



Foto 27: Basílica Menor de Nossa Senhora da Conceição Aparecida
Fonte: Freitas (2013)

²⁴ Dados extraídos da página da Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto, em artigo produzido pela Secretaria Municipal de Cultura, intitulado “Basílica Menor em construção”. Disponível em: <http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/do/subportais_Show?c=77923>. Acesso em 12 nov. 2017.

2.4.6 Associação Comercial e Empresarial de Rio Preto (ACIRP)

Inaugurado em 11 de outubro de 1938, na confluência das Ruas Silva Jardim e Voluntários de São Paulo, o prédio de dois andares, atualmente abriga a Associação Comercial e Empresarial de Rio Preto (ACIRP).

Foi erigido por Jesus Villanova Vidal, o mesmo construtor da Basílica Menor Nossa Senhora Aparecida. A fundação foi executada em arcos, para acomodação melhor ao terreno (BRANDI, 2016). Uma restauração, realizada no ano de 2009, revelou a técnica construtiva que pode ser apreciada, conforme foto 28 abaixo:



Foto 28: Sistema construtivo da fundação do Prédio da ACIRP
Fonte: acervo de Hamilton Pavam, gentilmente cedida



Foto 29: Prédio da ACIRP com iluminação
Fonte: Associação Comercial e Empresarial de São José do Rio Preto (ACIRP)

2.4.7 Estação Ferroviária

A Estação Ferroviária foi reconstruída em 1942, segundo projeto de José Maria da Silva Neves, conforme Foto 30:



Foto 30: Estação Ferroviária
Fonte: Própria autora

Já a construção do Complexo anexo ficou a cargo da Empresa Mattos & Freitas, conforme inscrição registrada na foto 31:



Foto 31: Inscrições no portal de entrada de granito negro
Fonte: Própria autora

O Complexo, ainda existente, encontra-se abandonado e se tornou obsoleto em meio ao Terminal Rodoviário e o novo Terminal Urbano. Prenuncia-se a instalação de um Museu Ferroviário no local.

A relevância dessa parte da pesquisa, onde procura-se evidenciar a paisagem renovada do final da década de 1930 e da década de 1940, reside no fato de demonstrar que a fisionomia do município dessa época, mantêm-se íntegra, ainda nos dias de hoje e fortemente marcada pelas edificações que permaneceram. Com exceção da residência da família Curti, Foto 14 e da residência de Cenobelino de Barros Serra, Foto 15, todas as demais edificações apresentadas no capítulo são permanências importantes, que referenciam a memória e a identidade do município de São José do Rio Preto, além de caracterizarem a singularidade do sítio urbano.

2.5 A Lei de Zoneamento de 1958

De acordo com Teodózio (2008), um plano urbanístico para a cidade de São José do Rio Preto fazia parte da “circulação de ideias” que constava nos jornais locais, entre as discussões dos vereadores e em outros meios de comunicação, desde o final da década de 1940.

A necessidade de um Plano Organizador para o município se dava em razão do núcleo central, denominado Centro Tradicional nessa pesquisa, ter sido implantado sobre um sítio geográfico constituído de certas especificidades, traduzidas por barreiras físicas constituídas pelos córregos Borá (atual Avenida Bady Bassit) e córrego Canela (atual Avenida Alberto Andaló) e pelo rio Preto. A Rua Independência constituía também outra barreira física, pois as terras do outro lado da rua eram de propriedades particulares as quais, posteriormente, foram loteadas, formando novos bairros.

No primeiro espigão do sítio geográfico, localizou-se o Centro Tradicional propriamente dito; a segunda expansão se deu em direção ao espigão oposto, além do córrego Borá, hoje Bairro Boa Vista. Brandi (2002) considera que esse povoamento se deu em fins do século XIX. Teodózio (2008), por sua vez, afirma que o povoamento se deu em 1915, aproximadamente.

Interessa-nos observar a dificuldade de transposição de ambos os córregos e também do rio Preto. Teodózio (2008) relata que a literatura sobre o município

retrata que os terrenos no fundo de vale formavam alagadiços, principalmente em época de chuvas, dificultando o acesso da população aos novos bairros nas margens opostas. A margem esquerda do rio Preto foi solucionada, de certa forma, com o aterramento feito para a instalação dos trilhos da Estrada de Ferro em 1912, por intervenção do Estado, não deixando de configurar, entretanto, uma nova barreira física, ou seja, os trilhos da linha férrea. Vale ressaltar que, na confluência do córrego Canela com o rio Preto, criou-se a Represa Municipal (TEODÓZIO, 2008).

Outros problemas se apresentavam, na década de 1940, em uma cidade com 5.648 prédios (ARANTES, 2006, apud TEODÓZIO, 2008), que demandava a ampliação da rede de abastecimento de água e captação de esgotos, haja vista que apenas 75% deles tinham ligações domiciliares de água e somente 28% estavam ligados à rede coletora de esgotos. A solução de tais problemas implicaria, inclusive, o “levantamento topográfico da área urbana” (TEODÓZIO, 2008, p. 44).

Diante da necessidade de um Plano Ordenador, algumas tentativas foram realizadas, antes do efetivo Plano Urbanístico proposto por Eiras Garcia, na Gestão do Prefeito Alberto Andaló. Nesse contexto, veio a São José do Rio Preto, em 1948, Prestes Maia (1896-1965), engenheiro civil e político, professor da Escola politécnica da Universidade de São Paulo, prefeito de São Paulo por dois mandatos, de 1938 a 1945 e de 1961 a 1965 e idealizador do Plano de Avenidas de São Paulo em 1930 (BARONE, 2007, apud TEODÓZIO, 2008).

Entretanto, o Plano não seguiu adiante e Prestes Maia acabou vindo a Rio Preto, em 27 de junho de 1950, apenas para “realizar um comício político para a sua campanha para governador do Estado” (Jornal A Notícia, de 23/06/1950, apud TEODÓZIO, 2008).

Também estiveram na cidade Carlos Brasil Lodi, chefe da Divisão de Urbanismo da Prefeitura de São Paulo, e Luiz Carlos Berrini Júnior, da prefeitura paulistana; todavia, as visitas não resultaram em um efetivo plano urbanístico para a cidade.

Luiz Saia veio na década de 1950 e, embora não tenha concretizado um plano urbanístico, delineou algumas ações que, posteriormente, fizeram parte da fisionomia do Centro Tradicional (TEODÓZIO, 2008).

Ele propôs que o alinhamento do térreo dos edifícios – do lado ímpar da Rua Bernardino de Campos e do lado par da Rua Voluntários de São Paulo, estivesse

recuado três metros da divisa frontal. Dessa forma, ao somar os três metros de calçada aos sete metros do leito carroçável, este passaria a ter dez metros e os pedestres ganhariam uma calçada coberta pelos edifícios, entre o trecho da Rua Jorge Tibiriçá e Rua Marechal Deodoro. Alguns prédios desse período foram implantados segundo essas diretrizes de projeto (TEODÓZIO, 2008).



Foto 32: Lado ímpar da Rua Bernardino de Campos
Fonte: Própria autora

2.5.1 O Plano efetivamente executado de Eiras Garcia, na Gestão do Prefeito Alberto Andaló

Quando Alberto Andaló assume a prefeitura (1956-1959), declara que irá canalizar os córregos Canela e Borá. Ele executa obras de alargamento das ruas do centro da cidade, nos trechos das praças Dom José Marcondes (antigo Jardim velho) e Ruy Barbosa (antigo Jardim novo) e assim procede à derrubada de árvores e à alteração do desenho original. Aristides Lopes²⁵ descreve que “as praças eram

²⁵ Advogado aposentado e jornalista, presidente do Rotary Clube de 1963 a 1964; procurador do Estado de 1971 a 1987; presidente do Programa de Desenvolvimento Industrial (Prodei); presidente da Associação Rio-pretense de Atletismo; autor da coluna Artigo do Dia no jornal A Tribuna em 1956, redator do jornal A Notícia. Formado em Direito pela Instituição Toledo de Ensino (ITE) de Bauru em 1957. Fonte: Lelé Arantes. Disponível em:

antiquadas, mas com aspecto agradável, devido as vegetação e roseiras bem cuidadas” (TEODÓZIO, 2008, p. 64).

Na São José Rio Preto dos anos 1940 havia bairros com duas dezenas de casas e ainda se apanhava gabiroba nos finais de ano (JORNAL A TRIBUNA, 1956, apud TEODÓZIO, 2008). Essa declaração expressa o aspecto interiorano e arcaico do município.

Andaló entende que a cidade, como centro dinâmico da economia regional, precisa ampliar o número de terrenos e habitações, melhorar a provisão de serviços e implantar grandes projetos viários e de assentamento, pois entre a década de 1940 e a de 1950, há um fluxo migratório significativo, conseqüente do êxodo rural, que tem como resultado a expansão urbana, caracterizada por loteamentos irregulares (TEODÓZIO, 2008).

Em sua gestão, o prefeito sugere a implantação do “Urbanismo Moderno”, já aplicado em grandes centros nacionais e internacionais, cuja prerrogativa é a solução de problemas recorrentes em todos os locais, uma vez que advêm das mesma raízes.

Alia-se a essa ideia a necessidade de São José do Rio Preto tornar-se uma cidade “harmoniosa”, isto é, que estivesse em função do homem, e não o contrário. São exemplos dessa nova concepção São Paulo e Rio de Janeiro, as quais venceram erros praticados anteriormente ao aplicar certos preceitos do “Urbanismo Moderno”, principalmente no que diz respeito ao “*zoning*”, adaptação considerada o primeiro passo para um futuro Plano Diretor (TEODÓZIO, 2008).

Nessa conjuntura, Andaló envia um Ofício ao presidente da Câmara Municipal (Ofício nº 699/57, de 16 de novembro de 1957) para fazer saber que no quadro municipal não havia “técnicos capazes de enfrentar os graves problemas que assoberbavam o município, pelos nulos conhecimentos que temos de urbanização ou engenharia” (TEODÓZIO, 2008, p. 68).

Feito isso, convida para vir a Rio Preto o arquiteto Heitor José Eiras Garcia que, inclusive, já havia elaborado alguns trabalhos, tais como praças, “plataforma para as retretas, recanto infantil, vaso luminoso, abrigo de ônibus na Praça Dom José Marcondes, remodelação das praças São José e Rio Branco, além de outros” (TEODÓZIO, 2008, p. 68).

Em seguida, Eiras Garcia acaba sendo contratado para elaborar o Plano Viário e o Plano de Zoneamento da cidade (SANTOS, 2013).



Foto 33: Ponto de ônibus da Praça Dom José Marcondes Homem de Mello, elaborado pelo engenheiro/arquiteto Eiras Garcia

Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2018)

Em sua análise inicial, Eiras Garcia aponta uma série de problemas, quais sejam:

a falta de espaços livres, a falta de legislação de controle urbano e de regulamentação específica para edificações, dimensões inadequada de quadras e lotes, a abertura de novos arruamentos e a venda dos respectivos lotes sem nenhum melhoramento público, falta de preocupação por parte dos profissionais com a qualidade dos projetos das novas áreas, e, principalmente, a especulação imobiliária que tomava “vulto desviando capitais de outras atividades que maiores benefícios trariam à cidade”. Dessa forma, a lei tinha como objetivos principais: seguir o modelo urbanístico adotado nas grandes cidades do mundo, promover a industrialização, dar início ao processo de elaboração do Plano Diretor (SANTOS, 2013, p. 51).

De acordo com Francisco (2008, p. 128), a proposição do Prefeito Andaló, unida à técnica de Eiras Garcia, seriam realizadas com o intuito de embelezar e modernizar a cidade:

As obras elaboradas entre 1956 e 1958, abrangeriam melhoramentos urbanos, tais como: a remodelação das três praças centrais, a urbanização do parque da represa municipal e a canalização dos córregos Borá e Canela; e a elaboração de um plano geral de urbanização que correspondeu a um anteprojeto para “Vias de comunicação – espaços livres e distribuição de distritos” e o “Zoneamento” consubstanciado na Lei 535/58

– Zoneamento, Uso, Ocupação e Volume das edificações – aprovado na íntegra pela Câmara Municipal em 25 de fevereiro de 1958.

Após os trâmites legais e a aprovação do projeto com inúmeras adaptações, Eiras Garcia pôde, finalmente traçar a ocupação das margens dos córregos Canela e Borá, implantando ‘avenidas de fundo de vale’, a princípio denominadas Duque de Caxias e Bady Bassit²⁶. “Ambos os córregos foram canalizados e retificados, quadra a quadra, sem preservar nenhuma área de margem” (SANTOS, 2013, p. 52).

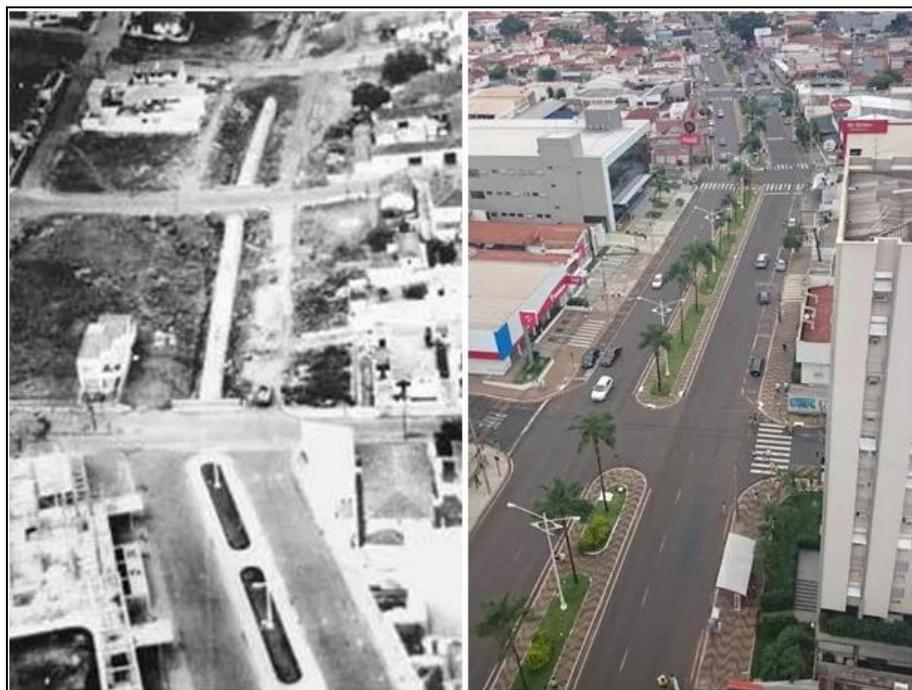


Foto 34: Canalização do antigo Córrego Canela, hoje Avenida Alberto Andaló. A foto à esquerda, data de 1960 aproximadamente, e a da direita, data de 2012

Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2012)

De acordo com Francisco (2011), a modernização proposta por Eiras Garcia, através do Zoneamento, resultou na configuração de uma nova volumetria da área central, que culminou na assimilação de um dos símbolos da modernidade – o arranha-céu, e no modo moderno de habitar em apartamentos. São José do Rio Preto perde assim a sua feição de cidade interiorana e passa a ter ares cosmopolitas.

²⁶ Após a morte do prefeito Alberto Andaló, idealizador da canalização do rio e criação da avenida, o nome foi trocado para homenagear-lhe.



Foto 35: São José do Rio Preto em 1942 – tendo a Catedral de São José como referência
Fonte: acervo pessoal do jornalista e escritor Lelé Arantes

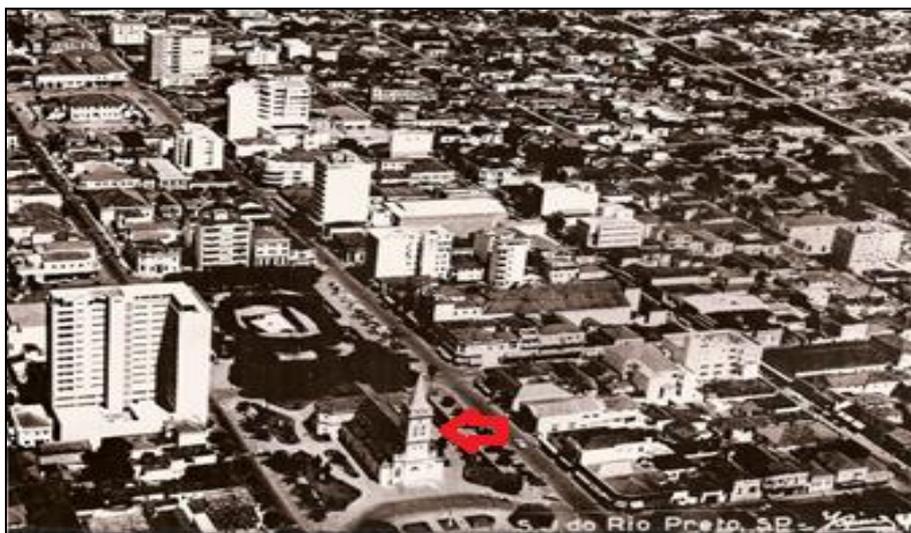
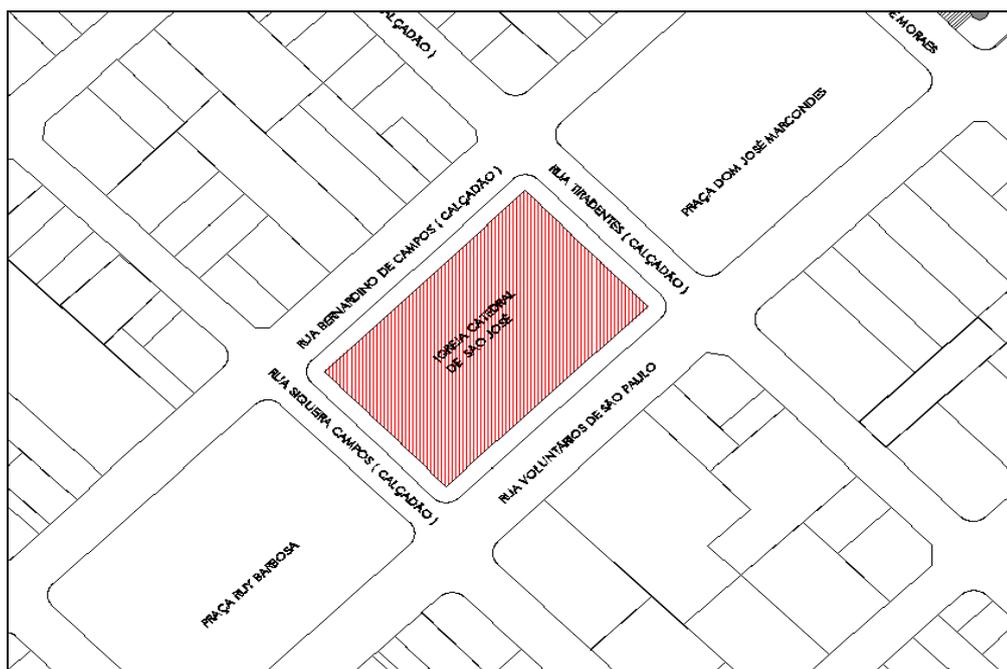


Foto 36: São José do Rio Preto na década de 1960 – tendo a Catedral de São José como referência e o início da verticalização
Fonte: Arquivo público Municipal



Mapa 06: Mapa de Localização

Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação (redesenhado pela autora)

Entretanto, alguns problemas apresentam-se com a implantação da Lei de Zoneamento de 1958, como a venda de loteamentos fora do perímetro urbano, vendidos em parcelas.

Essa lei, determinava o perímetro da cidade a partir do arruamento existente, e os novos loteamentos eram permitidos apenas na zona agrícola e como distritos independentes. A metragem mínima estipulada foi de 450 m², assim como o provimento de toda a infraestrutura necessária para a aprovação. Com essas exigências nenhum arruamento foi aberto seguindo esses padrões, entretanto os lotes contidos dentro do perímetro urbano foram modificados conforme os ajustes da Lei. E sendo excessivamente valorizados, os loteamentos populares passaram a localizar-se fora da zona urbana. Nesse momento o tecido urbano anteriormente diversificado, torna-se propício à divisão das zonas, em classes sociais. (FRANCISCO, 2011).

Do ideário modernista, tendo como referencial “A Carta de Atenas”²⁷, com o qual Eiras Garcia delineou o Plano Urbanístico de São José do Rio Preto, do qual resultou como um dos principais princípios defendidos, o “Zoneamento”, restaram

²⁷ A Carta de Atenas foi elaborada por um grupo de arquitetos, ao final de uma série de congressos em que se discutiu de que modo o paradigma da arquitetura moderna poderia contribuir para minimizar os problemas causados pelo crescimento vertiginoso das cidades. Após a análise de 33 cidades localizadas em variadas latitudes e diferentes zonas climáticas, a Carta de Atenas passou a conter observações e recomendações com sentido amplamente universal (IRAZÁBAL, 2001).

algumas proposições em forma de Lei e algumas concretamente se efetivaram, conforme explicitado abaixo:

O Sistema viário geral da cidade, contido no anteprojeto, propunha estabelecer um mínimo de ligações viárias que, quando executadas, desviariam “o tráfego do centro da cidade, problema que tende a se agravar rapidamente”. O plano viário previa a construção de 10 avenidas com larguras de 29, 32 e 36 metros, dois viadutos sobre os trilhos da ferrovia e o alargamento da rua José Bonifácio. Todas as obras viárias foram executadas, exceto a avenida Pedro Amaral, já considerada no plano como local de maior vulto para expropriações. Foi nessa rua que Garcia localizou a estação rodoviária, na proximidade da ferroviária, construída na década de 1970, sem que a rua tivesse sido transformada em avenida. Em 11 de fevereiro, de 1958, a Câmara aprovou o Plano de Zoneamento de Área Urbana e Suburbana de Rio Preto. Depois de promulgada a lei, os córregos Canela e Borá foram canalizados para a construção das avenidas Alberto Andaló e Bady Bassit, principais eixos viários da cidade. Das ideias originais de Eiras Garcia sobre a preservação de grandes áreas verdes, apenas um parque foi projetado após duas décadas: o Parque Setorial, ao longo das margens do rio Preto e córrego Piedade (TEODÓZIO, 2008, p. 84-85).



Mapa 07: Localização da Rua Pedro Amaral, que não se tornou Avenida, como delineado no Plano de Eiras Garcia e da efetiva implantação da Estação Ferroviária, na década de 1970
 Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação
 (redesenhado pela autora)



Foto 37: Antiga e emblemática escadaria, demolida na década de 1970, para dar lugar à Estação Rodoviária
Fonte: Arquivo Público Municipal

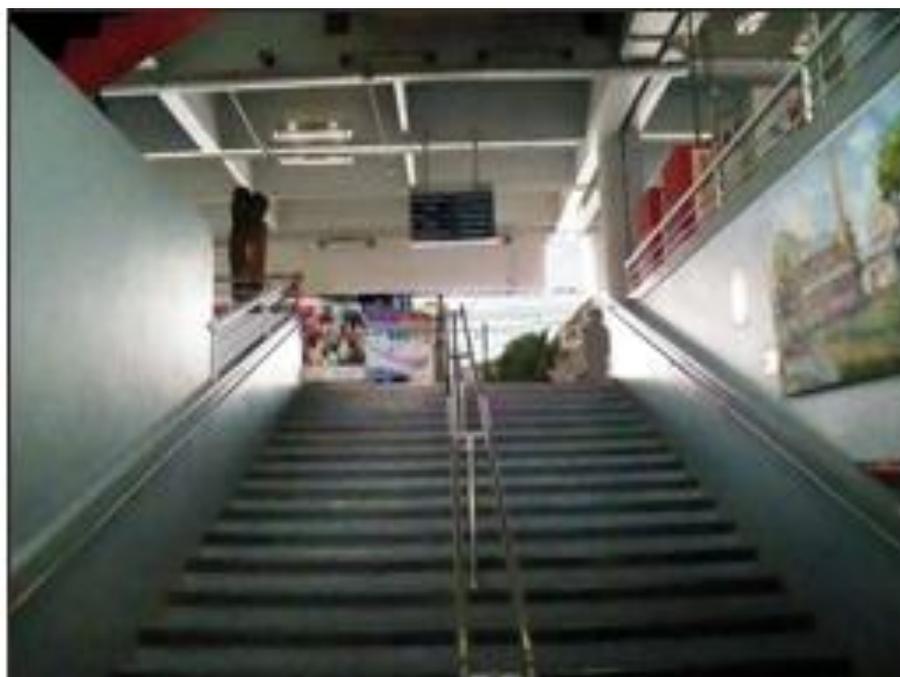


Foto 38: A escadaria da Estação Rodoviária, construída na década de 1970, delineada no Plano de Eiras Garcia, de 1958
Fonte: Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto²⁸

²⁸ Disponível em: <http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/do/subportais_Show?c=78259>. Acesso em 05 mai. 2018.



Foto 39: Perspectiva da Rua Pedro Amaral e a Estação Rodoviária, construída na década de 1970

Fonte: Própria autora



Foto 40: A Estação Rodoviária, projeto do arquiteto José Carlos de Lima Bueno

Fonte: foto da autora

CAPÍTULO 3 – Definição da fisionomia Urbana

3.1 O *Art Déco*

O Repertório *Déco* foi muito utilizado nas construções das edificações comerciais, prédios que misturavam uso residencial e de serviço, em cinemas, e em edifícios diversos, tais como o Tiro de Guerra, o Mercado Municipal, a Estação ferroviária, entre outras edificações que marcaram a paisagem urbana do município, na década de 1940.

De acordo com Correia (2008), a arquitetura *Art Déco* é pouco conhecida e, embora caracterize-se como uma produção arquitetônica considerável e bastante forte no cenário urbano de cidades paulistas e de vários outros estados brasileiros, não é devidamente valorizada: não se debate sobre esse repertório nos cursos de arquitetura, lhe falta reconhecimento e pesquisa, pois não há um consenso sobre sua importância, uma vez que essa produção pode estar associada a várias vertentes arquitetônicas, como a neoclássica, eclética, moderna, etc.

Casas urbanas, que remetem à arquitetura colonial em termos de materiais, técnicas construtivas, implantação, programa e organização espacial interna, muitas vezes têm, na fachada, linhas de repertório *Déco*. Em São José do Rio Preto, há dois exemplos característicos: a residência do Instrutor do Tiro de Guerra 197, edificação de 1939, cujo complexo arquitetônico foi executado em sistema de mutirão, e a residência do antigo chefe da Estação Ferroviária. Em ambos os casos, a edificação principal utiliza repertório *Déco* e as residências, repertório Neocolonial com detalhes *Déco*.

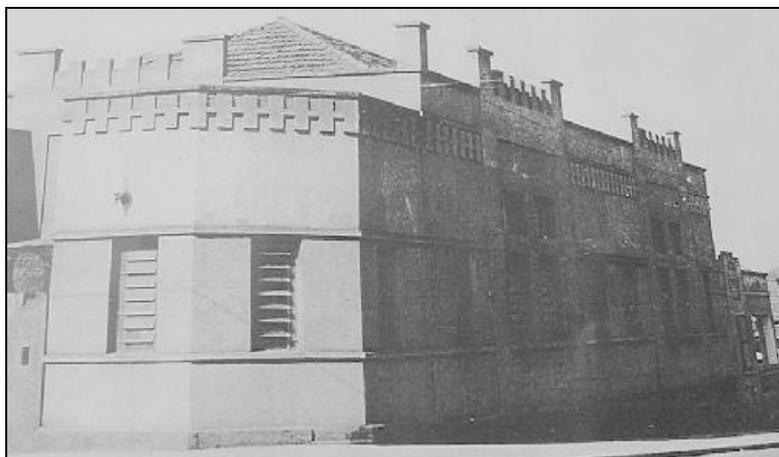


Foto 41: Edificação principal do Antigo Tiro de Guerra 197 (hoje Museu de Arte Naif)
Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

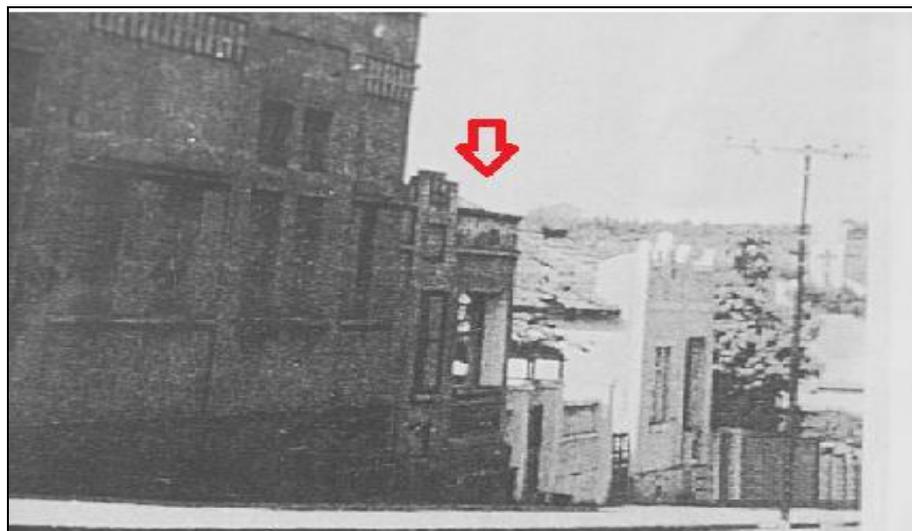


Foto 42: Residência do Instrutor do Tiro de Guerra 197 - Waldemar César Machado
Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

De acordo com Correia (2008), elementos isolados como um relógio, embora sejam instrumentos utilitários, ao serem incorporados ao repertório *Déco*, passam a ser utilizados como um elemento ornamental, que remete à modernização, à tecnologia, ao tempo “corredio” das grandes cidades. É o caso da Estação Ferroviária de São José do Rio Preto, como demonstra a foto 43:



Foto 43: Relógio da Estação Ferroviária de São José do Rio Preto
Fonte: Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (2017)

Correia (2008) se refere também à ênfase conferida ao acesso principal, à simetria, à hierarquia e à lógica de composição dos procedimentos da *beaux-arts*,

principalmente com relação à repartição da fachada em base, corpo e coroamento que podem ser entendidos como símbolos apropriados pelo repertório *Déco*. Entretanto, submetidos a uma simplificação formal própria do que se convencionou chamar de *Art Déco*, caracteriza uma produção arquitetônica pouco homogênea e ao mesmo tempo com traços característicos, que a identificam como uma massa de construções, muito peculiar e que fazem parte do cenário urbano entre as décadas de 1930 e 1950, aproximadamente, como é o caso do município de São José do Rio Preto, onde se observa o maior número de exemplares na década de 1940.

O Edifício Curti, construído em meados de 1939 e inaugurado em 1941, antigo cine São Paulo, caracteriza-se como um suntuoso exemplo do Art Déco inserido no contexto urbano do centro tradicional.



Foto 44: Edifício Curti – Cine Curti e Hotel São Paulo
Fonte: Acervo de Fernando Marques, gentilmente cedida

Correia (2008) explica que o repertório decorativo art déco é composto por elementos geométricos, abstratos, curvas aerodinâmicas, motivos inspirados em máquinas, escalonamentos, sobreposição dos planos de fachada e o uso do prisma ortogonal. A foto 39 revela tal utilização na edificação do Cine Rio Preto (hoje Praça Shopping), um dos exemplos mais emblemáticos do Art Déco no Centro Tradicional de São José do Rio Preto, cuja tipologia arquitetônica contém, ainda, elementos indutores de verticalização das fachadas, característica da Arquitetura Déco (CORREIA, 2008).



Foto 45: Edifício Zini (atual Praça Shopping), inaugurado em 1944 para abrigar o Cine-Teatro Rio Preto

Fonte: Arantes, Yaraka e Rey (2006)

A análise do Centro Tradicional de São José do Rio Preto, entre o final da década de 1930 e década de 1940, mostra que grande parte das edificações era emblemática da arquitetura *Déco*, materializando o anseio da população pela modernidade, principalmente entre os intelectuais, jornalistas, empresários e profissionais da construção civil (TEODÓZIO, 2008).

Por meio de suas curvas aerodinâmicas, do dinamismo das formas, do ritmo linear, o estilo *Art Déco* vinha ao encontro da modernidade esperada e finalmente as características arquitetônicas começavam a dialogar com o contexto urbano. É o caso do Edifício Curti, cujas sacadas em projeção à esquina objetivavam evidenciá-las, assim como a simetria de seu coroamento seguia o mesmo propósito. Sem dúvida, o projeto deste edifício interpreta o lote e a dinâmica urbana em sua concepção, como outros edifícios objetos do levantamento desta pesquisa, apresentados a seguir.

3.2 O Neocolonial

Conforme relata Conduru (2009), o Neocolonial, antes de ser um estilo, foi um movimento artístico-cultural, configurando-se como uma busca da nacionalidade brasileira, por ir ao encontro da técnica, do clima e da cultura genuína do país.

Já evidenciado na Escola Nacional de Belas Artes, através do historiador Ernesto de Araújo Viana, foi propagado em São Paulo pelo arquiteto Ricardo Severo

que, segundo Mascaro (2008), recebeu grande influência do ambiente cultural português. Ele foi o idealizador do “Movimento arquitetônico”, que valorizava a arquitetura colonial brasileira.

De acordo com o artigo “Entre Histórias e Mitos - Uma revisão do Neocolonial”, esse foi um dos últimos estudos da Arquitetura a serem elaborados por teóricos, artistas, arquitetos e historiadores acadêmicos (MASCARO, 2008).

Mascaro (2008) afirma, ainda, que a difusão dessa arquitetura para o interior se deu pela circulação de ideias que tinham origem na capital paulista.

3.3 O Art Nouveau

De acordo com Motta (1954, apud RIBEIRO, 2010, p. 57), “o Art Nouveau caracterizava uma renovação do gosto da época, evitando a repetição de estilos passados”.

Essa linguagem arquitetônica tem certa penetração em São Paulo, tendo como exemplar a construção da Vila Penteado, de autoria do arquiteto Carlos Ekman (1866-1940) e de Victor Dubugras (1868-1933), atualmente sede da faculdade de Arquitetura da USP.

Em artigo de 1950, publicado no primeiro número da revista Habitat, Motta (apud RIBEIRO, 2010) não apenas relata que o Art Nouveau é chamado também de Floreal ou Liberty, como também faz uma denúncia da demolição de uma residência Art Nouveau na Rua Marquês de Itu em São Paulo, em que propõe a instalação de um “Museu Floreal”.

Em 1953, Motta (apud RIBEIRO, 2010) destaca, em artigo do número 10 da Revista Habitat, a preocupação em proteger tanto os monumentos barroco-coloniais, quanto outros estilos que formaram a produção arquitetônica artística do Brasil. Ele demonstra que essa forma de produção arquitetônica foi fruto do conflito entre o mundo do artesanato e o mundo da industrialização, que caracterizou o início do século XX, inclusive ressaltando o papel do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, que manufaturava produtos com essa linguagem estilística.

3.4 O Ecletismo

Pevsner (1970, apud FABRIS, 1993) aponta que “as razões do Ecletismo devem ser buscadas na reação à Revolução Industrial, na ascensão de uma nova classe em busca de status, no crescente individualismo, na nostalgia do “longínquo”, posta em voga pelo Romantismo”. Para ele, o elemento determinante do ecletismo é a clientela caracterizada pelo novo rico.

Mignot (1983, apud FABRIS, 1993), por sua vez, aborda a questão da experimentação dos novos materiais e dos novos programas da sociedade industrial, adaptados às demandas contemporâneas. Ele descreve o valor simbólico e emotivo da linguagem da arquitetura, que deveriam ser transmitidos à sociedade, descritos por Belcher (1904, apud FABRIS, 1993) como a representação da “teatralização da vida”.

Com base nas reflexões acima, considera-se dois aspectos no ecletismo proposto para as edificações de São José do Rio Preto: por um lado, a liberdade estilística da mão de obra leiga e por outro, a busca de status dos proprietários das máquinas de beneficiamento de café e posteriormente de algodão. Assiste-se um “grupo crescente de autodidatas que transpõem o debate e a prática da arquitetura para fora do círculo restrito da academia” (FABRIS, 1993, p. 134).

A representatividade da arquitetura eclética passa a ser entendida como um “conforto estetizante”, como demonstram Griseri e Gabetti (1973, apud FABRIS, 1993).

De acordo com Fabris (1993, p. 136), igualmente importante, é “o critério de gosto da elite dirigente”, que procura imitar modelos apreciados na Europa.

Após o Ecletismo, surge o apogeu do Neocolonial, em busca de uma referência autêntica ao passado genuíno. Surge nesse cenário nacional uma nova geração de arquitetos, cujo destaque é Lúcio Costa, inicialmente construtor colonial, que percebe os princípios funcionais inerentes às edificações coloniais e prossegue aos processos construtivos e volumetrias, mas a prepara para o encontro com a modernidade, essencialmente definidos pela tecnologia do concreto armado e materiais contemporâneos (FABRIS, 1993).

3.5 Os remanescentes de 1920 até 1960: critérios de seleção e análise de conjunto

As fichas aqui apresentadas cumprem o duplo papel de organizar os critérios de seleção e organizar os levantamentos de campo. O interesse desta pesquisa é analisar o conjunto formado pelos remanescentes que, em sua maioria, podem ser considerados exemplares vernaculares, pois incorporam vários dos elementos construtivos e ornamentais dos “estilos” que circulavam no período. Esse fato revela, entretanto, o quanto o desejo de renovação da fisionomia da cidade foi disseminado, mesmo nos setores de menor renda.

Com as fichas, propõe-se uma leitura independente, haja vista conterem informações detalhadas de cada logradouro, na quase totalidade das quadras do setor delimitado como o centro tradicional.

Ao percorrer a área, é possível ter uma ideia geral do que se denominou “fisionomia” e que, no próximo capítulo, será objeto de uma discussão sobre preservação de conjuntos.

Algumas definições serão necessárias para um melhor esclarecimento com relação à leitura das fichas:

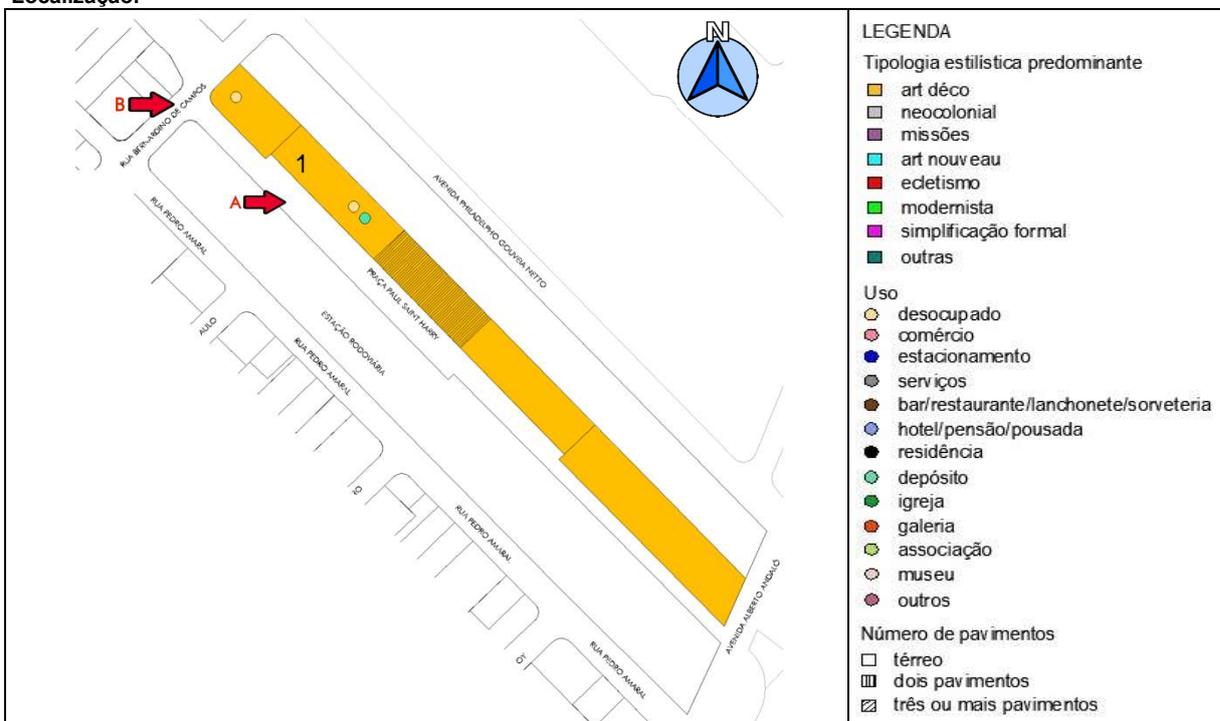
- 1- As tipologias estilísticas assinaladas correspondem à predominância do repertório sem, contudo, esgotar a necessidade de uma análise individual.
- 2- Para a definição da data aproximada de cada construção, foi observada a tipologia estilística em voga nas diferentes épocas, além de recorrer-se à memória privilegiada de Agostinho Brandi, professor, historiador, memorialista e morador de São José do Rio Preto, que gentilmente acompanhou a pesquisa do início ao fim.
- 3- A Carta de Burra²⁹ é uma das que mais se assemelha à abordagem territorial, por atualizar conceitos enunciados desde a Carta de Veneza³⁰.
- 4- Também utilizaremos a Declaração de Quebec³¹, que se aproxima do Patrimônio Intangível e do espírito do lugar, evidenciando a peculiaridade de cada sítio urbano.

²⁹ ICOMOS Australia. A Carta de Burra. 1999. Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>>. Acesso em 20 Jun. 2018.

³⁰ CARTA DE VENEZA. 1964. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>>. Acesso em 20 Jun. 2018.

- 5- O conteúdo das fichas busca localizar e diagnosticar a utilização original das edificações e sua tipologia estilística, que caracteriza a ocupação urbana do período, além da sua utilização improvisada contemporaneamente, fator relevante que contribui para sua deterioração.
- 6- Identifica-se, na análise de conjunto e nas fichas catalogadas, a vulnerabilidade a que está exposto o Centro Tradicional, sem uma política que o evidencie como uma área relevante de interesse histórico, onde é possível fazer uma leitura dos vários períodos econômicos e tipologias estilísticas correspondentes, pelos quais o Núcleo inicial de São José do Rio Preto passou.

³¹ Promulgada em 2008, na XVI Assembleia-Geral do ICOMOS, realizada em Quebec (Canadá), e dedicada à preservação do *spiritus loci*, isto é, o espírito do lugar, entendido como essência de preservação patrimonial.

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto
**FICHA
01**
Localização:

Permanências:

A. Estação Ferroviária

B. Casa do Chefe da Estação
Contexto urbano original:

- A. Praça Paul Saint Harris, entre a Rua Pedro Amaral e a Avenida Philadelpho Gouveia Neto**
Prédio da Estação Ferroviária – edificação Art Déco, da década de 1940, que demonstra o apogeu econômico ocorrido em São José do Rio Preto naquela época. O primeiro edifício da Estação Ferroviária foi erguido em 1912, nesse mesmo local, mas foi posteriormente demolido, dando lugar à nova construção que, assim como as demais, buscava caracterizar a “modernidade” almejada para o município.
- B. Edificação da casa do chefe da Estação – edificação do tipo bangalô, com adornos em repertório Déco. Exemplo que demonstra um tipo de ocupação recorrente: a edificação institucional ou principal com repertório Déco e a residência que a acompanha, do tipo bangalô.**

Contexto Atual:

O complexo da Estação Ferroviária está abandonado e deteriorado, oprimido entre o novo Terminal Urbano e a Estação Rodoviária. Prenuncia-se uma nova ocupação como Museu Ferroviário, embora sem o tratamento adequado relativo a Restauro e Reciclagem de uso. A antiga casa do chefe da Estação já alojou a COOPÃO, cooperativa de pães ligada à prefeitura e o Centro de Referência a Assistência Social (CRAS), unidade centro. Ambos os usos demonstram certa inadequação e despreocupação com o imóvel que, juntamente com a edificação principal, é tombado pelo município. Hoje se encontra desocupado e abandonado.

Estado de Conservação:

- A. Apresenta riscos estruturais na laje que serve como cobertura da gare devido a um acidente com uma locomotiva, a qual se chocou com a laje por volta de 2008, sendo que tal abalo ainda não foi solucionado.
- B. Apresenta pichações.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Art Déco
- B. Bangalô, com repertório Déco no portal de entrada

Ano da Construção:

- A. Estação Ferroviária - 1942
- B. Casa do chefe da Estação - 1942

Mérito:

Excepcional – este exemplar inaugura um novo setor de desenvolvimento urbano na cidade. Trata-se do apogeu econômico pelo qual a cidade passou na década de 1940, com a construção de várias edificações significativas para o contexto urbano, nas quais foi utilizado o repertório Déco, que buscava expressar uma linguagem modernizante para o município, através da simplificação formal característica do repertório. O local ainda é significativo como referência daquela época. Não houve preocupação com a destinação do uso nos dias atuais, tendo o imóvel ficado obsoleto e oprimido entre o terminal urbano e a Estação Rodoviária, passando quase despercebido no contexto urbano.

Uso Original:

- A. Complexo da Estação Ferroviária
- B. Casa do chefe da Estação

Uso Atual:

- A. Abandonado e depósito. Prenuncia-se a instalação de um Museu Ferroviário.
- B. Abandonado

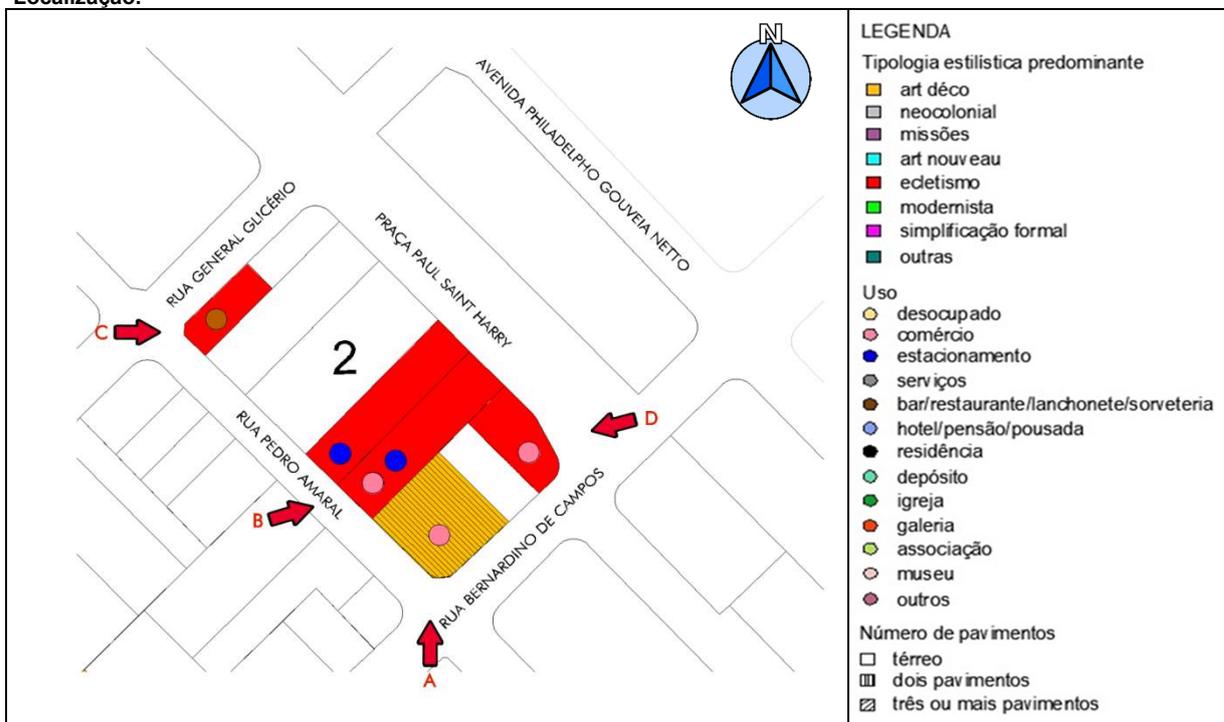
Nível de Proteção:

- A. e B. Tombados pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Turístico de São José do Rio Preto (COMDEPHACT) em 2009.

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
02

Localização:



Permanências:



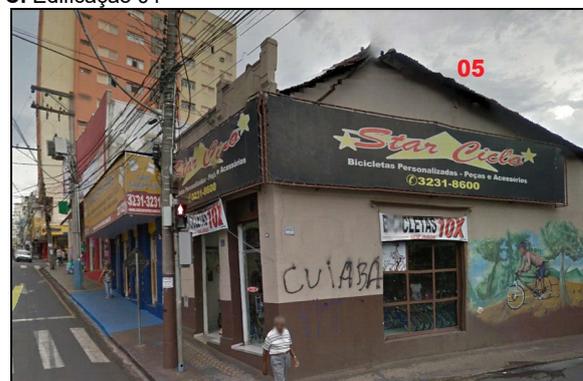
A. Edificação 01



C. Edificação 04



B. Edificações 02 e 03



D. Edificação 05 (Fonte: Google Earth)

Contexto urbano original:

Quarteirão entre a Avenida Philadelpho Gouveia Neto e as Ruas Pedro Amaral, Bernardino de Campos e General Glicério. Diversificam-se, nesse quarteirão, edificações ligadas à Economia agrícola, inicialmente cafeeira, e edificações construídas na década de 1940, com repertório Art Déco.

A edificação 02, da Vista B, foi uma das primeiras máquinas de beneficiamento de café, de acordo com o memorialista e professor Agostinho Brandi, em depoimento oral, em uma visita ao local, durante a pesquisa, no ano de 2017.

Contexto Atual:

Área onde predomina o comércio popular.



Foto da autora

Foto original do prédio da edificação 01, com linhas do repertório déco, antes da reforma de 2005.

Essa edificação, localizada na esquina da Rua Pedro Amaral com a Rua Bernardino de Campos, embora conserve a sua volumetria original, foi totalmente descaracterizada em uma reforma de 2005, e serve de alerta para uma política de preservação dessa área, eminentemente histórica e reveladora do percurso urbanístico do Município.

Estado de Conservação:

A edificação 01 foi totalmente descaracterizada e a edificação 05 encontra-se bastante deteriorada. As demais estão em bom estado de conservação.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01 - Art Déco originalmente – descaracterizada
- B. Edificação 02 - Eclético
- Edificação 03 - Eclético
- C. Edificação 04 - Eclético
- D. Edificação 05 – Eclético

Ano da Construção:

- A. Edificação 01 - Década de 1940
- B. Edificação 02 - Década de 1930
- Edificação 03 - Década de 1930
- C. Edificação 04 - Década de 1930
- D. Edificação 05 - Década de 1920, aproximadamente

Mérito:

A, B, C, D - de conjunto, pois demonstram remanescentes que foram erigidos entre as décadas de 1920 e 1930, como parte da estrutura de imóveis que surgiram com a economia cafeeira e, posteriormente, algodoeira, os quais descrevem o percurso urbano ocorrido na região central de São José do Rio Preto. O conjunto de edificações demonstra as transformações econômicas ocorridas no centro tradicional, desde 1920, ano expressivo da economia cafeeira e algodoeira e os anos 1940, quando, devido ao apogeu da economia, impulsionado pela agroindústria exportadora, houve uma renovação urbana, em que a grande maioria de edificações foi construída com repertório Déco, o que demonstrava a modernidade almejada para o Município.

Uso Original:

- A. Edificação 01 – Consultório médico no pavimento térreo e residência no pavimento superior
- B. Edificação 02 - Máquina de beneficiamento de café
- Edificação 03 - Estrutura cafeeira/algodoeira
- C. Edificação 04 - Botequim/venda
- D. Edificação 05 - Infraestrutura cafeeira

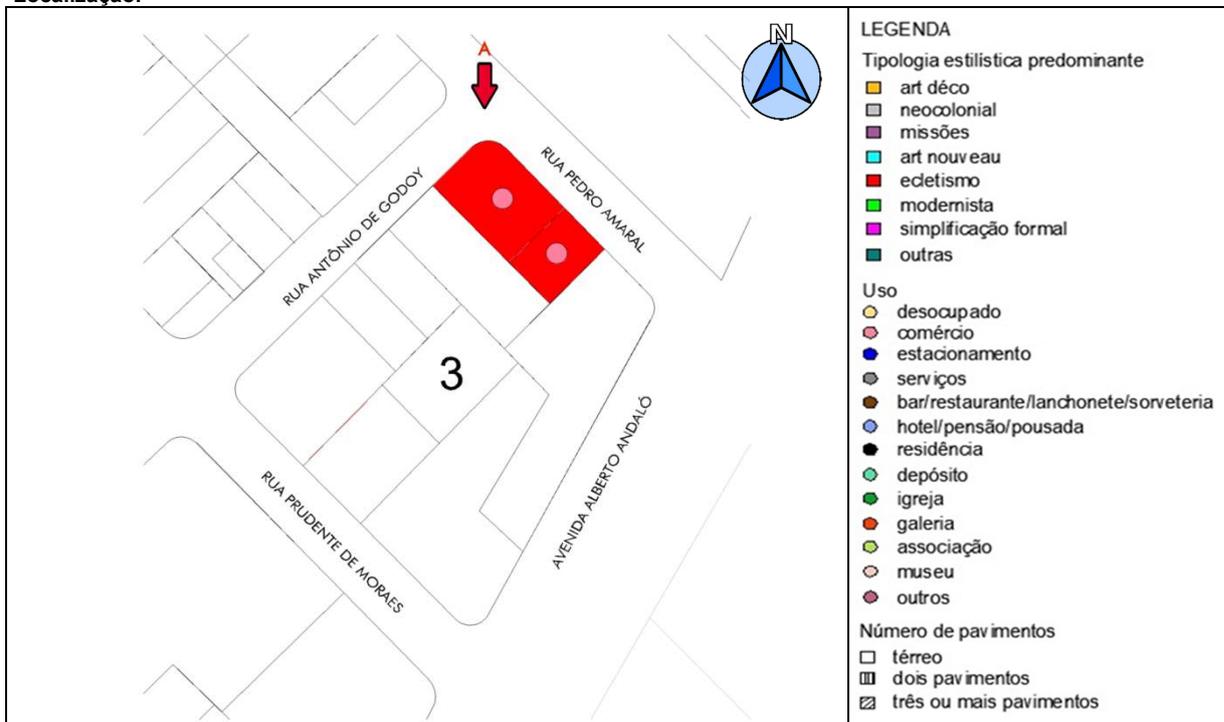
Uso Atual:

- A. Edificação 01 - Farmácia
- B. Edificações 02 e 03 - Estacionamento e comércio
- C. Edificação 04 - Restaurante e Lanchonete
- D. Edificação 05 - Oficina e comércio de bicicletas

Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



Permanência:

**Contexto urbano original:****A. Esquina da Rua Pedro Amaral com a Rua Antônio de Godoy.**

Conjunto de edificações remanescentes com data de construção entre as décadas de 1920 e 1930, aproximadamente. Nesta área, predominavam as atividades ligadas à economia cafeeira e algodoeira, entre as décadas de 1920 e 1930, como máquinas de beneficiamento, armazéns, etc. Entre as décadas de 1940 e 1950, o mesmo tipo de uso permaneceu, entretanto, relativo ao beneficiamento de outros produtos agrícolas. Sendo assim, a área é repleta de edificações que remetem a esse tipo de ocupação.

Contexto atual:

A área é hoje ocupada pelo comércio popular e as antigas edificações foram adaptadas para esse fim. Observa-se uma área deteriorada com relação à infraestrutura urbana - calçamento, iluminação, limpeza e outros, além do uso de propaganda excessiva, escondendo as fachadas originais.

Estado de Conservação:

As edificações permanecem íntegras e a tipologia estilística é facilmente identificável, sendo prejudicada somente pela publicidade excessiva.

Tipologia Estilística Predominante:

Repertório eclético

Ano da Construção:

Entre as décadas de 1920 e 1930.

Mérito:

De conjunto, pois expressa o primeiro ciclo econômico significativo para São José do Rio Preto: o ciclo do café.

Uso Original:

Edificações que fizeram parte da estrutura da economia cafeeira.

Uso Atual:

Comércio.

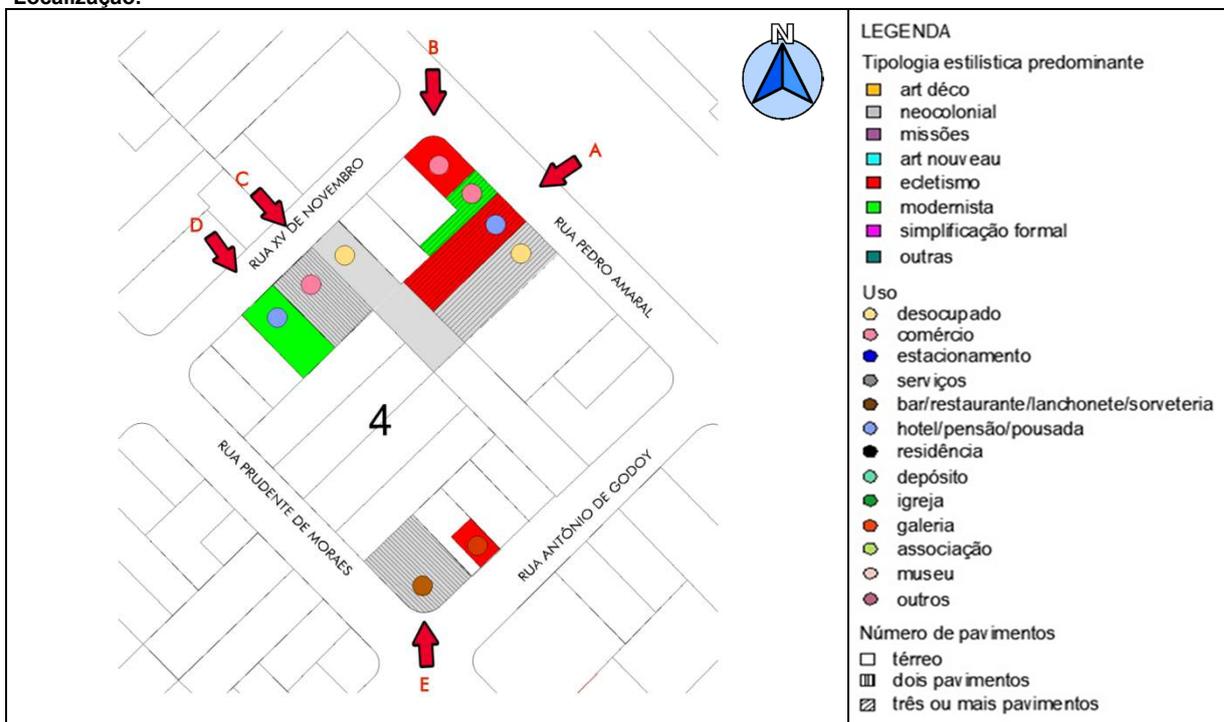
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
04

Localização:



Permanências:



A. Edificações 01, 02 e 03



C. Edificações 05 e 06



B. Edificação 04



D. Edificação 07- Fonte: Google Earth



E. Edificações 08 e 09

Contexto urbano original:

Quarteirão entre as Ruas Pedro Amaral, Prudente de Moraes, XV de Novembro e Antônio de Godoy.

Área significativa do centro tradicional, cujas edificações demonstram os vários ciclos econômicos pelos quais atravessou o Município. A edificação 04, da vista B, faz parte do conjunto de edificações construídas entre as décadas de 1920 e 1930, que tinham funções ligadas à economia cafeeira, posteriormente algodoeira, entre outros produtos agrícolas.

Essa área foi sendo também ocupada por hotéis após a implantação da Estação Ferroviária, ocorrida em 1912. Esse tipo de ocupação foi intensificado nas décadas de 1930 e 1940. A edificação 02, da vista A, representa um dos únicos remanescentes do seguimento da hotelaria da época áurea desse tipo de uso, nessa região.

A edificação 01, da vista A, construída na década de 1940, foi originalmente a residência de um engenheiro da Estação Ferroviária.

As edificações 05 e 06, da vista C, construídas, na década de 1940, caracterizam a diversidade de uso que ocorria no centro até os anos 1950, antes do Plano de Zoneamento, proposto por Eiras Garcia, em 1958, na gestão do prefeito Alberto Andaló, nesse caso, uso residencial. As edificações 08 e 09, da vista E, também expressam essa diversidade. A edificação 08 é um antigo sobrado da década de 1940, com utilização mista, comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior. Esse tipo de uso foi recorrente no centro tradicional, nesse período. A edificação 09, "ecclética", construída entre as décadas de 1920 e 1930, provavelmente uma antiga "venda".

As edificações de número 03, da vista A, e 07, da vista D, demonstram a renovação urbana ocorrida no final da década de 1950 e início da década de 1960, com construções de linhas modernistas.

Contexto Atual:

Na região do centro tradicional, próximo à Estação Rodoviária, as edificações remanescentes não dialogam com o entorno atual, uma área deteriorada, pouco cuidada com relação à infraestrutura urbana - fiação exposta, calçadas estreitas e danificadas. Não existe preocupação com relação ao uso dos imóveis nem com legislação que limite o uso da propaganda. O que se observa é a adaptação de edificações antigas ao uso do comércio popular, ou o uso antigo, como no caso de Hotéis, porém hoje ocupado popularmente e pouco cuidado.

Convém ressaltar aqui que a preocupação, evidentemente, não é com a ocupação popular na região central, mas com o pouco cuidado relativo à infraestrutura urbana e ao cuidado com as edificações remanescentes de um período áureo de ocupação.

Observa-se na edificação 07, da vista D, um trecho acrescido na antiga grade, de pequena altura, provavelmente denotando falta de segurança no local.

Importante observar também que, quanto mais próximo à Estação Rodoviária, onde o comércio popular é mais ativo, o uso da propaganda é mais abusivo, provavelmente impulsionado pela concorrência, assim como a falta de infraestrutura urbana, provavelmente advinda do pouco uso residencial que caracteriza hoje essa região.

Estado de Conservação:

As construções permanecem íntegras, embora com certo aspecto de abandono e poluição visual.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01 –Neocolonial
- Edificação 02- Ecclética
- Edificação 03- Simplificação formal do Moderno
- B. Edificação 04- Ecclética
- Edificação 05- Neocolonial
- C. Edificação 06- Neocolonial
- D. Edificação 07- Modernista
- E. Edificação 08- Neocolonial
- Edificação 09- Ecclética

Década Aproximada de Construção:

- A. Edificações 01 e 02 - 1940
- Edificação 03 - 1950
- B. Edificação 04 - 1920
- C. Edificação 05 - 1940
- Edificação 06 - 1950
- D. Edificação 07 - 1960

E. Edificação 08 - 1940
Edificação 09 - 1920/1930

Mérito:

De conjunto, por revelarem os vários ciclos econômicos pelos quais passou o Município e tipologia estilística correspondente ao período de construção.

Uso Original:

A. Edificação 01 - Residência
Edificação 02 - Hotel
Edificação 03 – Comércio no térreo e residência no pav. superior
B. Edificação 04 - Parte da estrutura da economia cafeeira/algodoeira e outros produtos agrícolas
C. Edificações 05 e 06 - Residência
D. Edificação 07 - Residência
E. Edificação 08 - Comércio no térreo e residência no pav. superior
Edificação 09 - “Venda”

Uso Atual:

A. Edificação 01 - Desocupado
Edificação 02 - Hotel
Edificação 03 - Comércio
B. Edificação 04 – Comércio
C. Edificação 05 - Desocupado
Edificação 06 - Comércio
D. Edificação 07 - Pensão
E. Edificação 08 - Comércio
Edificação 09 - Bar

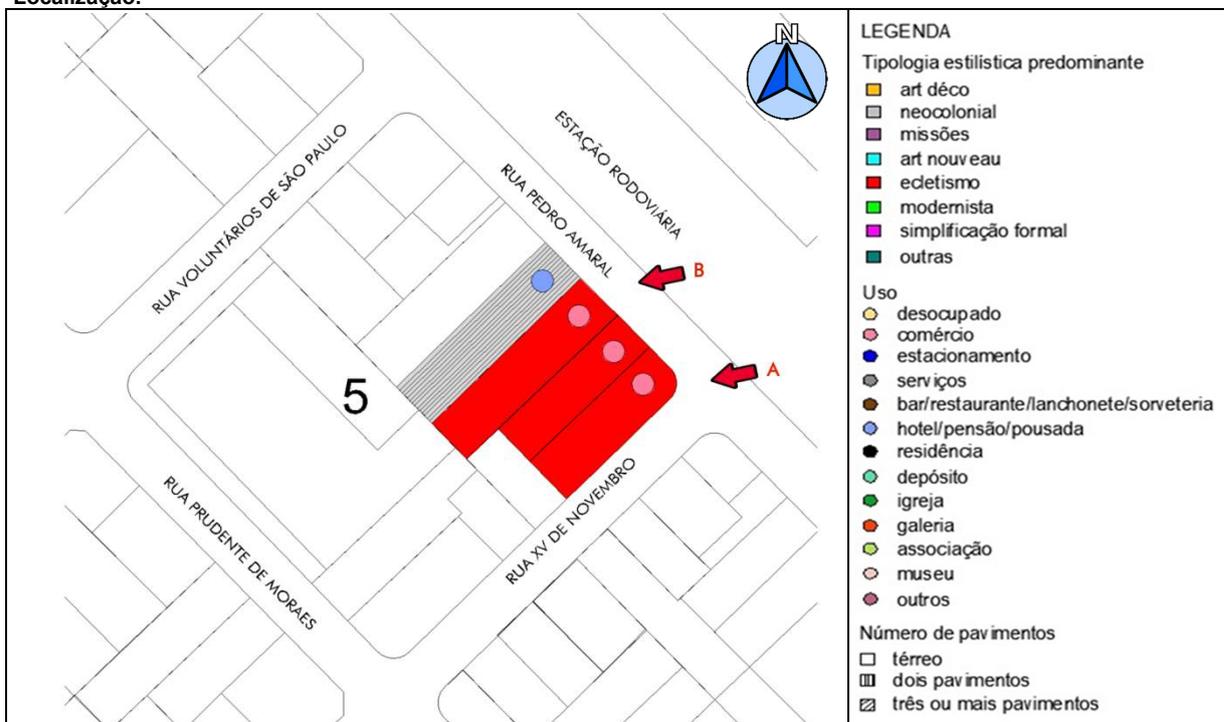
Nível de Proteção:

Não existe

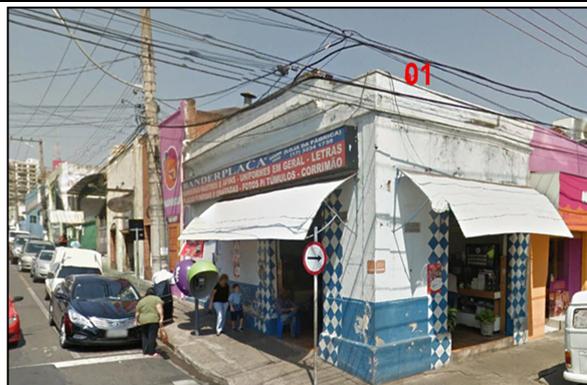
Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
05

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



B. Edificação 02 e 03

Contexto urbano original:

Quarteirão da Rua Pedro Amaral, Prudente de Moraes, XV de Novembro e Voluntários de São Paulo. Nesse quarteirão, há uma repetição da predominância de uso e estilística dos demais quarteirões da Rua Pedro Amaral, onde diversificam-se edificações da economia cafeeira, da década de 1920, e edificações da década de 1940, como o Hotel Rio Branco, um dos últimos remanescentes da ocupação do seguimento hoteleiro desse período. Os Hotéis serviram, originariamente, para abrigar os viajantes da Estação Ferroviária.

Contexto Atual:

As edificações ecléticas, da década de 1920/1930, foram adaptadas precariamente ao uso comercial que predomina na região. O Hotel permanece com o mesmo uso da década de 1940, entretanto, com frequência de público de baixa renda, geralmente viajantes que chegam pela Estação Rodoviária. Originariamente, os hotéis da área eram muito bem equipados e atendiam ao público de classe alta.

Estado de Conservação:

As edificações da década de 1920/1930 são as que apresentam maior deterioração, pelo uso inadequado se comparável à função original de Máquinas de Beneficiar ou Armazéns de café/algodão, entre outros. As edificações construídas na década de 1940 estão melhor conservadas, com uso compatível e, por isso mesmo, em melhor estado de conservação.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Repertório Eclético
- B. Edificação 02- Repertório Eclético
Edificação 03 – Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1920
- B. Edificação 02- 1920
Edificação 03- 1940

Mérito:

De conjunto, pois expressam os vários ciclos econômicos e consequentes ocupações pelos quais passou o Município, que no Centro tradicional, configuram-se em camadas sobrepostas no mesmo tecido urbano, assim como as tipologias estilísticas correspondentes, expressas nas edificações.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Construção que fez parte da estrutura da economia cafeeira/algodoeira.
- B. Edificação 02- Construção que fez parte da estrutura da economia cafeeira/algodoeira.
Edificação 03- Hotel

Uso Atual

- A. Edificação 01- Comércio
- B. Edificação 02- Comércio
Edificação 03- Hotel

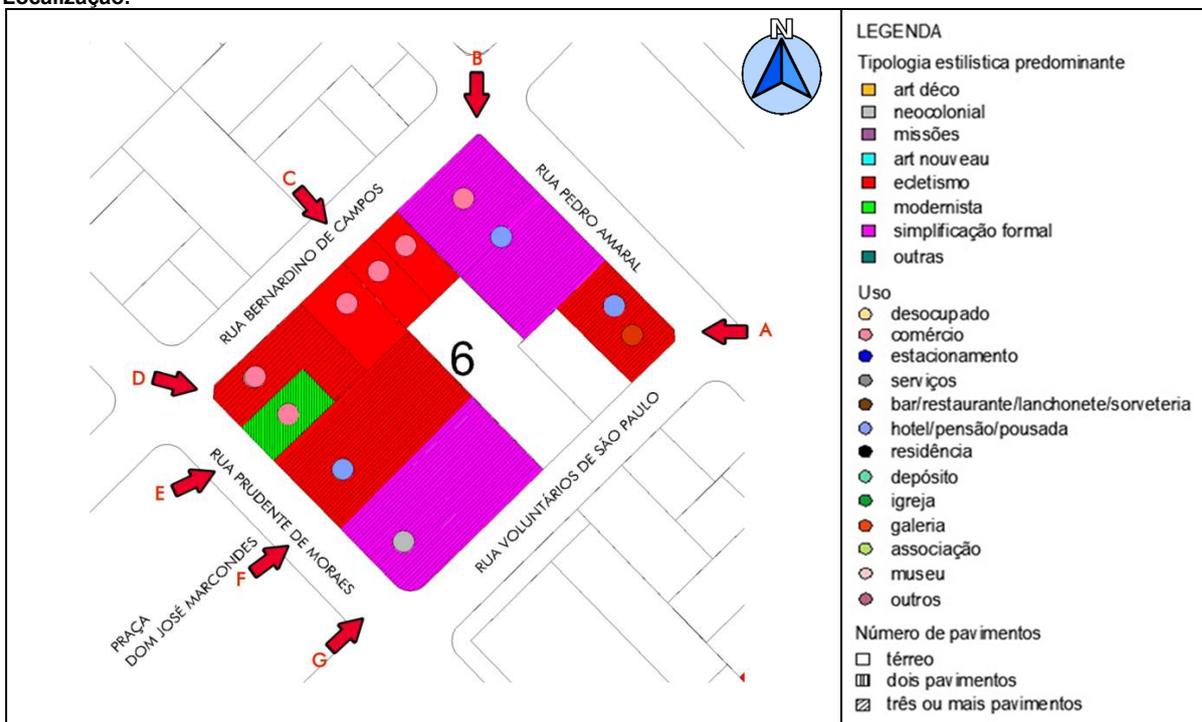
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
06

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



E. Edificação 05



B. Edificação 02



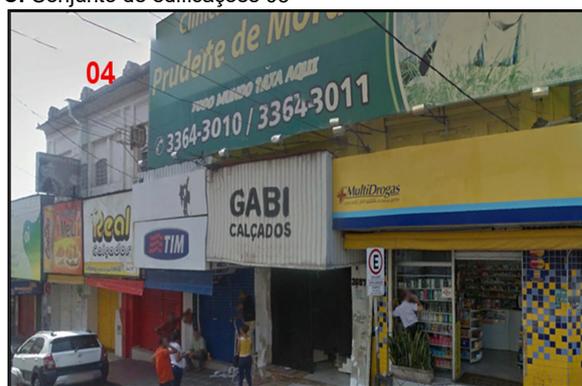
F. Edificação 06



C. Conjunto de edificações 03



G. Edificação 07



D. Edificação 04

Contexto urbano original:

Quarteirão entre as Rua Pedro Amaral, Prudente de Moraes, Voluntários de São Paulo e Bernardino de Campos. A face do quarteirão, originalmente voltada para o "Jardim Velho", hoje Praça Dom José Marcondes, foi relevante no contexto urbano do centro tradicional, onde na década de 1920, caracterizou-se por atividades sociais no período e em períodos posteriores. Ali já estiveram localizados o antigo coreto, a cadeia pública, agências bancárias e vários hotéis de luxo que atendiam os viajantes que chegavam pela Estação Ferroviária, construída em 1912. Uma das permanências mais relevantes é o Hotel que permanece com a mesma função desde 1920, embora tenha mudado de nome, anteriormente Hotel Términos e hoje Hotel Três Rios.

Contexto Atual:

Área economicamente ativa, onde predominam agências bancárias, consultórios de profissionais liberais e comércio menos popular do que no quarteirão com o lado voltado para a Rua Pedro Amaral e mais próximo à Estação Rodoviária. É uma área tradicionalmente onde impera o seguimento de "serviços". Existem ainda muitas lanchonetes e restaurantes com custo mais acessível e que atendem ao público que trabalha na região central. O prédio dos Correios e Telégrafos está ali localizado desde os anos 1970, onde, na década de 1920, esteve localizada a Cadeia pública. Este é o terceiro prédio dos Correios no Município.

É relevante observar que, com apenas 100 metros de distância, a área torna-se mais bem cuidada com relação à infraestrutura urbana, como calçamento, limpeza visual, cuidado com lixo, etc. Esse maior cuidado provavelmente tem relação com a ocupação, na sua maioria por agências de grandes bancos, comércio menos popular, edificações na sua maioria composta por construções que forma sendo implantadas a partir da década de 1940, diferentemente das edificações da Rua Pedro Amaral, que, em sua maioria, foram construídas na década de 1920. Além disso, as edificações integram uma melhor adequação com relação ao uso.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01 - As edificações remanescentes são ocupadas aleatoriamente e não condizem com a coerência tipológica para a qual foram erigidas. A adaptação precária resulta em um estado de deterioração e abandono.
- B. Edificação 02 - Bom estado de conservação, principalmente pela manutenção da função, desde a construção: comércio no pavimento térreo e hotel no pavimento superior, embora contenha pintura descaracterizante, em um imóvel originariamente revestido de pó de mica.
- C. Conjunto de edificações 03 - Edificações originariamente construídas para servir à infraestrutura da economia cafeeira, foram adaptadas precariamente ao comércio popular, contendo sujidade, aparência mal cuidada e publicidade excessiva.
- D. Edificação 04 - Construída na década de 1930, sempre com função comercial, mantém a sua integridade física, entretanto, completamente encoberta pela publicidade excessiva.
- E. Edificação 05 - Apresenta certo grau de sujidade, como a maioria das edificações da área central, aparentando certo descuido, próprio da região.
- F. Edificação 06 - Eclética, cujo repertório apresenta maior erudição e ornamentos característicos, que a difere da maioria das construções com repertório eclético, característico das edificações das máquinas de beneficiamento, depósitos e

outras, recorrentes nessa área.

G. Edificação 07 - Muito bem cuidada, por ser mais recente, década de 1970, e ter sido construída para a função de Correio.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01 - Eclética
- B. Edificação 02 - Simplificação formal do Neoclássico
- C. Conjunto de edificações 03 - Eclética
- D. Edificação 04 - Eclética
- E. Edificação 05 - Modernista
- F. Edificação 06 - Eclética
- G. Edificação 07 - Simplificação Formal do Neoclássico

Década Aproximada da Construção:

- A. Edificação 01 - 1920
- B. Edificação 02 - 1950
- C. Conjunto de edificações 03 - 1920
- D. Edificação 04 - 1930
- E. Edificação 05 - 1960
- F. Edificação 06 - 1920
- G. Edificação 07 - 1970

Mérito:

De conjunto, pois propicia uma visibilidade de leitura da sobreposição das épocas pelas quais passou o Centro Tradicional do Município.

Uso Original:

- A. Edificação 01 - Parte da infraestrutura da economia cafeeira
- B. Edificação 02 - Hotel no pavimento superior e comércio no térreo
- C. Conjunto de edificações 03 - Parte da economia da infraestrutura cafeeira
- D. Edificação 04 - Comércio
- E. Edificação 05 - Comércio no térreo e moradia no primeiro e segundo pavimentos
- F. Edificação 06 - Hotel
- G. Edificação 07 - Correio

Uso Atual:

- A. Edificação 01 - Comércio e lanchonete
- B. Edificação 02 - Hotel no pavimento superior e comércio, no térreo.
- C. Conjunto de Edificações 03 - Comércio
- D. Edificação 04 - Comércio
- E. Edificação 05 - Comércio
- F. Edificação 06 - Hotel
- G. Edificação 07 - Correios

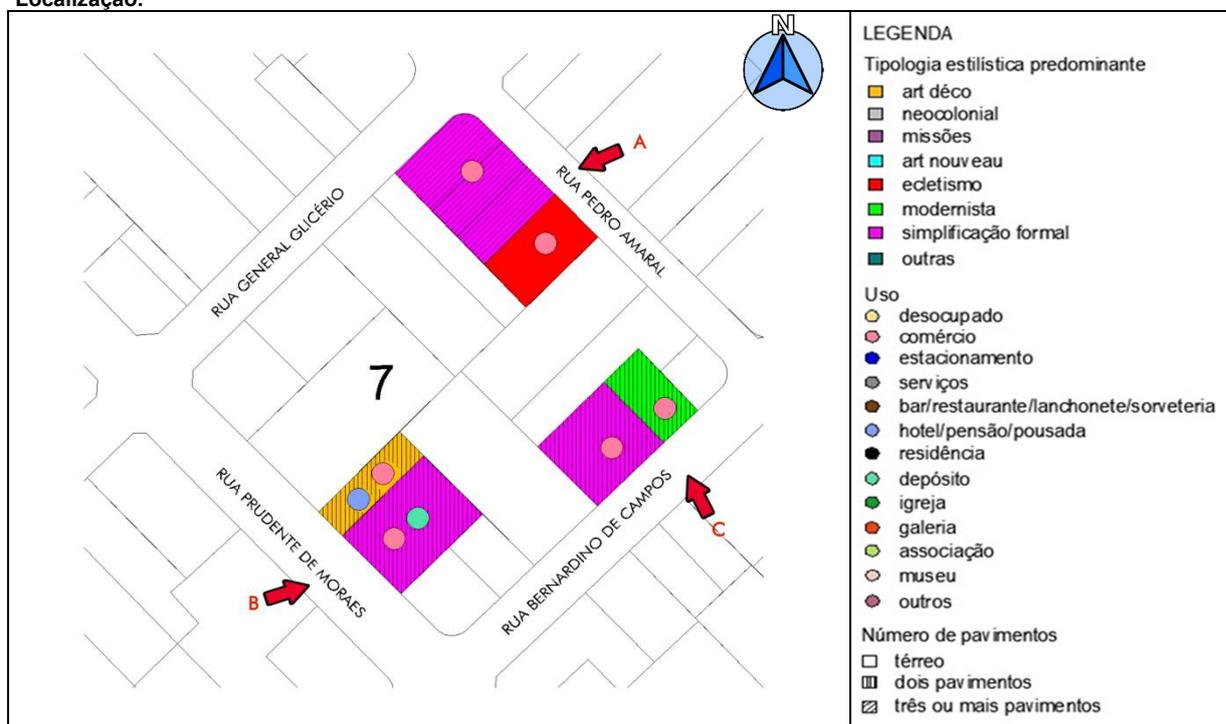
Nível de Proteção:

A, B, C, D, E, F, G - Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
07

Localização:



Permanências:



A. Edificações 01 e 02



C. Edificações 05 e 06



B. Edificações 03 e 04

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Pedro Amaral, Prudente de Moraes, Bernardino de Campos e General Glicério. Primeiro núcleo urbano do Município, localizado entre as Avenidas Alberto Andaló (antigo Córrego Canela), Bady Bassit (antigo Córrego Borá) e Rua Pedro Amaral (muito próxima do Rio Preto) e Rua Independência, mais tarde dominado por

propriedades particulares, o que acabou por constituir uma barreira para o crescimento. Assisti à implantação da Estação Ferroviária e, posteriormente, ao apogeu da economia cafeeira, devido à facilidade de escoamento do produto. Recebeu a renovação urbana do apogeu econômico de 1940, fruto da economia agroexportadora. Prenunciou a verticalização nos anos 1950, intensificada nos anos 1960. Como resultado, observa-se nas edificações camadas sobrepostas dos expressivos ciclos econômicos, no traçado urbano pouco modificado, proposto pelo engenheiro Ugolino Ugolini.

Contexto atual:

Edificações com linhas Ecléticas, que fizeram parte da estrutura da economia cafeeira, precariamente adaptadas ao comércio popular que predomina na região do centro tradicional, principalmente ao longo da Rua Pedro Amaral. Área bastante prejudicada com relação à infraestrutura urbana e à segurança. O calçamento está em péssimo estado de conservação, principalmente na área próxima à Estação Ferroviária. As fachadas originais estão ocultas sob letreiros que denotam a concorrência do comércio. São comuns as cercas de arame farpado, que denunciam a falta de segurança do local.

Estado de Conservação:

As edificações 01 e 02 apresentam melhor estado de conservação. As edificações 03, 04, 05 e 06, apresentam maior grau de deterioração e precariedade. As áreas mais deterioradas ficam mais próximas à Estação Rodoviária, onde, via de regra, se percebe maior descuido com a infraestrutura urbana, fiação exposta, sujidade e menor segurança. A proximidade das Praças Dom José Marcondes e Ruy Barbosa e do Shopping Central traz mais qualidade às edificações. A publicidade excessiva predomina; poucas edificações têm fachada livre.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01 - Eclética
Edificação 02 - Modernista
- B. Edificação 03 - Art Déco
Edificação 04 - Simplificação formal do Neoclássico
- C. Edificação 05 - Eclética
Edificação 06 - Simplificação formal do Moderno

Década Aproximada da Construção:

- A. Edificação 01 - Década de 1920
Edificação 02 - Década de 1960
- B. Edificação 03 e 04 - Década de 1940
- C. Edificação 05 - Década de 1950
Edificação 06 - Década de 1960

Mérito:

De conjunto, pois permite uma leitura da sobreposição das camadas dos diversos ciclos econômicos e da tipologia estilística que compuseram o tecido urbano do centro tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01 - Infraestrutura da economia cafeeira
Edificação 02 - Comércio no térreo e residência nos pavimentos superiores
- B. Edificações 03 e 04 - Comércio no térreo e residência nos pavimentos superiores
- C. Edificações 05 e 06 - Comércio no térreo e residência nos pavimentos superiores

Uso Atual:

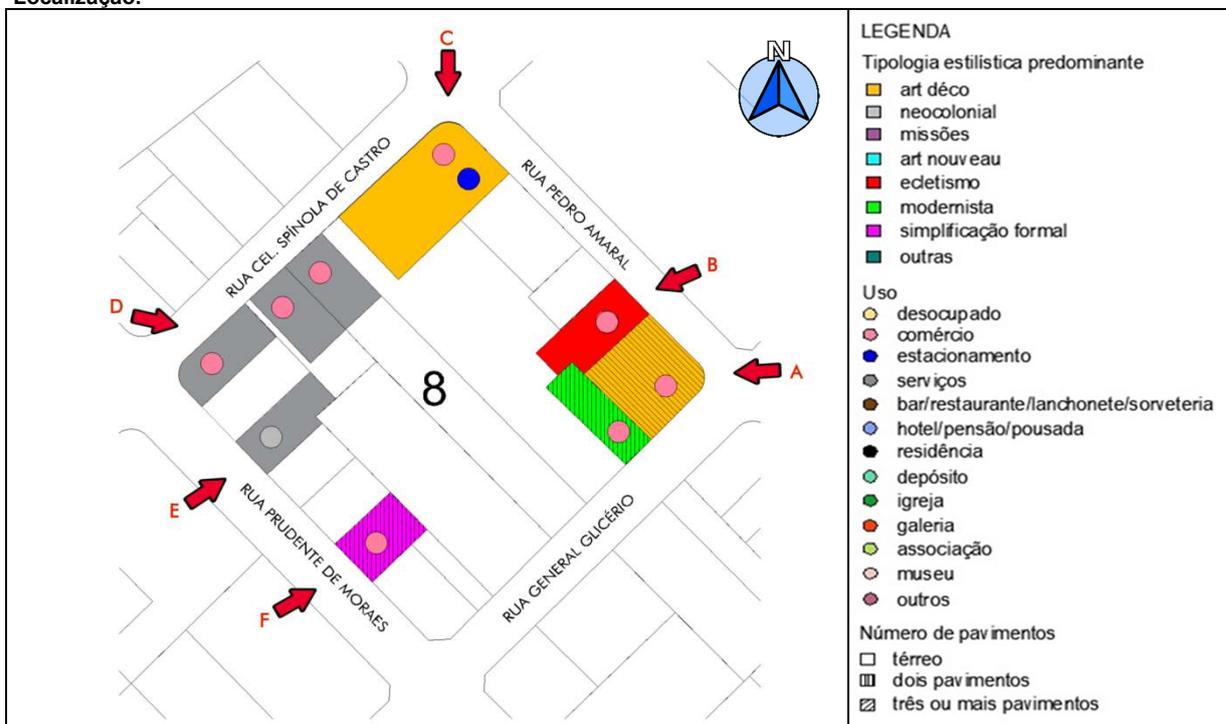
- A. Edificação 01 - Serviços e Comércio
Edificação 02 - Comércio
- B. Edificação 03 - Pensão e Comércio
Edificação 04 - Comércio
- C. Edificações 05 e 06 - Comércio

Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto **FICHA 08**

Localização:



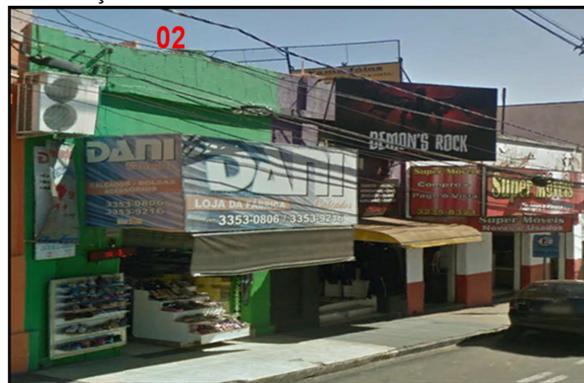
Permanências:



A. Edificação 01



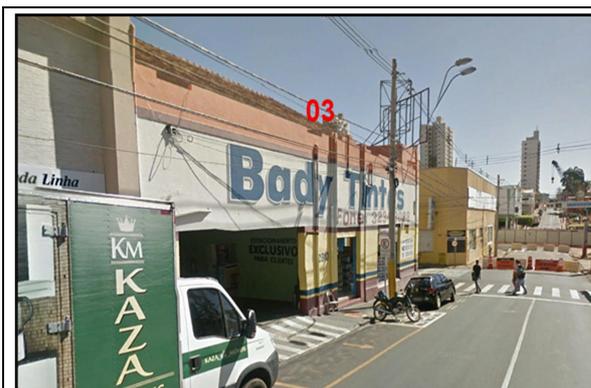
D. Edificações 04 e 05



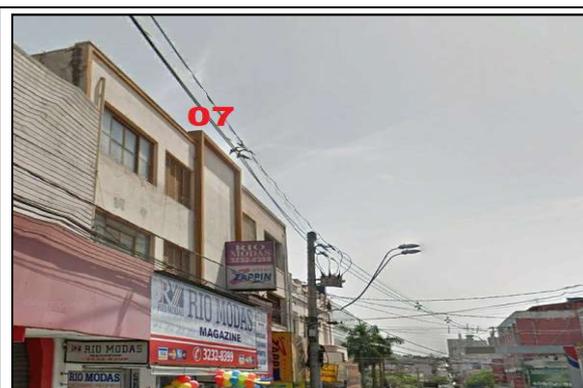
B. Edificação 02 (Fonte: Google Earth)



E. Edificação 06



C. Edificação 03



F. Edificação 07 (Fonte: Google Earth)

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Pedro Amaral, Prudente de Moraes, General Glicério e Coronel Spínola de Castro. Centro Tradicional do Município, localizado entre as Avenidas Alberto Andaló (antigo Córrego Canela) e Bady Bassit (antigo Córrego Borá) e as Ruas Pedro Amaral (próxima ao Rio Preto) e Independência, cuja barreira de crescimento devia-se às inúmeras terras de propriedades particulares. Até a década de 1960, havia uma diversificação relativa ao uso: residências ficavam próximas ao comércio, aos bares, vendas e outras ocupações. As atividades eram desenvolvidas ao redor das Praças Centrais: Jardim Velho (atual Praça Dom José Marcondes), São José (hoje praticamente inexistente, após a construção da nova Catedral) e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo). De acordo com o professor Agostinho Brandi, principalmente a partir da década de 1940, os imóveis nesta área eram ocupados por profissionais liberais, com o consultório no pavimento térreo e a residência no pavimento superior, como na edificação 01.

Contexto Atual:

Predomina o comércio popular, que não dialoga com o contexto urbano ou com a tipologia das edificações, adaptadas de forma precária ao novo uso. A infraestrutura urbana é precária, entretanto mais cuidada ao aproximar-se das Avenidas, Alberto Andaló ou Bady Bassit e distanciar-se do trecho da Estação Rodoviária, onde o comércio popular é mais intenso.

Estado de Conservação:

As edificações mantêm sua integridade física, permitindo a leitura dos diversos ciclos econômico pelos quais o Centro Tradicional passou. Porém, a inadequação aos novos usos e a falta de infraestrutura urbana (calçamento, iluminação, regulamentação do uso de propaganda, segurança, limpeza) prejudicam a região, que não usufrui de toda sua potencialidade, apesar de manter sua relevância histórico-cultural.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01 - Art Déco
- B. Edificação 02 - Eclética
- C. Edificação 03 - Art Déco
- D. Edificações 04 e 05 - Neocolonial
- E. Edificação 06 - Bangalô Neocolonial
- F. Edificação 07 - Simplificação formal do Moderno

Década Aproximada da Construção:

- A. Edificação 01 - Década de 1940
- B. Edificação 02 - Década de 1920
- C. Edificação 03 - Década de 1940
- D. Edificação 04 - Década de 1920/1930
- Edificação 05 - Década de 1930/1940
- E. Edificação 06 - Década de 1940
- F. Edificação 07 - Década de 1960

Mérito:

De conjunto, pois permite uma leitura didática dos vários ciclos econômicos pelos quais passou o Município, além da renovação urbana e da tipologia estilística que acompanhou cada período.

Uso Original:

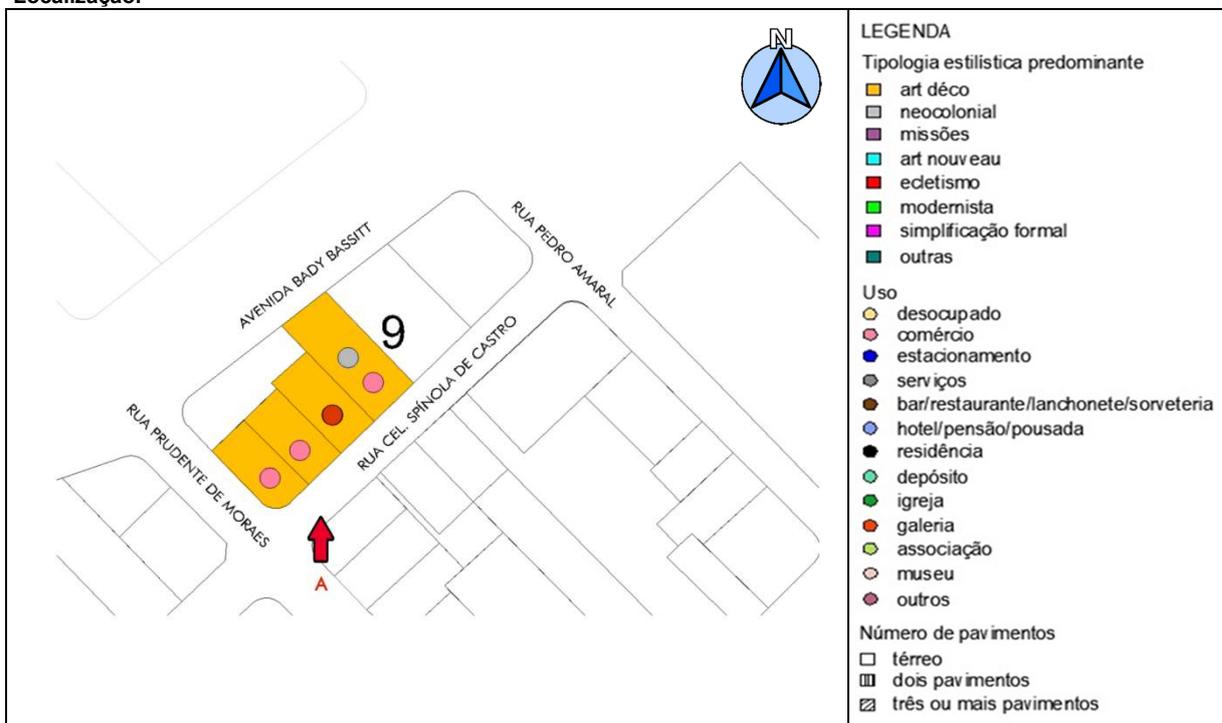
- A. Edificação 01 - Comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior
- B. Edificação 02 - Infraestrutura da economia cafeeira
- C. Edificação 03 - Galpão comercial
- D. Edificações 04 e 05 - Residências
- E. Edificação 06 - Residência
- F. Edificação 07 - Comércio no pavimento térreo e residência no 2º e no 3º pavimentos

Uso Atual:

- | |
|---|
| <p>A. Edificação 01 - Comércio
B. Edificação 02 - Comércio
C. Edificação 03 - Comércio
D. Edificações 04 e 05 - Comércio
E. Edificação 06 - Prestação de Serviços
F. Edificação 07 - Comércio</p> |
|---|

Nível de Proteção:

Não existe

Localização:**Permanências:**

A. Conjunto de edificações com repertório Déco

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Pedro Amaral, Prudente de Moraes, Coronel Spínola de Castro e Avenida Bady Bassitt. O Núcleo Urbano inicial, desprovido de infraestrutura, foi gradativamente sendo povoado, principalmente com a vinda da Estação Ferroviária, em 1912. Aos poucos, a infraestrutura que servia à economia cafeeira (agências bancárias, máquinas de beneficiamento e de café) foi constituindo a paisagem do Centro Tradicional. Nos anos 1940, com o apogeu da economia agroexportadora, houve um processo de renovação: muitos edifícios antigos foram demolidos e substituídos por edificações que expressavam a modernidade almejada, como nestes exemplos, com repertório Déco.

Contexto Atual:

Área ocupada por galpões comerciais (oficinas para motos e bicicletas, lanchonetes, entre outros). Aparece maior integridade física e aspecto menos deteriorado, provavelmente pelo fato de ser mais recente que as primeiras edificações de 1920, mais próximas à Estação Rodoviária. A publicidade excessiva permanece, não havendo regulamentação para controle.

Estado de Conservação:

As edificações mantêm sua integridade física, permitindo a leitura tipológica. Porém, carecem de maior cuidado relativo à conservação e, principalmente, à infraestrutura urbana: calçamento, fiação, sinalização, limpeza, segurança e iluminação, entre outros aspectos.

Tipologia Estilística Predominante:

Art Déco

Década Aproximada da Construção:

1940

Mérito:

De conjunto, pois existe uma coerência entre os remanescentes, permitindo uma leitura dos diversos ciclos econômicos pelos quais passou o Município, se observarmos a tipologia estilística das edificações, bem como as transformações relativas ao uso e à renovação urbana.

Uso Original:

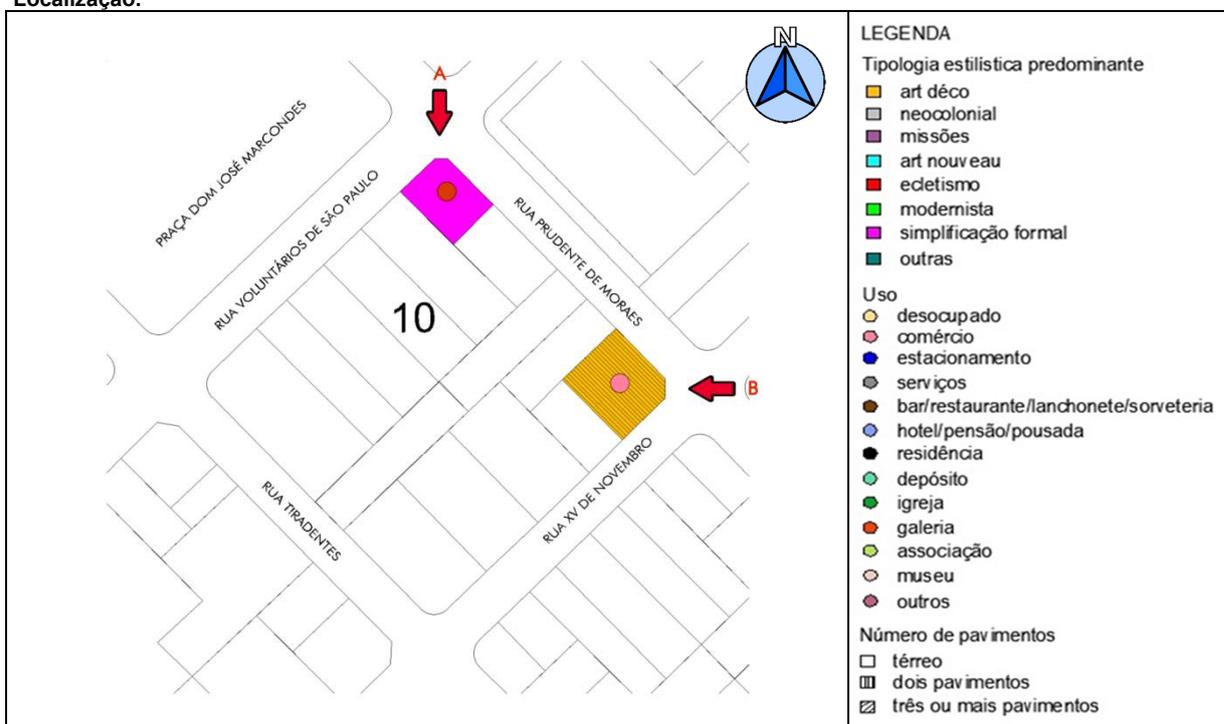
Galpões, parte da infraestrutura da economia agroexportadora

Uso Atual:

Comércio. A utilização original foi substituída pelo comércio que predomina na Região Central, provavelmente para beneficiar a economia agroexportadora dos anos 1940. Apesar disso, o dinamismo permanece, carecendo, apenas, de melhorias na infraestrutura urbana.

Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto
**FICHA
10**
Localização:

Permanências:

A. Edificação que apresenta Simplificação formal do Art Déco

B. Edificação Art Déco

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Prudente de Moraes, Tiradentes, XV de Novembro e Voluntários de São Paulo. Área que, desde a década de 1920, apresenta uso diversificado: residências, hotéis, serviços, agências bancárias e outras edificações faziam parte da infraestrutura da economia cafeeira e, posteriormente, algodoeira. Nos anos 1940, passou por uma renovação urbana, com a demolição de antigos prédios e construção de outros, normalmente apresentando repertório déco para edificações comerciais e neocolonial para edificações residenciais, com algumas exceções.

Contexto Atual:

As edificações, antigas e remanescentes, foram sendo ocupadas por comércio, bares e restaurantes, entre outras ocupações, a partir da desativação da Estação Ferroviária para o transporte de passageiros, na década de 1970, tornando a área de uso predominantemente popular. Entretanto, permanece como um centro ativo, vivo, com grande número de agências bancárias, serviços e principalmente comércio. À medida que se distancia da Estação Ferroviária, a infraestrutura urbana, bem como a limpeza visual e calçamento, apresenta um maior cuidado.

Estado de Conservação:

As edificações apresentam bom estado de conservação e permanecem íntegras em sua volumetria e tipologia estilística, apresentando, entretanto, certo descuido com relação à aparência, à adaptação de uso e ao tratamento de cores, que poderiam envolver prospecções pictóricas ou mesmo um cuidado com a manutenção.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Simplificação formal do Art Déco
- B. Repertório Déco

Década Aproximada da Construção:

A e B – 1940

Mérito:

De conjunto, pois são edificações que estão inseridas em um contexto urbano expressivo da renovação urbana ocorrida na década de 1940, características do apogeu econômico ocorrido no período. Os remanescentes apresentam coerência entre si, alguns de épocas anteriores, mas que demonstram as transformações urbanas ocorridas na área central, nesta análise denominada “ilha”, localizada entre as Avenidas Alberto Andaló (Antigo córrego Canela) e Bady Bassit (antigo Córrego Borá) e as Ruas Pedro Amaral e Independência, primeiro núcleo construído do município, denominado também como Centro Tradicional. A pesquisa configura uma possibilidade da leitura da paisagem urbana remanescente entre as décadas de 1920 e 1960, objeto dessa análise.

Uso Original:

- A. Não identificado
- B. Não identificado

Uso Atual:

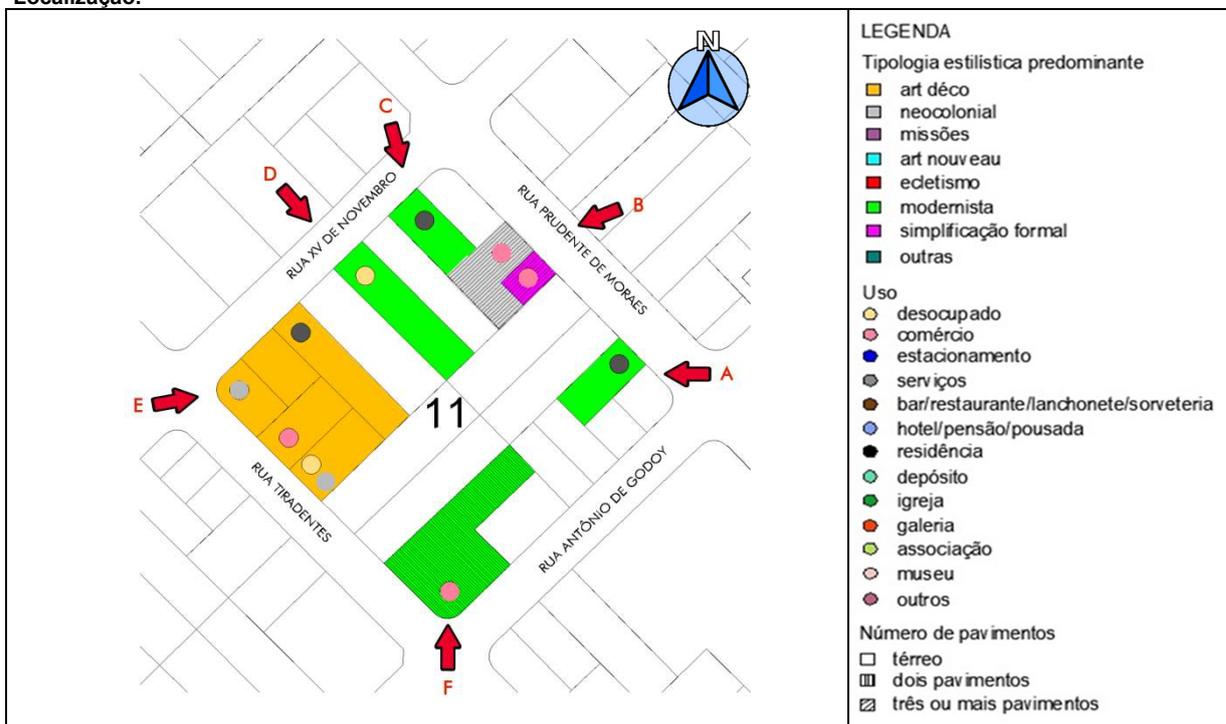
- A. Restaurante - edificação adaptada ao novo uso
- B. Galpão provavelmente construído para dar suporte à atividade agroexportadora, hoje adaptado para as atividades comerciais que predominam na região do centro tradicional

Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto **FICHA 11**

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 04



B. Edificação 02 e 03



D. Edificação 05



E. Edificação 06 e 07



F. Edificação 08

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Prudente de Moraes, Tiradentes, Antônio de Godoy e XV de Novembro. Área com predominância residencial, onde se observa uma renovação urbana, ocorrida provavelmente na década de 1960, devido à tipologia estilística utilizada nas residências, quase todas com marquises, pergolados de concreto, pilotis e outros elementos utilizados com repertório “Moderno”. Essas edificações convivem com alguns galpões e uma residência, construídos entre as décadas de 1920 e 1930, provavelmente pertencentes à infraestrutura da economia cafeeira e, posteriormente, algodoeira.

Contexto Atual:

Várias construções dessa área foram adaptadas ao comércio ou serviços que predominam na região do Centro Tradicional; entretanto, algumas permanecem como residências, algo incomum hoje, dentro da “ilha” contida entre as Avenidas Alberto Andaló e Bady Bassit e as Ruas Pedro Amaral e Independência. Algumas residências encontram-se desocupadas.

Estado de Conservação:

As edificações mantêm a integridade física e as características tipológicas. Contudo, existe certo ar de abandono com relação à infraestrutura urbana, como calçamento, iluminação, segurança e outros. Algumas edificações apresentam pichações.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01 – Modernista
- Edificação 02 - Simplificação formal do Moderno
- B. Edificação 03- Neocolonial
- C. Edificação 04 - Modernista
- D. Edificação 05 - Modernista
- E. Edificação 06 - Art Déco
- Conjunto de Edificações 07- Art Déco
- F. Edificação 08- Simplificação formal do Moderno

Década Aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1960
- Edificação 02- 1960
- B. Edificação 03 – 1940
- C. Edificação 04- 1960
- D. Edificação 05- 1960
- E. Edificação 06- 1940
- Conjunto de Edificações 07- 1940
- F. Edificação 08 – 1960

Mérito:

A,B,C,D,E,F - De conjunto – esses exemplares expressam os vários ciclos econômicos pelos quais passou o Município, além da renovação urbana que foi ocorrendo em cada período, e nessa área, caracterizando principalmente a década de 1960.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- Edificação 02- Comércio no térreo e residência no pavimento superior
- B. Edificação 03- Residência
- C. Edificação 04 – Residência
- D. Edificação 05- Residência
- E. Edificação 06- Residência
- Conjunto de Edificações 07- Infraestrutura da economia cafeeira/algodoeira
- F. Edificação 08- Comércio pav. térreo e residência, demais pavimentos

Uso Atual:

- | |
|---|
| <p>A. Edificação 01- Residência
B. Edificação 02- Comércio
Edificação 03 - Comércio
C. Edificação 04- Residência
D. Edificação 05- Desocupada
E. Edificação 06- Residência
Conjunto de Edificações 07- Comércio
F. Edificação 08 - Comércio</p> |
|---|

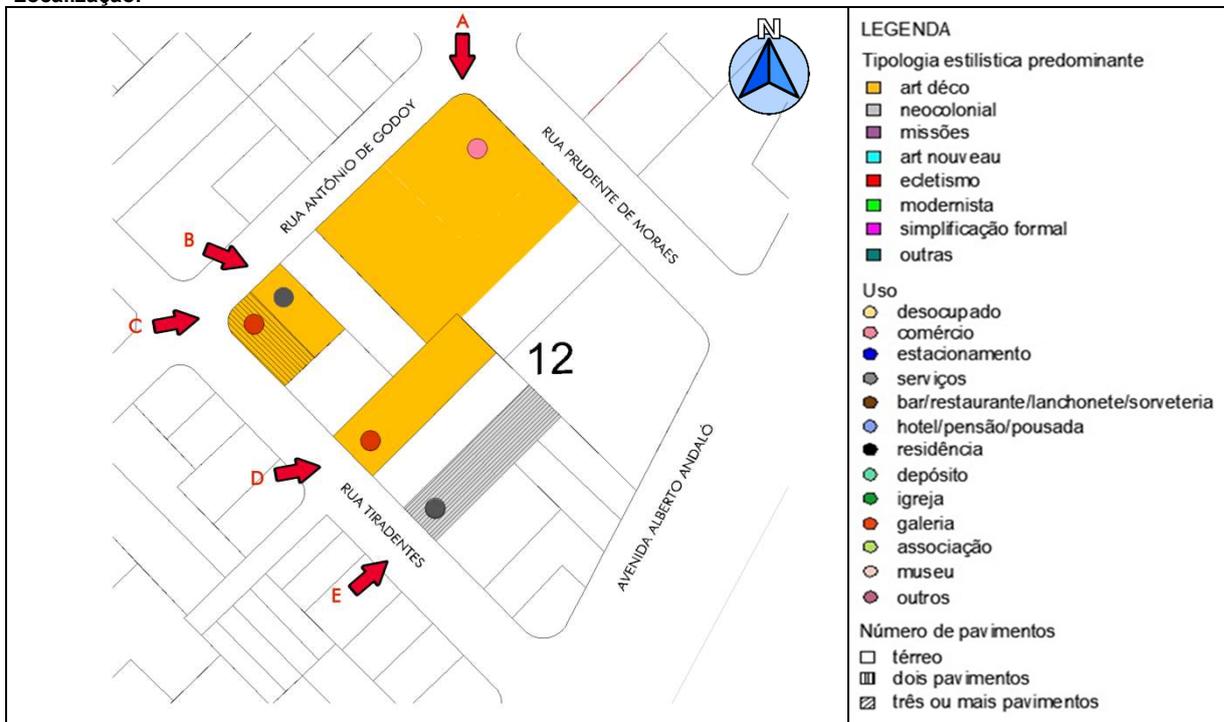
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
12

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 04



B. Edificações 02 e 03



D. Edificação 05

Contexto urbano original:

Quartirão contido entre as Ruas Prudente de Moraes, Tiradentes, Antônio de Godoy e Av. Alberto Andaló. Área com utilização mista, residencial e comercial. À medida que se aproxima da Avenida Alberto Andaló, o número de edificações com função residencial aumenta, assim como melhora a infraestrutura urbana.

A edificação 05 pertence ainda hoje à família "Tonello", cujo patriarca, Oswaldo Tonello, foi um dos primeiros construtores da cidade, tendo chegado a São José do Rio Preto na década de 1920 e participado da edificação de várias obras relevantes para o Município. Ele escreveu um livro, "Memória de Oswaldo Tonello", em que relata com muita lucidez a São José do Rio Preto dos anos 1920 e que foi utilizado como referência bibliográfica dessa pesquisa.

Contexto Atual:

As edificações próximas ao eixo central, composto pelas Praças Dom José Marcondes (antigo Jardim Velho), Praça da Matriz (antiga Praça São José) e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo), adquirem no contexto atual a ocupação como função comercial ou de serviços. Observa-se que a distância da Estação Rodoviária, onde o comércio popular é mais ativo, faz com que a infraestrutura urbana se apresente mais aprimorada, principalmente com relação ao calçamento e limpeza. As residências construídas na década de 1940 permanecem com a mesma função.

Estado de Conservação:

Mantêm sua integridade física e características tipológicas. Entretanto, as edificações 02, 03 e 04 apresentam certo ar de abandono e pichações. A edificação 03 apresenta publicidade excessiva e, embora esteja próxima muito à edificação 05, observa-se uma diferença de tratamento e limpeza visual entre as duas, provavelmente em função do uso residencial da edificação 05.

Nas edificações 01, 02, 03 e 04, houve mudança na caixilharia, tais como: redução de dimensão, troca de caixilhos e fechamento de vãos.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Art Déco
- B. Edificação 02- Art DArt
- Edificação 03 – Art Déco
- C. Edificação 04 - Art Déco
- D. Edificação 05- Neocolonial

Década Aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- B. Edificação 02- 1940
- Edificação 03- 1940
- C. Edificação 04- 1940
- D. Edificação 05- 1950

Mérito:

De conjunto. Esses exemplares expressam os vários ciclos econômicos, além da renovação urbana que foi ocorrendo ao longo de várias décadas.

Uso Original:

- A. Edificação 01 - Infraestrutura da economia cafeeira/algodoeira
- B. Edificação 02 - Residência
- Edificação 03 - Comércio no térreo e residência no pavimento superior
- C. Edificação 04 - Não identificado
- D. Edificação 05 - Residência

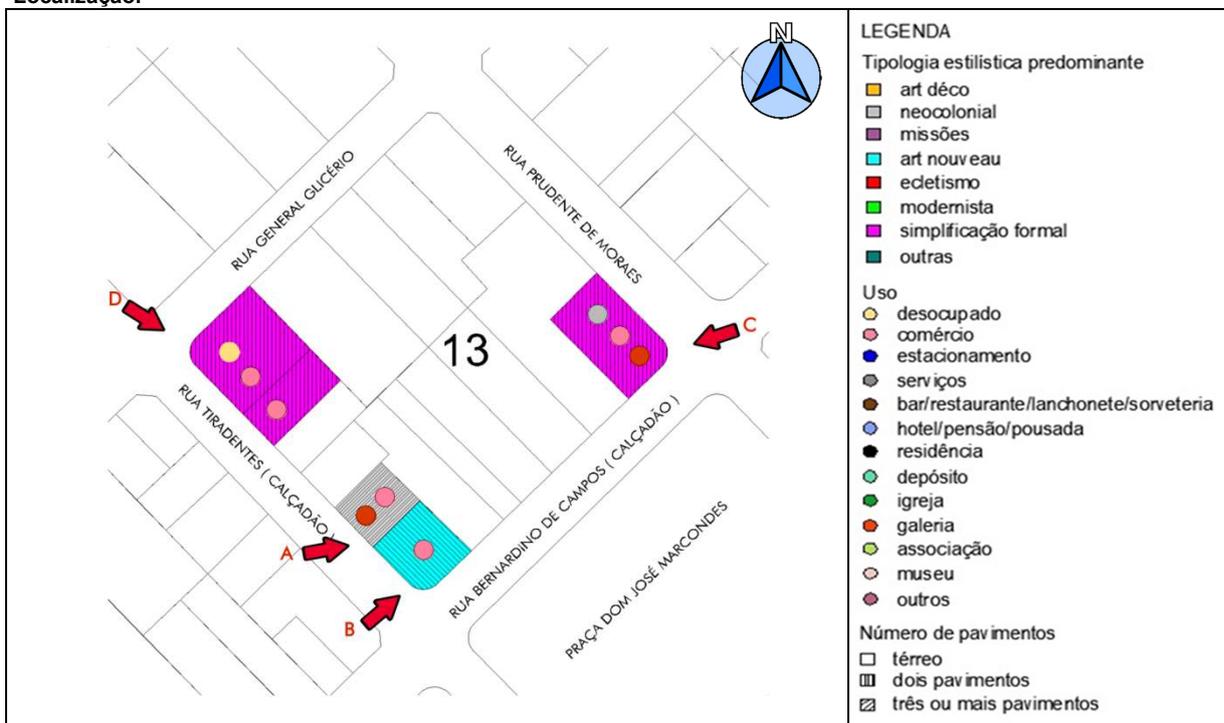
Uso Atual:

- A. Edificação 01- Comércio
- B. Edificação 02 – Residência
- Edificação 03 – Comércio
- C. D. Edificação 05 - Restaurante
- D. Edificação 06 - Residência

Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 (Fonte: Google Earth)



C. Edificação 03



B. Edificação 02



D. Edificação 04 – Fonte: Google Earth

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Prudente de Moraes, Tiradentes, Bernardino de Campos e General Glicério. Núcleo principal do centro tradicional do Município, próximo ao antigo Jardim Velho, onde estavam localizados, na década de 1920, o cruzeiro de fundação da cidade e o coreto, hoje Praça Dom José Marcondes (antigo Jardim Velho) e Praça da Matriz

(antiga Praça São José). A área do eixo central do centro tradicional foi palco de várias transformações urbanas, assistindo ao apogeu econômico dos anos 1940. A edificação 02, uma das mais tradicionais papelarias implantadas no centro, foi produzida nesse contexto, prenunciando a verticalização iniciada naquela década e intensificada a partir das duas décadas seguintes. Na década de 1970, assistiu à implantação do calçadão.

Contexto Atual:

A área central, transformou-se em calçadão, na década de 1970. Atualmente, predomina um comércio com melhor qualidade do que a área próxima à Estação Rodoviária, atendendo ao público que trabalha e transita no centro para realizar compras, além da frequência de um público que procura um comércio específico, como aviamentos, lojas de tecidos, peças de eletrodomésticos, e outros. Predominam também agências bancárias e restaurantes com preço acessível, localizados nessa região. A infraestrutura urbana tem melhor qualidade, com relação à limpeza urbana, poluição visual e calçamento.

Estado de Conservação:

A, B, C, D - Mantêm sua integridade física e características tipológicas, entretanto apresentam certo descuido e sujidade, deterioração e publicidade excessiva. A edificação 02 foi descaracterizada com relação à pintura, pois originalmente era revestida de pó de mica. Essas descaracterizações e a falta de cuidado com as permanências revelam o caráter de improviso referente à nova utilização das antigas edificações, bem como a falta de uma política preservacionista em uma área de relevância histórica e cultural do Município, principalmente por ter sido o primeiro Núcleo Urbano e palco das transformações socioeconômicas ocorridas durante diferentes períodos.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Neocolonial
- B. Repertório Art Nouveau
- C. Simplificação formal do Moderno
- D. Simplificação formal do Moderno

Década Aproximada da Construção:

- A. 1940
- B. 1940
- C. 1960
- D. 1960

Mérito:

De conjunto, pois esses exemplares revelam as "permanências" que expressam os vários ciclos econômicos, além da renovação urbana que foi ocorrendo durante as várias décadas no centro tradicional do Município.

Uso Original:

- A. Comércio no térreo e residência no pavimento superior
- B. Livraria, papelaria e loja de artigos escolares
- C. Comércio e serviços no térreo e residencial demais pavimentos
- D. Comércio e serviços no térreo e residencial demais pavimentos

Uso Atual:

- A. Comércio
- B. Papelaria e loja de artigos escolares
- C. Comércio
- D. Comércio

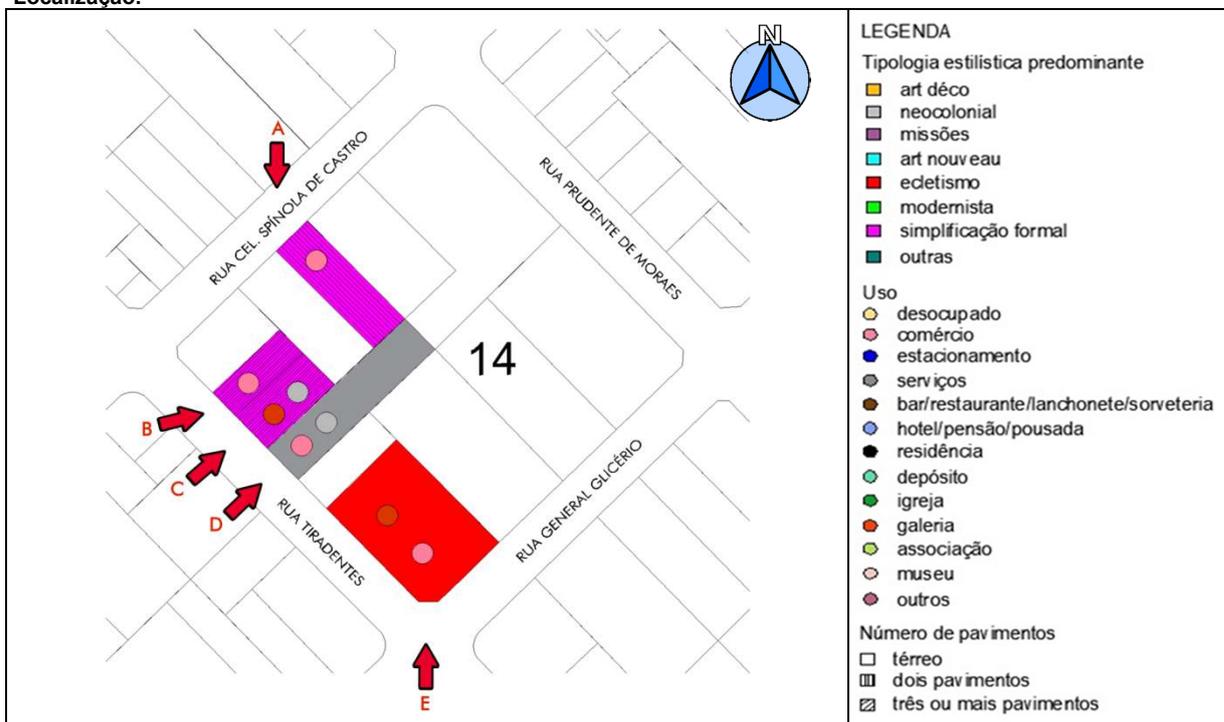
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
14

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 (Fonte: Google Earth)



C. Edificação 03



B. Edificação 02 (Fonte: Google Earth)



D. Edificação 04 (Fonte: Google Earth)



E. Edificação 05 (Fonte: Google Earth)

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Prudente de Moraes, Tiradentes, General Glicério e Coronel Spínola de Castro. Área que caracterizou as transformações urbanas do Município, tendo sido palco das várias renovações ocorridas entre a década de 1920 e a década de 1960, recorte temporal dessa pesquisa. A arquitetura vernacular da edificação 04, provavelmente da década de 1920, permanece, apesar de todas as mudanças. É recorrente nessa área a tipologia de edificação de linhas modernistas, que apresentam simplificação formal e que, originalmente, tinham a função de comércio no térreo e residência nos pavimentos superiores. Essa tipologia data da renovação urbana das décadas de 1950/1960.

Contexto Atual:

O local hoje está deteriorado e ocupado de forma inadequada, adaptado precariamente ao comércio que predomina na região do Centro Tradicional. Não raras vezes, o pavimento superior serve como depósito.

Estado de Conservação:

- A. Mantém sua integridade física, entretanto com aspecto de abandono.
- B. Mantém sua integridade física, embora com publicidade excessiva.
- C. Mantém sua integridade física, embora com publicidade excessiva.
- D. Péssimo estado de conservação. Edificação obscurecida atrás de publicidade excessiva.
- E. Mantém sua integridade física, atrás de publicidade excessiva.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Simplificação formal do "Moderno"
- B. Simplificação formal do "Moderno"
- C. Simplificação formal do "Moderno"
- D. Colonial (vernacular)
- E. Eclética

Década Aproximada da Construção:

- A. 1960
- B. 1960
- C. 1960
- D. 1920
- E. Entre 1920 e 1930

Mérito:

De conjunto, pois caracteriza os vários ciclos econômicos pelos quais passou o Centro Tradicional de São José do Rio Preto, as várias renovações urbanas e a forma de ocupação.

Uso Original:

- A. Comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior
- B. Comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior
- C. Comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior
- D. Residência
- E. Infraestrutura da economia cafeeira/algodoeira

Uso Atual:

- A. Comércio
- B. Comércio
- C. Comércio no térreo e serviços no pavimento superior
- D. Restaurante e comércio
- E. Comércio

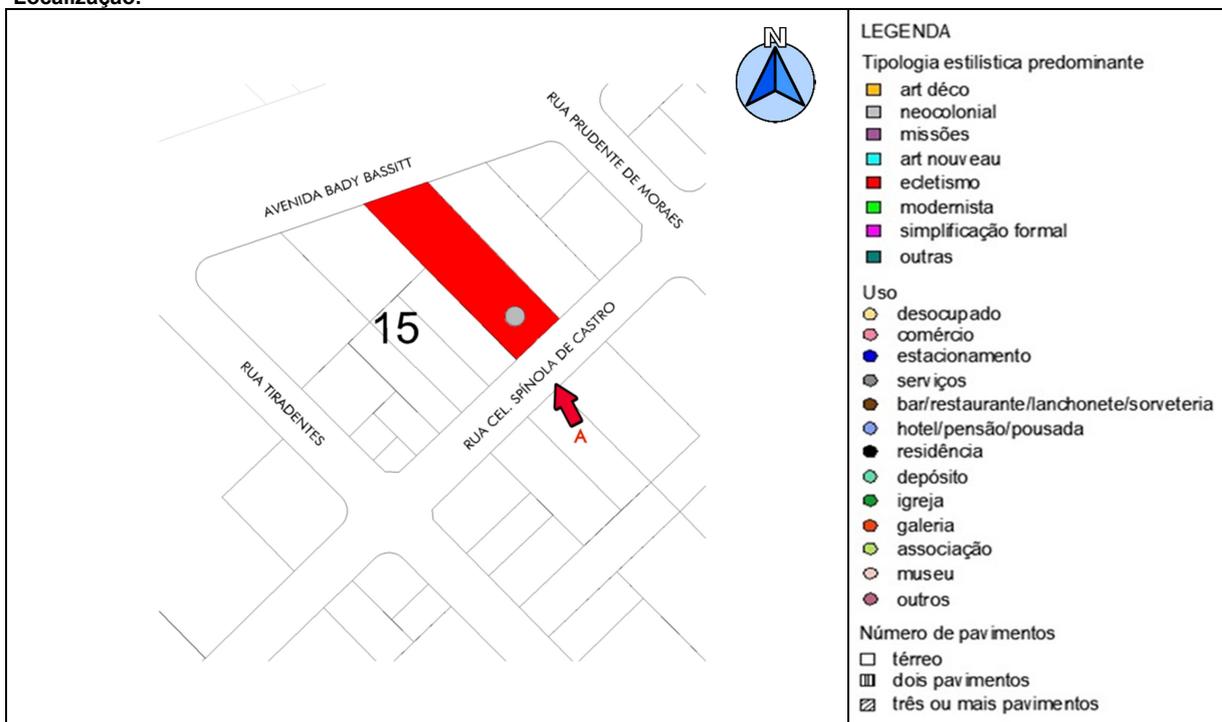
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
15

Localização:



Permanências:



A. Eclética (Fonte: Google Earth)

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Prudente de Moraes, Tiradentes e Coronel Spínola de Castro e a Avenida Bady Bassit. Edificação Eclética, construída entre as décadas de 1920 e 1930, originalmente parte das infraestruturas cafeeira e algodoeira, entre outras que vieram posteriormente e que predominaram nessa região no período mencionado.

Contexto atual:

O local hoje é dominado por comércio popular e serviços. O que se evidencia não é a ocupação popular, e sim a adaptação inadequada das edificações, a publicidade excessiva, que esconde a tipologia original, e a falta de infraestrutura urbana apropriada (fiação exposta e desorganizada, insegurança, calçamento precário, entre outros itens).

Estado de Conservação:

A edificação se mantém íntegra, porém apresenta aspecto de descuido e elementos que a descaracterizam, como publicidade excessiva e gradil descontextualizado da tipologia estilística

Tipologia Estilística Predominante:

Eclética

Década Aproximada da Construção:

1920/1930

Mérito:

De conjunto, pois o exemplar é mais um entre tantos que expressam o contexto urbano do apogeu da economia cafeeira que predominou na região entre as décadas de 1920 e 1930.

Uso Original:

Infraestrutura da economia cafeeira

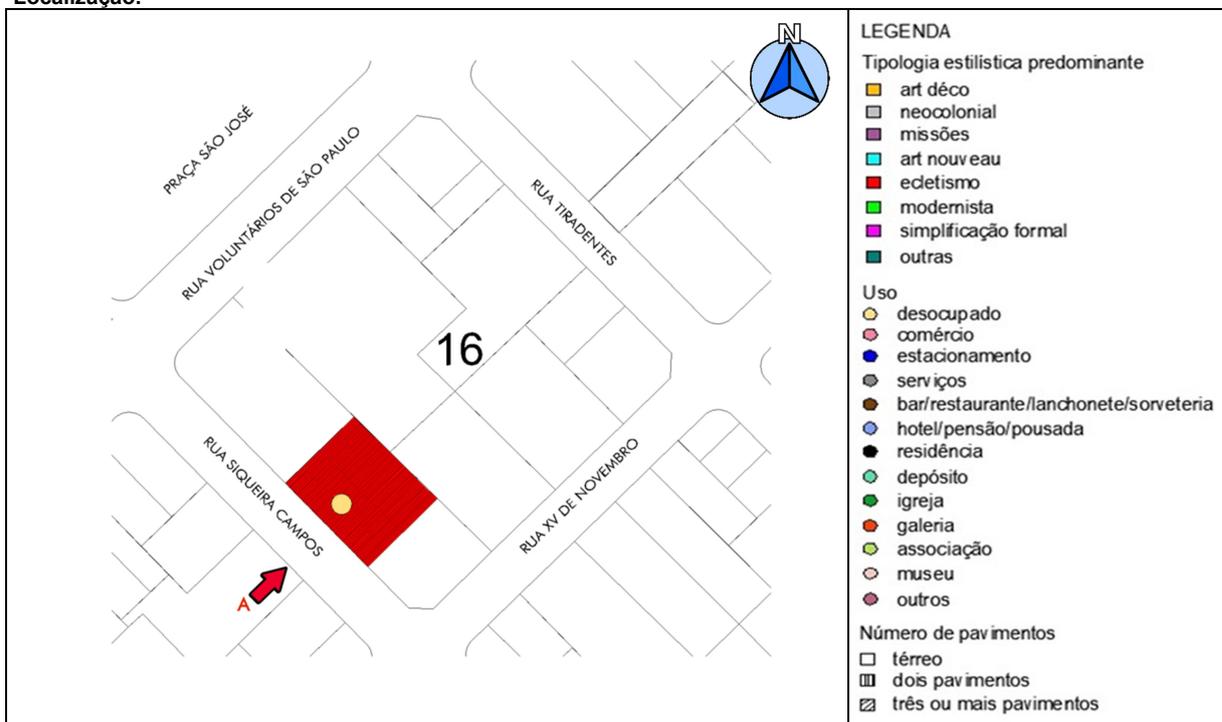
Uso Atual:

Serviços

Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01- Eclética

Contexto Urbano:

Quarteirão contido entre as Ruas Siqueira Campos, Voluntários de São Paulo e XV de Novembro. Área nobre, ocupada desde o início do povoado, próximo a antiga Praça São José, Praça, Dom José Marcondes Homem de Mello (antigo Jardim Velho) e Praça Ruy Barbosa, (antigo Jardim Novo). Nesse local, ocorria a vida social do Município. Contexto atual.

Contexto Atual:

A Praça São José, é hoje praticamente inexistente, após a demolição da antiga Matriz de São José, na década de 1970, para dar lugar a atual catedral da cidade, iniciada em 1973, que ocupou quase todo o terreno. É uma região onde predomina o comércio popular. Não existe infraestrutura urbana de qualidade e carece de segurança, iluminação, limpeza, fiação subterrânea e outros itens.

Estado de Conservação:

Mantém a integridade física, embora apresente sugidade, descaracterização com relação ao portão inadequado à tipologia estilística, fiação exposta, placas de ocupação anteriores e aspecto de abandono, inclusive por estar desocupada.

Tipologia Estilística Predominante:

Eclética

Década Aproximada da Construção:

1930

Mérito:

De conjunto, pois expressa um período de ocupação como uma área nobre, do Centro Tradicional do Município.

Uso Original:

Não identificado

Uso Atual:

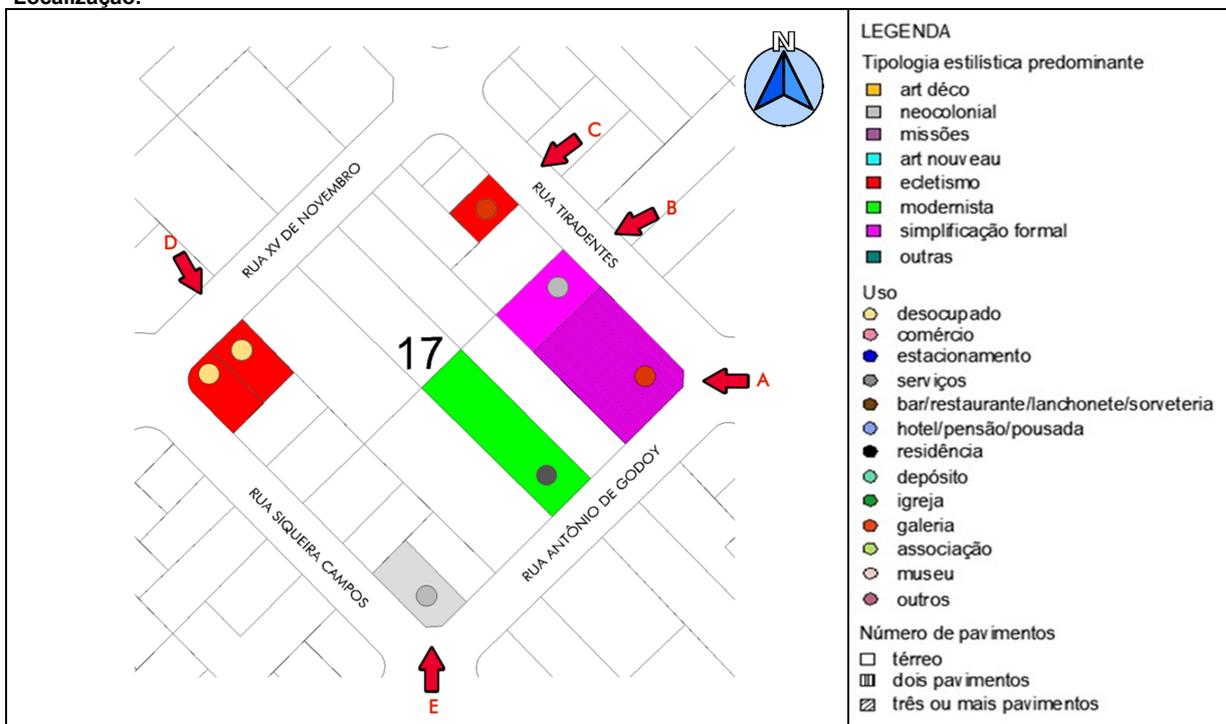
Desocupado

Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto **Ficha 17**

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02



D. Edificação 04 e 05



E. Edificação 06

Contexto urbano original:

Área predominantemente residencial, com alguns galpões provavelmente pertencentes à infraestrutura da economia agroexportadora.

Contexto Atual:

Área bem cuidada com relação à infraestrutura urbana, principalmente limpeza visual e limpeza urbana, calçamento e outros itens que melhoram à medida que se distancia das Praças centrais e da Estação Rodoviária e se aproxima das Avenidas, no caso, Alberto Andaló (antigo córrego Canela).

Estado de Conservação:

Mantêm a integridade física e a tipologia estilística, embora se observe alguns imóveis com ar de abandono e pichações, quando chegam mais próximos do eixo central das Praças, principalmente nos casos em que o uso residencial é abandonado e os imóveis são adaptados ao comércio, nem sempre de forma adequada. Os que permanecem com uso residencial estão muito bem cuidados.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Simplificação formal
- B. Neocolonial
- C. Eclética
- D. Eclética
- E. Simplificação formal do Neocolonial

Década Aproximada da Construção:

- A. 1950
- B. 1940/1950
- C. 1940
- D. 1930
- E. 1940/1950

Mérito:

De conjunto, pois expressa os períodos e tipo de ocupação pelos quais passou o Centro Tradicional do Município nas várias décadas e ciclos econômicos e tipologia arquitetônica correspondente.

Uso Original:

- A. Infraestrutura da economia agroexportadora
- B. Residência
- C. Residência
- D. Residência
- E. Residência

Uso Atual:

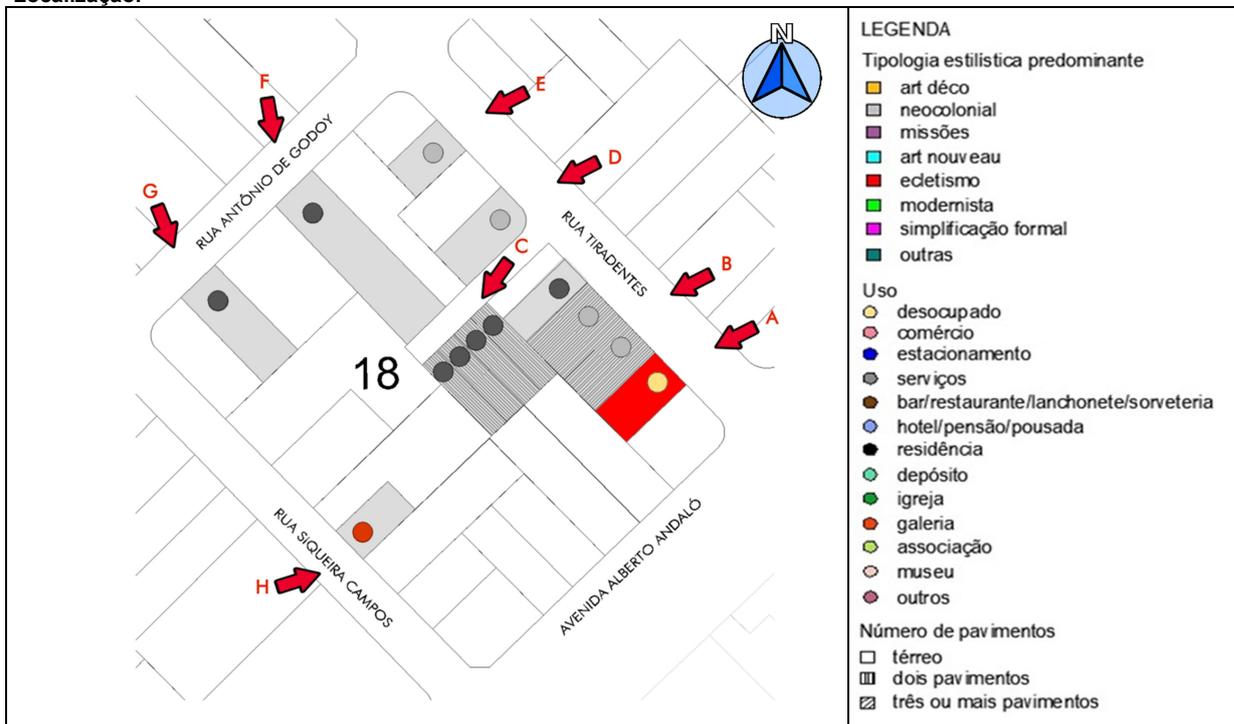
- A. Comércio
- B. Serviços (autoescola)
- C. Comércio
- D. Desocupada
- E. Serviços (clínica)

Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto **Ficha 18**

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Conjunto de Edificações 05 - Vela Diniz



B. Edificações 02, 03 e 04



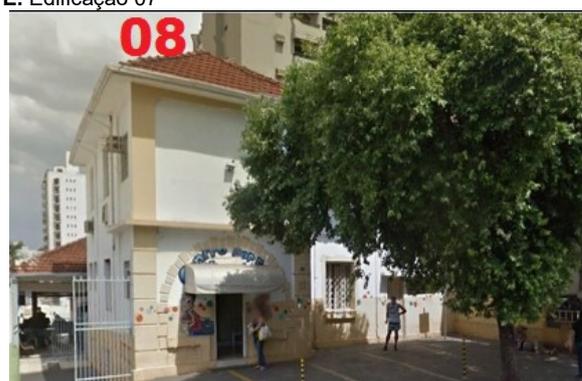
D. Edificação 06



E. Edificação 07



G. Edificação 09



F. Edificação 08



H. Residência Neocolonial

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Tiradentes, Siqueira Campos e Antônio de Godoy e a Avenida Alberto Andaló. Área predominantemente residencial, com tipologia estilística própria dos anos 1940, apresentando na sua maioria repertório Neocolonial, tipologia recorrente no Centro Tradicional do Município e primeiras expansões. Uma observação relevante é a existência da Viela Diniz. Um desenho urbano que se repete em outras áreas do Centro Tradicional, como será observado nas fichas posteriores e também externo ao mesmo, objeto que poderá fazer parte de estudos posteriores.

Contexto Atual:

Verifica-se que a ocupação dos anos 1940 permanece e ainda hoje persistem imóveis residenciais na região central. O calçamento está bem cuidado, apresentando limpeza visual e atenção com o lixo. A constatação é que quanto mais distante do centro comercial e quanto maior o índice de moradias, mais adequada e bem cuidada é a infraestrutura urbana. A Viela foi mantida e as edificações que resistiram à especulação imobiliária mantêm função residencial. Algumas foram demolidas, outras reformadas e descaracterizadas, transformadas em comércio ou serviços. Poucas foram desocupadas e um sobrado foi transformado em escola infantil.

Estado de Conservação:

A, B, C, D, E, F, G, H – Ótimo estado de conservação, provavelmente pela permanência da função de residência, o que de certa forma contribui para maior cobrança com relação ao poder público quanto à infraestrutura urbana e maior cuidado do morador com relação à edificação.

Tipologia Estilística Predominante:

A, B, C, D, E, F, G, H– Neocolonial

Década Aproximada da Construção:

A, B, C, D, E, F, G, H– Década de 1940

Mérito:

De conjunto, pois revela o apogeu econômico ocorrido nos anos 1940 e a predominância da ocupação dessa região central, notadamente, residencial.

Uso Original:

A, B, C, D, E, F, G, H– Residencial

Uso Atual:

- A. Edificação 01- Desocupado
- B. Edificação 02- Serviços
- Edificação 03 - Serviços
- Edificação 04- Residencial

- C. Conjunto de edificações 05- Viela Diniz Residencial
- D. Edificação 06 - Serviços
- E. Edificação 07 - Serviços
- F. Edificação 08- Residencial
- G. Edificação 09- Residencial
- H. Edificação 10 – Residencial

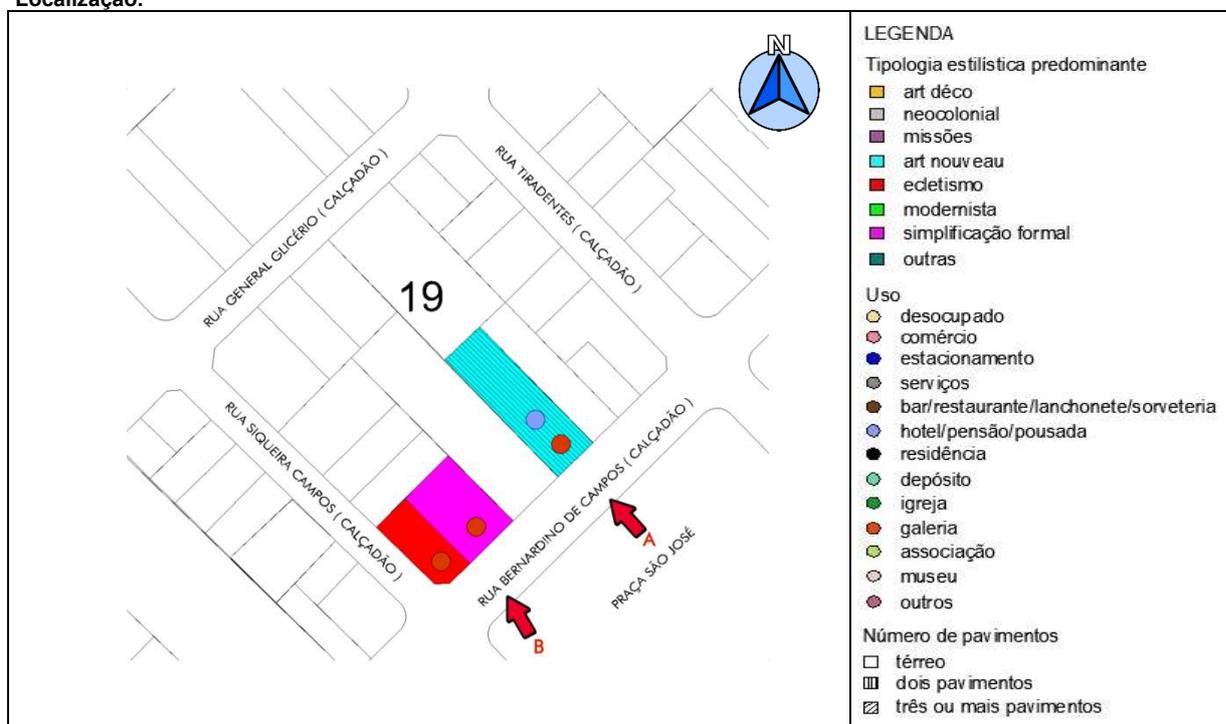
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
19

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



B. Edificações 02 e 03

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Bernardino de Campos (calçadão), General Glicério (calçadão), Tiradentes (calçadão) e Siqueira Campos (calçadão).

Área predominantemente comercial, ocupada desde o princípio do povoado. Próximo ao eixo principal, composto pelas Praças Dom José Marcondes Homem de Mello (antigo Jardim Velho), Praça São José e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo).

A edificação de número 01, o antigo sobrado, da década de 1920, persiste até os dias de hoje, com poucas alterações. Originalmente foi sede do Banco Francês. Outras agências bancárias foram instaladas nessa região, para atender à economia cafeeira, em ascensão, desde a implantação da Estação Ferroviária em 1912.

Contexto Atual:

Apresenta certa decadência, se comparada à ocupação original, considerada uma área nobre, onde ocorria a vida social do antigo lugarejo. Na área predomina o comércio popular, principalmente com a implantação do calçadão na década de 1970. A atividade comercial é muito ativa e há predominância de agências bancárias, lanchonetes e restaurantes populares, que atendem o público que trabalha na região central. Há ainda alguns consultórios médicos e odontológicos, vários salões de cabeleireiro e muitos estacionamentos. A frequência e o trânsito de pedestres são intensos, inclusive por causa da frequência da Matriz de São José. Por ser ativo economicamente, observa-se uma frequência tradicional, de um público que vai em busca de um comércio específico e uma vitalidade permanentes.

Estado de Conservação:

- A. A edificação 01 se mantém íntegra, com poucas descaracterizações.
 B. As edificações 02 e 03 estão cobertas com publicidade excessiva, que oculta as fachadas originais.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Repertório Art Nouveau
 B. Edificação 02- Simplificação formal
 Edificação 03 – Eclética

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01 - 1920
 B. Edificação 02 - 1950
 Edificação 03 – 1930

Mérito:

Edificação 01- Excepcional, pois acompanhou a evolução do Município, fazendo parte de sua fisionomia urbana, desde a década de 1920.
 Edificações 02 e 03- De conjunto, pois revela as transformações urbanas ocorridas nessa região, além dos ciclos econômicos, as décadas e a tipologia estilística apropriada para cada período.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Banco francês
 B. Edificação 02- Não identificado
 Edificação 03- Não identificado

Uso Atual:

- A. Edificação 01- Comércio (sorveteria)
 B. Edificação 02- Comércio (sorveteria)
 Edificação 03 – Lanchonete

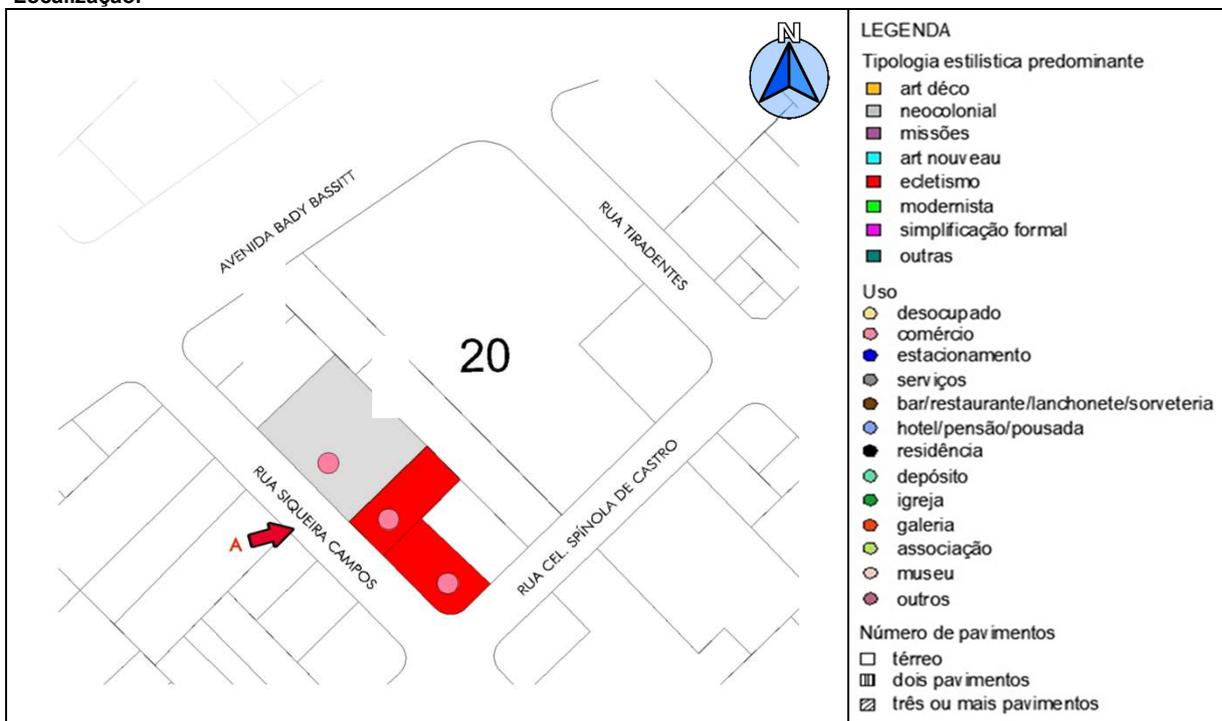
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
20

Localização:



Permanências:

**Contexto urbano original:**

Quarteirão contido entre as Ruas Tiradentes, Siqueira Campos e Coronel Spínola de Castro e a Avenida Bady Bassitt. Na década de 1920, essa área continha edificações próprias para o beneficiamento do café e posteriormente comercialização de algodão e outros produtos agrícolas. As edificações destinadas a estrutura agrícola diversificava-se com algumas residências mais simples.

Contexto Atual:

O local encontra-se bastante diversificado. O trecho da Rua Siqueira Campos, entre a Rua Coronel Spínola de Castro e a Avenida Bady Bassitt, do lado esquerdo da calçada, sentido da Avenida, está bastante verticalizado, com prédios de 10 a 15 pavimentos. Já do lado direito, atrás das fachadas antigas, existe uma maquiagem de tecnologia, como se observa na edificação 03. Conforme se aproxima da Região central, em direção ao eixo das Praças Ruy Barbosa, São José e Dom José Marcondes, ou mesmo da Estação Rodoviária, a área é menos verticalizada, com prédios de no máximo três andares e muitas edificações comerciais térreas. É comum verificar estacionamentos na região.

Estado de Conservação:

A. Edificações 01, 02 e 03 - As edificações mantêm a sua integridade física, entretanto obscurecidas por uma publicidade excessiva.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Neocolonial (vernacular)
Edificação 02- Neocolonial (vernacular)
Edificação 03- Eclética

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01 e 02- Entre as décadas de 1920 e 1930
Edificação 03- 1930

Mérito:

De conjunto, pois traduz o percurso econômico do centro tradicional do Município.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
Edificação 02- Residência
Edificação 03- Comércio térreo e residência pav. Superior

Uso Atual:

- A. Edificação 01- Comércio
Edificação 02- Comércio
Edificação 03- Comércio

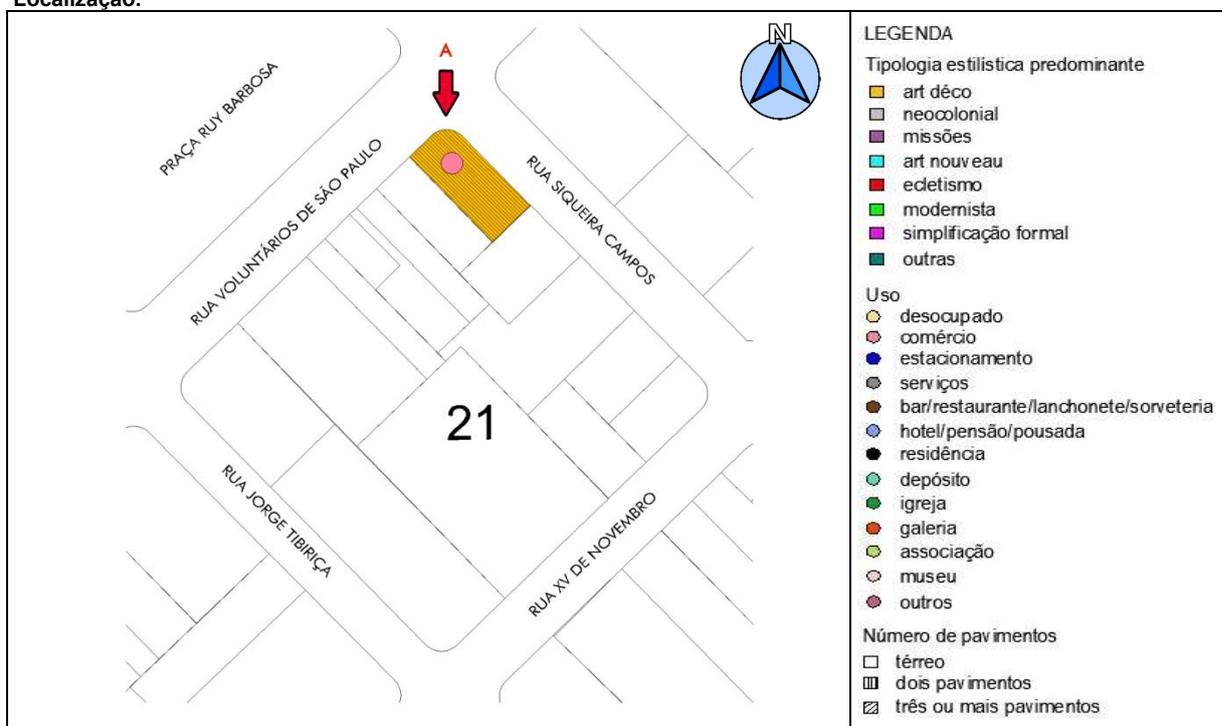
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
21

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01

Contexto Urbano:

Quartirão contido entre as Ruas Voluntários de São Paulo, XV de Novembro, Siqueira Campos e Jorge Tibiriça. Na década de 1920, essa área, muito próxima ao eixo das Praças Dom José Marcondes (antigo Jardim Velho) e Praça São José, hoje totalmente ocupada pela Matriz de São José, tinha uma ocupação social, pois na primeira estava localizado o coreto e na segunda, a antiga igreja. Era ainda a área onde se localizavam os melhores hotéis da cidade e agências bancária. Foi posteriormente palco da renovação urbana havida na década de 1940, tendo sido erigidos vários prédios com repertório déco, que acompanhavam a “modernidade”, proposta.

Contexto Atual:

O local encontra-se bastante ativo, onde ainda hoje predomina a localização de agências bancárias, correio, comércio, restaurantes de custo acessível, que serve às público que trabalha na região central, hotéis populares e muitos estacionamentos.

Estado de Conservação:

A. A edificação se mantém íntegra, mas envolta em publicidade.

Tipologia Estilística Predominante:

A. Art Déco

Década aproximada da construção:

A. Década de 1940

Mérito:

De conjunto, pois demonstra o percurso econômico do Município e integra a fisionomia Déco, que caracterizou o centro tradicional na década de 1940.

Uso Original:

A. Residência

Uso Atual

A. Comércio

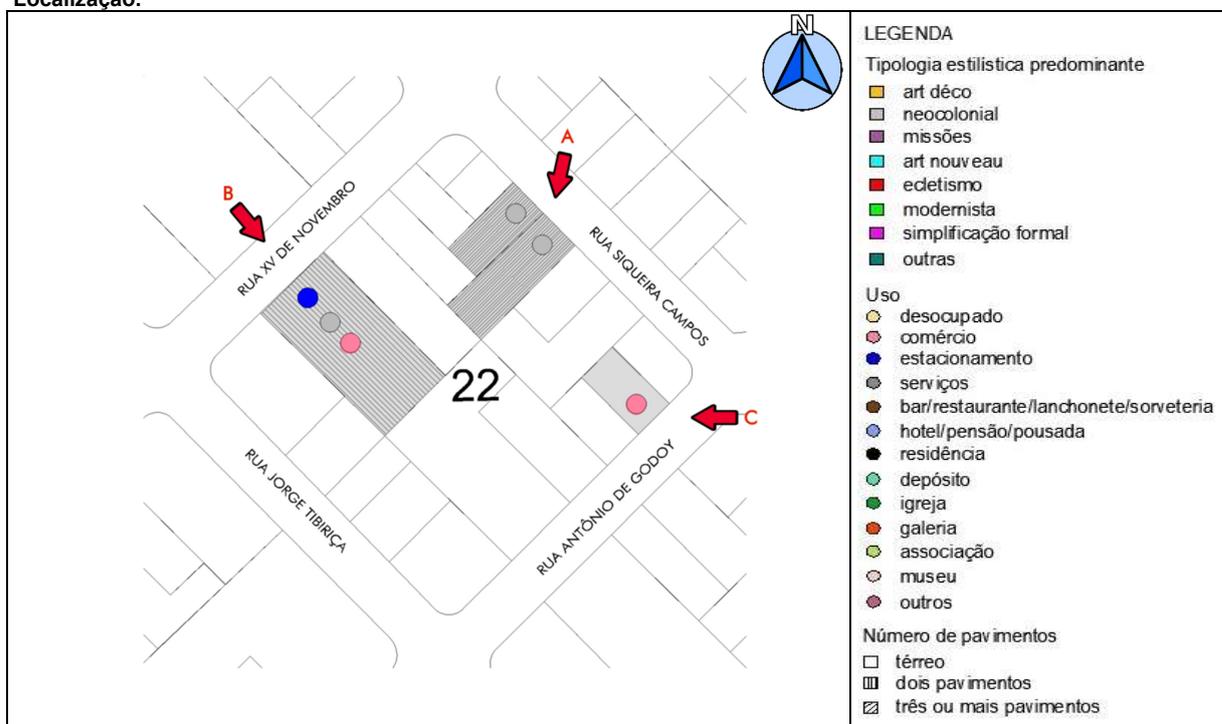
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
22

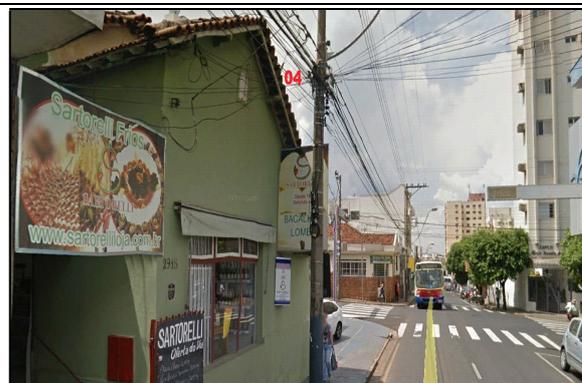
Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 e 02



C. Edificação 04 – Fonte Google Earth



B. Edificação 03

Contexto Urbano:

Quarteirão contido entre as Ruas XV de Novembro, Antônio de Godoy, Siqueira Campos e Jorge Tibiriçá. Na década de 1940, foi uma área bastante nobre, do ponto de vista da ocupação residencial, principalmente na Rua XV de Novembro, que abrigava vários casarões.

Contexto Atual:

Os antigos casarões existentes na década de 1940 estão ocupados para funções comerciais ou serviços.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01 - A edificação se mantém íntegra e em bom estado de conservação
- Edificação 02- A edificação se mantém íntegra e em bom estado de conservação
- B. A edificação se mantém íntegra, mas apresenta aspecto de descuido
- C. A edificação mantém a integridade física, embora apresente publicidade excessiva

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Neocolonial
- Neocolonial
- B. Neocolonial
- C. Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Década de 1940
- Década de 1940
- B. Década de 1940
- C. Entre as décadas de 1930 e 1940

Mérito:

De conjunto, pois traduz o percurso econômico do Município.

Uso Original:

- A. Residência
- Residência
- B. Residência
- C. Residência

Uso Atual:

- A. Serviços
- Serviços
- B. Comércio
- C. Comércio

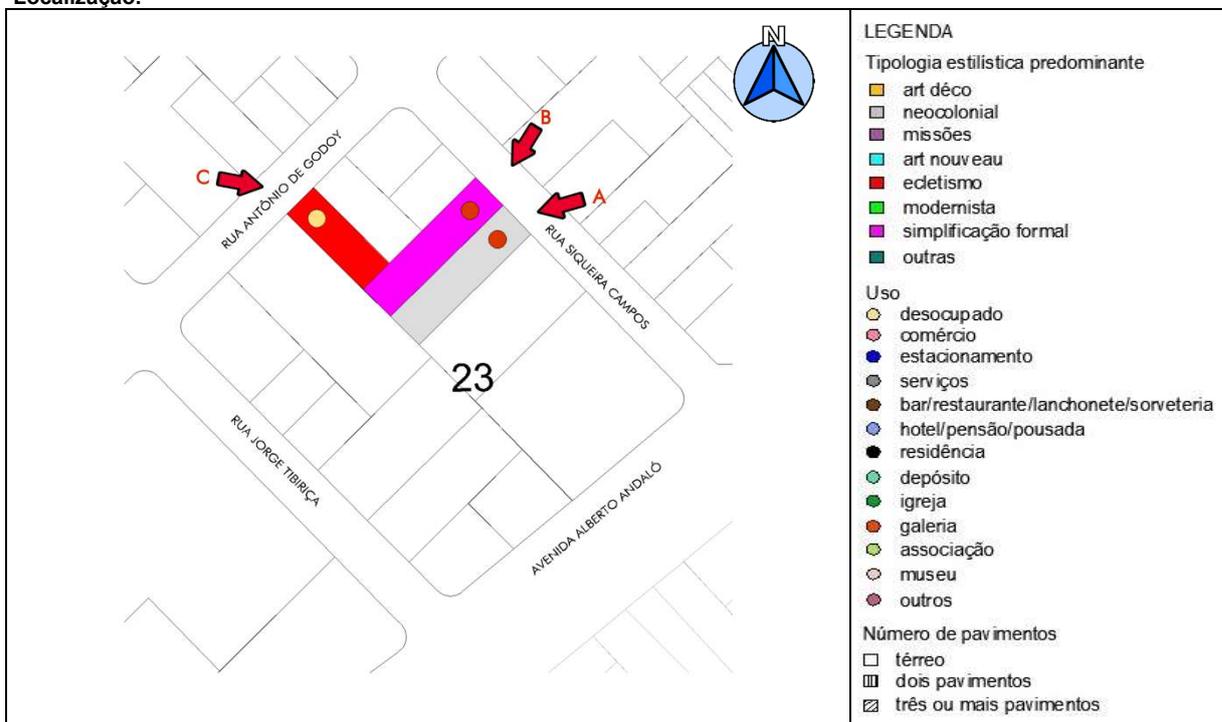
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

Ficha
23

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



B. Edificação 02



C. Edificação 03 – Fonte Google Earth

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Siqueira Campos, Jorge Tibiriça, Antônio de Godoy e Av. Alberto Andaló. Área com predomínio de residências térreas e algumas edificações da infraestrutura da economia agrexportadora.

Contexto Atual:

O fato de prevalecer como região residencial, contribui para que se mantenha o cuidado com relação a infraestrutura urbana.

Estado de Conservação:

- A. A edificação mantém a integridade física
- B. A edificação mantém a integridade física
- C. A edificação mantém a integridade física, mas apresenta publicidade excessiva e pichação, problema que ocorre devido ao afastamento da área residencial.
A edificação de número 01, foi bastante alterada, inclusive ampliada. A Edificação de número 03, teve os vãos alterados.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Neocolonial
- B. Simplificação formal do "Moderno"
- C. Eclética

Ano da Construção:

- A. 1940
- B. 1940
- C. 1920/1930

Mérito:

De conjunto, pois evidencia uma área com ocupação residencial e que persiste ainda nos dias de hoje com esse tipo de ocupação, que inclusive apresenta-se por este motivo, ser uma área mais bem cuidada com relação a infraestrutura urbana e mais frequentada nos vários períodos.

Uso Original:

- A. Residência
- B. Residência
- C. Infraestrutura da economia cafeeira

Uso Atual:

- A. Residência
- B. Residência
- C. Comércio

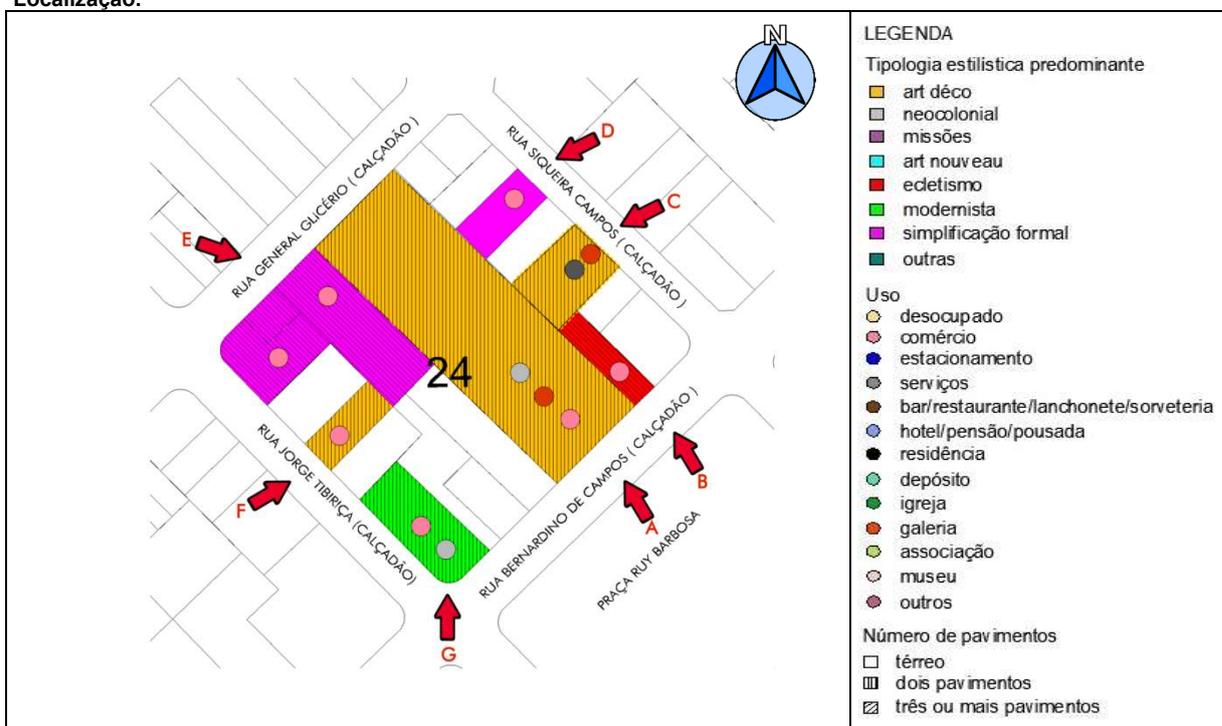
Nível de Proteção:

A, B, C - Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
24

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02



D. Edificação 04 – Fonte Google Earth



E. Edificações 05 e 06



G. Edificação 08



F. Edificação 07

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Bernardino de Campos (calçadão), General Glicério (calçadão), Siqueira Campos (calçadão) e Jorge Tibiriçá.

Nesse trecho da Rua Bernardino de Campos, com frente para a Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo), nota-se a permanência da vocação comercial e social: originalmente os habitantes encontravam-se para o lazer e para o convívio. Nos anos 1940, foi erigido um dos principais cinemas locais, o Cine Rio Preto (hoje Praça Shopping).

Contexto Atual:

Hoje, no local, predomina o comércio popular. Entretanto, na área próxima ao antigo Cine Rio Preto, atual Praça Shopping, a infraestrutura urbana é bem cuidada. Embora seja um Shopping de pequeno porte, desprovido de cinemas ou lojas de grife, é um ambiente muito procurado e bem frequentado, especialmente a praça de alimentação, localizada no terceiro pavimento, utilizada pelos trabalhadores da região central. Ali também é comum ver os habitantes mais antigos se encontrando para um café à tarde, na lanchonete do térreo, dando continuidade à utilização social do local.

O entorno do shopping é bem cuidado, com comércio popular bastante movimentado. Há inúmeros bares e restaurantes com preços acessíveis. É um centro econômico ativo e muito frequentado, especialmente durante o dia.

À noite, contudo, a frequência diminui e, devido à fraca iluminação, o local passa a oferecer pouca segurança.

Estado de Conservação:

A - Ótimo estado de conservação

B, C, D, E, F, G – as edificações se mantêm íntegras e em bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

A. Art Déco

B. Eclética

C. Art Déco

D. Simplificação formal

E. Edificação 05- Simplificação formal

Edificação 06 – Simplificação formal

F. Art Déco

Década aproximada da Construção:

A. Década de 1940

B. Década de 1930

- C. Década de 1940
- D. Décadas de 1950 - 1960
- E. Edificação 05- Década de 1950/1960
Edificação 06- Décadas de 1950/1960
- F. Década de 1940
- G. Década de 1960

Mérito:

- A. Excepcional, por tratar-se de um exemplo emblemático do Art Déco, arquitetura produzida de forma recorrente no Município de São José do Rio Preto, inserido no apogeu econômico do Período e que representa a fisionomia do centro tradicional, que permanece ainda hoje.
- B, C, D, E, F, G– De conjunto, por expressar os vários ciclos econômicos pelos quais passou o Município e a linguagem arquitetônica característica correspondente.

Uso Original:

- A. Cinema no pavimento térreo e comércio e serviços nos primeiros pavimentos e residência nos pavimentos mais altos.
- B. Não identificado
- C. Comércio no pavimento térreo e residência nos pavimentos superiores
- D. Comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior
- E. Comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior
Comércio no pavimento térreo e residência nos demais pavimentos
- F. Escritórios nos primeiros pavimentos e residencial nos pavimentos mais altos
- G. Escritórios nos primeiros pavimentos e residencial nos pavimentos mais altos

Uso Atual:

- A. Shopping
- B. Comércio
- C. Comércio
- D. Comércio
- E. Comércio
Comércio
- F. Comercial e serviços
- G. Comercial e serviços

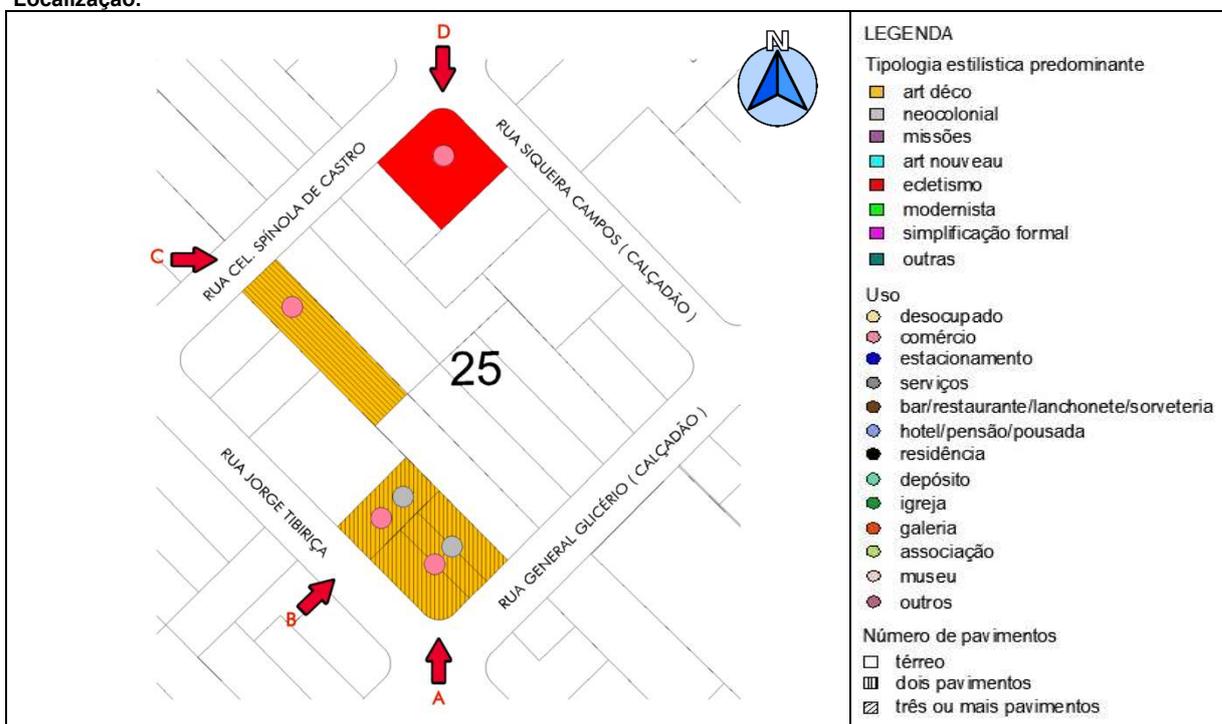
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
25

Localização:



Permanências:



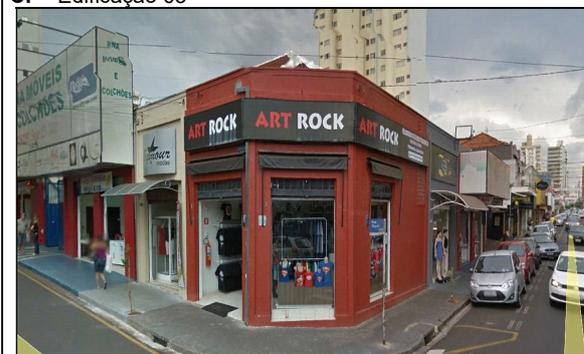
A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02



D. Edificação 04

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas General Glicério (calçadão), Coronel Spínola de Castro (calçadão), Siqueira Campos (calçadão) e Jorge Tibiriça. A Rua Bernardino de Campos, nesse trecho, sempre teve vocação comercial, juntamente com o seu entorno, formado pelo quadrilátero.

Contexto Atual:

O local conserva a vocação comercial. A infraestrutura urbana é relativamente bem cuidada. As lojas oferecem produtos bem específicos, como uma rede local de cosméticos, autopeças, tecidos e vários estacionamentos.

Estado de Conservação:

A, B, D – as edificações se mantêm íntegras e em bom estado de conservação.
A edificação **C** encontra-se em estado mais deteriorado que as demais.

Tipologia Estilística Predominante:

- A.** Art Déco
- B.** Art Déco
- C.** Art Déco
- D.** Neoclassicizante

Década aproximada da Construção:

- A.** Década de 1940
- B.** Década de 1940
- C.** Década de 1940
- D.** Década de 1930

Mérito:

De conjunto, por expressar os vários ciclos econômicos pelos quais passou o Município e a linguagem arquitetônica característica de cada um.

Uso Original:

- A.** Não identificado
- B.** Não identificado
- C.** Não identificado
- D.** Não identificado

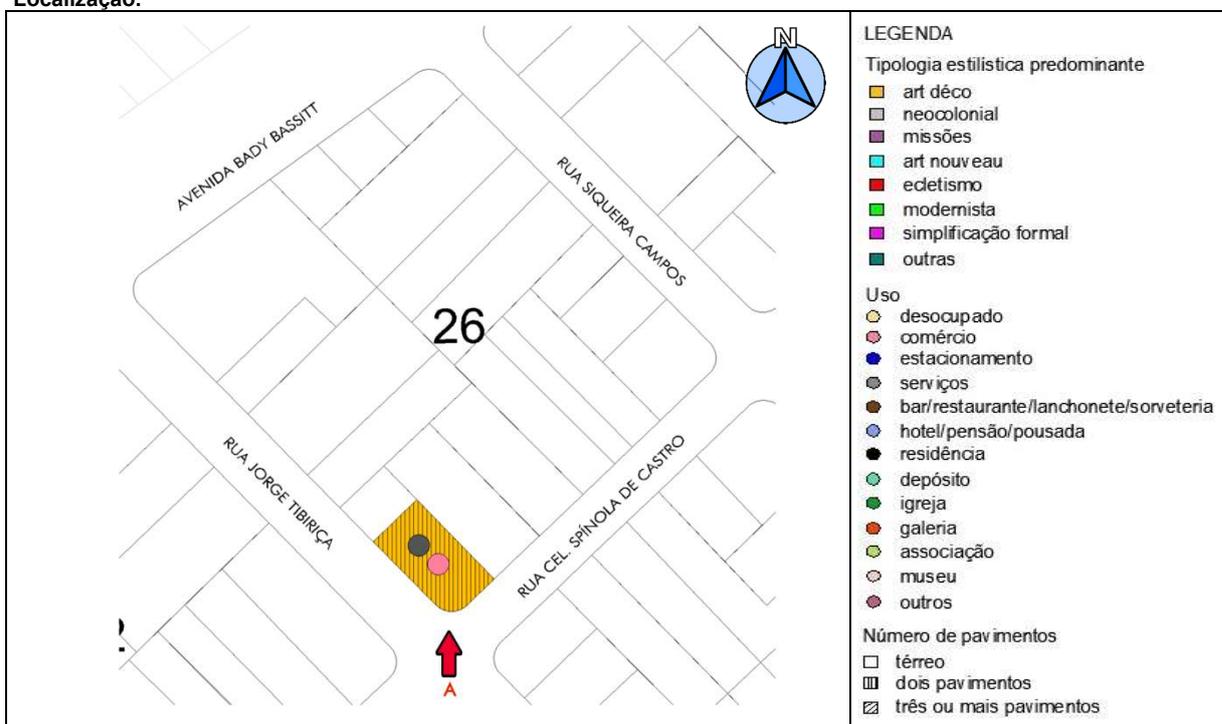
Uso Atual

- A.** Comércio
- B.** Comércio
- C.** Comércio
- D.** Comércio

Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01

Contexto urbano original:

Área que até a década de 1950, anteriormente a proposição do zoneamento urbano, de 1958, conservava um uso diversificado, que variava de prédios residenciais e comerciais. Foi palco da renovação urbana da década de 1940, e das construções com repertório Déco.

Contexto Atual:

O local conserva a vocação comercial, entretanto a ocupação residencial, já não é tão frequente. A infraestrutura urbana é relativamente boa, embora observe-se a fiação aérea, bastante evidente.

Estado de Conservação:

A edificação encontra-se em bom estado de conservação, principalmente pelo fato de os andares mais altos serem ocupados por apartamentos residenciais.

Tipologia Estilística Predominante:

Art Déco

Década aproximada da Construção:

Década de 1940

Mérito:

De conjunto, por expressar a arquitetura Art Déco, relevante para o apogeu econômico dos anos 1940 e que ainda hoje, é parte integrante da fisionomia do Centro Tradicional.

Uso Original:

Comércio no pavimento térreo e residencial nos pavimentos superiores

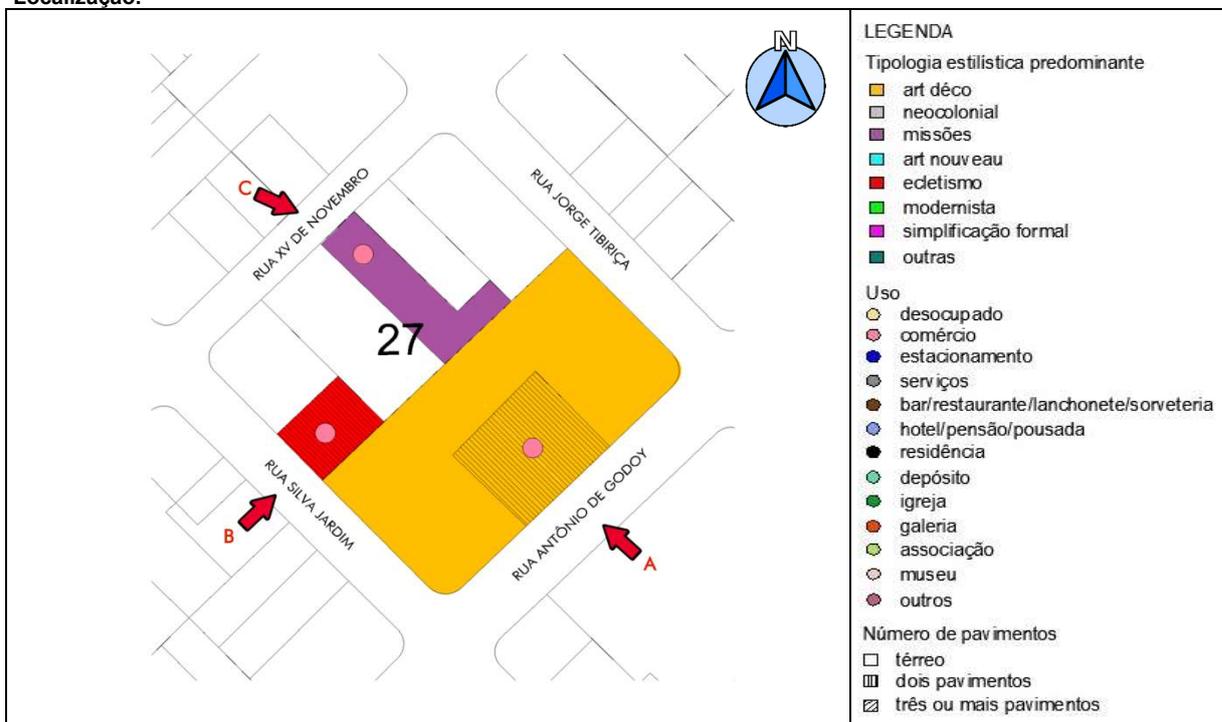
Uso Atual:

Comércio no pavimento térreo e residencial de baixa renda e serviços nos pavimentos superiores

Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03 (Fonte: Google Earth)



B. Edificação 02

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Antônio de Godoy, XV de novembro, Jorge Tibiriça e Silva Jardim. Nesse quarteirão havia, originalmente, uma feira livre, onde eram comercializados os produtos hortifrutigranjeiros excedentes da produção dos agricultores locais. Nos anos 1940, com o apogeu econômico do Município em função da agroindústria

exportadora, foi erigido no local o Mercado Municipal, um prédio dotado de conforto ambiental, com pé direito alto, muito bem iluminado e ventilado. A peixaria e o sanitário masculino se localizavam na área externa, assim como os produtos granjeiros que, de acordo com os antigos permissionários, eram comercializados vivos e dentro de gaiolas de madeira. O prédio é emblemático da arquitetura Art Déco. O Mercado ficava originalmente cercado por uma grande área de paralelepípedos.

Contexto Atual:

Grande parte do quarteirão ainda é ocupada com o prédio do Mercado Municipal, que mantém a mesma função, embora a área externa esteja hoje cercada por estacionamento sobre piso asfáltico. É um ponto de encontro de políticos locais e eventualmente acontecem eventos culturais. Os boxes cedidos aos permissionários passam de geração em geração. No entorno do Mercado observam-se alguns prédios da década de 1930 e 1940, entretanto a área encontra-se bastante verticalizada e com muitos estacionamentos próximos. O comércio é em sua maior parte composto de bares, restaurantes, lojas de roupas e empório. Próximo a essa área está localizada a Prefeitura do Município e o prédio do Poupa Tempo. A infraestrutura urbana é relativamente boa, embora apresente problemas quanto ao calçamento, fiação exposta, e lixo, esse último, principalmente na área próxima ao Mercado. À noite, o local é pouco iluminado e prejudicado com relação à segurança.

Estado de Conservação:

- A. Em reforma
- B. Bom estado de conservação
- C. Demolida durante a pesquisa

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Art Déco
- B. Eclética
- C. Missões

Década aproximada da Construção:

- A. 1940
- B. 1930
- C. 1940

Mérito:

- A. Excepcional. Edificação emblemática da década de 1940, característica do importante apogeu econômico ocorrido no período e que é parte da arquitetura característica da fisionomia do Centro Tradicional, que se mantém até hoje.
- B. De conjunto, por expressar a arquitetura característica de cada período.
- C. De conjunto, por expressar a arquitetura Estilo Missões, característica das residências do período. Com a demolição, fica uma lacuna no conjunto urbano.

Uso Original:

- A. Mercado Municipal
- B. Comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior
- C. Residência

Uso Atual

- A. Mercado Municipal
- B. Comércio
- C. Demolida

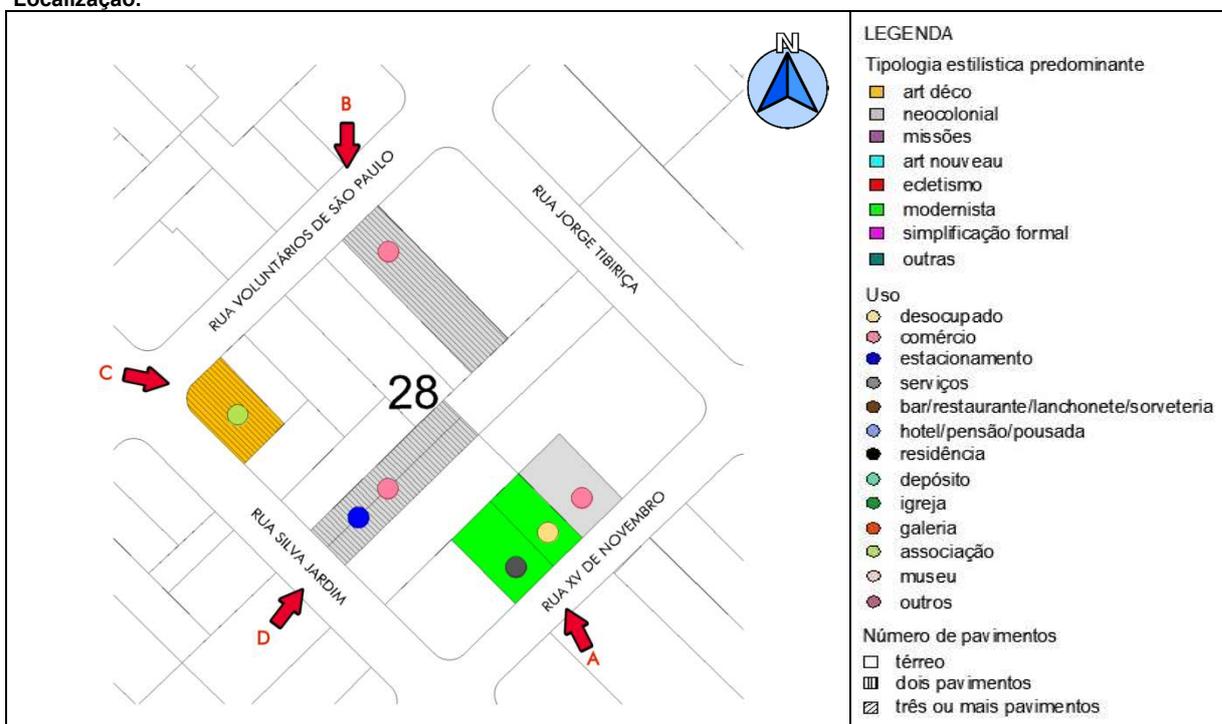
Nível de Proteção:

- A- Tombado pelo COMDEPHACT em 2004 - Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Turístico de São José do Rio Preto.
- B e C – Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
28

Localização:



Permanências:



A. Edificações 01, 02 e 03 (Fonte: Google Earth)



C. Edificação 05



B. Edificação 04 (Fonte: Google Earth)



D. Edificação 06 (Fonte: Google Earth)

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas XV de Novembro, Voluntários de São Paulo, Jorge Tibiriçá e Silva Jardim. O quadrilátero primitivamente foi ocupado pelas funções residenciais e comerciais. Nos anos posteriores, essa diversificação funcional continuou e com o apogeu econômico de 1940, observa-se nas reminiscências do período, edificações

caracterizadas pelo repertório Neocolonial para as residências e Art Déco para o comércio, na sua maioria, ou edificações Neocoloniais, utilizadas no pavimento térreo como comércio e no pavimento superior com função residencial. As Ruas Voluntários de São Paulo e XV de Novembro, principalmente, foram ocupadas, nos anos 1940, por casarões imponentes, construídos na sua grande maioria, pelos proprietários das fazendas, ligados à agroindústria exportadora. Esse diagnóstico foi reforçado pela pesquisa bibliográfica e pelas visitas ao local, com o professor e pesquisador Agostinho Brandi.

Contexto Atual:

Observa-se uma área bem cuidada, com relação à infraestrutura urbana, principalmente conforme se aproxima da Rua Voluntários de São Paulo, uma das principais vias de referência do Centro Tradicional. O comércio é de qualidade, composto por livrarias, óticas, consultórios médicos, restaurantes, bares, com frequência de renda média e alta e o predomínio da verticalização, tanto para atividades comerciais e de serviços, como residenciais.

Estado de Conservação:

- A. As edificações se mantêm íntegras na sua volumetria e gabarito, embora a edificação 01 tenha sido bastante alterada. Algumas apresentam pichações, principalmente na região mais afastada da Rua Voluntários de São Paulo.
- B. Bom estado de conservação
- C. Ótimo estado de conservação. Essa Edificação, sede central da ACIRP (Associação do Comércio e Indústria de São José do Rio Preto), ainda hoje é muito frequentada por nomes expressivos do Município relativos ao Comércio e a Indústria. Possui um auditório no pavimento superior, onde são ministradas palestras com temas gerais, sempre de interesse do Município. O prédio foi restaurado recentemente e está muito bem conservado.
- D. Bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01 – Neocolonial
Edificações 02 e 03 - Modernistas
- B. Edificação 04 - Neocolonial
- C. Edificação 05 - Art Déco
- D. Edificação 06 - Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01 – 1940
Edificações 02 e 03 - 1960
- B. Edificação 04 - 1940
- C. Edificação 05 - 1938
- D. Edificação 06 – 1940

Mérito:

- A. De conjunto, por expressarem a arquitetura característica de cada período.
- B. De conjunto, por expressar a arquitetura Neocolonial característica das residências do período.
- C. Excepcional. Edificação emblemática. A ACIRP (Associação Comercial, Empresarial e Industrial de São José do Rio Preto), foi criada e frequentada pelos grandes líderes políticos do Município. É ainda hoje frequentada por empresários locais e tem grande expressividade e representatividade para a cidade.
- D. De conjunto, por expressar a tipologia estilística característica das residências abastadas do período.

Uso Original:

- A. Edificações 01, 02 e 03 - residências
- B. Comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior
- C. Associação Comercial e Industrial de São José do Rio Preto
- D. Comércio no pavimento térreo e residência no pavimento superior

Uso Atual:

- A. Edificação 01 – Comércio
Edificação 02 – Comércio
Edificação 03 - Residência
- B. Comércio
- C. Associação Comercial e Industrial de São José do Rio Preto
- D. Comércio

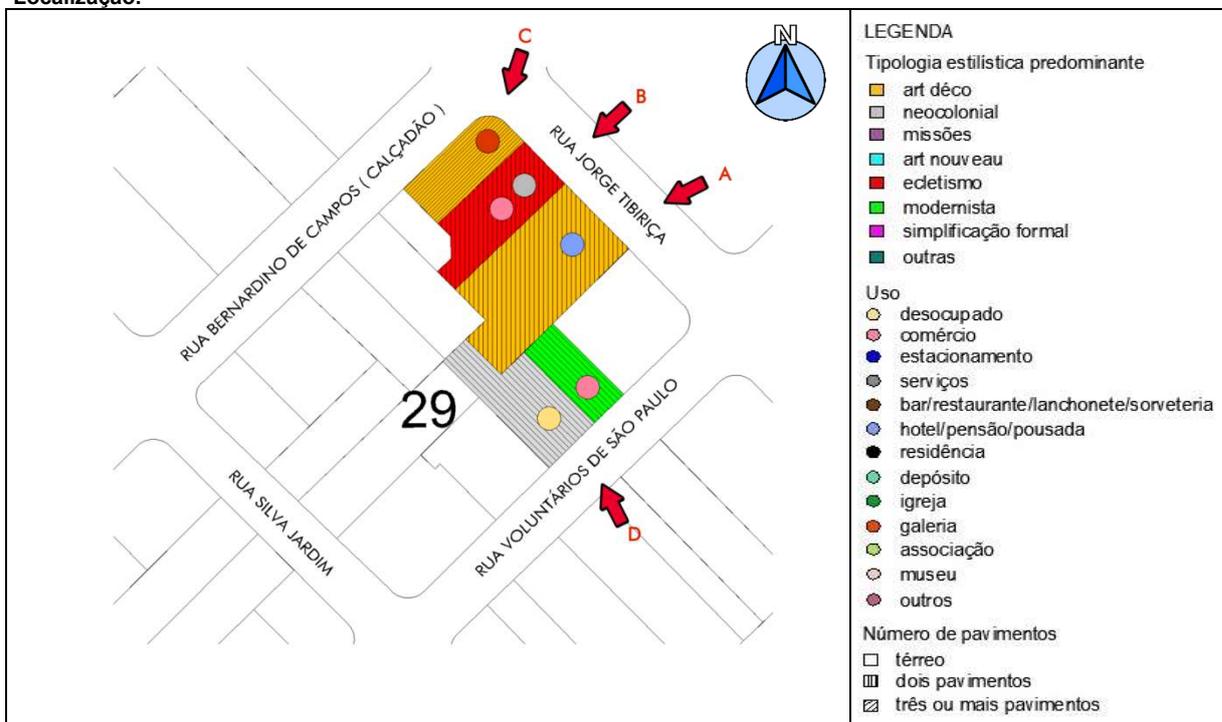
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
29

Localização:



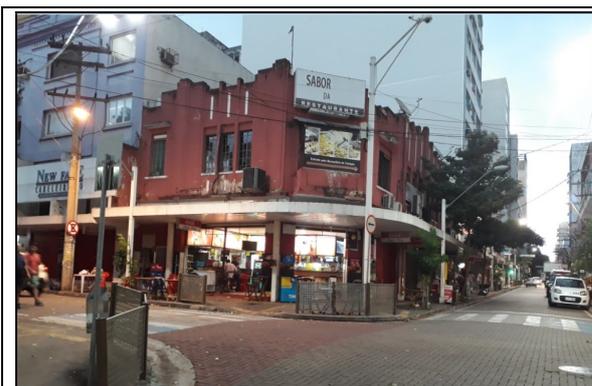
Permanências:



A. Edificação 01



B. Edificação 02



C. Edificação 03



D. Edificação 04 e 05

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Voluntários de São Paulo, Bernardino de Campos (calçadão), Jorge Tibiriçá e Silva Jardim. O quadrilátero compõe uma das principais e características localizações do Centro Tradicional.

O trecho da Rua Jorge Tibiriçá, hoje voltado para a Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo), foi um marco no apogeu econômico ocorrido entre as décadas de 1930 e 1940. A Edificação 01 inaugura o início da verticalização do Município. Construído em 1939 e originalmente denominado Edifício Caramuru, foi o primeiro Edifício de mais de dois andares que a cidade recebeu.

Contexto Atual:

O edifício, hoje transformado em Hotel Itamaraty, permanece intacto, entretanto com utilização popular, diferentemente de quando foi construído, em 1939. Passa também quase despercebido em meio à verticalização da área, com prédios muito mais altos.

O entorno da Praça Ruy Barbosa caracteriza-se por um comércio de média e alta renda, restaurantes, lanchonetes e bares e salões de cabeleireiro, que têm uma frequência diversificada entre as classes altas e médias. Os restaurantes são muito procurados por pessoas que trabalham na Região do Centro Tradicional, inclusive médicos, dentistas e empresários ou prestadores de serviços, cujos locais de trabalho localizam-se nas proximidades. O comércio é bem frequentado nessa área e a infraestrutura urbana melhorada, se comparada à área próxima ao Terminal rodoviário, onde prevalece o comércio popular. Na Praça Ruy Barbosa, muito frequentada por aposentados e transeuntes, localizam-se bancas de revistas. Observam-se ainda em determinados dias da semana, barracas montadas para venda de artesanato. Em frente ao Hotel Itamaraty (Antigo Edifício Caramuru) existe uma marquise que abriga um ponto de taxi. Observam-se também muitas agências bancárias e estacionamentos. À noite a área é pouco iluminada e apresenta insegurança.

Estado de Conservação:

- A. bom estado de conservação
- B. bom estado de conservação
- C. bom estado de conservação
- D. Edificação 04 e 05 - bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Art Déco
- B. Eclética
- C. Art Déco
- D. Edificação 04- Neocolonial
Edificação 05- Modernista

Década aproximada da Construção:

- A. 1939
- B. 1940
- C. 1940
- D. Edificação 04- 1940
Edificação 05- 1960

Mérito:

Edificações 01 - Excepcional, por caracterizar o princípio da verticalização ocorrida do Município e por ser emblemático da arquitetura Art Déco, que caracteriza ainda hoje a fisionomia local.

Edificações 02, 03, 04 e 05 - De conjunto, por expressar os vários períodos e ciclos econômicos pelos quais passou o Município e a tipologia arquitetônica correspondente.

Uso Original:

- A. Serviços nos primeiros pavimentos e residência nos pavimentos superiores
- B. Não identificado
- C. Comércio
- D. Edificação 04- Residência
Edificação 05- Residência

Uso Atual:

- A. Comércio, parte do pavimento térreo, recepção do Hotel, no pavimento térreo e Hotel nos demais pavimentos
- B. Serviços e Comércio
- C. Bar e Lanchonete
- D. Edificação 04- Comércio
Edificação 05- Comércio

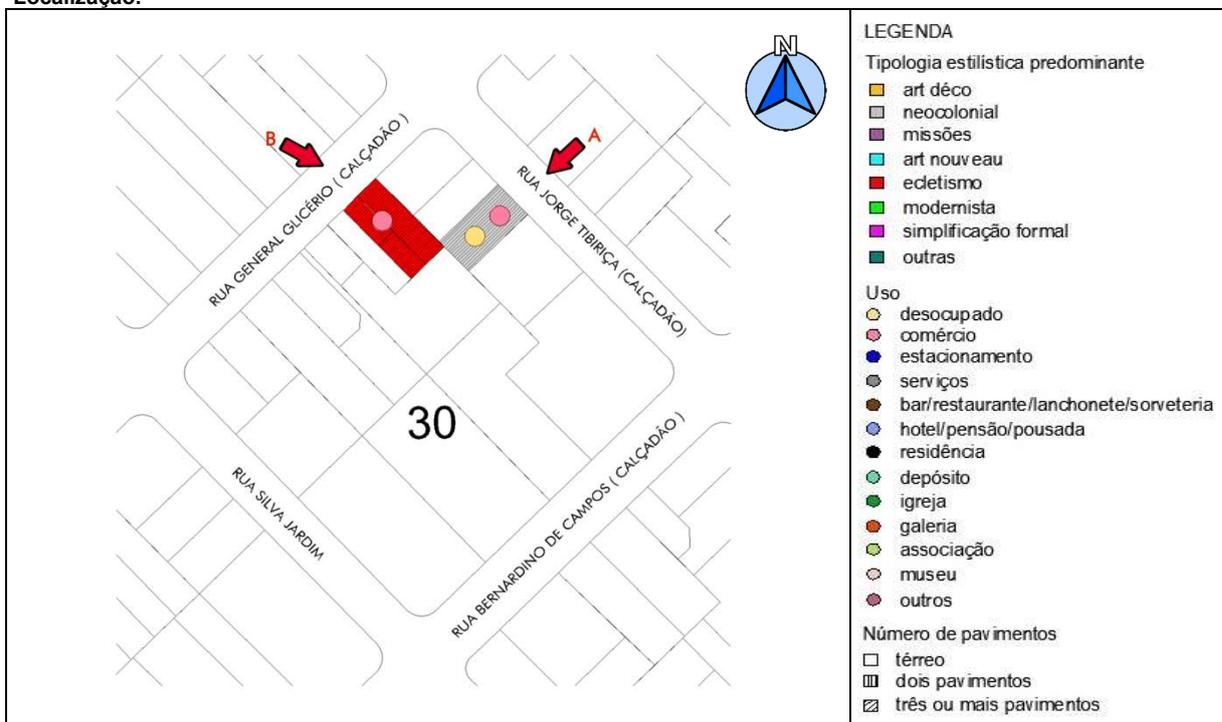
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
30

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



B- Edificação 02 (Fonte: Google Earth)

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Bernardino de Campos (calçadão), General Glicério (calçadão), Jorge Tibiriçá (calçadão) e Silva Jardim.

O quadrilátero, nos anos 1940, tinha vocação para uso misto, notadamente comércio, serviços e residências. Na década de 1970, já com uso predominantemente comercial, fez parte da implantação urbana do "calçadão", nos trechos da Rua Bernardino de Campos, General Glicério e Jorge Tibiriçá.

Contexto Atual:

Área de calçadão central, predominantemente comercial e com boa infraestrutura urbana. Calçamento conservado e boa sinalização. À noite a área é pouco iluminada e apresenta insegurança.

Estado de Conservação:

- A. O pavimento térreo está conservado. Observa-se aspecto deteriorado no segundo pavimento.
B. Bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Neocolonial
B. Eclética

Década aproximada da Construção:

- A. 1940
- B. 1930/1940

Mérito:

De conjunto, por expressar os vários períodos e arquitetura correspondente, pelos quais passaram o Centro Tradicional.

Uso Original:

- A. Consultório médico no pavimento térreo e residência do profissional no pavimento superior
- B. Não identificado

Uso Atual:

- A. Lanchonete no pavimento térreo e abandonado no pavimento superior
- B. Comércio

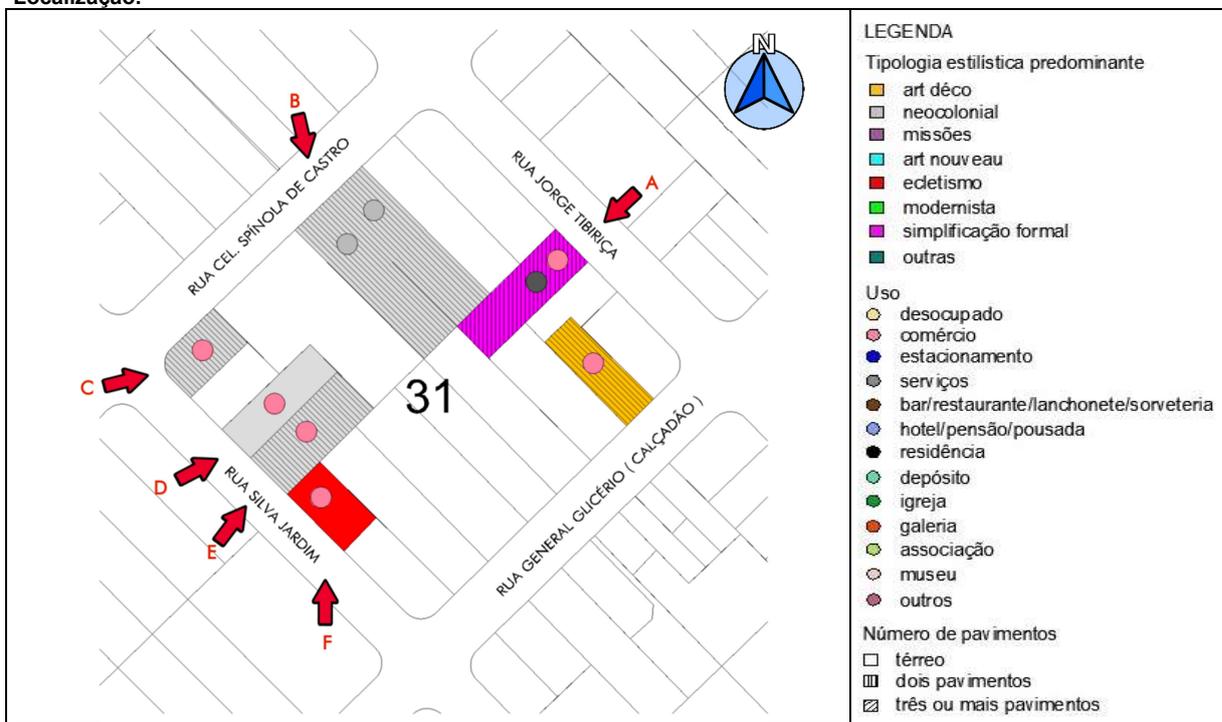
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
31

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



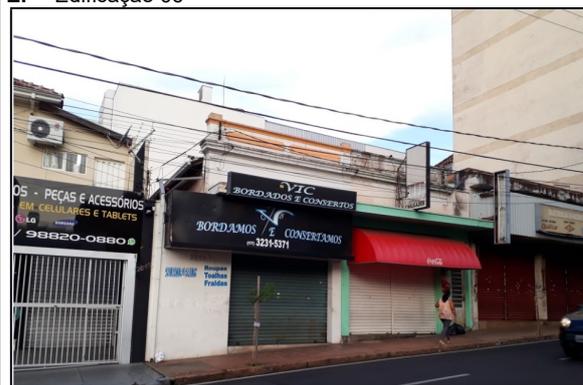
B. Edificações 02 e 03



E. Edificação 06



C. Edificação 04



F. Edificação 07



D. Edificação 05



G. Edificação 08 – Fonte Google Earth

Contexto urbano original:

Quartirão contido entre as Ruas General Glicério (calçadão), Cel. Spínola de Castro, Jorge Tibiriçá e Silva Jardim. Área com vocação mista entre comércio, serviços e residências.

Contexto Atual:

A vocação mista permanece, tendo diminuído muito a função residencial, com raras exceções. O trecho da Rua General Glicério, desde a década de 1970 faz parte do calçadão central e apresenta-se como predominantemente comercial e com boa infraestrutura urbana. Calçamento conservado e boa sinalização. A noite a área é pouco iluminada e apresenta insegurança.

Estado de Conservação:

A, B, C, D, E, F, G – bom estado de conservação com relação à volumetria e gabarito. As edificações 02 e 03 foram bastante alteradas, tendo sido a de número 03, ampliada. Na edificação de número 05, as aberturas foram reduzidas e a edificação de número 06, foi ampliada.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Simplificação Formal do “Moderno”
- B. Edificação 02- Neocolonial
- Edificação 03- Neocolonial
- C. Edificação 04- Neocolonial
- D. Edificação 05- Neocolonial
- E. Edificação 06- Neocolonial

- F. Edificação 07- Eclética
- G. Edificação 08- Art Déco

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1950/60
- B. Edificação 02 – 1940
Edificação 03 - 1940
- C. Edificação 04- 1940
- D. Edificação 05- 1940
- E. Edificação 06- 1940
- F. Edificação 07 – 1930
- G. Edificação 08- 1940

Mérito

Edificações **A, B, C, D, E, F, G** -De conjunto, por expressar os vários períodos e ciclos econômicos e arquitetura correspondente, pelos quais passou o Centro Tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01 - Comércio no térreo e Residência nos Pav. Superiores
Edificação 02 – Residência
- B. Edificação 03 - Residência
- C. Edificação 04 - Residência
- D. Edificação 05 - Residência
- E. Edificação 06 - Não identificado
- F. Edificação 07 - Não identificado
- G. Edificação 08 - Edificação 08- Comércio no térreo e residência, no pav. Superior

Uso Atual

- A. Edificação 01 - Comércio no térreo e Residência no Pav. Superiores
Edificação 02 - Serviços
- B. Edificação 03 - Serviços
- C. Edificação 04 - Serviços
- D. Edificação 05 - Serviços
- E. Edificação 06 –Comércio
- F. Edificação 07 - Serviços
- G. Edificação 08 – Comércio no térreo e serviços no Pav. Superior

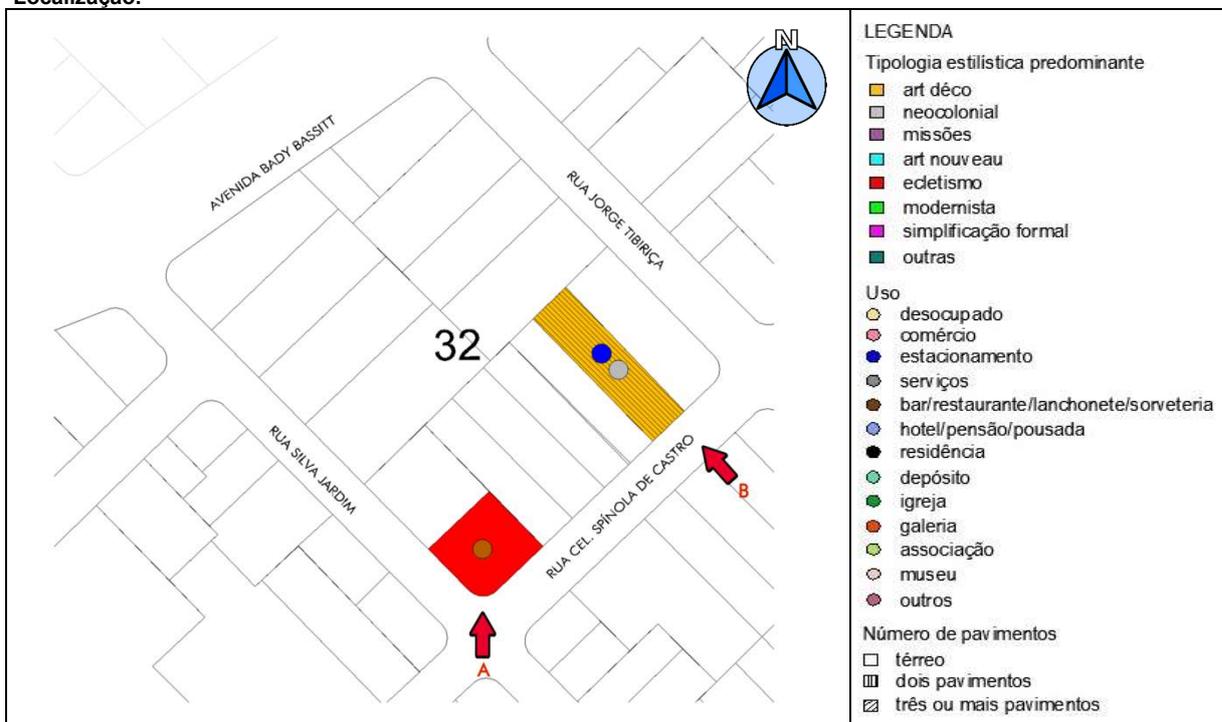
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
32

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



B. Edificação 02

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Cel. Spínola de Castro, Avenida Bady Bassit, Jorge Tibiriçá e Silva Jardim. Área próxima à Avenida Bady Bassit (antigo Córrego Borá), com vocação residencial, desde os primórdios da formação do povoado. Observam-se vários sobrados residenciais, com tipologia estilística Neocolonial, provavelmente construídos na década de 1940..

Contexto Atual:

A vocação residencial desapareceu, onde hoje, impera o comércio e serviços e muitos estacionamentos, pelo fato de ser uma área próxima à Avenida, onde o fluxo de carros é intenso e falta local para estacionar os carros. Esta área, apresenta pouca verticalização, e observam-se lanchonetes rudimentares, que se misturam à lojas de produto de beleza, comércio de autopeças, lojas de tecidos, salões de beleza, e outras prestações de serviços, o que resulta em uma área diversificada e com frequência de renda média

Estado de Conservação:

A, B– bom estado de conservação com relação à volumetria e gabarito, embora a edificação de número 02, tenha tido os caixilhos alterados.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Eclética
B. Edificação 02 – Art Déco

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1930
- B. Edificação 02 – 1940

Mérito

Edificações **A, B** -De conjunto, por expressarem os vários períodos e arquitetura correspondente, pelos quais passou o Centro Tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Não identificado
- B. Edificação 02 – Comércio Térreo e Residência, Pav. Superior

Uso Atual

- A. Lanchonete
- B. Estacionamento e serviços

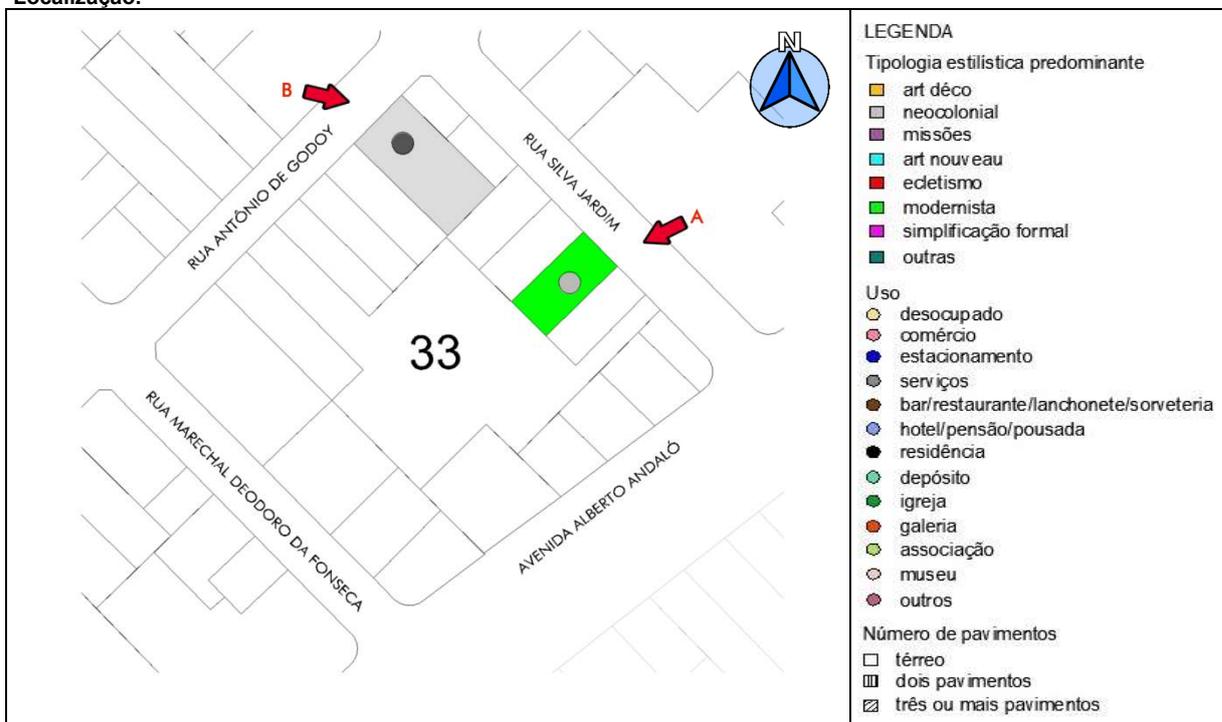
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
33

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 – Fonte: Google Earth



B. Edificação 02

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre a Avenida Alberto Andaló, Rua Antônio de Godoy, Silva Jardim e Marechal Deodoro da Fonseca. Área próxima à Avenida Alberto Andaló (antigo Córrego Canela), que inaugurou o projeto de remodelação urbana na gestão do Prefeito Alberto Andaló em 1958, cujo Córrego foi tamponado, para tornar-se Avenida. Observa-se através da tipologia estilística de algumas edificações, que a área passou por uma renovação urbana, como é o caso da edificação de número 01, com influência modernista.

Contexto Atual:

Nota-se um número muito grande de estacionamentos, provavelmente pela escassez de locais para estacionar na própria Avenida e também por ser próximo à Prefeitura, ao prédio do Poupa Tempo e Mercado Municipal, locais onde é intenso o fluxo de carros.

A Avenida é iluminada e muito frequentada a noite, com bares e restaurantes de média e alta renda. Conforme aproxima-se do centro tradicional, a área carece de iluminação e segurança.

Estado de Conservação:

A, B- bom estado de conservação com relação a volumetria e gabarito, embora a edificação de número 01 tenha sido bastante alterada.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Modernista
- B. Edificação 02 – Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1960
- B. Edificação 02 – 1940

Mérito

Edificações A, B -De conjunto, por expressarem os vários períodos e arquitetura correspondente, pelos quais passou o Centro Tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Não identificado
- B. Edificação 02 – Residência

Uso Atual

- A. Serviços
- B. Residência

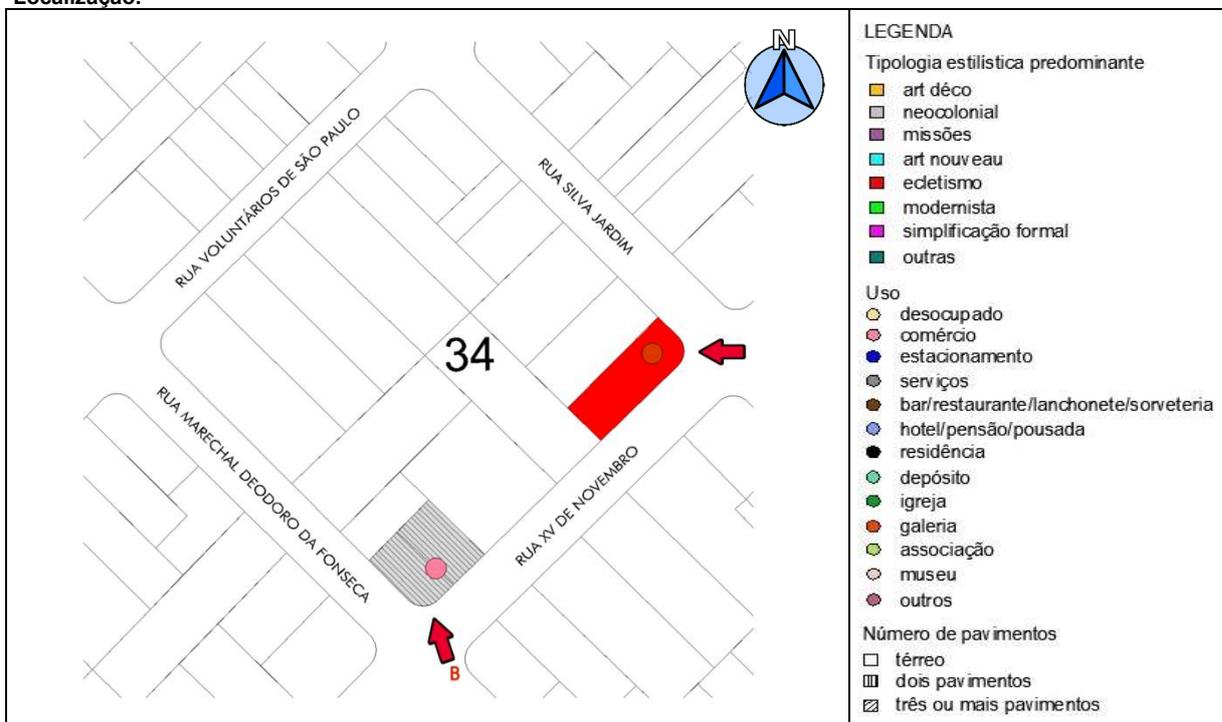
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
34

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



B. Edificação 02

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas XV de novembro, Voluntários de São Paulo, Silva Jardim e Marechal Deodoro da Fonseca. Área com vocação residencial, de acordo com Bibliografia, onde localizaram-se na década de 1940 e 1950, grandes casebres, cujos proprietários eram donos das fazendas que fomentavam a agroindústria exportadora.

Contexto Atual:

Predomina o comércio de média e alta renda. Área repleta de óticas, papelarias, restaurantes que servem aos funcionários de agências bancárias, médicos, dentistas e outros funcionários e prestadores de serviços. A área é bastante verticalizada, com prédios na sua maioria do setor de serviços e alguns residenciais. Observam-se postos de gasolina e estacionamentos. A infraestrutura urbana é relativamente bem cuidada, com exceção da fiação exposta e alguns problemas como calçamento, acessibilidade e outros. A vocação residencial não mais existe, com raríssimas exceções. A noite, quando o comércio fecha as portas, a área carece de iluminação e segurança.

Estado de Conservação:

A, B – bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Eclética
B. Edificação 02 – Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1930
- B. Edificação 02 – 1940

Mérito

- A, B -De conjunto, por expressarem os vários períodos e arquitetura correspondente, pelos quais passou o Centro Tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Não identificado
- B. Edificação 02 – Residência

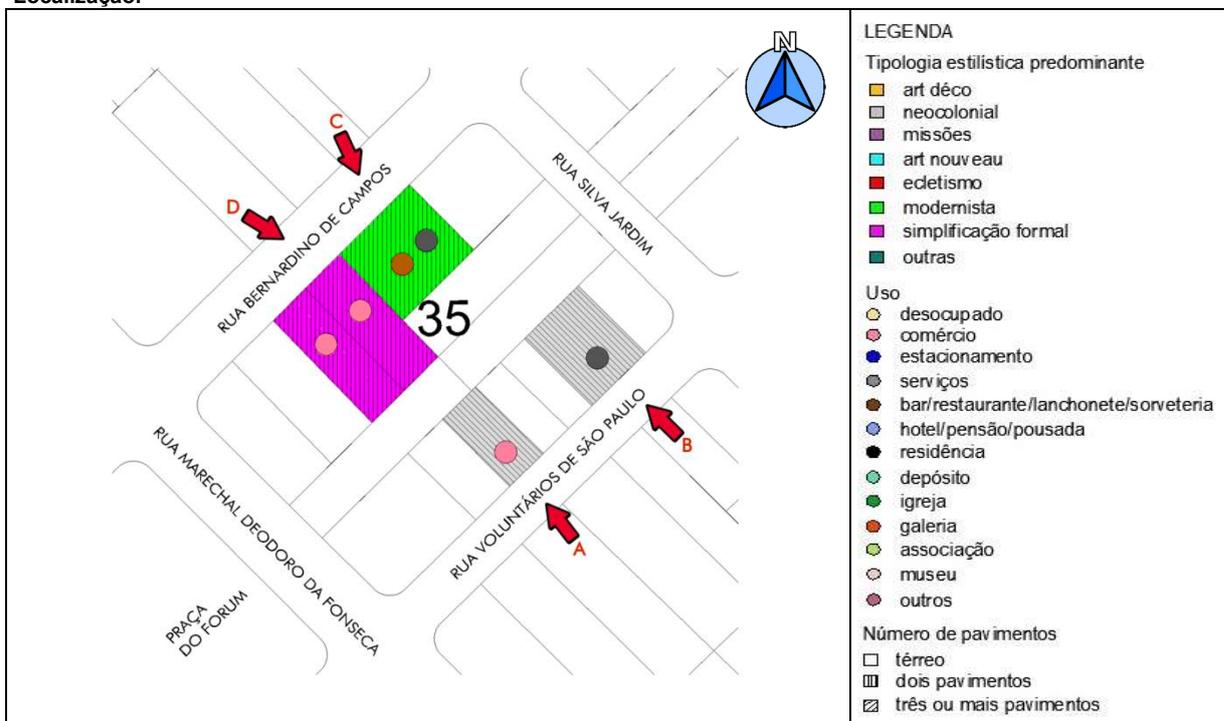
Uso Atual

- A. Restaurante
- B. Comércio

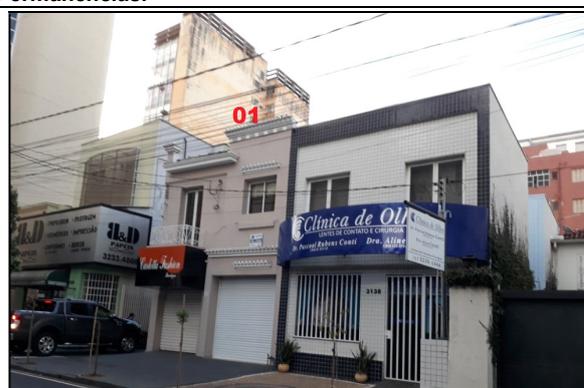
Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02



D. Edificação 04 e 05

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Voluntários de São Paulo, Bernardino de Campos, Silva Jardim e Marechal Deodoro da Fonseca.

A Rua Voluntários de São Paulo, foi nos anos 1940, caracterizada por moradias de alto padrão. Vários dos sobrados imponentes dos barões da agroindústria, eram ali localizados. É uma das principais ruas do centro tradicional. Desde a década de 1940, assiste a uma inicialmente tímida verticalização, que se intensifica nos anos 1950 e 1960, chegando ao seu auge, nos anos 1980.

Contexto Atual:

Área densamente verticalizada, onde predomina um comércio de média e alta renda. Localizam-se vários consultórios médicos, escritórios de advogados, dentistas e outros prestadores de serviços. Os melhores restaurantes frequentado pelas pessoas que trabalham no centro estão localizados nessa região. Observam-se muitas óticas, papelarias, lojas de tecnologia e outros itens, que induzem à uma frequência de renda mais alta. Restaram pouquíssimas residências nessa região, mas algumas persistem, como é o caso da edificação de número 02.

A infraestrutura urbana é relativamente bem cuidada, mas carece de maior cuidado com as calçadas estreitas e pouco acessíveis, principalmente para portadores de mobilidade reduzida.

A noite a área é pouco iluminada, apesar da localização de prédios residenciais.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01- Bom estado de conservação
- B. Edificação 02- Bom estado de conservação
- C. Edificação 03- Bom estado de conservação
- D. Edificação 04 –Aspecto de abandono e publicidade desordenada
- Edificação 05 –Aspecto de abandono e publicidade desordenada

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Neocolonial
- B. Edificação 02- Neocolonial
- C. Edificação 03- Modernista
- D. Edificação 04 – Simplificação formal do “Moderno”
- Edificação 05 - Simplificação formal do “Moderno”

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- B. Edificação 02 – 1940/1950
- C. Edificação 03- 1960
- D. Edificação 03- 1950/60
- Edificação 04- 1950/60

Mérito

A, B, C e D -De conjunto, por expressarem os vários períodos e arquitetura correspondente, pelos quais passou o Centro Tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01 - Residência
- B. Edificação 02 – Residência
- C. Edificação 03 – Restaurante no pav. térreo e Residência, nos pav. superiores
- D. Edificação 04 – Comércio pav. térreo e Residência pav. Superior
- Edificação 05 - Comércio pav. térreo e Residência pav. superior

Uso Atual

- A. Edificação 01 –Comércio
- B. Edificação 02- Residência
- C. Edificação 03- Restaurante no pav. térreo e residência, nos pav. superiores
- D. Edificação 04- Comércio
- Edificação 05- Comércio

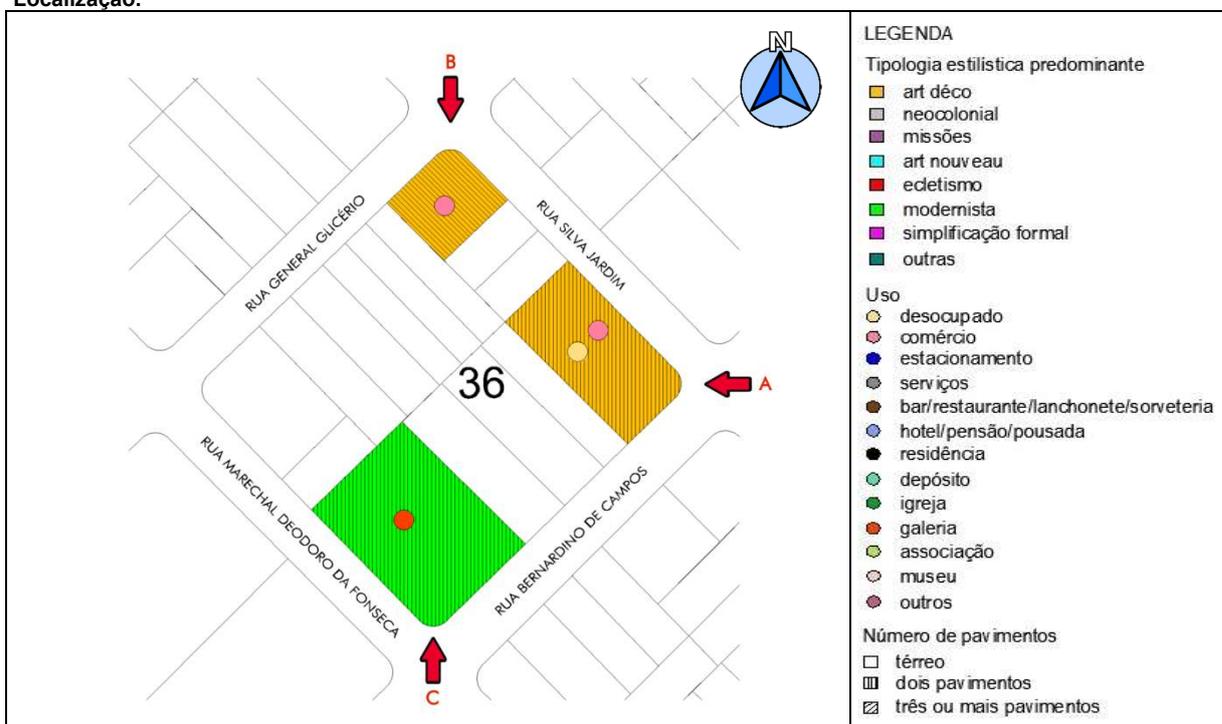
Nível de Proteção:

Não existe

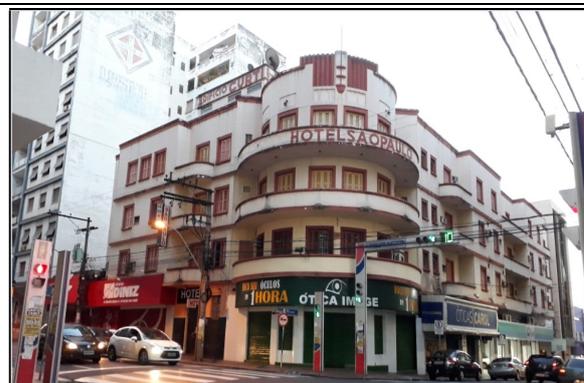
Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
36

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Bernardino de Campos, General Glicério, Silva Jardim e Marechal Deodoro da Fonseca. Um dos quadriláteros mais significativos do Centro Tradicional, por conter edificações relevantes para o convívio social. Abrigou o Hotel e Cine Curti, construído na década de 1940, uma emblemática edificação proto moderna (Edificação nº 01).

Nesse quadrilátero, foi também construída a Galeria Bassit, edificação da década de 1960, que inaugurou a implantação da Arquitetura Moderna no Município, como um dos exemplos mais significativos desse período (Edificação nº 03).

Contexto Atual:

Área de ocupação nobre, desde o início do povoado, intensificado com os exemplos emblemáticos das décadas de 1940 e 1960, deu lugar ao comércio popular e em alguns pontos apresenta um certo grau de deterioração, tanto com relação à infraestrutura urbana, como com relação à ocupação das edificações. O Edifício Curti (Edificação 01), é hoje ocupado por comércio no pavimento térreo, sendo que os demais encontram-se desativados. A Galeria Bassit, encontra-se ocupada, com Comércio no pav. térreo e Serviços nos pav. superiores, mas está longe de apresentar o glamour da década de 1960, quando possuía um comércio específico, composto por ótimas livrarias e casas musicais, onde eram vendidas partituras, instrumentos e outros.

Estado de Conservação:

A, B, C – as edificações se mantêm íntegras

Tipologia Estilística Predominante:

- A.** Edificação 01- Art Déco joorge tirei o proto
- B.** Edificação 02- Art Déco
- C.** Edificação 03 – Modernista

Década aproximada da Construção:

- A.** Edificação 01- 1940
- B.** Edificação 02 – 1940
- C.** Edificação 03- 1960

Mérito

- A.** Edificação 01- Excepcional, por ser parte da arquitetura produzida na década de 1940, emblemática da Arquitetura Art Déco (joorge, tirei o proto) e que caracteriza a fisionomia do Centro Tradicional, ainda hoje.
- B.** Edificação 02 -De conjunto, por ser expressiva do Conjunto Art Déco, produzido nos anos 1940 e parte integrante da fisionomia do Centro Tradicional que ainda hoje permanece.
- C.** Edificação 03 – Excepcional, por inaugurar a implantação do Modernismo no Município, nos anos 1960.

Uso Original:

- A.** Edificação 01- Hotel e cinema
- B.** Edificação 02 – Não Identificado
- C.** Edificação 03 – Galeria (comércio e serviços)

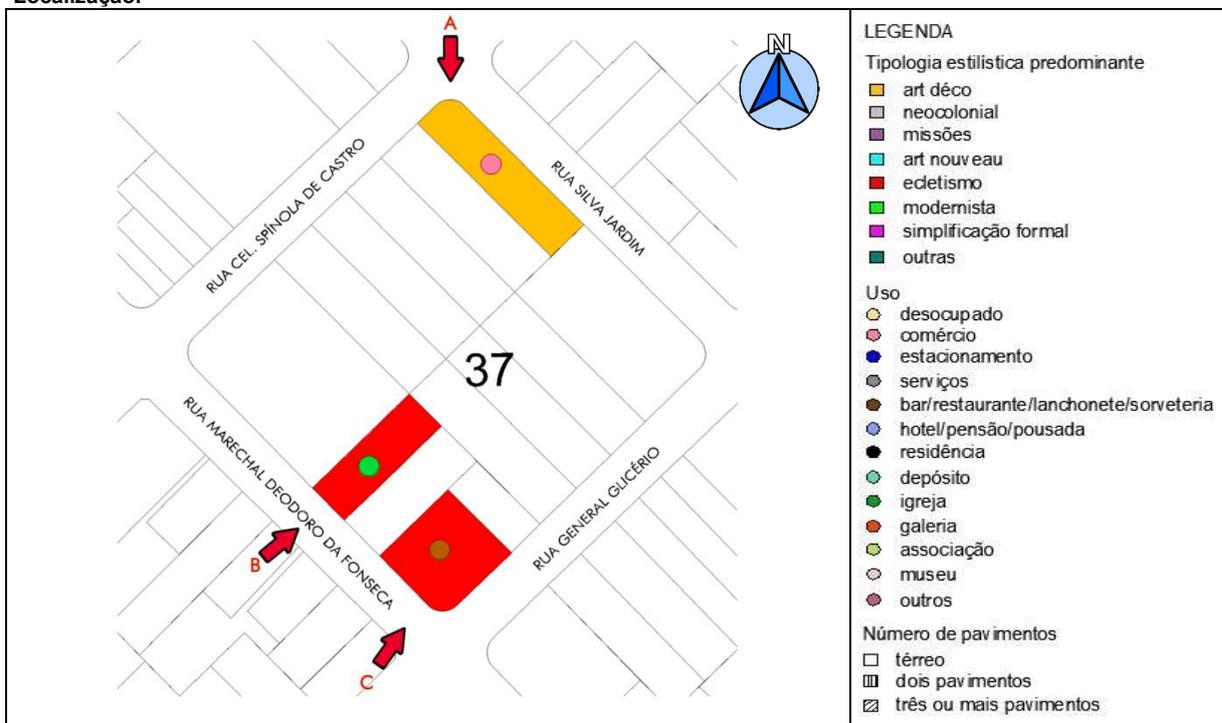
Uso Atual

- A.** Comércio no térreo e desocupado nos Pav. Superiores
- B.** Comércio
- C.** Comércio no Térreo e Serviços nos Pav. Superiores

Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



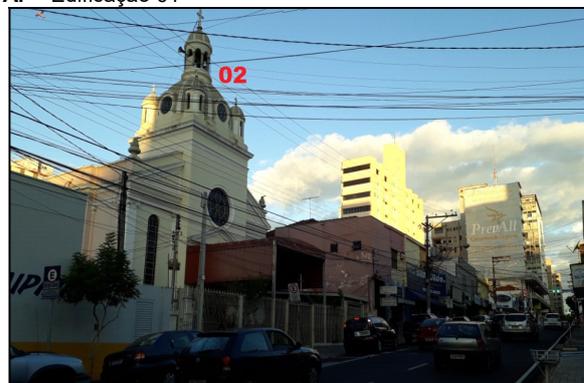
Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02

Contexto Urbano:

Quarteirão contido entre as Ruas General Glicério, Cel. Spínola de Castro, Silva Jardim e Marechal Deodoro da Fonseca. Nessa área, observa-se uma diversificação típica do uso do solo, característica do Centro Tradicional, até a década de 1950, quando se deu o início à implantação do Plano de Zoneamento, em 1958. Entretanto, nesse trecho, essa diversificação

permanece, tendo desaparecido porém, a função residencial.
 O local recebeu a construção da Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge, cuja pedra fundamental foi lançada de 1936 em terreno comprado pela comunidade árabe em 1930
(Fonte: Dicionário Rio-pretense, de autoria de Lelé Arantes, editora Rio-pretense, 1997/2000).

Contexto Atual:

Área pouco verticalizada nesse trecho que antecede o calçadão. Predomina o comércio de tecnologia, confecções, bares modestos e ainda hoje permanece a Igreja Ortodoxa.

Estado de Conservação:

A, B e C– bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A.** Edificação 01- Art Déco
- B.** Edificação 02- Eclética
- C.** Edificação 03 – Eclética

Década aproximada da Construção:

- A.** Edificação 01- 1940
- B.** Edificação 02 – 1930
- C.** Edificação 03 – 1936

Mérito

- A.** Edificação 01 -De conjunto, por ser expressiva do Conjunto Art Déco, produzido nos anos 1940 e parte integrante da fisionomia do Centro Tradicional que ainda hoje permanece.
- B.** Edificação 02 – De conjunto, por demonstrar os períodos pelos quais passou o Centro Tradicional e a arquitetura característica dos mesmos
- C.** Edificação 03- Excepcional – Por tratar-se de edificação religiosa, emblemática da comunidade árabe, parcela bastante significativa da imigração ocorrida no Município, no início do século.

Uso Original:

- A.** Edificação 01- Comércio
- B.** Edificação 02 – Comércio
- C.** Edificação 03 – Igreja

Uso Atual

- A.** Comércio
- B.** Bar
- C.** Igreja

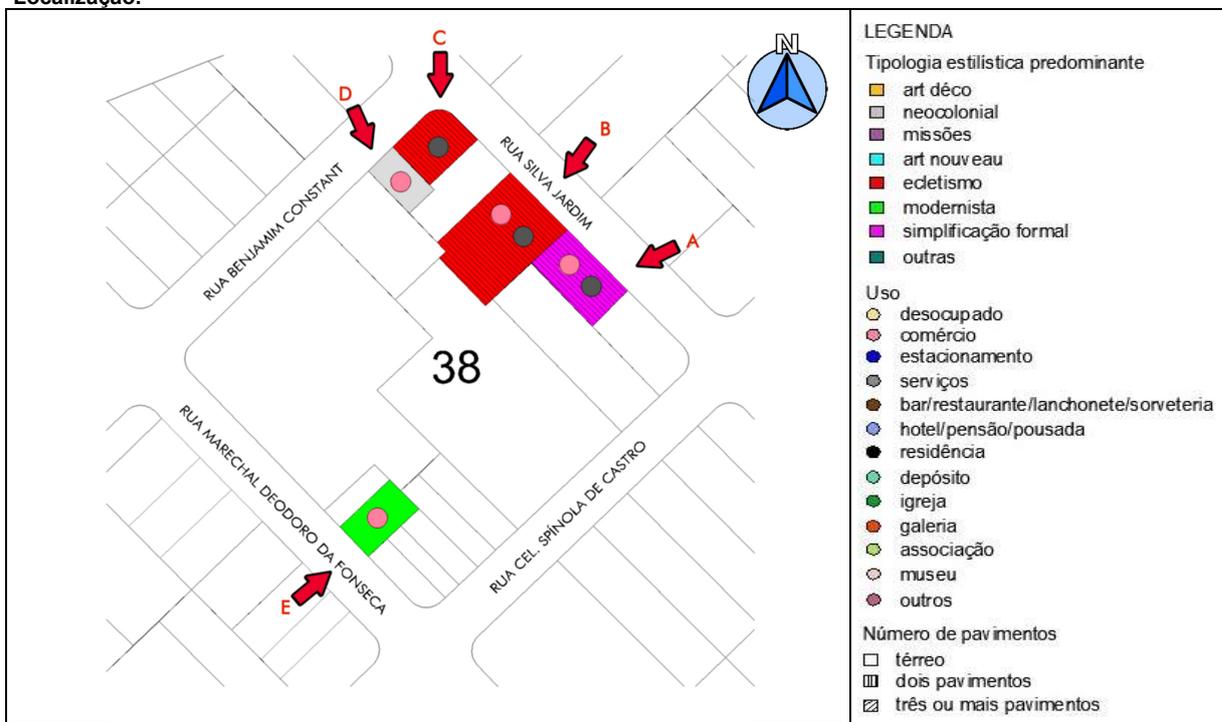
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
38

Localização:



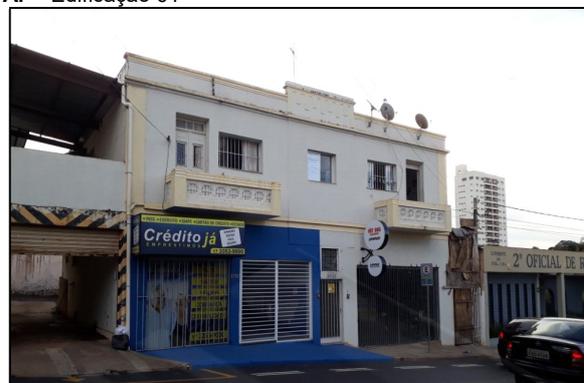
Permanências:



A. Edificação 01



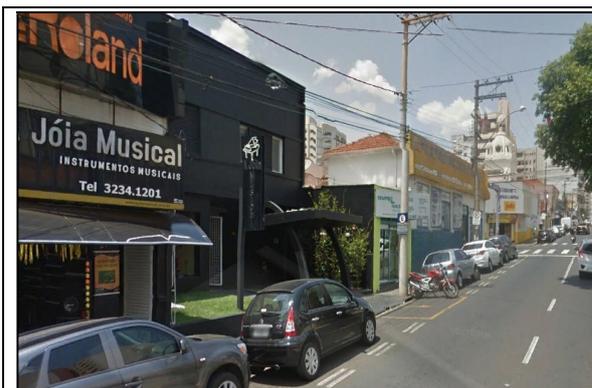
C. Edificação 03



B. Edificação 02 – Fonte Google Earth



D. Edificação 04- Fonte Google Earth



E. Edificação 05

Contexto Urbano:

Quarteirão contido entre as Ruas Cel. Spínola de Castro, Benjamim Constant, Silva Jardim e Marechal Deodoro da Fonseca. Nessa área, observa-se uma diversificação típica do uso do solo, característica do Centro Tradicional, até os anos 1950, quando se deu o início à implantação do Plano de Zoneamento, em 1958. Entre as décadas de 1940 e 1950, foram implantados alguns prédios, com poucos pavimentos, com a função de comércio ou serviço no Térreo e residência, no pav. superior, ou demais pavimento Essa forma de ocupação aparece de forma recorrente no Centro Tradicional..

Contexto Atual:

Área pouco verticalizada nesse trecho, predominando o comércio específico, como loja de instrumentos musicais e partituras, assistência técnica de eletrodomésticos, chaveiros, restaurantes populares, e outros. Os pequenos prédios, de natureza mista, como acima mencionados, mantêm ainda hoje a mesma função, permanecendo o uso residencial no pavimento superior, nessa região do centro tradicional.

Estado de Conservação:

A, B e C, D, E, - as edificações se mantêm íntegras, sendo que as Edificações 01 e 04, apresentam pichações e a edificação 05, está completamente descaracterizada com relação a cor, cuja tipologia arquitetônica, passa despercebida sob a cor escura.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Simplificação formal
- B. Edificação 02- Eclética
- C. Edificação 03- Eclética
- D. Edificação 04- Neocolonial
- E. Edificação 05- Modernista

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1950
- B. Edificação 02 – 1940/1950
- C. Edificação 03- 1940/1950
- D. Edificação 04 – 1940
- E. Edificação 05- 1960

Mérito

A,B,C,D,E- De conjunto, por demonstrar os vários períodos pelos quais passou o Município e a arquitetura característica correspondente.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Comércio no Pav. Térreo e Residência, no Pav. Superior
- B. Edificação 02- Comércio no Pav. Térreo e Residência, no Pav. Superior
- C. Edificação 03 - Residência
- D. Edificação 04 – Residência
- E. Edificação 05 – Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Comércio no pav. térreo e Residência, no pav. superior
- B. Edificação 02- Serviços no pav. térreo e Residência no pav. Superior
- C. Edificação 03 - Residência
- D. Edificação 04 – Não identificado
- E. Edificação 05- Comércio

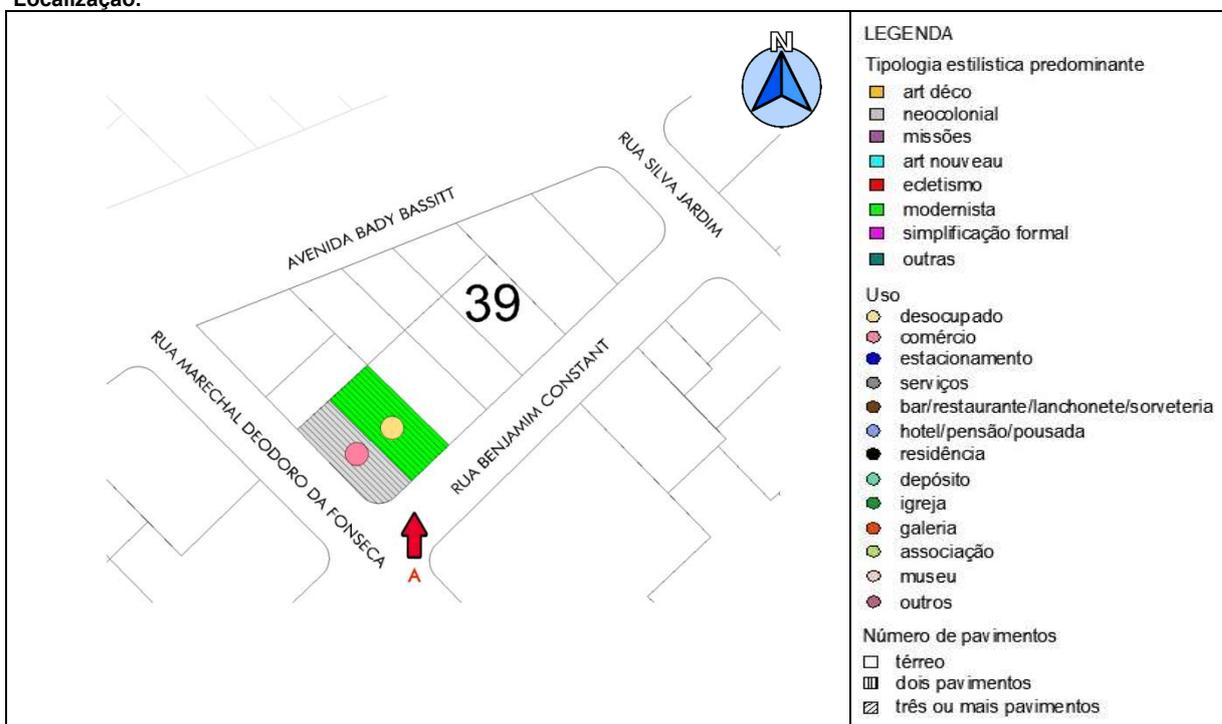
Nível de Proteção:

Não existe

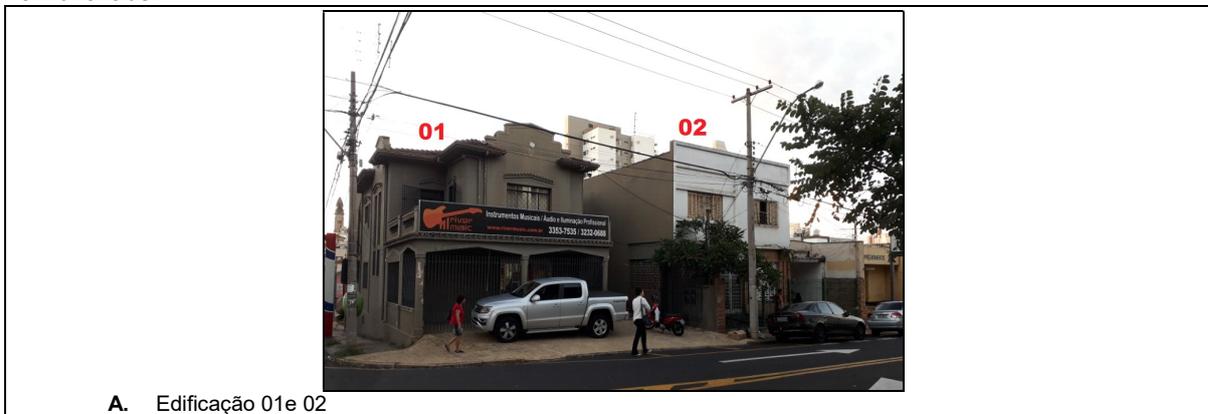
Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
39

Localização:



Permanências:



Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Benjamim Constant, Av. Bady Bassitt, Rua Silva Jardim e Marechal Deodoro da Fonseca. Nessa área, observa-se uma diversificação típica do uso do solo, característica do Centro Tradicional, até os anos 1950, quando se deu o início à implantação do Plano de Zoneamento, em 1958. Próximo à Avenida Bady Bassitt, observam-se reminiscências de uso residencial bastante recorrente.

Contexto Atual:

Área pouco verticalizada nesse trecho, predominando o comércio específico, como loja de instrumentos musicais. Alguns imóveis, como a edificação 02, encontram-se desocupados e com um certo ar de abandono. Observa-se comércio de renda média alta, que se mistura, às pequenas edificações, muitas das quais desocupadas e com ar de abandono. O local é pouco iluminado e oferece pouca segurança à noite.

Estado de Conservação:

A. Edificação 01- Bom estado de conservação
Edificação 02- Estado de abandono

Tipologia Estilística Predominante:

A. Edificação 01- Neocolonial
Edificação 02- Modernista

Década aproximada da Construção:

A. Edificação 01- 1940
Edificação 02 –1960

Mérito

A,B - De conjunto, por demonstrar os vários períodos pelos quais passou o Município e a arquitetura característica correspondente.

Uso Original:

A. Edificação 01- Residência
Edificação 02- Residência

Uso Atual

A. Edificação 01- Comércio
Edificação 02- Desocupada

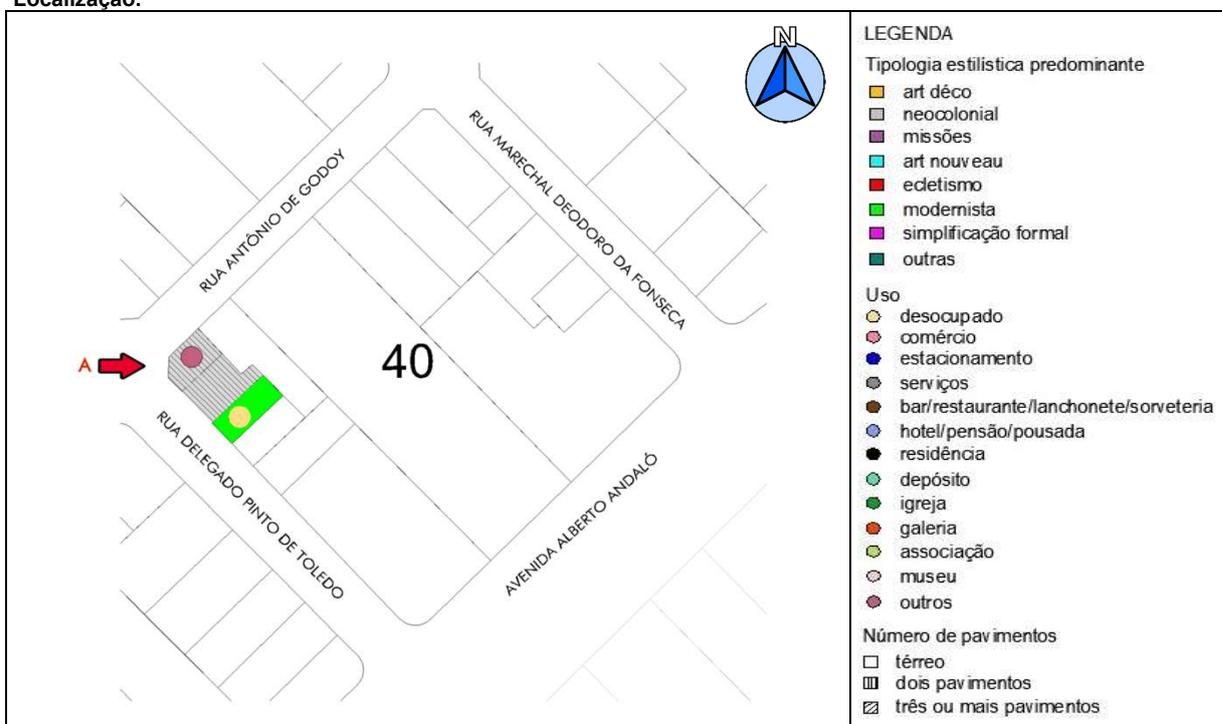
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
40

Localização:



Permanências:



Contexto Urbano:

Quarteirão contido entre as Ruas Delegado Pinto de Toledo, Marechal Deodoro da Fonseca, Antônio de Godoy e Avenida Alberto Andaló. Nos anos 1940, essa área foi ocupada por casarões residenciais Neocoloniais e também foi característica pela diversidade de ocupações.

Contexto Atual:

A área se torna mais degradada, conforme se aproxima da Estação Ferroviária. A infraestrutura urbana apresenta-se de forma bastante descuidada e a área tem aspecto de abandono e problemas com limpeza, calçamento deteriorado e estreito, problemas com relação à acessibilidade, fiação exposta e segurança. A noite a iluminação é ineficiente.

Estado de Conservação:

A. Edificação 01- A edificação se mantém íntegra
Edificação 02- A edificação se mantém íntegra

Tipologia Estilística Predominante:

A. Edificação 01- Neocolonial
Edificação 02- Modernista

Década aproximada da Construção:

A. Edificação 01- 1940
Edificação 02- 1950

Mérito

A e B – de conjunto, pois demonstram a ocupação que predominou na região central, nos diversos períodos.

Uso Original:

A. Edificação 01- Residência
Edificação 02- Residência

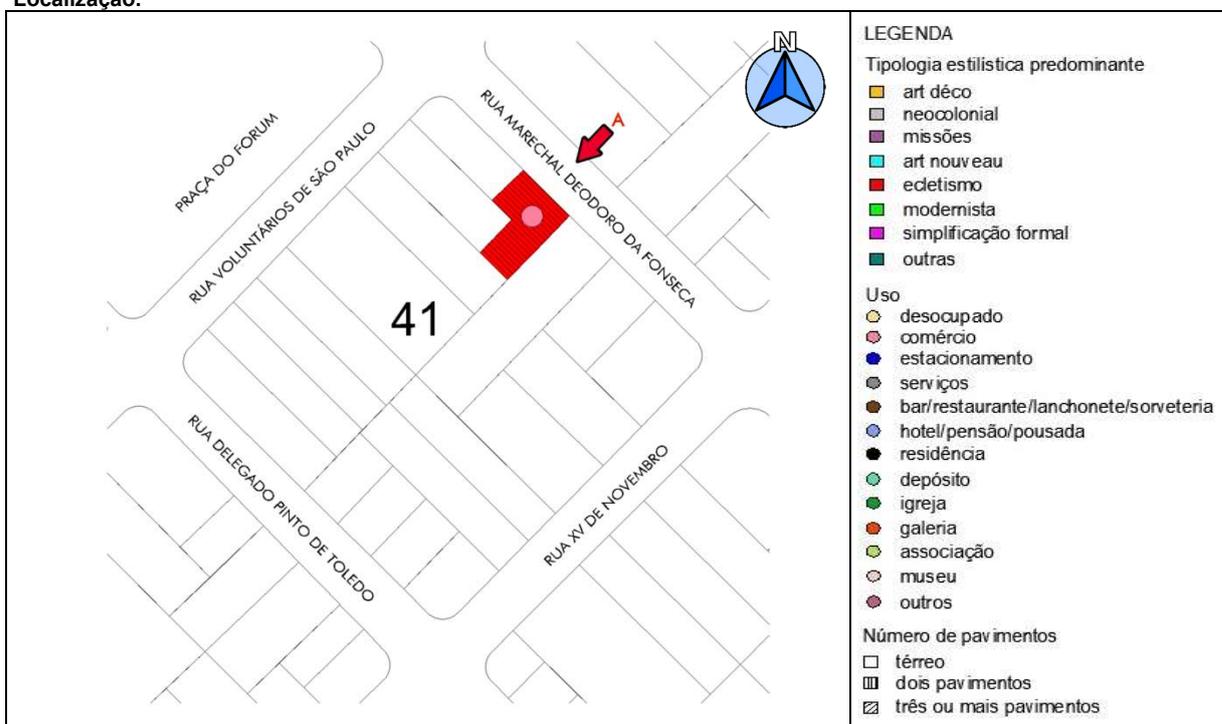
Uso Atual

A. Edificação 01- Sindicato
Edificação 02- Desocupada

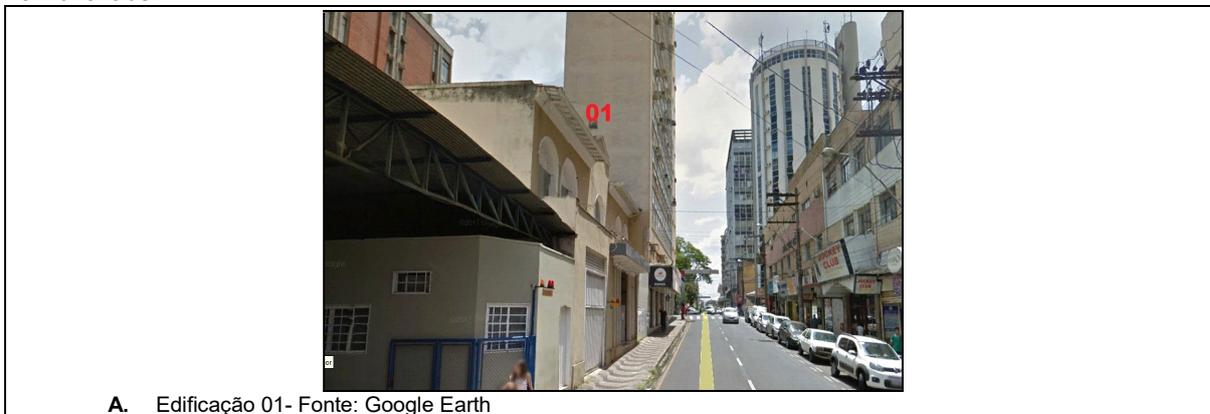
Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



Permanências:



Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Voluntários de São Paulo, XV de Novembro, Marechal Deodoro da Fonseca e Delegado Pinto de Toledo.

O trecho que dá frente à Rua Voluntários de São Paulo, hoje Praça Rio Branco ou Praça do Fórum, foi o primeiro cemitério do Povoado. Posteriormente, foi construída a primeira Escola do Município, construção muito contestada pelo engenheiro Ugolino Ugolini, autor do traçado da primeira planta da cidade (BRANDI, 2002), pois ele achava que o cemitério poderia provocar alguma espécie de contaminação, principalmente através da água, prejudicando as crianças.

Contexto Urbano:

No trecho defronte para a Rua Voluntários de São Paulo, está localizado o Fórum. Durante o dia, existe um enorme movimento dos funcionários e no entorno há vários restaurantes frequentados pelos funcionários e por profissionais liberais que têm consultórios e escritórios nas imediações. O número de pessoas que transita no local é muito grande, devido ao serviço telefônico localizado nas proximidades e às demais lojas e agências bancárias, além de algumas Escolas. A infraestrutura urbana é relativamente bem cuidada e bem sinalizada, embora as calçadas sejam estreitas e não ofereçam acessibilidade adequada, principalmente para os portadores de mobilidade reduzida. A fiação exposta também prejudica a limpeza visual, assim como não existe nenhum projeto que monitora a instalação de placas alusivas aos diversos tipos de comércio, restaurantes, ou qualquer tipo de estabelecimento. A área é bastante verticalizada e observam-se muitos prédios residenciais. À noite, o local carece de iluminação e segurança.

Estado de Conservação:

A. A edificação se mantém íntegra, embora bastante descaracterizada.

Tipologia Estilística Predominante:

A. Edificação 01- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

A. Edificação 01- 1950

Mérito

A. Edificação 01- Excepcional. Essa edificação foi construída na década de 1950, para tornar-se sede da Associação Centro Médico, que deu origem a uma das principais atividades do Município. Hoje, São José do Rio Preto é um centro médico de excelência, procurado pelo Brasil inteiro. A edificação possui em seu interior vitrais e espelhos da Casa Conrado, ateliê pioneiro da arte do vitral no Brasil (informação extraída do artigo escrito pela profa. Regina Lara Silveira Mello para o Anpap – 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”, 2010 – Cachoeira – Bahia.
Embora seja inexpressiva do ponto de vista arquitetônico, pois mistura vários repertórios, possui uma importância simbólica, como marco inaugural de uma atividade relevante para a cidade.

Uso Original:

A. Edificação 01- Sede da Associação Centro Médico

Uso Atual

A. Edificação 01- Comércio

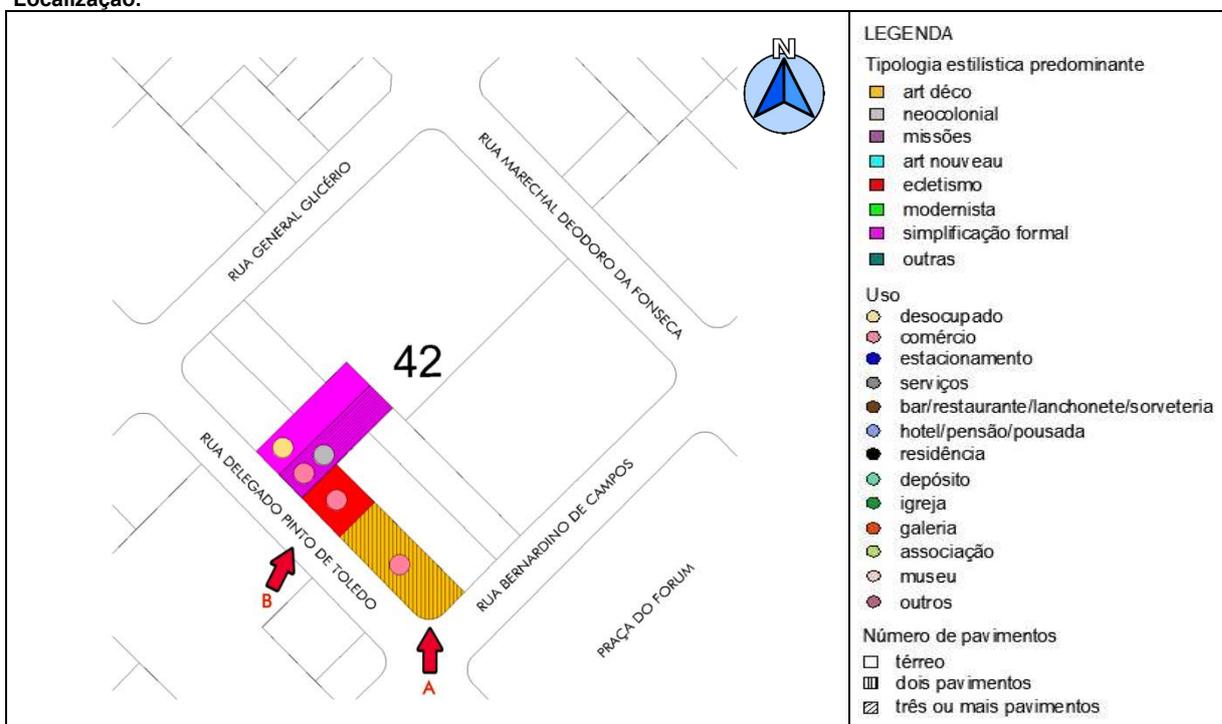
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
42

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



B. Edificação 02, 03 e 04 – Fonte Google Earth

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Bernardino de Campos, General Glicério, Marechal Deodoro da Fonseca e Delegado Pinto de Toledo.

Área próxima de onde foi a segunda cadeia pública, na década de 1940. Caracterizou-se como uma área de diversidade de funções, com predominância do comércio, principalmente na Rua Bernardino de Campos. Na hoje, Praça Rio Branco, ou Praça do Fórum, localizou-se o primeiro cemitério municipal e no início do século XIX, a primeira escola. Foi palco da renovação urbana da década de 1940, onde vários edifícios com repertório Déco foram construídos.

Contexto Atual:

Área considerada nobre e verticalizada, onde agrupam-se várias agências bancárias e comércio de grande porte, inclusive postos de gasolina. A sede municipal do departamento de polícia estadual, localiza-se nas proximidades.

Observam-se nessa área, edificações antigas, com fachadas encobertas por publicidade excessiva. Algumas edificações da década de 1940 ou 1960, apresentam maior limpeza visual. Não existe nessa área e em nenhuma outra do centro tradicional, qualquer regulamentação que iniba a utilização de publicidade indiscriminadamente.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01- ótimo estado de conservação.
B. Edificações 02,03 e 04- as edificações permanecem íntegras

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Art Déco
- B. Edificação 02- Eclética
- Edificação 03- Simplificação formal do "Moderno"
- Edificação 04- Simplificação formal do "Moderno"

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- B. Edificação 02- 1930
- Edificação 03- 1950/60
- Edificação 04- 1950/60

Mérito

- A. De conjunto, por demonstrar a ocupação urbana, entre as décadas de 1930 e 1960.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Não identificado
- B. Edificação 02- Não identificado
- Edificação 03- Não identificado
- Edificação 04- Residência e consultório médico

Uso Atual

- A. Edificação 01- Comércio
- B. Edificação 02- Comércio
- Edificação 03 – Comércio
- Edificação 04- Desocupado

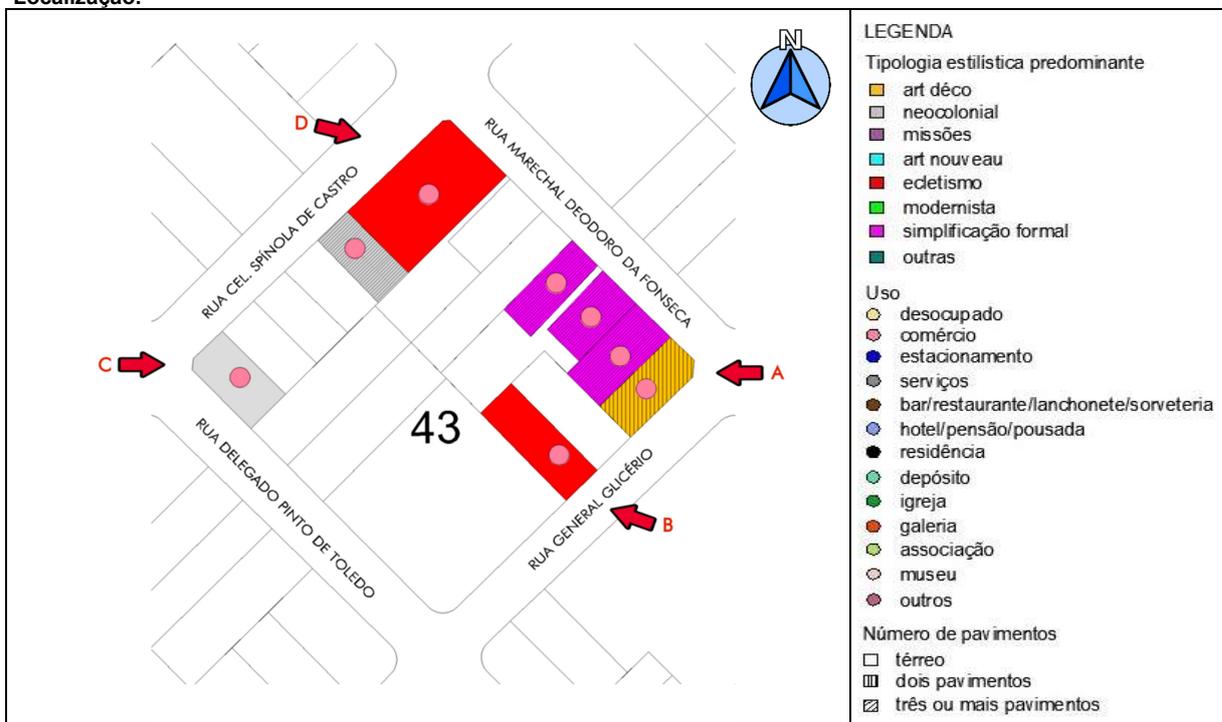
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
43

Localização:



Permanências:



A. Edificações 01, 02, 03 e 04.



C. Edificação 06



B. Edificações 05



D. Edificação 07 e 08

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas General Glicério, Cel. Spínola de Castro, Marechal Deodoro da Fonseca e Delegado Pinto de Toledo.

A Rua General Glicério e Cel. Spínola de Castro, caracterizaram-se sempre como ruas comerciais. A Rua Cel. Spínola de

Castro, em 1920, chamava-se Rua do Comércio, de acordo com depoimento oral em 2017, em visitas ao local, com professor e pesquisador Agostinho Brandi. De acordo com Tonello, (2006), nessa área também estavam localizadas algumas máquinas de benefício de arroz e café, fábrica de calhas e o Foto dos irmãos Demonte, que ilustraram o Álbum da Comarca de Rio Preto de 1927, publicado em 1929, idealizado pelo jornalista Abílio Abrunhosa Cavalheiro e por Paulo Laurito, que conta a história de São José no Rio Preto nesse período. Essa vocação continuou nas décadas seguintes. Nos anos 1940 a ocupação se deu na grande maioria, por casarões Neocoloniais de propriedade dos fazendeiros que saíam das fazendas e ali construía suas moradias.

Contexto Atual:

Área onde observa-se um comércio específico, que varia entre oficinas de eletrodomésticos, farmácias, gráficas, empórios, pequenos restaurantes de frequência de classe média, lojas de roupas, etc. Apresenta certa verticalização, com edifícios residenciais e de uso misto, variando entre prestação de serviços e consultórios médicos. Observam-se edificações da década de 1930 e 1940 transformadas em comércio ou prestação de serviços e muitos estacionamentos.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01, 02, 03 e 04 – as edificações se mantêm íntegras, com um bom estado de conservação.
- B. Edificação 05 – Ótimo estado de conservação
- C. Edificação 06- A edificação se mantêm íntegra, entretanto completamente obscurecida pela publicidade.
- D. Edificação 07- Bom estado de conservação
- E. Edificação 08 – A edificação se mantêm íntegra, entretanto completamente obscurecida pela publicidade.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Art Déco
Edificações 02, 03, 04 – Simplificação formal do Moderno.
- B. Edificação 05 - Eclética
- C. Edificação 06 - Neocolonial
- D. Edificação 07 – Neocolonial
- E. Edificação 08 - Eclética

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
Edificações 02, 03 e 04- entre as década de 1950 e 1960.
- B. Edificação 05- 1930
- C. Edificação 06- 1930
- D. Edificação 07- 1940
Edificação 08- 1920/1930

Mérito

A, B, B, D - De conjunto, por demonstrar a ocupação urbana, entre as décadas de 1920 e 1960.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Comércio no Térreo e Moradia, nos demais pavimentos.
Edificações 02, 03 e 4 – Comércio no térreo e moradia no segundo pavimento.
- B. Edificação 05 – Não identificado
- C. Edificação 06 – Não identificado
- D. Edificação 07- Residência
Edificação 08 – Não identificado

Uso Atual

- A. Edificação 01, 02, 03 e 04 – Comércio
- B. Edificação 05- Comércio
- C. Edificação 06- Serviços
- D. Edificação 07- Comércio
Edificação 08 - Comércio

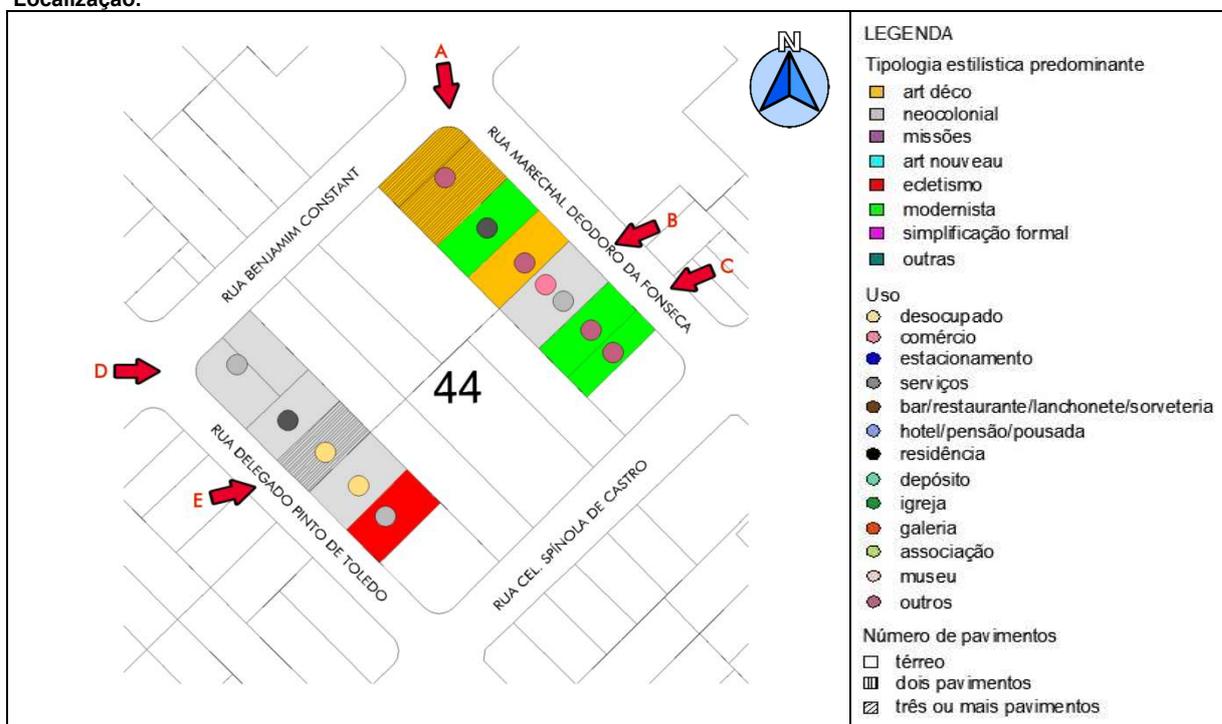
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
44

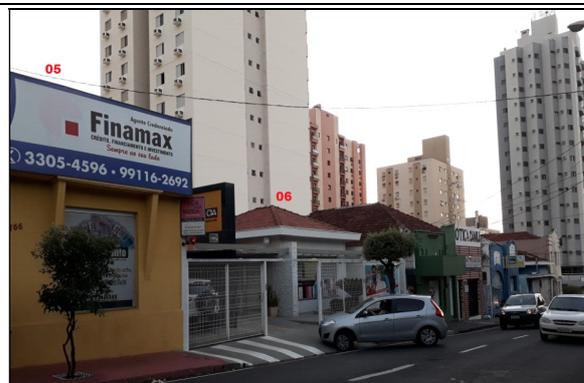
Localização:



Permanências:



A. Edificações 01 e 02



C. Edificações 05 e 06



B. Edificações 03 e 04



D. Edificação 07



E. Edificações 08, 09 e 10

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Cel. Spínola de Castro, Benjamim Constant, Marechal Deodoro da Fonseca e Delegado Pinto de Toledo.

Neste trecho, principalmente da Rua Delegado Pinto de Toledo, entre as Ruas Cel, Spínola de Castro e Benjamim Constant, observa-se que na década de 1940, a ocupação urbana foi predominantemente residencial, com casas térreas e sobrados com repertório Neocolonial.

Contexto Atual:

O uso das residências térreas, assim como os sobrados da década de 1940, tiveram seus usos transformados para a prestação de serviços, como escritórios de advocacia, salões de beleza e outros. Alguns imóveis estão desocupados com placas de aluga-se. Nesse quarteirão, observa-se inclusive a conservação do tamanho do lote, conforme descrição no início da ficha de análise urbana. As edificações da década de 1940, encontram-se praticamente intactas, só tendo sido alterado o tipo de ocupação.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01 – ótimo estado de conservação
- Edificação 02 – ótimo estado de conservação
- B. Edificação 03 - bom estado de conservação, com publicidade excessiva
- Edificação 04- bom estado de conservação
- C. Edificação 05- bom estado de conservação, com publicidade excessiva
- Edificação 06- bom estado de conservação
- D. Edificação 07- ótimo estado de conservação
- E. Edificação 08 – ótimo estado de conservação
- Edificação 09 - bom estado de conservação
- Edificação 10 - a edificação se mantém íntegra

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Art Déco
- Edificação 02- Modernista
- B. Edificação 03 - Art Déco
- Edificação 04 - Neocolonial
- C. Edificação 05 – Modernista
- Edificação 06 - Modernista
- D. Edificação 07- Neocolonial
- E. Edificação 08 – Neocolonial
- Edificação 09 - Neocolonial
- Edificação 10 – Eclética

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01 – 1940
- Edificação 02 - 1960
- B. Edificação 03 - 1940
- Edificação 04 – 1940
- C. Edificação 05 – 1940
- Edificação 06 - 1940
- D. Edificação 07- 1940
- E. Edificação 08- 1940
- Edificação 09- 1940
- Edificação 10- 1930

Mérito

A, B, C, D e E - De conjunto, por demonstrar a ocupação urbana, entre as décadas de 1930 e 1960, nesse quadrilátero com a grande maioria de ocupação residencial e a tipologia arquitetônica correspondente.

Uso Original:

- | |
|---|
| <p>A. Edificação 01- Residência
Edificação 02- Residência</p> <p>B. Edificação 03 – Residência
Edificação 04 - Residência</p> <p>C. Edificação 05-Residência
Edificação 06-- Residência</p> <p>D. Edificação 07- Residência</p> <p>E. Edificação 08 – Residência
Edificação 09- Residência
Edificação 10- Não identificado</p> |
|---|

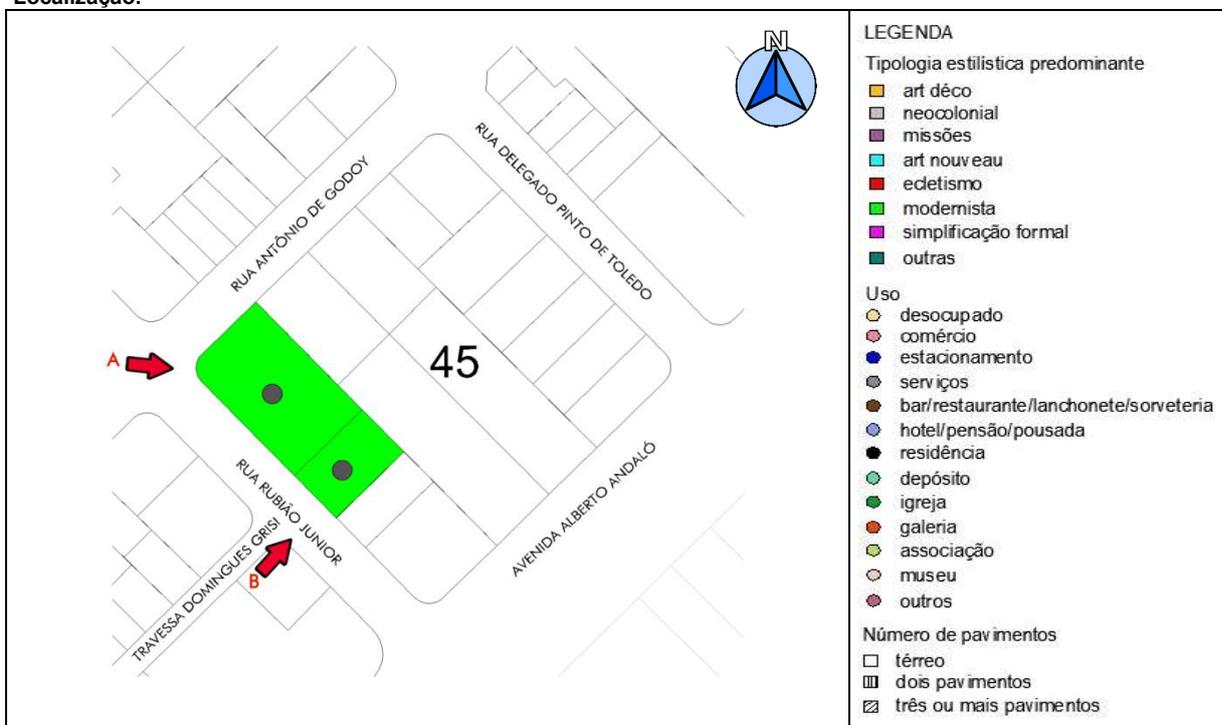
Uso Atual

- | |
|--|
| <p>A. Edificação 01- Agente credenciado de financiamento
Edificação 02- Residência</p> <p>B. Edificação 03 – Financiamentos Habitacionais e Consórcio da Caixa Econômica Federal
Edificação 04 – Comércio e Serviços</p> <p>C. Edificação 05- Agente de financiamento
Edificação 06- Setor da Universidade Anhanguera</p> <p>D. Edificação 07- Serviços (Salão de beleza e escritório de advocacia)</p> <p>E. Edificação 08- Residência
Edificação 09- Desocupada
Edificação 10- Serviços</p> |
|--|

Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 – Fonte: Google Earth



B. Edificação 02

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre a Avenida Alberto Andaló, Rua Antônio de Godoy, Delegado Pinto de Toledo e Rubião Júnior. Observa-se uma renovação urbana no trecho próximo à Avenida Alberto Andaló, na década de 1960, período próximo à consolidação do Plano de Avenidas, proposto na gestão do prefeito Alberto Andaló, que dá nome à Avenida, ao observar-se a tipologia estilística das residências desse período.

Contexto Atual:

Observa-se uma área relativamente verticalizada, mas pouco adensada se comparada à área próxima às praças centrais, notadamente, Praça Dom José Marcondes (antigo Jardim Velho), São José e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo). As duas edificações, 01 e 02, respectivamente, continuam com a função de moradia. A infraestrutura urbana é relativamente boa. Ressaltando sempre que a fiação elétrica é exposta e o calçamento é estreito, não existindo um planejamento de acessibilidade ou calçamento ou até mesmo sinalização para portadores de mobilidade reduzida. A noite a área apresenta problemas com relação à iluminação e segurança. A poluição visual, diminui, conforme a localização se distancia da Área próxima à Estação Rodoviária, onde predomina o comércio popular e se aproxima da Avenida, nesse trecho.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01 – Bom estado de conservação
- B. Edificação 02 - Bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Modernista
- B. Edificação 02- Modernista

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1960
- B. Edificação 02 – 1960

Mérito

A, B- De conjunto, pois demonstra a renovação urbana havida na área no final da década de 1950 e na década de 1960.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- B. Edificação 02- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Residência
- B. Edificação 02- Residência

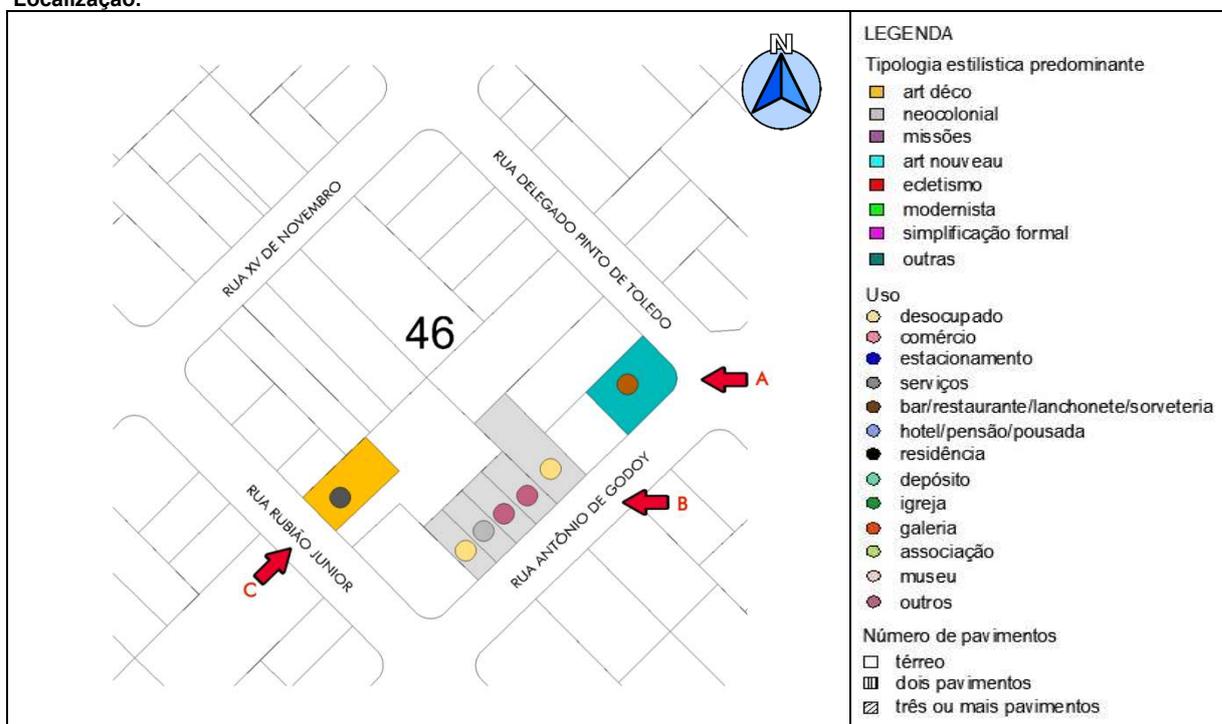
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
46

Localização:



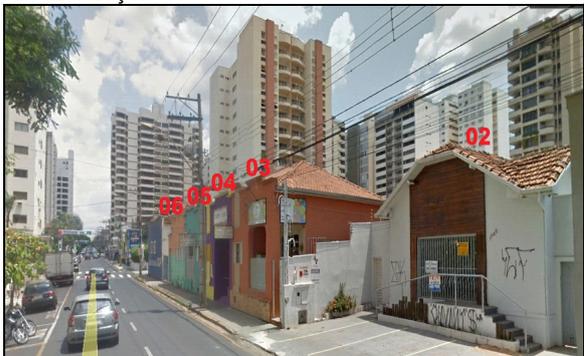
Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 07 – Foto Google Earth



B. Edificações 02, 03, 04, 05, 06 – Foto Google Earth

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas Antônio de Godoy, XV de novembro, Delegado Pinto de Toledo e Rubião Júnior. Observa-se uma área que foi uma área predominantemente residencial, na década de 1940, através da tipologia arquitetônica que ainda hoje se conserva. Residências térreas, relativamente simples, com repertório Neocolonial, na grande maioria.

Contexto Atual:

As edificações residenciais transformaram seu uso para comércio ou serviços. Poucas mantêm a função residencial. Área verticalizada, mas que conserva boa parte da volumetria das edificações da década de 1940, algumas conservando a volumetria e a fachada.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01 – Mantém sua integridade física, mas a visibilidade é prejudicada pela publicidade excessiva.
- B. Edificação 02, 03, 04, 05 e 06 - Mantém sua integridade física com relação à volumetria. As fachadas passaram por alterações. A fachada 02, apresenta pichações.
- C. Edificação 07- Permanece íntegra, conservando volumetria e fachada.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Neocolonial com traços da arquitetura bizantina
- B. Edificações 02, 03, 04, 05 e 06 - Neocolonial
- C. Edificação 07- Art Déco

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- B. Edificação 02,03, 04, 05 e 06- 1940
- C. Edificação 07 – 1940

Mérito

A, B e C- De conjunto, pois demonstra a ocupação urbana da década de 1940 e a tipologia estilística correspondente

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- B. Edificações 02, 03, 04, 05 e 06 - Residência
- C. Edificação 07- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Restaurante
- B. Edificação 02 – Desocupada
Edificação 03 e 04- agência de publicidade
Edificação 05- Serviços (escritório de advocacia)
- C. Edificação 06- Residência
Edificação 07- Residência

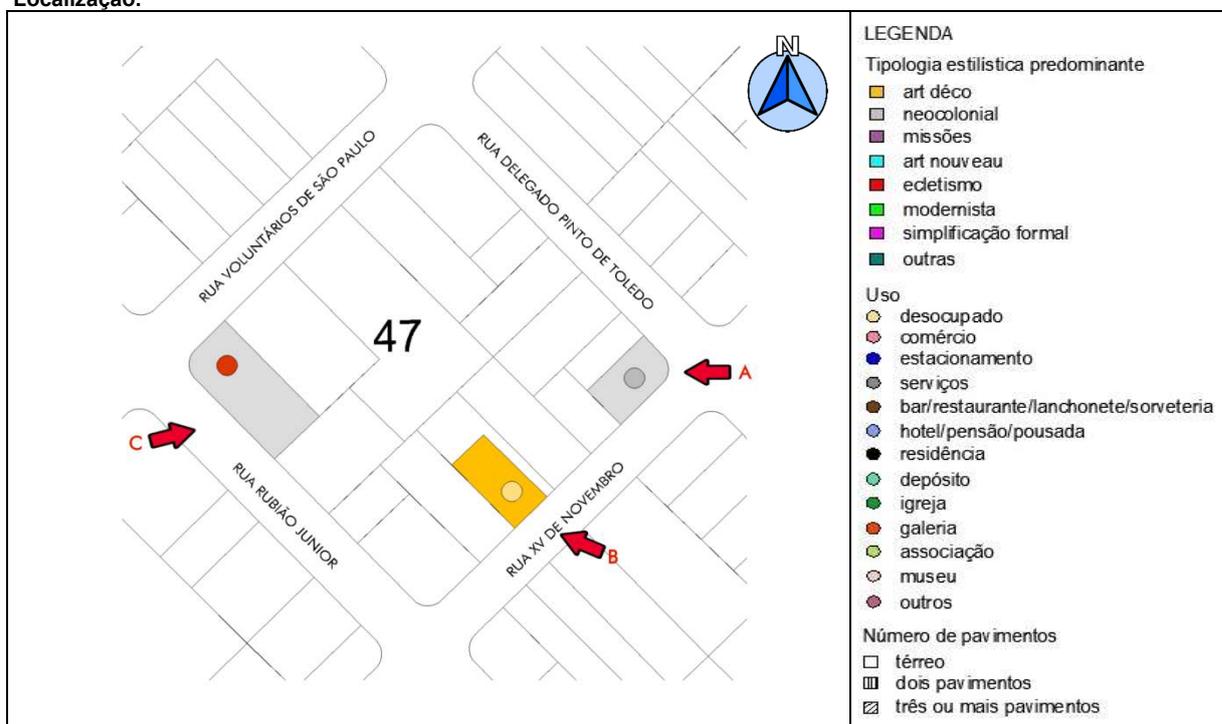
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
47

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02

Contexto urbano original:

Quarteirão contido entre as Ruas XV de novembro, Voluntários de São Paulo, Delegado Pinto de Toledo e Rubião Júnior. Predominantemente residencial na década de 1940.

Contexto Atual:

Área pouco verticalizada, onde predomina o Setor de Serviços, como escritórios de advocacia, salões de cabeleireiros e comércio específico, como óticas, restaurantes, agências bancárias e estacionamentos.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01 – Mantém sua integridade física.
- B. Edificação 02- Mantém sua integridade física
- C. Edificação 03- Mantém sua integridade física

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Neocolonial
- B. Edificações 02 – Art Déco
- C. Edificação 03- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- B. Edificação 02- 1940
- C. Edificação 03 – 1940

Mérito

A, B e C- De conjunto, pois demonstra a ocupação urbana da década de 1940 e a tipologia estilística correspondente

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- B. Edificações 02- Residência
- C. Edificação 03- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Serviços (escritório de advocacia)
- B. Edificação 02 – Residência
- C. Edificação 03 – Restaurante

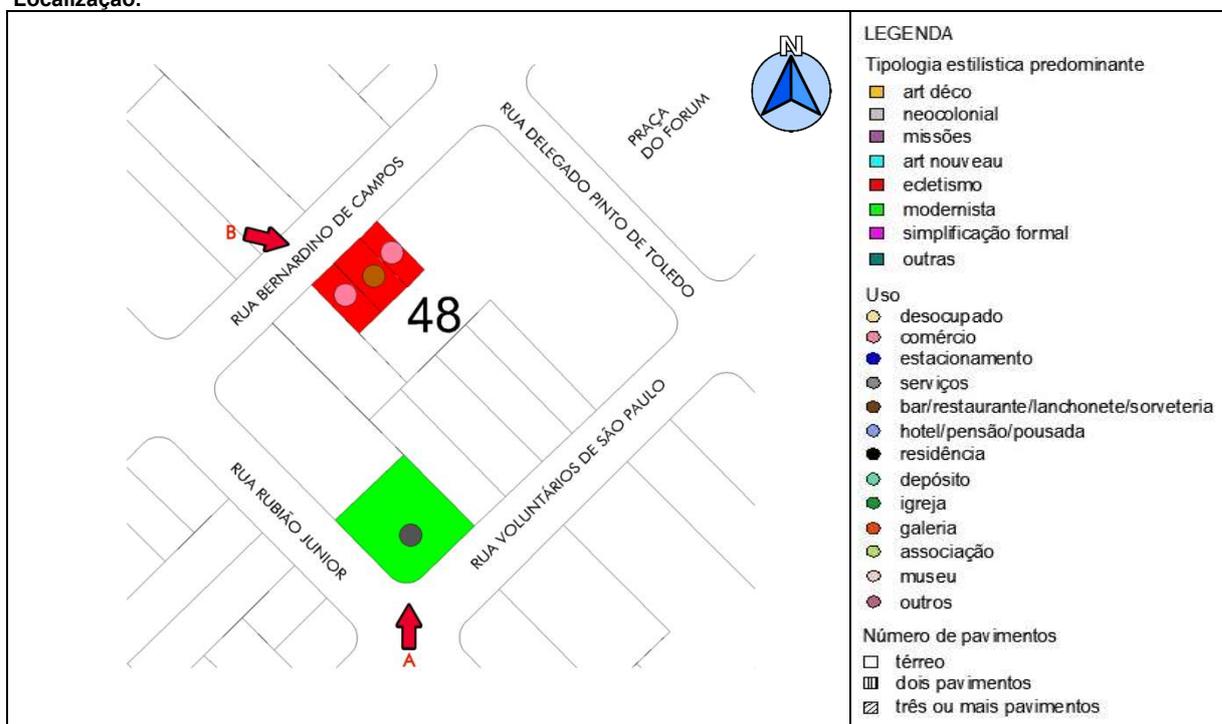
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
48

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 _ Fonte : Google Earth



B. Edificação 02,03, 04 – Fonte Google Earth

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas Bernardino de Campos, Voluntários de São Paulo, Delegado Pinto de Toledo e Rubião Júnior.

A Rua Voluntários de São Paulo, foi na década de 1940, ocupada majoritariamente por residências, período em que a burguesia se instalou na região central, saindo das fazendas. Nas imediações, principalmente na Rua Bernardino de Campos, observam-se ainda construções da década de 1930, construídas para servir a economia agroexportadora.

Contexto Atual:

Contemporaneamente essa área é ocupada pelo comércio. Na Rua Voluntários de São Paulo, uma das principais ruas centrais, observa-se um comércio de frequência de maior poder aquisitivo, composto basicamente por lojas de grife, óticas, restaurantes, agências bancárias e outros. É uma área bastante verticalizada, embora sem a densidade da área próxima às Praças Dom José Marcondes (antigo Jardim Velho), Praça São José e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo). Nas imediações, principalmente Rua Bernardino de Campos, observa-se um comércio de menor poder aquisitivo. A infraestrutura urbana é relativamente bem cuidada. Não existe controle relativo à publicidade.

Estado de Conservação:

- A-** Edificação 01- Bom estado de conservação, embora apresente publicidade excessiva.
B- Edificação 02- Bom estado de conservação, embora apresente publicidade excessiva.
 Edificação 03- Bom estado de conservação, embora apresente publicidade excessiva.
 Edificação 04- Bom estado de conservação, embora apresente publicidade excessiva.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Modernista
- B. Edificação 02 - Eclética
- Edificação 03 - Eclética
- Edificação 04 – Eclética

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1960
- B. Edificação 02- 1930
- Edificação 03- 1930
- Edificação 04- 1930

Mérito

A, B - De conjunto, pois a tipologia arquitetônica revela os vários ciclos econômicos pelos quais passou o município, assim como o processo de renovação urbana ocorrida entre as décadas de 1950 e 1960.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residencial
- B. Edificação 02- Infraestrutura da economia agroexportadora
- Edificação 03- Infraestrutura da economia agroexportadora
- Edificação 04- Infraestrutura da economia agroexportadora

Uso Atual

- A. Edificação 01 – Comércio
- B. Edificação 02 - Comércio
- Edificação 02 - Comércio
- Edificação 03 – Comércio

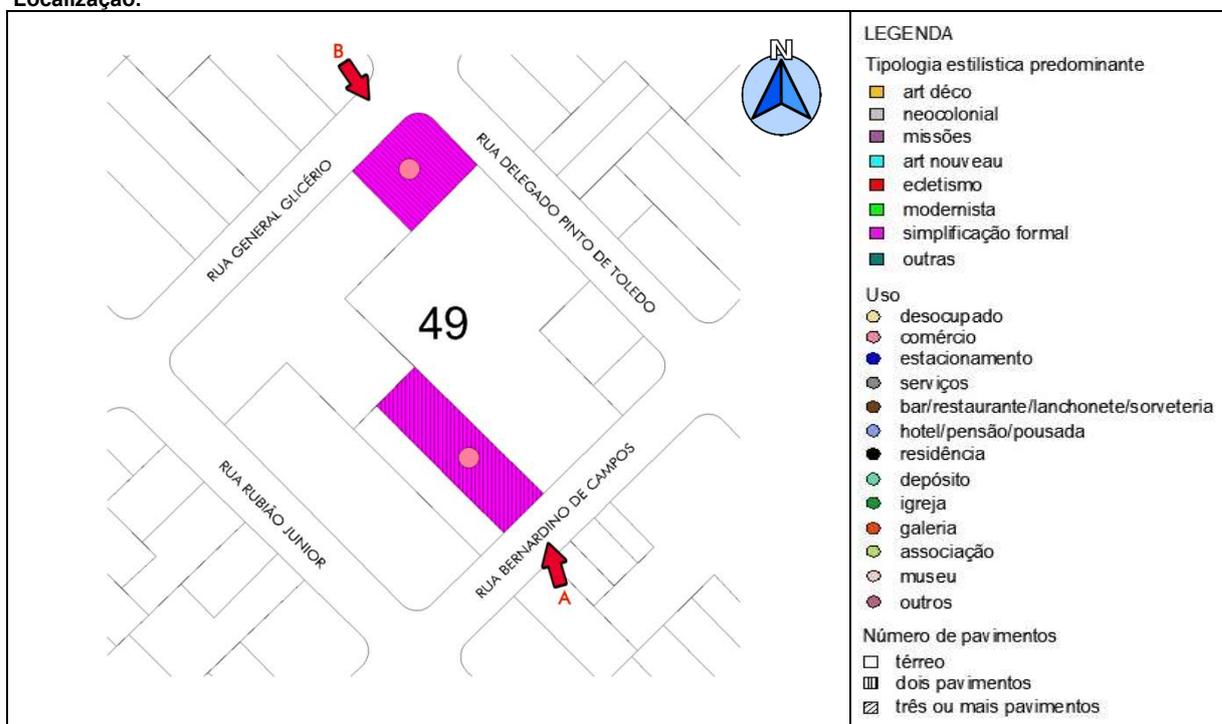
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
49

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 – Fonte: Google Earth



B. Edificação 02 – Fonte Google Earth

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas Bernardino de Campos, General Glicério, Delegado Pinto de Toledo e Rubião Júnior. A Rua General Glicério e Bernardino de Campos, tiveram vocação comercial, desde o início da urbanização do Centro Tradicional, entretanto algumas residências mesclam-se ao uso predominante.

Contexto Atual:

Prevalece o comércio, embora persistam algumas residências. A área é pouco verticalizada e não há um controle da publicidade. A infraestrutura urbana é relativamente bem cuidada, com boa sinalização. Durante a noite mantém um certo fluxo de pessoas, pelo fato de localizarem-se escolas nas proximidades. Observam-se muitas farmácias, que ficam abertas até mais tarde, fornecendo apoio à rede hospitalar próxima, bem como carrinhos de lanche, muito comuns em algumas áreas do Centro Tradicional.

Estado de Conservação:

- A- Edificação 01- A edificação se mantém íntegra.
 B- Edificação 02- A edificação se mantém íntegra, entretanto encontra-se com a pintura bastante danificada e contém publicidade excessiva.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Simplificação formal do "Moderno"
- B. Edificação 02- Simplificação formal do Art Déco

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1960
- B. Edificação 02- 1960

Mérito

A, B - De conjunto, pois expressa o uso do solo urbano do Centro Tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Comercial no térreo e Residencial nos demais pavimentos
- B. Edificação 02- Comercial no Térreo e residencial no segundo pavimento

Uso Atual

- A. Edificação 01- Comércio
- B. Edificação 02- Comércio

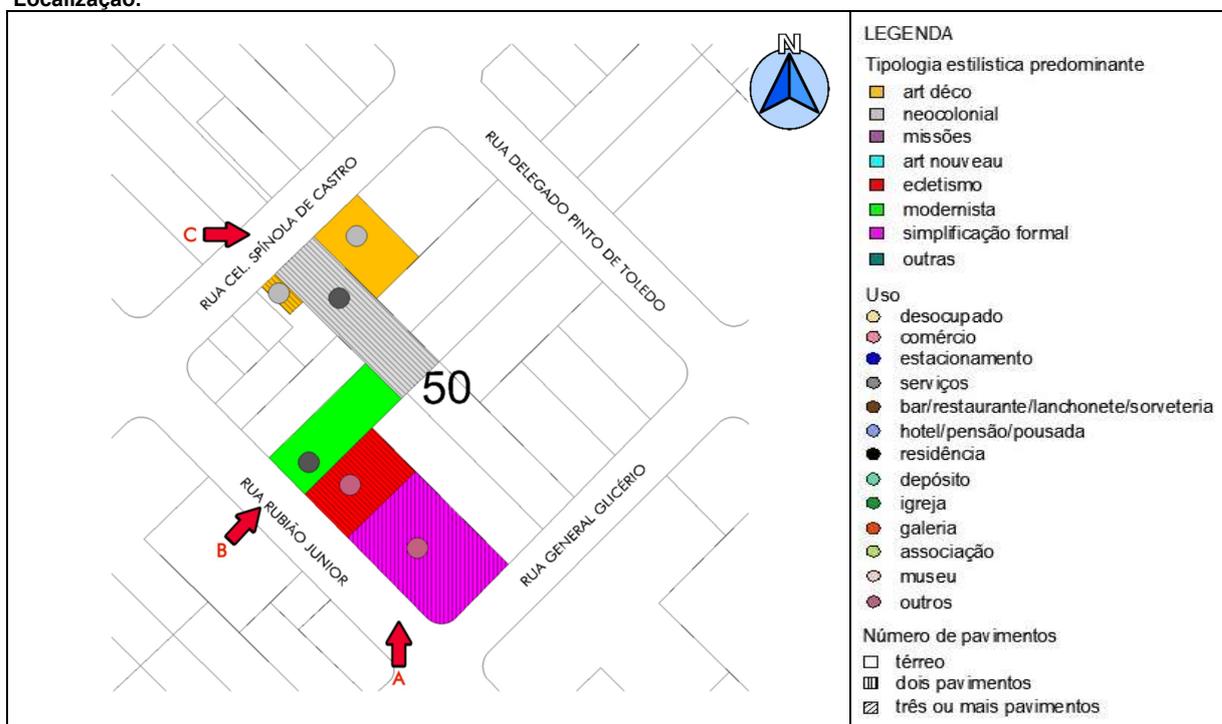
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
50

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 e 02



C. Edificações 04, 05 e 06



B. Edificação 03 –Fonte: Google Earth

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas General Glicério, Coronel Spínola de Castro, Delegado Pinto de Toledo e Rubião Júnior. Conforme se aproxima da Avenida Bady Bassit (antigo córrego Borá), nesse trecho observam-se muitas edificações com ocupação de caráter residencial. No geral, sobrados da década de 1940, com tipologia Neocolonial. A edificação de número

06 é uma das poucas edificações residenciais onde foi utilizado o repertório Déco. Comumente, essa tipologia é mais usual para o comércio ou edificações institucionais, no Centro Tradicional de São José do Rio Preto.

Contexto Atual:

Área parcialmente verticalizada, com prédios ocupados por consultórios médicos, uso comercial e também residencial. Observam-se algumas residências, que mantêm o uso originário, prevalecendo o comércio. A infraestrutura é relativamente bem cuidada, mas observam-se fiação exposta. A área é relativamente bem iluminada e existe um fluxo de pessoas que a frequentam no período noturno, pela existência de escolas nas proximidades. As edificações 01 e 02, Faculdades Dom Pedro II, teve início como uma escola de nível secundário, tendo sido fundada em 16/11/1927. Essa Escola deu origem às Faculdades D. Pedro II. (Arantes, 2000). Esse não foi o primeiro prédio onde teve início a faculdade (depoimento oral, professor Agostinho Brandi, 2016, durante a pesquisa in loco). Hoje ali funciona também o Colégio Objetivo.

Estado de Conservação:

- A- Edificação 01- Bom estado de conservação.
Edificação 02- Bom estado de conservação.
- B- Edificação 03- A edificação se mantém Íntegra.
- C- Edificação 04- A edificação se mantém íntegra, a pintura danificada.
Edificação 05- Bom estado de conservação
Edificação 06- Bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Simplificação Formal do Moderno
Edificação 02- Eclética
- B. Edificação 03-Modernista
- C. Edificação 04- Art Déco
Edificação 05- Neocolonial
Edificação 06- Bangalô com linhas do repertório Art Déco

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1960
Edificação 02- 1960
- B. Edificação 03- 1960
- C. Edificação 04- 1940
Edificação 05- 1940
Edificação 06- 1940

Mérito

A,B, e C - De conjunto, pois a tipologia arquitetônica revela os vários ciclos econômicos pelos quais passou o município, assim como o processo de renovação urbana ocorridos nos vários períodos.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Faculdades Dom Pedro
Edificação 02- Faculdades Dom Pedro
- B. Edificação 03- Residência
- C. Edificação 04- Comércio embaixo e Residência, Pav. superior
Edificação 05- Residência
Edificação 06- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Faculdades Dom Pedro
Edificação 02- Faculdades Dom Pedro
- B. Edificação 03-Residência
- C. Edificação 04- Serviços
Edificação 05- Residência
Edificação 06- Serviços

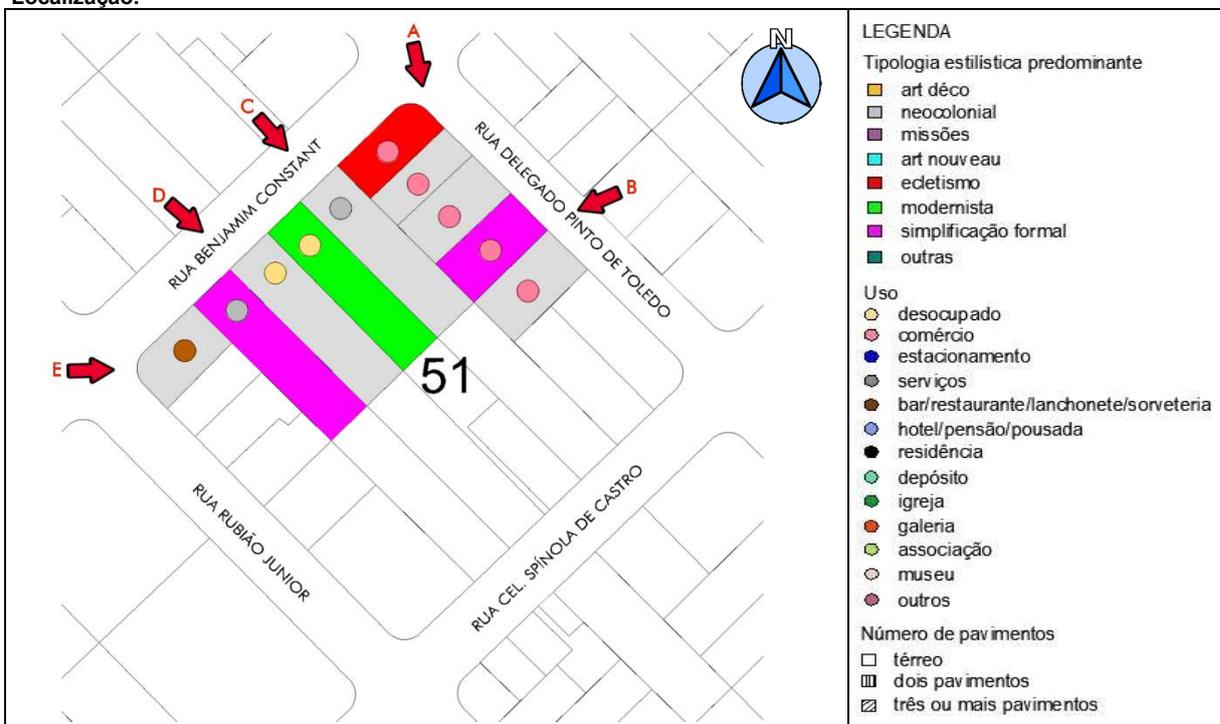
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA 51

Localização:



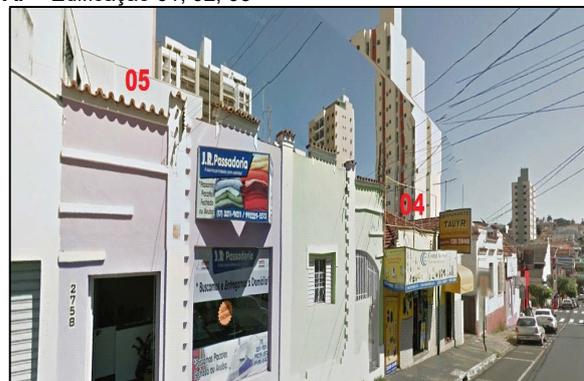
Permanências:



A. Edificação 01, 02, 03



C. Edificação 06



B. Edificações 04, 05 - Fonte: Google Earth



D. Edificações 07, 08, 09



E. Edificação 10

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas Benjamim Constant, Coronel Spínola de Castro, Delegado Pinto de Toledo e Rubião Júnior.

Conforme se aproxima da Avenida Bady Bassit (antigo córrego Borá), nesse trecho observam-se muitas edificações com ocupação de caráter residencial. No geral, casas térreas mais simples, da década de 1940, com tipologia Neocolonial e algumas ainda de 1930 ou anteriores a essa década, como é o caso da edificação de número 01, que inclusive não possui o chanfro característico das esquinas, mas faz uma quina. O fato denuncia a não utilização do código de obras vigente, adotado desde 01/05/1902, anteriormente era utilizado o de Jaboticabal (Arantes, 2000). O Código Arthur Saboya, foi adotado em 1949. De 1930 à 1948, estando sob a Égide do Estado Novo, o Município, assim como os demais Município brasileiros, foram governados por prefeitos nomeados, sem a existência das Câmaras e o Código de 1902 é abandonado (Arantes, 2000).

Contexto Atual:

Área parcialmente verticalizada e valorizada, com prédios ocupados por consultórios médicos, uso comercial e residencial. Observam-se algumas residências térreas, que mantêm o uso originário, entretanto na área, prevalece o comércio adaptado às edificações das antigas edificações residenciais.

A infraestrutura é relativamente bem cuidada, na área nobre e ocupada por prédios bem equipados. A área é bem iluminada e existe um fluxo de pessoas que a frequentam no período noturno, pelo fato de existirem escolas nas proximidades.

Estado de Conservação:

- A- Edificações 01, 02 e 03 – Bom estado de conservação.
- B- Edificações 04 e 05 – as edificações se mantêm íntegras
- C- Edificação 06 – Ótimo estado de conservação
- D- Edificação 07, 08 e 09 - Bom estado de conservação
- E- Edificação 10- A edificação se mantêm íntegra, com excesso de publicidade

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Eclética
Edificação 02- Neocolonial
Edificação 03- Neocolonial
- B. Edificação 04 –Simplificação formal
Edificação 05- Neocolonial
- C. Edificação 06- Bangalô Neocolonial
- D. Edificação 07- Modernista
Edificação 08 –Neocolonial
Edificação 09- Simplificação formal
- E. Edificação 10- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1920/930
Edificação 02- 1940
Edificação 03- 1940
- B. Edificação 04 –1930/40
Edificação 05- 1930/40
- C. Edificação 06- 1940
- D. Edificação 07- 1960
Edificação 08 –1940
Edificação 09- 1940
- E. Edificação 10- 1930/40

Mérito

A, B, C, D e E - De conjunto, pois a tipologia arquitetônica revela os vários ciclos econômicos pelos quais passou o município, assim como o índice de concentração de ocupação da área.

Uso Original:

- | |
|--|
| <p>A. Edificação 01- Não identificado
Edificação 02- Residência
Edificação 03- Residência</p> <p>B. Edificação 04 Residência
Edificação 05- Residência</p> <p>C. Edificação 06- Residência</p> <p>D. Edificação 07- Residência
Edificação 08- Residência
Edificação 09- Residência</p> <p>E. Edificação 10 – Não identificado</p> |
|--|

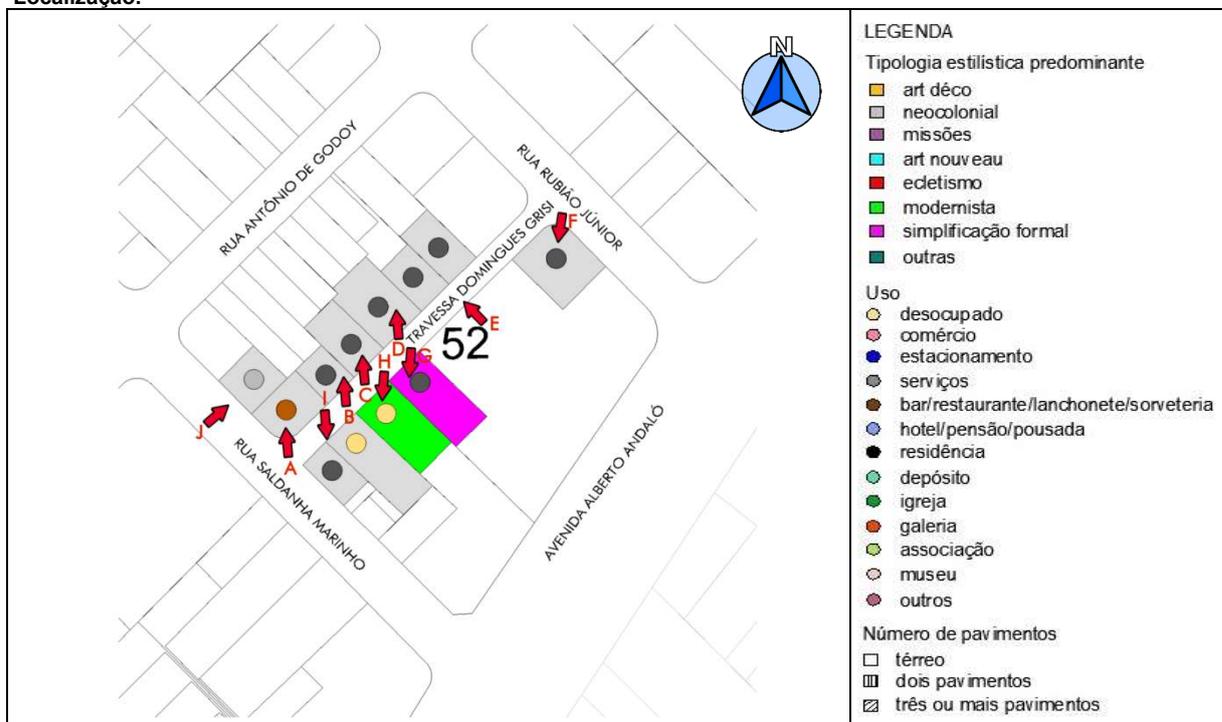
Uso Atual

- | |
|--|
| <p>A. Edificação 01- Comércio
Edificação 02- Comércio
Edificação 03 - Comércio</p> <p>B. Edificação 04 - Comércio
Edificação 05 - Comércio</p> <p>C. Edificação 06 - Serviços</p> <p>D. Edificação 07- Desocupado
Edificação 08 - Desocupado
Edificação 09 -Serviços</p> <p>E. Edificação 10 – Lanchonete</p> |
|--|

Nível de Proteção:

Não existe

Localização:



Permanências:



Traversa Domingos Grisi – entrada



A - Edificação 01- Neocolonial



B - Edificação 02- Neocolonial – Fonte: Google Earth



C - Edificação 03- Neocolonial



D - Edificação 04- Neocolonial



E - Edificação 05 e 06- Neocoloniais Vernaculares



F - Edificação 07- Neocolonial



G - Edificação 08- Simplificação formal



H - Edificação 09- Modernista



I - Edificações 10, 11- Neocoloniais



J - Edificação 12- Neocolonial

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre a Avenida Alberto Andaló e das Ruas, Antônio de Godoy, Rubião Júnior e Saldanha Marinho. A Travessa Grisi, que serve de circulação entre as Ruas Saldanha Marinho e Rubião Júnior, é uma Vila Residencial, construída entre as décadas de 1930 e 1940, inserida no quarteirão entre a Avenida Alberto Andaló, Rua Antônio de Godoy, Rubião Júnior e Saldanha Marinho.

A vila residencial é emblemática, tanto com relação ao traçado urbano, quanto à tipologia das edificações da década de 1940, aproximadamente. Somente a edificação de números 08 e 09, diferem, a primeira apresenta simplificação formal e a segunda repertório modernista.

Contexto Atual:

A Vilazinha se mantém intacta, em meio a uma área, com relativa verticalização, assim como se mantém o uso das edificações, na grande maioria, conservando contemporaneamente o uso residencial.

A infraestrutura do entorno, assim como da Vilazinha, é bem cuidada, embora a fiação elétrica esteja exposta.

É uma área muito bem localizada, próxima ao centro e ao mesmo tempo da Avenida Alberto Andaló (antigo córrego Canela), um local considerado nobre e concentra bons restaurantes, lojas, agências bancárias, o prédio da prefeitura local, comércio de alto poder aquisitivo e ao mesmo tempo, próxima ao Centro Tradicional.

Estado de Conservação:

A,B,C,D,E,F,G,H, I, J - As edificações se mantêm íntegras, embora com alguns desgastes, como pintura danificada, pichações, principalmente nas edificações da entrada da Vila, sugidade e outros.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Neocolonial
- B. Edificação 02- Neocolonial
- C. Edificação 03- Neocolonial
- D. Edificação 04- Neocolonial
- E. Edificação 05- Neocolonial Vernacular
- Edificação 06- Neocolonial Vernacular
- F. Edificação 07- Neocolonial
- G. Edificação 08- Simplificação formal
- H. Edificação 09- Modernista
- I. Edificação 10- Neocolonial
- Edificação 11 – Neocolonial
- J. Edificação 12- - Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1930/1940
- B. Edificação 02-1930/1940
- C. Edificação 03- 1930/1940
- D. Edificação 04- 1930/1940
- E. Edificação 05-1930/1940
- Edificação 06- 1930/1940
- F. Edificação 07- 1930/1940
- G. Edificação 08- 1930/1940
- H. Edificação 09- 1950/1960
- I. Edificação 10- 1930/1940
- Edificação 11- 1930/1940
- J. Edificação 12- 1940

Mérito

A,B, C, D,E,F,G,H,I,J- Excepcional, pois a Vila em si, é emblemática com relação ao traçado urbano típico de décadas anteriores, inclusive década de 1940 e persiste ainda hoje, com o mesmo uso.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- B. Edificação 02- Residência
- C. Edificação 03- Residência
- D. Edificação 04- Residência
- E. Edificação 05- Residência
- Edificação 06- Residência
- F. Edificação 07- Residência
- G. Edificação 08- Residência
- H. Edificação 09- Residência
- I. Edificação 10- Residência
- Edificação 11- Residência
- J. Edificação 12- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Restaurante
- B. Edificação 02- Residência
- C. Edificação 03- Residência
- D. Edificação 04- Residência
- E. Edificação 05- Residência
- Edificação 06- Residência
- F. Edificação 07- Residência
- G. Edificação 08- Residência
- H. Edificação 09- Desocupada
- I. Edificação 10- Desocupada
- Edificação 11 – Residência
- J. Edificação 12 - Serviços

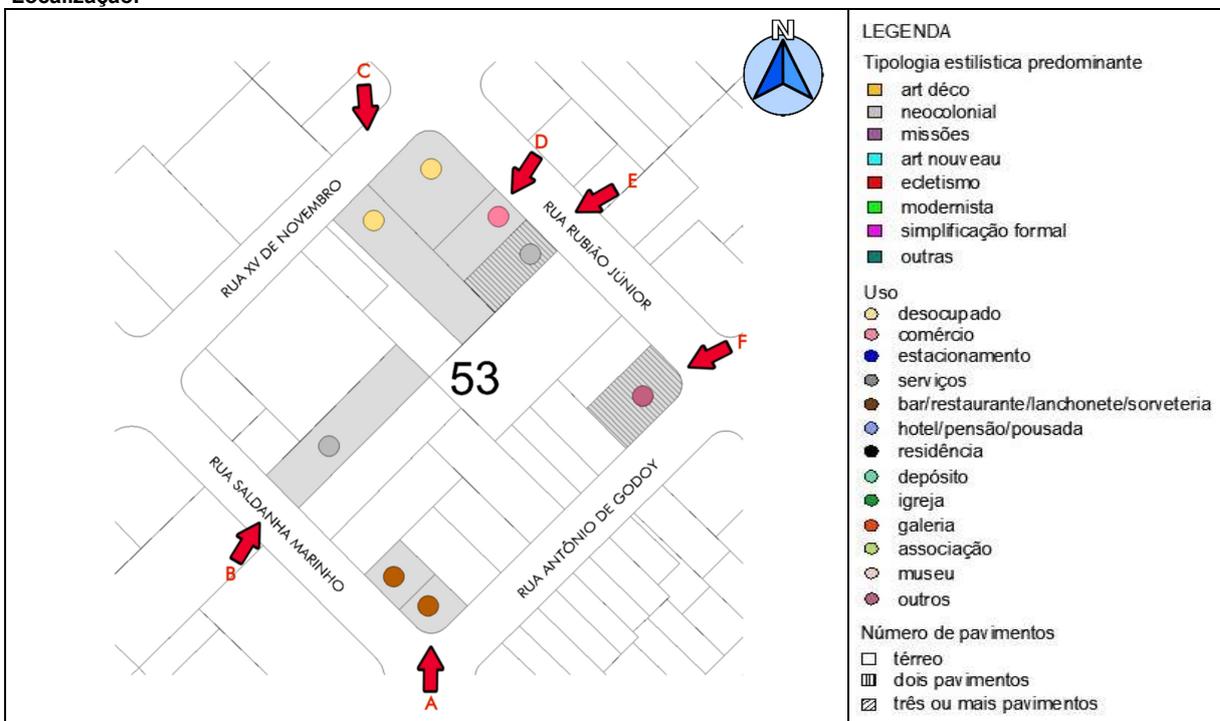
Nível de Proteção:

A,B,C,D,E,F,G,H,I,J – Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
53

Localização:



Permanências:



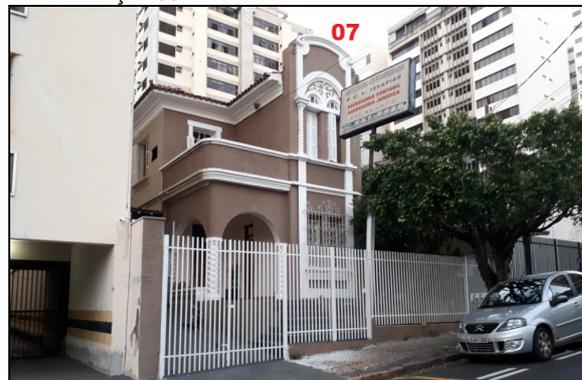
A. Edificações 01, 02



D. Edificação 06- Neocolonial



B. Edificação 03



E. Edificação 07- Sobrado Neocolonial



C. Edificações 04,05



F. Edificação 08- Sobrado Neocolonial

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas XV de novembro, Antônio de Godoy, Rubião Júnior e Saldanha Marinho. Área residencial na década de 1940, com edificações neocoloniais de alto padrão, na maioria sobrados.

Contexto Atual:

Área medianamente verticalizada, com infraestrutura urbana relativamente bem cuidada. Os antigos sobrados foram aproveitados para receber escritórios de advocacia, comércio de alto padrão e outros.

Estado de Conservação:

A, B, C, D, E, F - As edificações se mantêm íntegras com relação à volumetria e gabarito, embora com alguns desgastes, como pintura danificada, etc. A edificação de número 05, um luxuoso sobrado, emblemático dos anos 1940, está sendo reformado, portanto passível de descaracterização. A reforma foi iniciada durante a pesquisa. A Edificação de número 06, foi bastante descaracterizada com relação aos vãos, gradil e desenho dos caixilhos.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Neocolonial
- Edificação 02- Neocolonial
- B. Edificação 03- Neocolonial
- C. Edificação 04- Neocolonial
- Edificação 05- Neocolonial
- D. Edificação 06- Neocolonial
- E. Edificação 07- Neocolonial
- F. Edificação 08- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- Edificação 02- 1940
- B. Edificação 03- 1940
- C. Edificação 04- 1940
- Edificação 05- 1940
- D. Edificação 06- 1940
- E. Edificação 07- 1940
- F. Edificação 08- 1940

Mérito

A, B, C, D, E, F - De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, a ocupação residencial, que se deu na década de 1940.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- Edificação 02- Residência
- B. Edificação 03- Residência
- C. Edificação 04- Residência
- Edificação 05- Residência
- D. Edificação 06- Residência
- E. Edificação 07- Residência
- F. Edificação 08- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Lanchonete
- Edificação 02- Lanchonete
- B. Edificação 03- Serviços
- C. Edificação 04- Desocupada
- Edificação 05- Desocupada

- D. Edificação 06- Comércio
- E. Edificação 07- Serviços
- F. Edificação 08- Outros (escola de inglês)

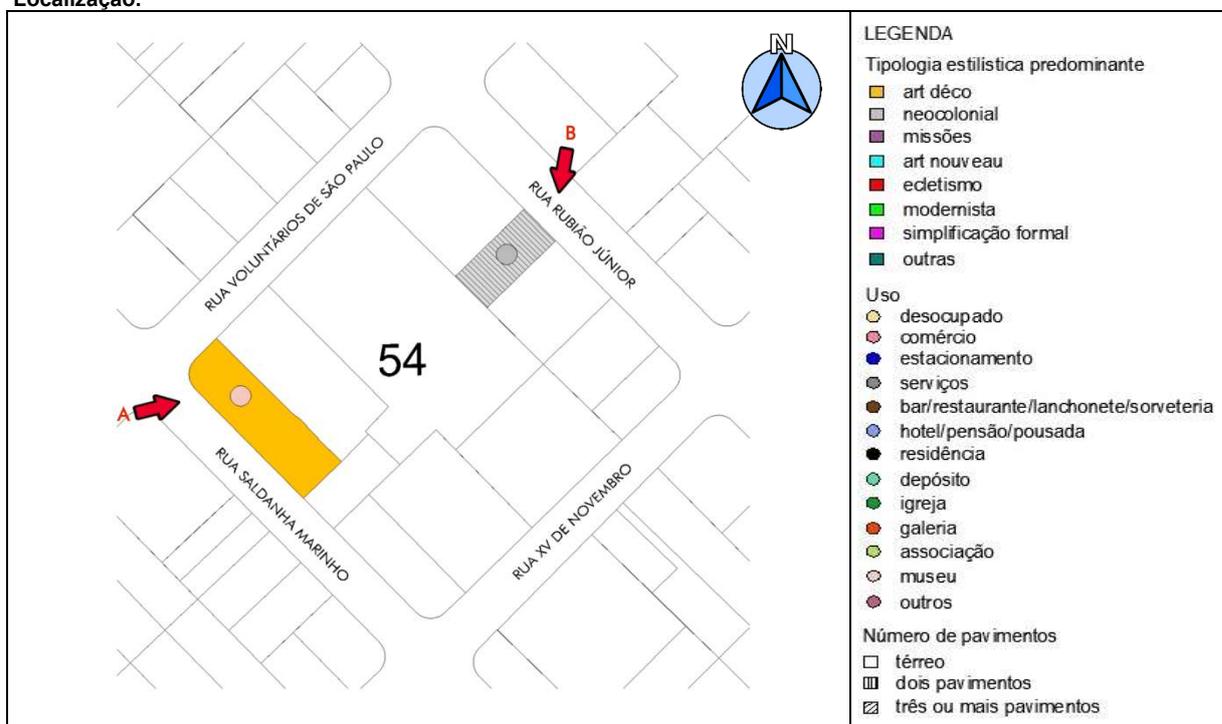
Nível de Proteção:

A,C,D,E,F - Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
54

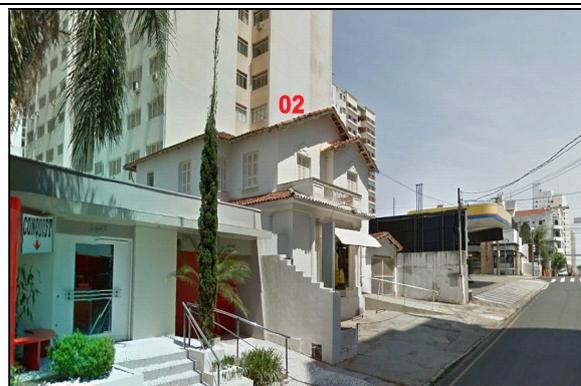
Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



B. Edificação 02 – Fonte Google Earth

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas Voluntários de São Paulo, XV de novembro, Rubião Júnior e Saldanha Marinho. Área residencial com edificações neocoloniais de alto padrão, na maioria sobrados da década de 1940, com a inclusão do antigo Tiro de Guerra 197. A edificação de número 01, o Antigo Tiro de Guerra 197, foi executada por iniciativa do instrutor do Tiro de Guerra, Waldemar César Machado, que em 1939, organizou um sistema de mutirão para construir o prédio do primeiro Tiro de Guerra de São José do Rio Preto. Neste prédio estão acoplados a antiga residência do instrutor e uma edificação que nos anos 1960, no antigo quintal do instrutor, foi construída para dar lugar ao MAC: Museu de Arte Contemporânea, organizado pelo artista primitivista José Antônio da Silva¹. O artista era então funcionário da biblioteca, que ocupou o prédio do antigo Tiro.

¹ José Antônio da Silva (Sales de Oliveira SP 1909 - São Paulo SP 1996). Pintor, desenhista, escritor, escultor, repentista. Trabalhador rural, de pouca formação escolar, é autodidata. Em 1931, muda-se para São José do Rio Preto, São Paulo. Participa da exposição de inauguração da Casa de Cultura da cidade, em 1946, quando suas pinturas chamam atenção dos críticos [Lourival Gomes Machado \(1917-1967\)](#), Paulo Mendes de Almeida (1905-1986) e do filósofo João Cruz e Costa. Dois anos depois, realiza mostra individual na Galeria Domus, em São Paulo. Nessa ocasião [Pietro Maria Bardi \(1900-1999\)](#), diretor do [Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand \(Masp\)](#), adquire seus quadros e deposita parte deles no acervo do museu. O [Museu de Arte Moderna de São Paulo \(MAM/SP\)](#) edita seu primeiro livro, *Romance de Minha Vida*, em 1949. Na 1ª [Bienal Internacional de São Paulo](#), em 1951, recebe prêmio aquisição do Museum of Modern Art (MoMA) [Museu de Arte Moderna] de Nova York. Em 1966, Silva cria o Museu Municipal de Arte Contemporânea de São José do Rio Preto e grava dois LPs, ambos chamados *Registro do Folclore Mais Autêntico do Brasil*, com composições de sua autoria. No mesmo ano, ganha Sala Especial na 33ª Bienal de Veneza. Publica ainda os livros *Maria Clara*, 1970, com prefácio do crítico literário Antônio Candido (1918); *Alice*, 1972; *Sou Pintor, Sou Poeta*, 1982; e *Fazenda da Boa Esperança*, 1987. Transfere-se de São José do Rio Preto para São Paulo, em 1973. Em 1980, é fundado o Museu de

Contexto Atual:

Área medianamente verticalizada, com infraestrutura urbana relativamente bem cuidada. Os antigos sobrados foram aproveitados para receber escritórios de advocacia, comércio de alto padrão e outros. O prédio do Antigo Tiro de Guerra 197, posteriormente Biblioteca Pública, é hoje ocupado pelo Museu de Art Naif de São José do Rio Preto.

Estado de Conservação:

- A. Bom estado de conservação, embora a edificação 01 esteja com a pintura apresentando trechos com descascamento.
- B. Ótimo estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Art Déco
- B. Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1939
- B. Edificação 02- 1940

Mérito

- A. Excepcional, por tratar-se de uma edificação emblemática do Art Déco, parte do apogeu econômico dos anos 1940, embora executada por sistema de mutirão. Trata-se de um prédio tombado em 2004, pois agrega também em seu interior, a obra do artista primitivista José Antônio da Silva.
- B. De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, a ocupação residencial, que se deu na década de 1940.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Antigo Tiro de Guerra 197
- B. Edificação 02- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Museu de Arte Naif
- B. Edificação 02- Comércio

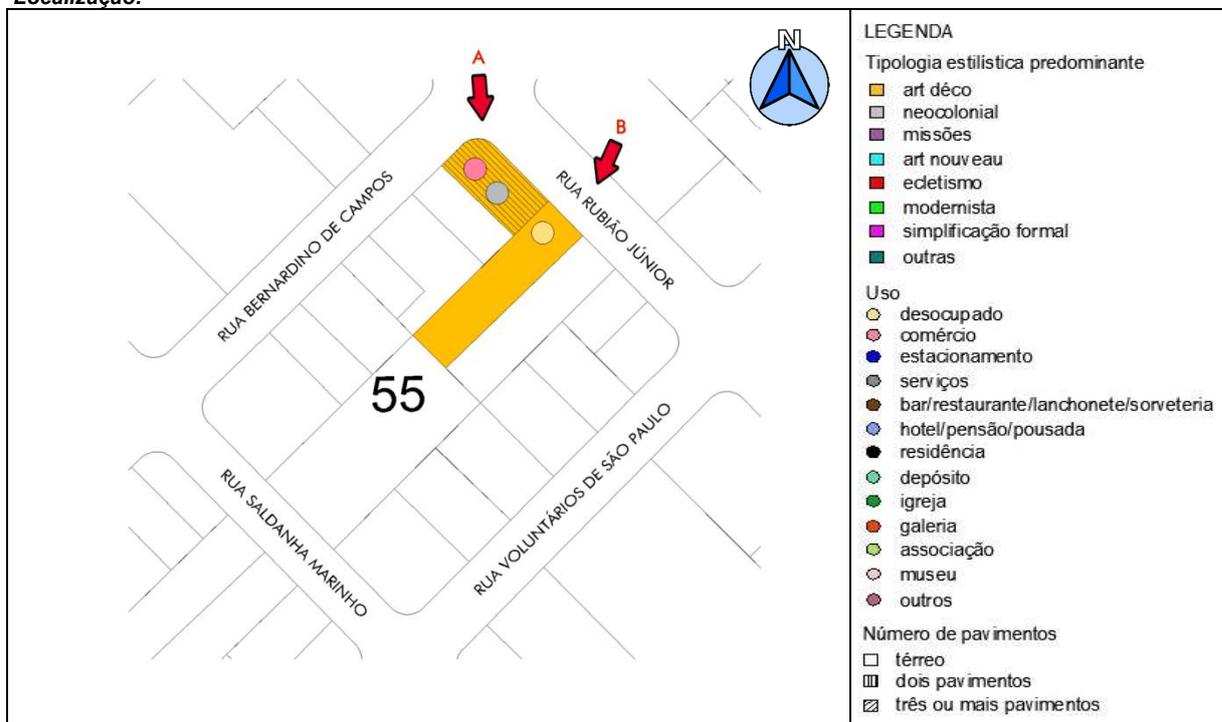
Nível de Proteção:

- A. Edificação 01- Tombada em 2004, pelo COMDEPHACT- Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Turístico de São José do Rio Preto.
- B. Edificação 02- Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
55

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 – Art Déco



B. Edificação 2-Art Déco – Fonte Google Hearth

Contexto Urbano:

Quarteirão inserido entre as Ruas Bernardino de Campos, Voluntários de São Paulo, Rubião Júnior e Saldanha Marinho. Área comercial, com algumas residências, que demonstram a diversificação do uso do solo, até a década de 1950, quando foi dado início ao Plano de Zoneamento.

Contexto Atual:

Área medianamente verticalizada, com infraestrutura urbana relativamente bem cuidada, ocupada com comércio de classe média/alta.

Estado de Conservação:

A e B- As edificações se mantêm íntegras

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Art Déco
B. Art Déco

Década aproximada da Construção:

- A. 1940
B. 1940

Mérito

A, B – De conjunto, pois demonstram a renovação urbana ocorrida no apogeu econômico da década de 1940.

Uso Original:

A. Comércio no térreo e residência no pav. superior
B. Não identificado

Uso Atual

A. Comércio
B. Comércio

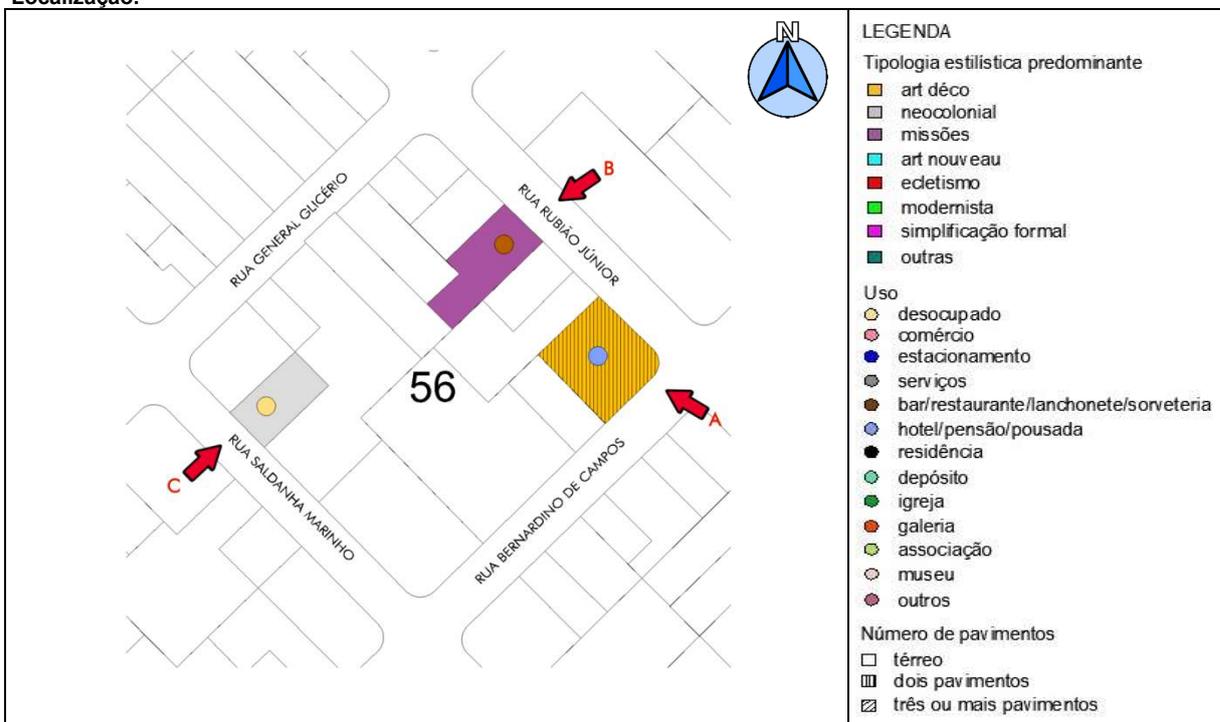
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
56

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02

Contexto urbano original:

Quartirão inserido entre as Ruas Bernardino de Campos, General Glicério, Rubião Júnior e Saldanha Marinho. A Rua Bernardino de Campos, desde a formação do Município, obteve vocação comercial, o que continuou nas épocas posteriores. Com o apogeu econômico da década de 1940, vários prédios comerciais, no geral com tipologia arquitetônica

Déco foram construídos, nesta rua e adjacências. Residências também foram edificadas nessa região, na década de 1940, principalmente na Rua Bernardino de Campos.

Contexto Atual:

Área que apresenta verticalização pouco densa, com infraestrutura urbana relativamente bem cuidada, ocupada com comércio de classe média/alta. Algumas residências remanescentes da década de 1940, ainda permanecem contemporaneamente.

Estado de Conservação:

- A- Ótimo estado de conservação
- B- Ótimo estado de conservação
- C- Ótimo estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Art Déco
- B. Edificação 02 – Estilo Missões
- C. Edificação 03- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- B. Edificação 02- 1940
- C. Edificação 03- 1940

Mérito

A, B e C - De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, a renovação urbana ocorrida com o apogeu econômico ocorrido na década de 1940.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Hotel
- B. Edificação 02- Residência
- C. Edificação 03- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Hotel
- B. Edificação 02- Restaurante
- C. Edificação 03- Desocupada

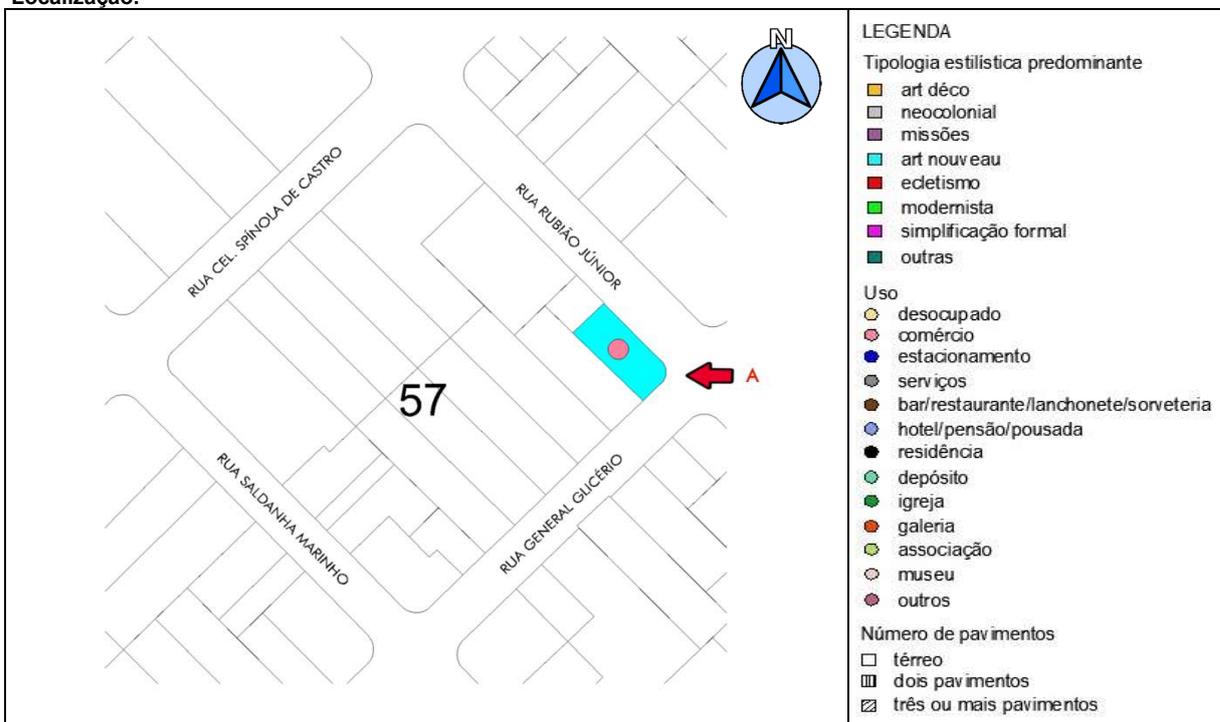
Nível de Proteção:

A, B e C - Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
57

Localização:



Permanências:

**Contexto urbano original:**

Quarteirão inserido entre as Ruas General Glicério, Coronel Spínola de Castro, Rubião Júnior e Saldanha marinho. A General Glicério, assim como a Rua Bernardino de Campos, desde a formação do Município, revelaram-se com vocação comercial, sendo uma das mais representativas do centro tradicional, com esta função.

Contexto Atual:

Área onde predomina o comércio. Infraestrutura urbana relativamente boa, entretanto com fiação exposta e calçadas estreitas. Medianamente verticalizada.

Estado de Conservação:

A – Bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

A. Edificação 01- Art Nouveau

Década aproximada da Construção:

A. Edificação 01- 1930

Mérito

A - De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, os vários períodos pelos quais passou o Município, e a tipologia arquitetônica correspondente.

Uso Original:

A. Edificação 01- Não identificado

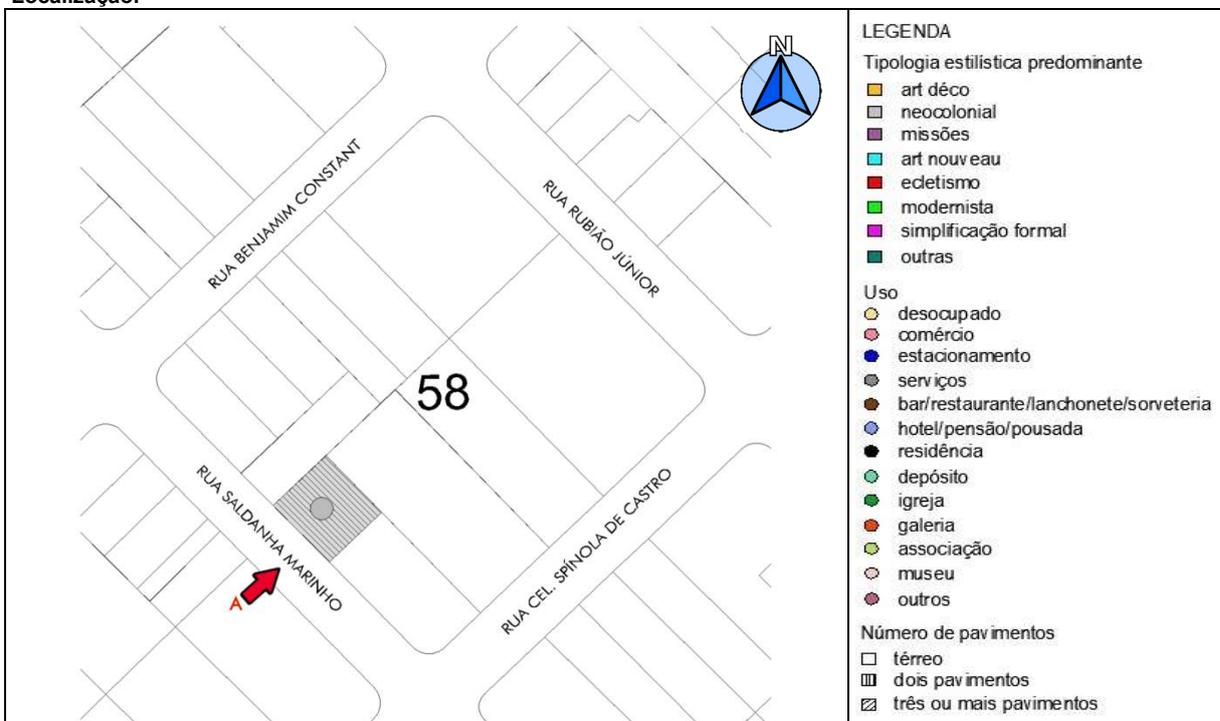
Uso Atual

A. Edificação 01- Comércio

Nível de Proteção:

A. Edificação 01- Não existe

Localização:



Permanências:

**Contexto urbano original:**

Quarteirão inserido entre as Ruas Coronel Spínola de Castro, Benjamim Constant, Rubião Júnior e Rua Saldanha Marinho. Conforme se aproxima da Avenida Bady Bassit, observam-se reminiscências de antigos casarões neocoloniais, na maioria sobrados da década de 1940.

Contexto Atual:

Trecho ocupado por comércio de classe média. Os antigos casarões foram adaptados ao uso comercial ou de serviços, entretanto permanecem com o uso residencial.

Estado de Conservação:

A. Bom estado de conservação, embora o imóvel tenha sido parcialmente descaracterizado principalmente pela publicidade excessiva.

Tipologia Estilística Predominante:

A. Edificação 01- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

A. Edificação 01- 1940

Mérito

A. De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, pode-se observar a ocupação da área em determinado período, neste caso, 1940.

Uso Original:

A. Edificação 01- Residência

Uso Atual

A. Edificação 01- Comércio

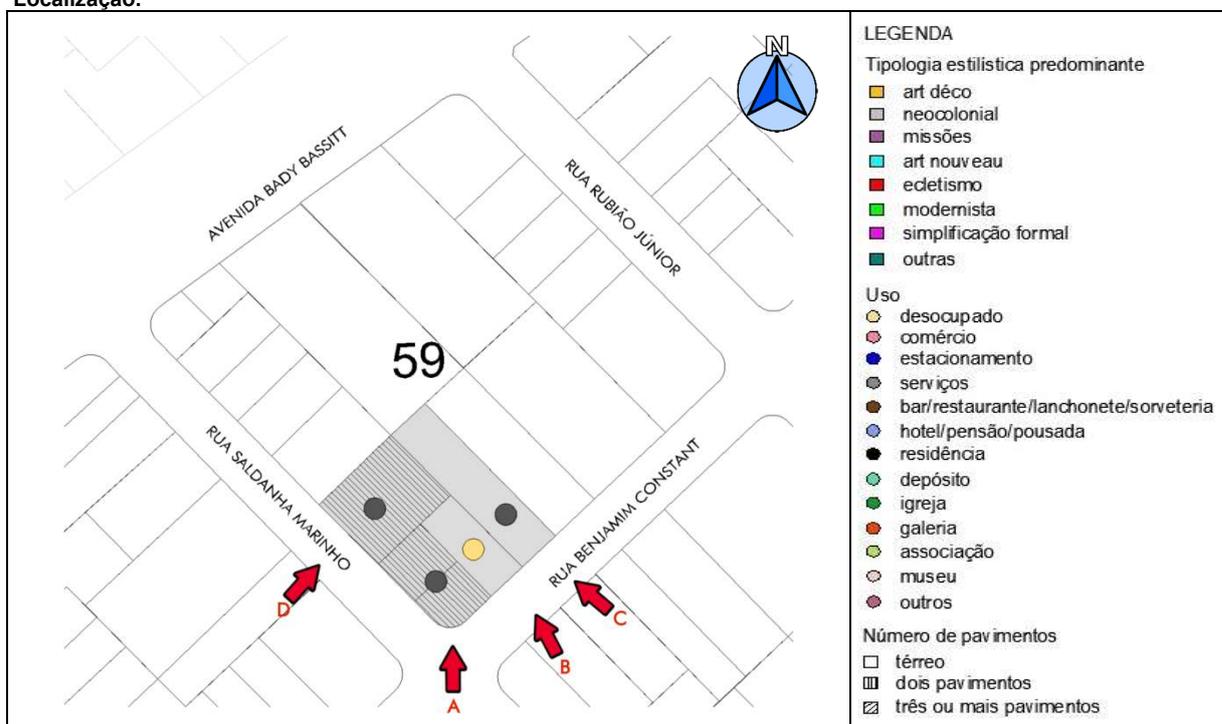
Nível de Proteção:

A. Edificação 01- Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
59

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02



D. Edificação 04 – Sobrado Neocolonial

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre a Avenida Bady Bassit e Ruas Benjamin Constant, Rubião Júnior e Saldanha Marinho. Conforme se aproxima da Avenida Bady Bassit, principalmente no trecho da Rua Benjamin Constant, observam-se reminiscências de antigos casarões neocoloniais da década de 1940.

Contexto Atual:

Trcho ocupado por comércio de classe média e a permanência de uso residencial.

Estado de Conservação:

A, B, C, D – Bom estado de conservação, principalmente as edificações que permanecem com o uso residencial.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Neocolonial
- B. Edificação 02- Neocolonial
- C. Edificação 03- Neocolonial
- D. Edificação 04- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- B. Edificação 02- 1940
- C. Edificação 03- 1940
- D. Edificação 04- 1940

Mérito

A,B,C,D - De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, pode-se observar a ocupação da área em determinado período, neste caso, 1940.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- B. Edificação 02- Residência
- C. Edificação 03- Residência
- D. Edificação 04 - Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Residência
- B. Edificação 02- Desocupada
- C. Edificação 03- Residência
- D. Edificação 04- Residência

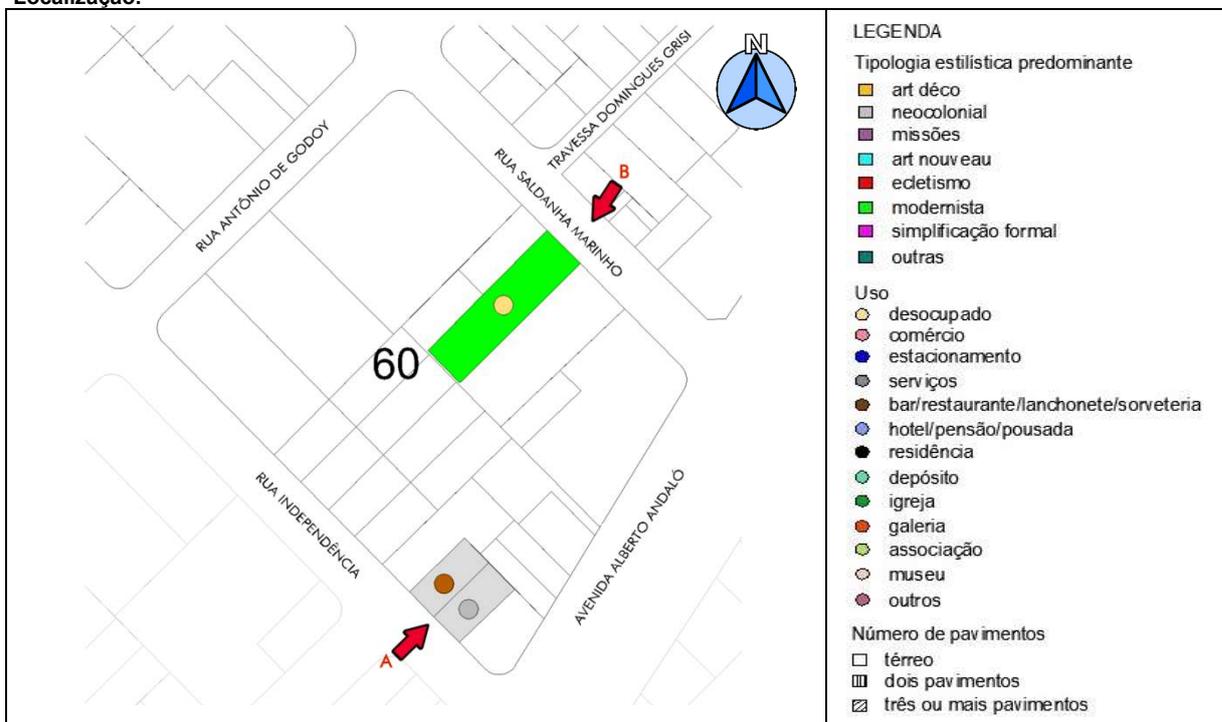
Nível de Proteção:

A, B,C,D- Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
60

Localização:



Permanências:



A. Edificações 01, 02



B. Edificação 03

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre a Avenida Alberto Andaló e Ruas Antônio de Godoy, Saldanha Marinho e Independência. A Avenida Alberto Andaló (antigo córrego Canela), foi palco das várias transformações urbanas ocorridas no Município, principalmente da renovação urbana de 1958, proposta pelo então prefeito Alberto Andaló, que lhe confere a denominação, cujo córrego foi aterrado e transformado em uma das principais avenidas do Município.

Contexto Atual:

Conforme se aproxima da Avenida Alberto Andaló, cresce o índice de uso do solo com ocupação comercial, principalmente de restaurantes, uso recorrente na própria Avenida. Ainda persistem algumas residências, inclusive com traços modernistas, provavelmente em decorrência da renovação urbana havida em 1958.

Estado de Conservação:

- A. Edificações 01 e 02- permanecem íntegras, entretanto com publicidade em excesso.
B. Bom estado de conservação, principalmente pela permanência do uso residencial.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificações 01 e 02- Neocoloniais
B. Edificação 03- Modernista

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01 e 02 – 1930/40
- B. Edificação 02- 1960

Mérito

A, B e C-

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
Edificação 02- Residência
- B. Edificação 02- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Restaurante
Edificação 02- Serviços
- B. Edificação 03- Residência

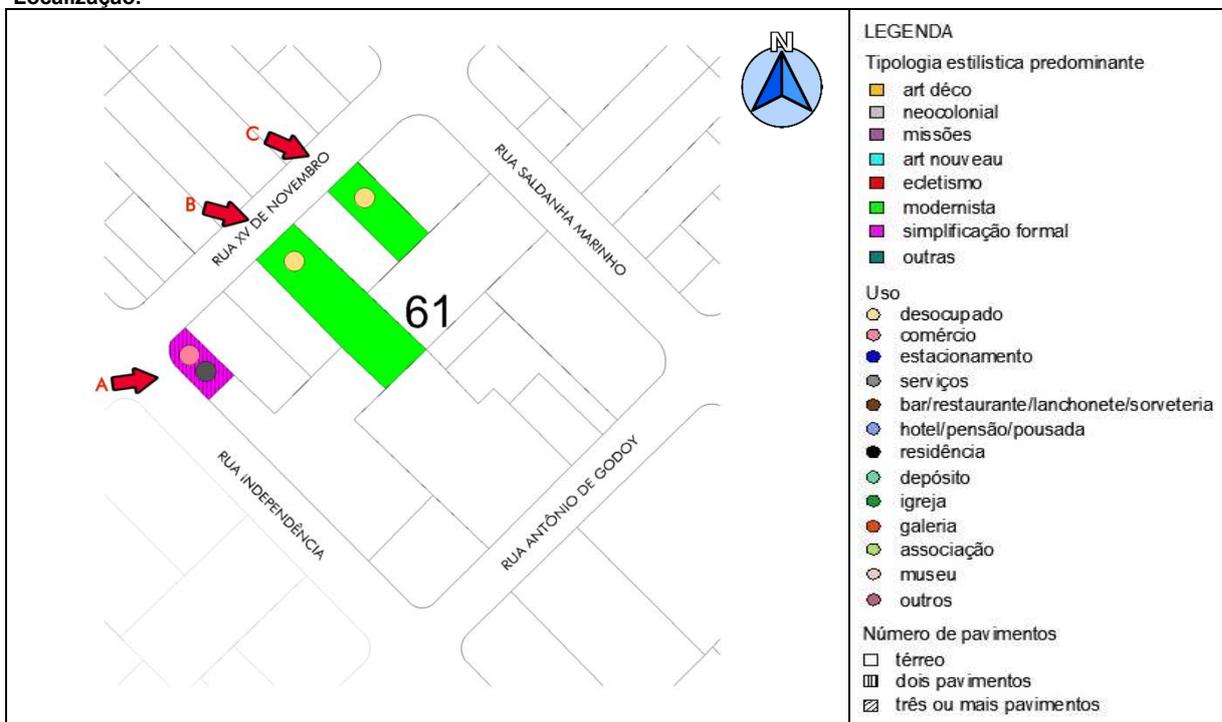
Nível de Proteção:

A, B - Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
61

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 03



B. Edificação 02

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas XV de novembro, Antônio de Godoy, Saldanha Marinho e Independência. A Rua XV de novembro e adjacências, foram tradicionalmente ocupadas pelos antigos casarões da burguesia agroexportadora, que saindo das fazendas, instalaram-se no centro tradicional.

Contexto Atual:

Área verticalizada, com infraestrutura urbana inadequada, como faixa exposta, calçamento inadequado, sem acessibilidade para portadores de mobilidade reduzida. Tráfego intenso e pontos de ônibus com mobiliário urbano ineficiente. As antigas residências que tradicionalmente ocuparam a Rua XV de novembro e adjacências, hoje são ocupadas por comércio, restaurantes e clínicas médicas.

Estado de Conservação:

A, B, C - As edificações se mantêm íntegras embora bastante deterioradas e apresentando sugidade e pichações. A edificação de número 01, mantém um bom estado de conservação, diferentemente das edificações de números 02 e 03, que estão em área mais próxima a um uso quase exclusivamente comercial.

Tipologia Estilística Predominante:

- A.** Edificação 01- Simplificação formal
- B.** Edificação 02- Modernista
- C.** Edificação 03- Modernista

Década aproximada da Construção:

- A.** Edificação 01- 1960
- B.** Edificação 02- 1960
- C.** Edificação 03- 1960

Mérito

A, B e C- De conjunto, por demonstrar a renovação urbana ocorrida na década de 1960, refletida na tipologia arquitetônica com traços modernistas das edificações.

Uso Original:

- A.** Comércio no térreo e residencial nos demais pavimentos.
- B.** Residência
- C.** Residência

Uso Atual

- A.** Comércio no térreo e serviços nos demais pavimentos.
- B.** Desocupada
- C.** Desocupada

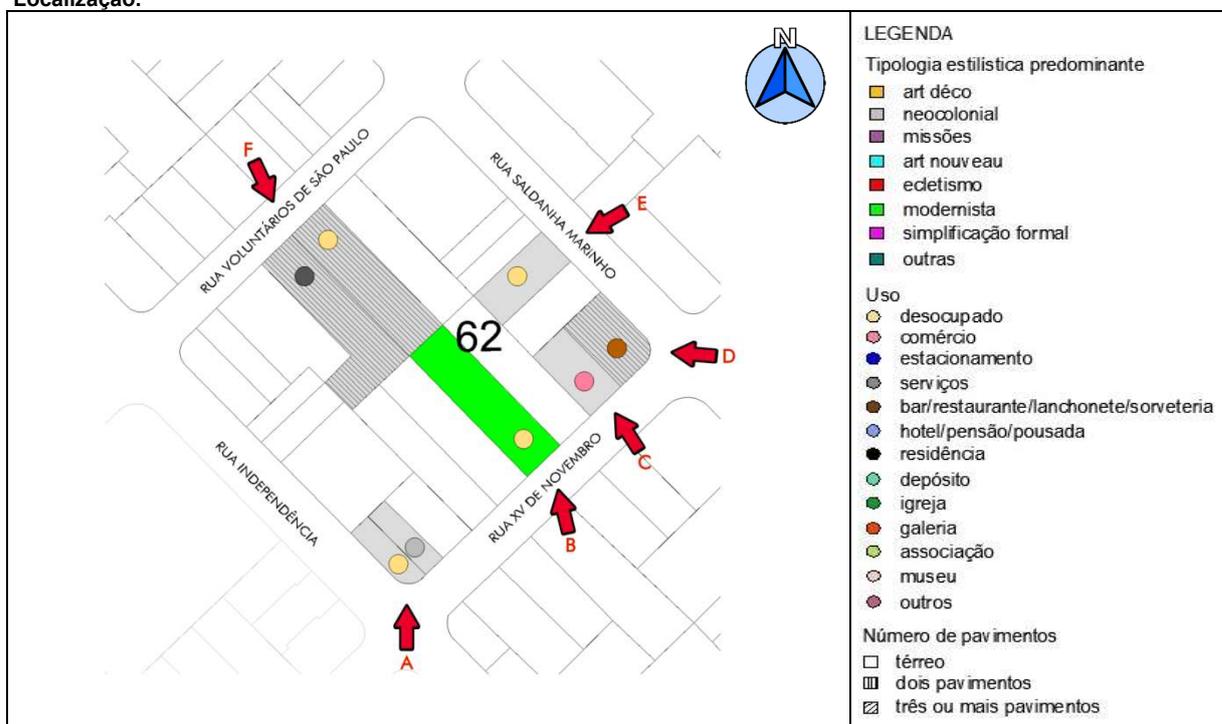
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
62

Localização:



Permanências:



A. Edificações 01 e 02- Neocoloniais



C. Edificação 04- Neocolonial



B. Edificação 03- Modernista



D. Edificação 05 - Neocolonial - Fonte: Google Earth



E. Edificação 06- Neocolonial



F. Edificações 07 e 08

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas XV de novembro, Voluntários de São Paulo, Saldanha Marinho e Independência. As Ruas Voluntários de São Paulo e XV de novembro, foram tradicionalmente residenciais. A burguesia agroexportadora, construiu seus casarões ao sair das fazendas e instalar-se na cidade. A década de 1940, deu continuidade a essa ocupação e a área foi ocupada com edificações neocoloniais de alto padrão, na maioria sobrados.

Contexto Atual:

As edificações, sobrados Neocoloniais, na grande maioria permanecem, porém com uso comercial, serviços ou encontram-se desocupados.

Estado de Conservação:

A, B, C, D, E, F - As edificações se mantêm íntegras, embora apresentem problemas, como a edificação 05, que foi ocupada por moradores de rua.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Neocolonial
- Edificação 02- Neocolonial
- B. Edificação 03- Modernista
- C. Edificação 04- Neocolonial
- D. Edificação 05- Neocolonial
- E. Edificação 06- Neocolonial
- F. Edificação 07- Neocolonial
- Edificação 08- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- Edificação 02- 1940
- B. Edificação 03- 1960
- C. Edificação 04- 1940
- D. Edificação 05- 1940
- E. Edificação 06- 1940
- F. Edificação 07- 1940
- Edificação 08- 1940

Mérito

A, B, C, D, E, F– De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, a ocupação residencial, que se deu na década de 1940.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- Edificação 02- Residência
- B. Edificação 03- Residência
- C. Edificação 04- Residência
- D. Edificação 05- Residência
- E. Edificação 06- Residência
- F. Edificação 07- Residência
- Edificação 08- Residência

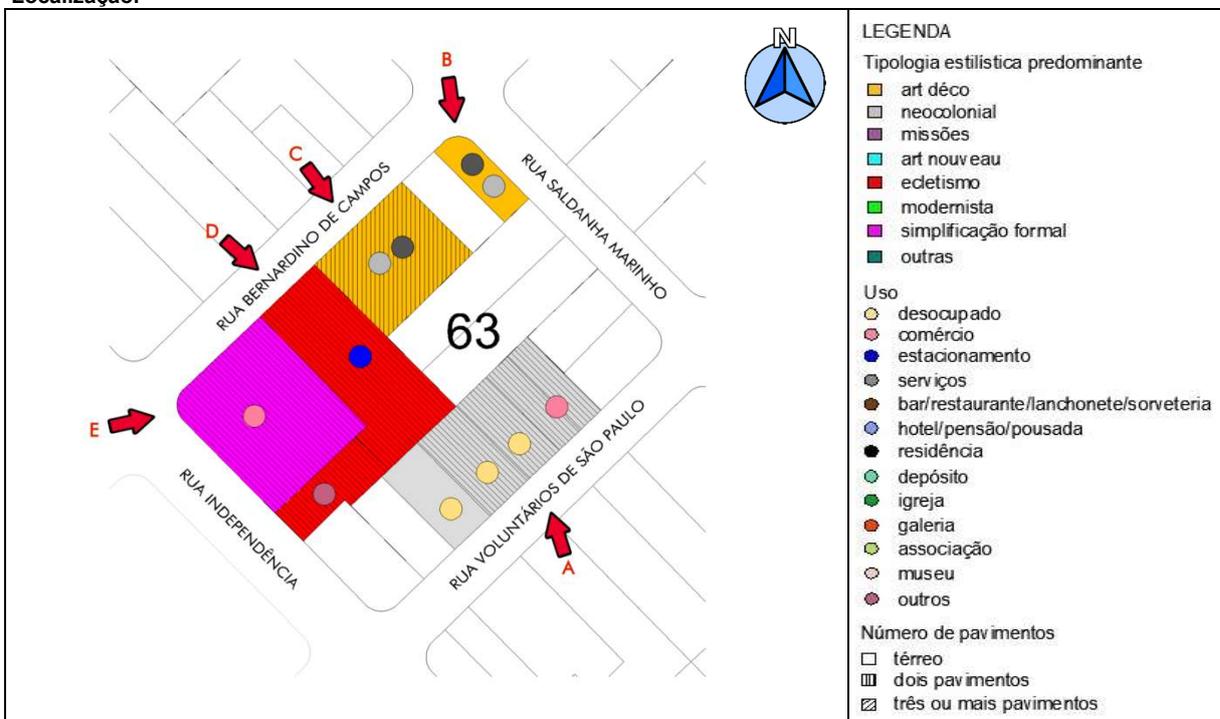
Uso Atual

- | |
|--|
| <p>A. Edificação 01-Desocupada
Edificação 02- Serviços</p> <p>B. Edificação 03- Desocupada</p> <p>C. Edificação 04- Comércio</p> <p>D. Edificação 05- Lanchonete</p> <p>E. Edificação 06- Desocupada</p> <p>F. Edificação 07- Desocupada
Edificação 08- Residência</p> |
|--|

Nível de Proteção:

A,B,C,D,E,F - Não existe

Localização:



Permanências:



A. 01, 02, 03 e 04- Neocoloniais



C. Edificação 06- Art Déco



B. Edificação 05- Art Déco



D. Edificação 07



E. Edificação 08

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas Voluntários de São Paulo, Bernardino de Campos, Saldanha Marinho e Independência. Área característica pela diversidade de ocupação: residências, máquinas de beneficiamento, comércio, bares e outros.

Contexto Atual:

A área hoje é ocupada por comércio diversificado, como farmácias, que servem de suporte aos hospitais que prevalecem nessa região.

Estado de Conservação:

A, B, C, D, E - As edificações se mantêm íntegras, embora apresentem publicidade excessiva, que camuflam seu uso original.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificações 01, 02, 03 04- Neocoloniais
- B. Edificação 05- Art Déco
- C. Edificação 06- Art Déco
- D. Edificação 07- Eclética
- E. Edificação 08- Simplificação formal

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
Edificação 02-1940
Edificação 03 – 1940
Edificação 04- 1940
- B. Edificação 05- 1940
- C. Edificação 06- 1940
- D. Edificação 07- 1930
- E. Edificação 08- 1940/1950

Mérito

A, B, C,D,E – De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, a ocupação residencial, que se deu na década de 1940.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
Edificação 02- Residência
Edificação 03- Residência
Edificação 04- Residência
- B. Edificação 05- Residência
- C. Edificação 06- Comércio no térreo e residência, demais pavimentos
- D. Edificação 07- Máquina de beneficiamento de grãos
- E. Edificação 06- Posto de gasolina

Uso Atual

- A. Edificação 01-Desocupada
Edificação 02-Desocupada
Edificação03- Desocupada
Edificação 04- Comércio
- B. Edificação 05- Residência e Serviços
- C. Edificação 06- Residência e Serviços
- D. Edificação 07- Estacionamento
- E. Edificação 08- Comércio

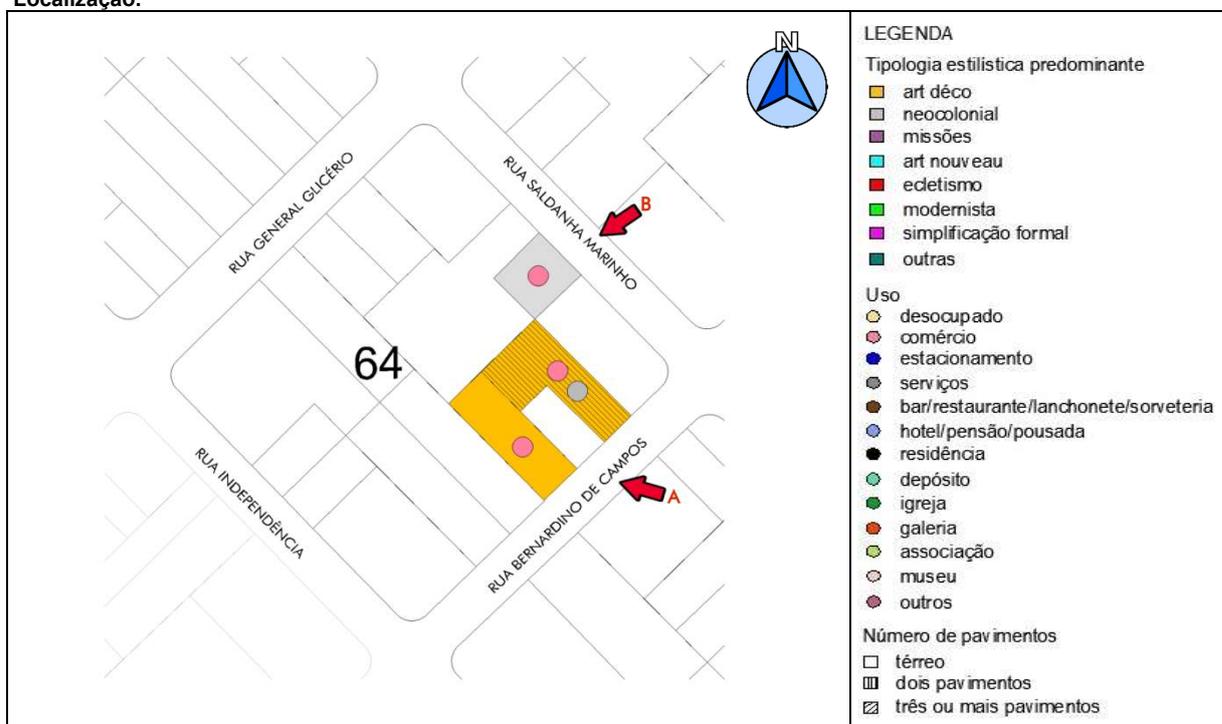
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
64

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 e 02



B. Edificação 03

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas Bernardino de Campos, General Glicério, Saldanha Marinho e Independência. Área característica pela diversidade de ocupação: residências, máquinas de beneficiamento, comércio, bares e outros. A Rua Independência, foi a última Rua, do primeiro Núcleo do Centro Tradicional. Além dela, nessa primeira ocupação as áreas eram terras de propriedade particular.

Contexto Atual:

A área hoje é ocupada por comércio diversificado, como farmácias, comércio, clínicas, lanchonetes e estacionamentos, que servem de suporte aos hospitais que prevalecem nessa região.

Estado de Conservação:

A, B - As edificações se mantêm íntegras, embora apresentem publicidade excessiva, que camuflam seu uso original.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Art Déco
Edificação 02 - ArtDéco
B. Edificação 03- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- Edificação 02-1940
- B. Edificação 03- 1940

Mérito

A, B- De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, a ocupação residencial, que se deu na década de 1940.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Não identificado
- Edificação 02- Comércio pavimento térreo e residência, pavimento superior
- B. Edificação 03- Não identificado

Uso Atual

- A. Edificação 01- Comércio
- Edificação 02- Comércio pav. térreo e residência, pav. superior
- B. Edificação 03- Comércio

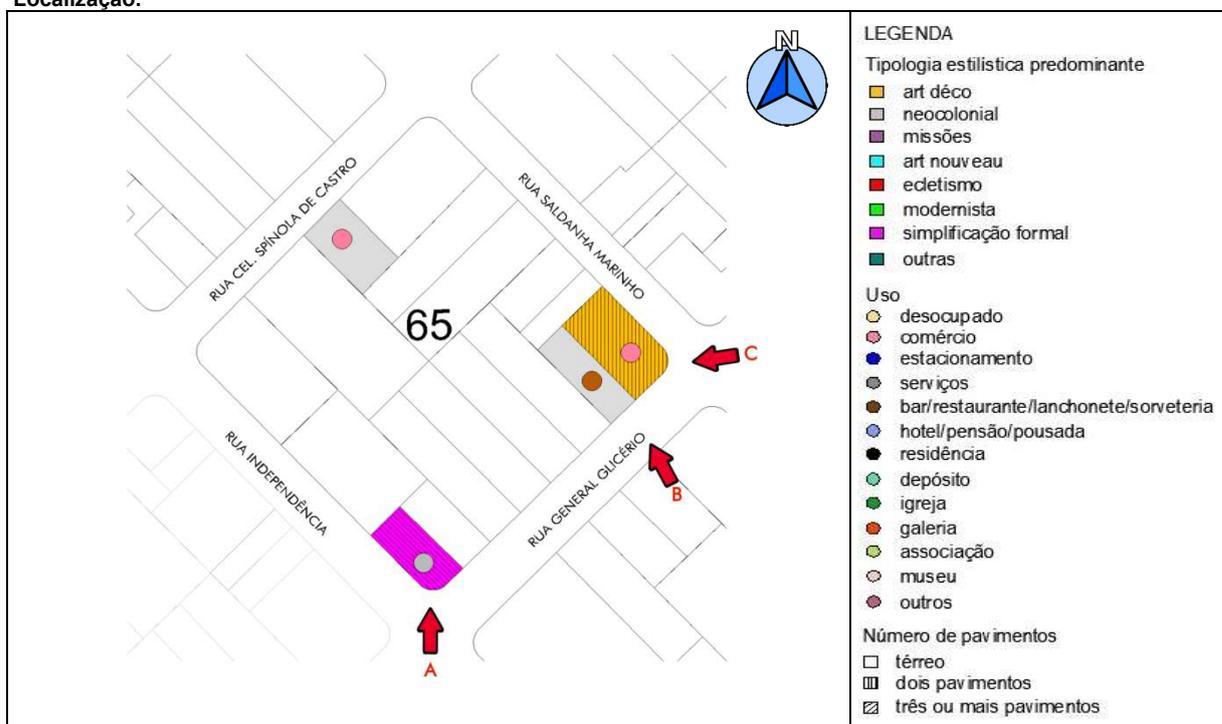
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
65

Localização:



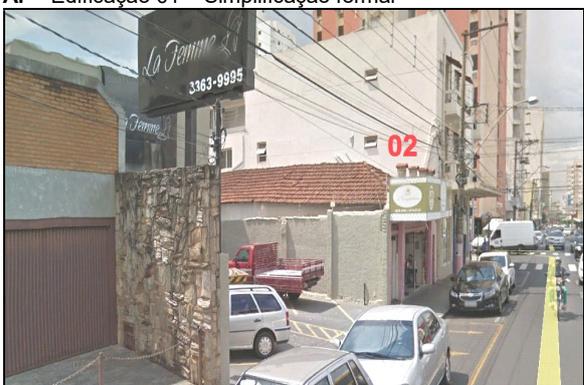
Permanências:



A. Edificação 01 – Simplificação formal



C. Edificação 03



B. Edificação 02- Fonte: Google Earth

Contexto urbano original:

Quartirão inserido entre as Ruas General Glicério, Coronel Spínola de Castro, Saldanha Marinho e Independência. Área característica pela diversidade de ocupação: residências, máquinas de beneficiamento, comércio, bares e outros. A Rua Independência, foi a última Rua, do primeiro Núcleo do Centro Tradicional. Além dela, nessa primeira ocupação as áreas

eram terras de propriedades particulares. A Rua General Glicério, foi tradicionalmente ocupada pelo comércio local.

Contexto Atual:

A área hoje é ocupada por comércio diversificado, como farmácias, comércio, clínicas, lanchonetes e estacionamentos, que servem de suporte aos hospitais que prevalecem nessa região.

Estado de Conservação:

- A. As edificação mantém sua volumetria íntegra, assim como grande parte das esquadrias originais.
- B. A edificação se mantém íntegra, mas camuflada sob uma publicidade excessiva.
- C. A edificação encontra-se em ótimo estado de conservação.

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Simplificação formal do "Moderno"
- B. Edificação 02- Neocolonial
- C. Edificação 03- Art Déco

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1960
- B. Edificação 02- 1940
- C. Edificação 03- 1940

Mérito

A, B e C– De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, a ocupação dos vários períodos pelos quais passou o centro tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Não identificado
- B. Edificação 02- Não identificado
- C. Edificação 03- Comércio pavimento térreo e residência, pavimentos superiores.

Uso Atual

- A. Edificação 01- Comércio
- B. Edificação 02- Comércio pav. térreo e residência, pav. superior
- C. Edificação 03- Serviços pav. térreo e demais pavimentos

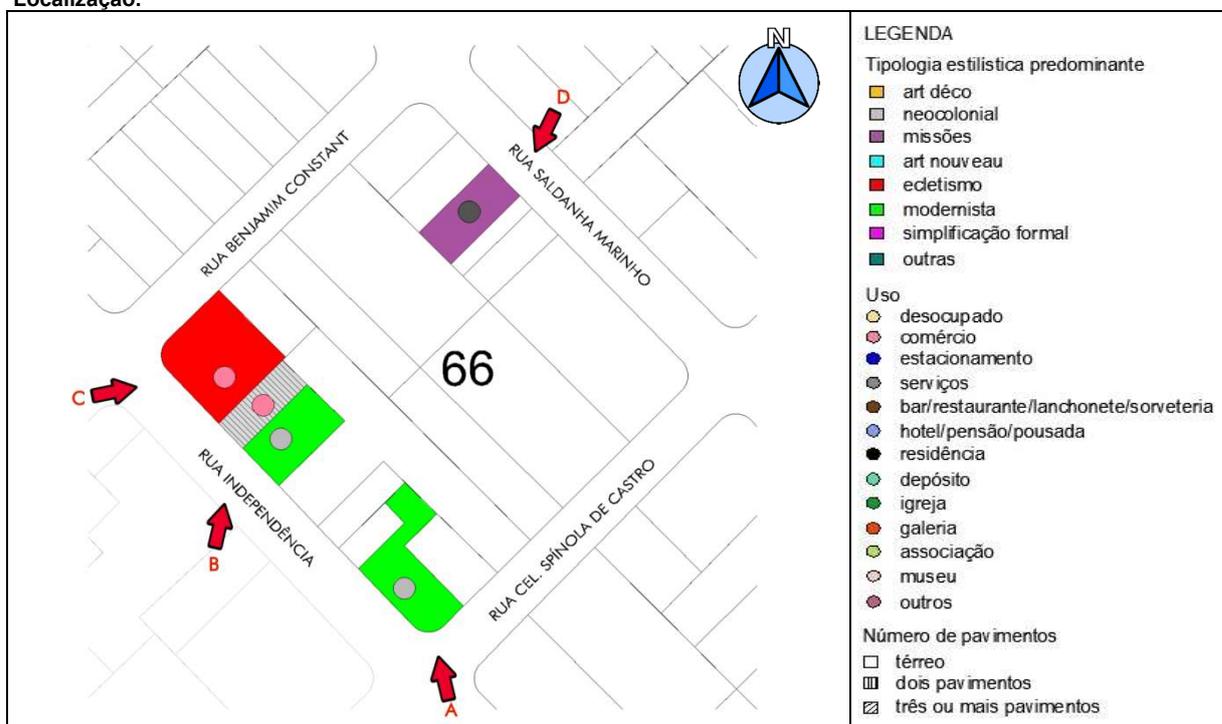
Nível de Proteção:

Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
66

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01



C. Edificação 04 - Fonte Google Earth



B. Edificação 02 e 03 – Fonte: Google Earth



D. Edificação 05 – fonte Google Earth

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre as Ruas Coronel Spínola de Castro, Benjamim Constant, Saldanha Marinho e Independência. Área de transição entre a última rua do Núcleo Urbano inicial e o bairro da Redentora, formado gradativamente desde o início do século XX, ganhando maior força na década de 1940.

Contexto Atual:

Área pouco verticalizada, ocupada por comércio diversificado, lanchonetes, padarias, estacionamentos e alguns terrenos baldios.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01- Bom estado de conservação
- B. Edificação 02- Bom estado de conservação
- Edificação 03- Bom estado de conservação
- C. Edificação 04- A edificação se íntegra
- D. Edificação 05- A edificação se mantém íntegra

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Modernista
- B. Edificação 02- Modernista
- Edificação 03- Neocolonial
- C. Edificação 04- Eclética
- D. Missão

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1960
- B. Edificação 02- 1960
- Edificação 03- 1950/60
- C. Edificação 04- 1930
- D. Edificação 05- 1940

Mérito

A, B, C e D– De conjunto, pois revela através da tipologia arquitetônica, a ocupação e os vários períodos pelos quais passou o centro tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- B. Edificação 02- Residência
- Edificação 03- Residência
- C. Edificação 04- Não identificado
- D. Edificação 05- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Serviços
- B. Edificação 02- Serviços
- Edificação 03- Comércio no pav.térreo e residência pav. superior
- C. Edificação 04- Comércio
- D. Edificação 05- Residência

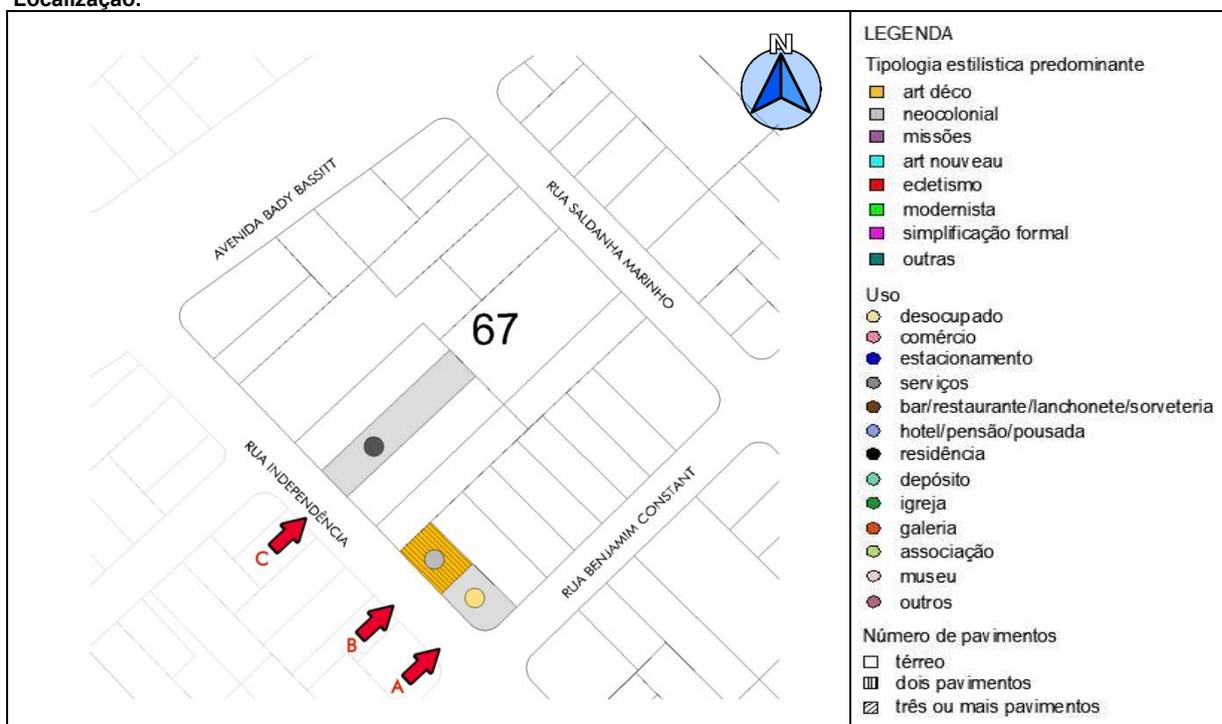
Nível de Proteção:

A,B,C e D- Não existe

Levantamento do Patrimônio Cultural do Centro Tradicional e análise do conjunto

FICHA
67

Localização:



Permanências:



A. Edificação 01 – Neocolonial



C. Edificação 03 - Fonte Google Earth



B. Edificação 02 – Art Déco

Contexto urbano original:

Quarteirão inserido entre a Avenida Bady Bassitt e as Ruas Benjamim Constant, Saldanha Marinho e Independência. Área próxima à Avenida Bady Bassitt, com uso do solo diversificado entre residências, na maioria térreas e comércio.

Contexto Atual:

Área pouco verticalizada, mantém grande parte das antigas edificações, na maioria ocupadas com comércio de classe média. A infraestrutura urbana apresenta problemas de fiação exposta, calçadas estreitas e falta de segurança, principalmente a noite, quando o fluxo de pedestres é menor.

Estado de Conservação:

- A. Edificação 01- desocupado, Apresenta pichações.
- B. Edificação 02- Bom estado de conservação
- C. Edificação 03- Bom estado de conservação

Tipologia Estilística Predominante:

- A. Edificação 01- Neocolonial
- B. Edificação 02- Art Déco
- C. Edificação 03- Neocolonial

Década aproximada da Construção:

- A. Edificação 01- 1940
- B. Edificação 02- 1940
- C. Edificação 03 - 1940

Mérito

A, B e C– De conjunto, pois revela através da tipologia estilística, a ocupação dos vários períodos pelos quais passou o centro tradicional.

Uso Original:

- A. Edificação 01- Residência
- B. Edificação 02- Comércio no pav. térreo e residência pav. superior
- C. Edificação 03- Residência

Uso Atual

- A. Edificação 01- Comércio
- B. Edificação 02- Comércio
- C. Edificação 03- Residência

Nível de Proteção:

Não existe

CAPÍTULO 4 – A ÁREA DE INTERESSE CULTURAL E AS LEIS DE PRESERVAÇÃO

A partir da análise tipológica das edificações contidas no perímetro urbano do Centro Tradicional de São José do Rio Preto, foi possível compreender os diversos ciclos econômicos e as renovações urbanas ali ocorridas, exemplo emblemático que pode ser utilizado para a leitura e discussão do Centro Tradicional e transformações urbanas de outras cidades, em especial, do interior paulista.

Para efeito dessa pesquisa, considera-se relevante observar o Centro Tradicional de São José do Rio Preto sob a perspectiva de “Coração da cidade”, onde pulsam as atividades comerciais e administrativas, cuja diversidade expressa o dinamismo e a função de gerência que caracterizou essa área do Patrimônio de São José, desde sua formação originária, escolhida de forma espontânea pelos desbravadores, em contraponto ao Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo anteriormente doado.

Para a definição de “Coração da cidade”, utilizou-se a definição apresentada por Meneguelo (2005), segundo a qual:

Em julho de 1951, o centro, definido como “coração da cidade”, foi o tema do Oitavo CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), na pequena cidade de Hoddesdon, próxima a Londres. Naquele encontro, falou-se das cidades americanas e seus subúrbios, da criação de zonas centrais para pedestres nas cidades inglesas, suecas e holandesas e da importância dos centros históricos das cidades italianas. O centro urbano passava a ser o elemento caracterizador de uma comunidade, voltado aos seus habitantes (como o disse Sert³² em sua fala), o repositório da memória da coletividade (como o disse Gropius³³, no mesmo Congresso), e o local que possibilitava entender o aspecto comunitário da vida humana (como o definiu Jacob B. Bakema)³⁴.

As edificações caracterizadas como “permanências” tornaram possível a leitura dos diversos ciclos econômicos atravessados pelo município, materializados em seu traçado urbano e em suas edificações, as quais carregam a tipologia

³² Josep Lluís Sert foi presidente e um dos relatores do texto apresentado ao VIII CIAM, ocorrido em 1951 na cidade de Hoddesdon, Inglaterra, posteriormente publicado no livro “El corazón de la ciudad: por una vida más humana de la comunidad”.

³³ Walter Gropius foi um arquiteto racionalista alemão, fundador da Staatliches-Bauhaus, uma escola de arquitetura, artes plásticas e design de vanguarda.

³⁴ Jacob Berend Bakema detto Jaap foi um importante arquiteto holandês moderno, reconhecido pela construção de casas sociais e por defender o ideal de urbanização e humanização da arquitetura. Estruturalista, lutava por uma arquitetura que pudesse oferecer liberdade e interação entre o homem e o espaço, assim como entre o homem e seus semelhantes.

característica correspondente ao período em que foram erigidas, expressas nos símbolos de cada repertório arquitetônico correspondente.

Como fonte primária para a análise do conjunto urbano, conforme apontado, foi realizado um levantamento quadra a quadra do centro tradicional, composto de 67 quadras, tornando possível localizar antigas edificações, indicadas no mapa 01, em anexo. Posteriormente, procurou-se identificar as áreas com maior concentração da economia agroexportadora, comercial, residencial e da renovação urbana, ocorrida na década de 1960, que constam dos mapas anexos 02, 03, 04 e 05, em anexo. Com as visitas ao local durante o período da pesquisa, identificamos que ainda persistem edificações históricas com uso residencial. Nas áreas onde prevalece esse tipo de uso, observa-se um cuidado maior com relação à infraestrutura urbana. De maneira geral, verificou-se também o apreço que os moradores demonstram em relação ao Centro Tradicional, assim como os frequentadores de pontos tradicionais, como o Mercado Municipal de 1944 e o antigo Cine Rio Preto de 1940, atual Praça Shopping. É comum verificar rodas de amigos nesses locais, tomando um café e conversando.

Entretanto, embora existam algumas iniciativas legais, não existe nenhuma política eficaz, que se traduza em uma real política de preservação. Dessa maneira, observam-se várias edificações históricas sendo demolidas para dar lugar a estacionamento, inclusive algumas edificações fotografadas para essa pesquisa já não existem mais.

A Lei Complementar nº 224, de 06 de outubro de 2006, que dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável, no artigo 5º, parágrafo primeiro, descreve:

Atividades de interesse urbano são aquelas inerentes às funções sociais da cidade e ao bem estar de seus habitantes, incluindo a moradia, sobretudo a moradia de interesse social, os serviços públicos de educação, saúde, promoção social, esporte e lazer, áreas de macro e micro drenagem urbana, a produção e o comércio de bens, a prestação de serviços, a circulação de pessoas e bens, a conservação do patrimônio cultural, histórico, ambiental e paisagístico e a preservação dos recursos necessários à vida urbana, tais como mananciais e áreas de vegetação arbórea.

Mais adiante, no Capítulo III, que trata da Gestão sobre o Patrimônio Ambiental, Histórico e Cultural, o artigo 12 determina:

Para efeito dessa Lei Complementar, são considerados componentes do patrimônio ambiental todos os recursos naturais e culturais apresentados no Título III sobre áreas de Especial Interesse Histórico, Turístico e Ambiental.

E o Artigo 13, que trata das Políticas Ambiental e Cultural, impõe que devem ser atendidas as seguintes diretrizes e objetivos: “III. Conservar e promover o valor histórico/arquitetônico da “Swift”, Basílica de Nossa Senhora Aparecida e Mercado Municipal e VIII, recuperar áreas degradadas”.

A leitura da Lei Complementar mostra que os órgãos públicos desconhecem seu próprio Patrimônio, pois se referem somente à “Swift” (fábrica de óleo de algodão, de procedência inglesa, inaugurada em 1944 tombada pelo Estado, em 2003), ao Mercado Municipal, edificação *Déco*, também de 1944, tombado pelo município em 2004 e à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, de repertório *Déco*, também da década de 1940, edificação não tombada.

Conforme as fotos 46, 47 e 48 abaixo, evidentemente, são edificações emblemáticas, compondo um patrimônio reconhecidamente relevante, mas que não traduzem, por si só, o conjunto de edificações encontradas no Centro Tradicional do Município, assim como nas primeiras expansões, que não foram abordadas nessa pesquisa, mas que poderão fazer parte de um estudo posterior.



Foto 46: Swift atualmente
Fonte: Solutudo (2018)³⁵

³⁵ Disponível em: <https://solutudo-cdn.s3-sa-east-1.amazonaws.com/prod/plc_places/81/5879263e-d1b8-4400-ad73-1c15ac1f1147.png>. Acesso em 22 abr. 2018



Foto 47: Mercado Municipal

Fonte: Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto



Foto 48: Basílica de Nossa Senhora Aparecida

Fonte: Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto

Outras iniciativas relativas à preservação têm início com a Lei nº 4355/88, que cria o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Turístico de São José do Rio Preto (COMDEPHACT), órgão de assessoramento do Poder Executivo em assuntos da sua competência. Posteriormente, foi promulgada a Lei nº 5571/94, que estabelece que o prefeito municipal está autorizado a executar a política de defesa do patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Turístico, por via de Tombamento, através de decreto.

Ambas, contudo, foram revogadas pela Lei Complementar nº 214 de 16 de dezembro de 2005 que, ademais, dispõe sobre a identificação, preservação, proteção e conservação do Patrimônio Cultural do Município de São José do Rio Preto e promove a reativação do Conselho Municipal de Preservação, até então

desativado. Além disso, tomba imóveis como a Estação Ferroviária de 1942, o Mercado Municipal de 1944 e o Antigo Tiro de Guerra 197 (foto 49), de 1940, edificações *Art Déco* que fazem parte dessa pesquisa.

Também foram tombados: o túmulo de Ugolino Ugolini (foto 50), engenheiro italiano, que elaborou o primeiro levantamento cadastral do então Patrimônio de São José, em 1895 e executou o traçado do Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo, atual bairro Boa Vista, a primeira expansão ocorrida, ainda no século XIX; o antigo Colégio São José (foto 51), localizado no Distrito de Engenheiro Schmitt; a Estação Ferroviária de São José do Rio Preto, de 1942 (foto 52); a Estação Ferroviária do Distrito de Engenheiro Schmitt, (foto 53), da década de 1940, e o Instituto Penal Agrícola (foto 54), edificação Neocolonial, de 1955, erigida com a finalidade de sediar uma Escola Agrícola, o que acabou não acontecendo.



Foto 49: Antigo Tiro de Guerra 197, atualmente Museu de Arte Naif
Fonte: acervo pessoal Toninho Cury



Foto 50: Túmulo de Ugolino Ugolini, localizado no cemitério da Vila Ercília
Fonte: acervo Alexandre Freitas



Foto 51: Asilo do Distrito de Engenheiro Schmidt (antigo Colégio São José)
Fonte: DHoje



Foto 52: Estação Ferroviária de São José do Rio Preto
Fonte: Amarildo Cristiano Neri (2009)³⁶



Foto 53: Estação Ferroviária de Engenheiro Schmidt
Fonte: Thiago Silva (2016)³⁷

³⁶ Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/s/fotos/sjrpreto092.jpg>>. Acesso em 22 abr. 2018.



Foto 54: Instituto Penal Agrícola
Fonte: Lelé Arantes³⁸

³⁷ Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=Estação+ferroviária+engenheiro+schmitt&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiype-J7s7aAhXFgZAKHcRfByoQ_AUICygC&biw=1600&bih=794#imgrc=6CTMXL4xiWASKM>. Acesso em 22 abr. 2018.

³⁸ Disponível em: <<http://www.quemfazhistoria.com.br/historico/ipajocelino.JPG>>. Acesso em 22 abr. 2018.

CONCLUSÃO

Procurou-se apresentar, no decorrer da pesquisa, alguns aspectos que demonstram a vulnerabilidade do conjunto arquitetônico inserido em um traçado urbano entre as Avenidas Alberto Andaló e Bady Bassit, a linha férrea (aterramento do rio Preto) e a Rua Independência, considerado o Centro Tradicional.

Essa área possui, em seu conjunto, o DNA histórico do nascimento e da evolução do município. No traçado urbano, estão implícitos: o processo de transformação; os ciclos econômicos; a tipologia arquitetônica correspondente e o valor afetivo, que agrega identidade e o restabelecimento da memória ao cidadão local, ao mesmo tempo em que expressa, para os visitantes ou observadores atentos, as camadas sobrepostas, desde a implantação do primeiro núcleo urbano, até os dias de hoje.

Vale ressaltar que o Centro Tradicional não paira sob uma áurea pretérita e saudosista, mas continua vivo, como um centro economicamente ativo, presente no cotidiano dos frequentadores, através de agências bancárias, Correios, edifícios institucionais e residenciais de alto padrão, hotéis, restaurantes tradicionais e novos, consultórios médicos e dentários, escritórios de advocacia e empresas de serviços diversos, ofertando um comércio variado e proporcionando o encontro de antigos e jovens moradores de Rio Preto para um cafezinho no final de tarde ou Happy Hour.

Os exemplares do conjunto histórico/cultural que definem a fisionomia da cidade, inseridos nessa área urbana, onde estão localizadas as edificações que expressam os vários ciclos econômicos e arquitetura correspondente, quando adaptados a um novo uso, ou reuso, são bastante modificados, ou sofrem a ação da publicidade excessiva, resultante da competitividade do comércio predominante no local, como apresentado nas fichas 02, 03 e 04, entre outras, que fizeram parte da análise do conjunto.

Também ficou evidente, durante a pesquisa, a situação do entorno relativa aos bens tombados: não existe nenhuma restrição e, portanto, permanecem íntegros; entretanto, obscurecidos por novas construções ou ações políticas, que os descaracterizam, como demonstrado, entre outras, na ficha 01.

De maneira geral, observa-se a falta de uma política de controle relativa à publicidade, como pode ser constatado na maior parte das fichas de análise.

A contribuição que se propõe com essa pesquisa, portanto, é apontar questões para os órgãos públicos, principalmente para a Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação de São José do Rio Preto - órgão ao qual o centro histórico está submetido - de forma que as informações aqui oferecidas possam contribuir com futuras diretrizes a serem incluídas em um Projeto de Lei de Preservação da Paisagem Urbana. Do ponto de vista da apreensão desse legado por parte da população, tais informações também podem constituir um primeiro passo para a definição de um Itinerário Urbano, com possíveis percursos pela área, para que esta se torne efetivamente valorizada.

Conclui-se que o conjunto de remanescentes tem significado incontestável para a história e a memória da cidade. Esse conjunto, ao qual atribui-se aqui o papel definidor da fisionomia da cidade, em um determinado momento histórico, foi iniciado nos primórdios da implantação do primeiro núcleo urbano de São José do Rio Preto, e que atravessou, em seu assentamento, todo o espigão, em topografia favorável, ultrapassou as barreiras físicas dos córregos Canela e Borá e do Rio Preto e do loteamento das propriedades particulares para além da rua Independência.

Ao permanecer, de certa forma, foi palco das manifestações e demandas expressas nas transformações físicas dos diversos ciclos econômicos pelos quais passou o município, através das demandas externas e internas, constituídas pelas mais diversas relações intrínsecas: circulação de ideias, clientela, mão de obra, influências políticas, etc.

Esses já seriam motivos suficientes para um olhar preservacionista, por caracterizarem o Centro Tradicional do Município de São José do Rio Preto como um Centro peculiar, indissociável de seu percurso histórico, digno de um olhar atento dos órgãos municipais aos quais compete estabelecer diretrizes legais que o evidenciem, potencializem e possibilitem ações no sentido de sua preservação.

Essa pesquisa procurou apresentar a produção arquitetônica construída entre as décadas de 1920 e 1960, inserida no contexto urbano do Centro Tradicional, localizado entre duas Avenidas, Alberto Andaló e Bady Bassit, correspondentes ao Córrego Canela e Borá, respectivamente, e o Rio Preto e Rua Independência. O objetivo inicial, que tinha como pressuposto a análise do conjunto urbano, foi contemplado, porém, restaram algumas lacunas que deverão ser respondidas em pesquisas futuras, como por exemplo, a disputa entre as Câmaras e a Fábrica da

Igreja, na constituição de 1891, em que o Estado se mostra fortemente anticlerical; as principais influências do código de posturas, em que são mais detalhadas as edificações que se apoiam no Primeiro Código Sanitário do Estado, de 1894; o posterior surgimento do Código de 1918 e a forma efetiva como o Modernismo entrou no Município. As hipóteses mais prováveis são: através dos Clubes de Serviço, Maçonaria ou ACIRP (associação Comercial e Industrial de São José do Rio Preto, atualmente ACE, Associação Comercial e Empresarial de São José do Rio Preto, cuja formação tem início nos primeiros anos do século XX) e/ou sistema S (Senai, Sesi e Sesc).

Outra lacuna se refere a um levantamento do Patrimônio Edificado, dentro do contexto da análise urbana dos bairros caracterizados como as primeiras expansões, notadamente bairro Boa Vista, a primeira Expansão, antigo Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo, Vila Maceno, a segunda Expansão, além do Rio Preto, Vila Ercília e Vila Santa Cruz, terceira Expansão, além do Córrego Canela, que ocorreu no final do século XIX e a última expansão, ocorrida já no século XX, além da Rua Independência, barreira constituída por conter propriedades particulares.

Em uma análise empírica, é possível estabelecer um diálogo entre os traçados urbanos, sendo que a extensão segue a orientação do primeiro núcleo, assim como o Patrimônio Edificado do Centro Tradicional se reflete nas primeiras expansões, nas quais se pode observar uma semelhança da tipologia estilística.

E por fim, um levantamento particularizado de cada edificação que consta das fichas de análise, tais como alteração na caixilharia, abertura ou fechamento de vãos, ampliação ou mutilação, alteração das cores originais e outros itens, podem ser vistos como desdobramentos possíveis desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABASCAL, E. H. S.; BRUNA, G. C.; ALVIM, A. B. Modernização e modernidade: algumas considerações sobre as influências na arquitetura e no urbanismo de São Paulo no início do século XX. **Vitruvius - ArquiteXtos**, ano 08, jun., 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteXtos/08.085/240>>. Acesso em 12 out. 2017.

ANDRADE, C. R. M. O plano de Saturnino de Brito para Santos e a construção da cidade moderna no Brasil. **Espaço e debates**, São Paulo, n. 34, p. 55-63, 1991.

_____. **A Peste e o Plano**: o urbanismo sanitário do engenheiro Saturnino de Brito. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992a.

_____. A cidade como um corpo são e belo: o pensamento urbanístico do engenheiro Saturnino de Brito. In: FERNANDES, A. GOMES, M. A. A. F. **Cidade & História**: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: UFBA/Mestrado em arquitetura e urbanismo/ANPUR, 1992b.

_____. De Viena a Santos: Camillo Sitte e Saturnino de Brito. In: SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática, 1992c.

_____. **Barry Parker**: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo. (Dissertação de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

_____. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região**: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880 – 1925). (Dissertação de Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

ARANTES, L. **Dicionário rio-pretense**: a história de São José do Rio Preto de A a Z. 2 ed. ampliada e atualizada. São José do Rio Preto: Casa do Livro, 2002.

ARANTES, L.; PARISE, A. C. **Desenvolvimento Econômico de São José do Rio Preto**: 80 anos da ACIRP. São José do Rio Preto: Casa do Livro, 2000.

ARANTES, L.; YARAKA, A.; REY, J. L. **Quem faz história em São José do Rio Preto**. São José do Rio Preto: THS, 2006.

ARGAN, G. C. **Arte moderna**: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **História da arte como história da cidade**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS JÚNIOR, M. F. de. **Administração e Gestão de Políticas Públicas**: Estudo de Caso - A Experiência de São José do Rio Preto - SP. São Paulo: Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica de São José do Rio Preto, 2003.

AUSTRÁLIA ICOMOS. **Código da diversidade cultural**: código da ética da coexistência na conservação dos sítios com significado. [on-line]. 2006. Disponível em: <http://www.patrimonio-santarem.pt/imagens/3/codigo_da_diversidade_cultural.pdf>. Acesso em 16 set. 2017.

BADARÓ, R. **Campinas**: o despontar da modernidade. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1996.

BENEVOLO, L. **As origens da urbanística moderna**. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

_____. **História da cidade**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

BOLÇONE, O. J. (Org.) **Conjuntura Econômica de São José do Rio Preto**. 20 ed. São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação, 2005.

BONDUKI, N. **Origens da habitação social no Brasil**: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade/Fapesp, 1998.

BONFATO, A. C. Jorge de Macedo Vieira: o orgânico e o geométrico na prática urbana (1920- 1960). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 2, v. 5, nov., 2003.

BORGES, M. S. Distinção, conforto e higiene: modernidade urbana na Fortaleza de 1930 e 1940. **I Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste**, Recife, 2006.

BRANDI, A. Entrevista I. [out. 2016]. Entrevistador: Rosely Mayse Seno. São José do Rio Preto, 2016.

BRANDI, A. **São José do Rio Preto, 1852 a 1894**: Roteiro Histórico do Município – Contribuição para o conhecimento de suas raízes. São José do Rio Preto: Editora Rio-pretense, 2002.

_____. **São José do Rio Preto, 1894 a 1907**: o ciclo dos intendentess e a criação da Comarca. São José do Rio Preto: THS, 2012.

BRESLER, H. O *ArtDécoratif* moderno na França. In: CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO RIO DE JANEIRO. **Art Déco na América latina**. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/Solar Grandjean de Montigny, 1997.

CAMPOS, E. de S. (Org.). **História da Universidade de São Paulo**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CAMPOS, R. D. de. **A “princesa do sertão” na modernidade republicana.** Urbanidade e educação na Rio Preto dos anos 1920. São Paulo: Annablume; São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Cultura, 2004.

CAMPOS, V. J. B. **Art déco na arquitetura paulistana:** uma outra face do moderno. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

CAPEL, H. Caninos de modernización en la Europa ultramarina. In: FERREIRA, A. L.; DANTAS, G. (orgs). **Surge et ambula:** a construção de uma cidade moderna. Natal, 1890-1940. Natal: EDUFRN, 2006.

_____. **O art déco e a construção do imaginário moderno:** um estudo de linguagem arquitetônica. (Dissertação de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

CHOAY, F. **O urbanismo.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

COELHO, G. N. **A modernidade do art déco na construção de Goiânia.** Goiânia: edição do autor, 1997.

CORREIA, T. B. A gestão do tempo e a organização da cidade moderna. Revista Sinopses, São Paulo, n. 33, p. 22-32, jun. 2000.

_____. **A construção do habitat moderno no Brasil:** 1871-1950. São Carlos: Rima, 2004.

_____. Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**, v. 16, n. 2, jul.-dez., 2008.

CONDE, L. P.; ALMADA, M. Panorama do *Art Déco* na arquitetura e no urbanismo do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, J. (org.). **Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro.** 3 ed. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/Casa da Palavra, 2000.

CAVALHEIRO, A. A. **Álbum Ilustrado da Comarca de Rio Preto:** 1927-1929. São Paulo: Casa Editora Duprat-Mayença, 1930.

CONDURU, Robert. Entre histórias e mitos. Uma revisão do neocolonial. **Resenhas online**, ano 08, set. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.093/3025%20/>>. Acesso em 10 mai. 2018.

DEL BRENNNA, G. R. **O Rio de Janeiro de “Pereira Passos”:** uma cidade em questão II. Rio de Janeiro: Index, 1985.

FABRIS, A. **Arquitetura eclética no Brasil:** o cenário da modernização. São Paulo: Anais do Museu Paulista, nova série n. 1, 1993.

FABRIS, A. (org.). **Eclétismo na arquitetura brasileira.** São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

FERREIRA, H. M. O centro tradicional e principal e as práticas espaciais em Presidente Prudente-SP. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 16, n. 56, p. 110-125, Dez., 2015.

FERRO, B. Swift, sete décadas de história. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 13 dez. 2017.

FICHER, S. **Os arquitetos da Poli**: ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2005.

FRANCISCO, A. M. Contribuição à história da urbanização de São José do Rio Preto - SP. **Revista UNESP**, v. 5, n. 1, p. 119-142, 2011.

FREITAS, A. de. **História da Basílica Menor Nossa Senhora Aparecida**. [on-line]. 2013. Disponível em: <<http://riopretocult.com.br/wp/?p=80>>. Acesso em 23 out. 2017

FREITAS, G. M. de. (Coord.) **Conjuntura Econômica de São José do Rio Preto**. 32 ed. São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação, 2017.

GOMES, L. **Gente que ajudou a fazer uma grande cidade**: Rio Preto. São Paulo: Editora Gráfica São José, 1975.

GUERRAND, R. Espaços privados. In: PERROT, M. **História da Vida Privada**: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GHIRARDELLO, N. **À beira da linha**: formações urbanas da Noroeste Paulista [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HALL, P. **Cidades do amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

HERSCHMANN, M. M., PEREIRA, C. A. M. O imaginário moderno no Brasil. In: HERSCHMANN, M. M.; PEREIRA, C. A. M. **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOMEM, M. C. N. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

IHGG. **Fotos Rio Preto Antiga**. São José do Rio Preto: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto/SP, 2017. Disponível em: <<http://ihggsjrp.blogspot.com.br/p/album-rio-preto-antiga.html>>. Acesso em 06 set. 2017

IRAZÁBAL, C. Da Carta de Atenas à Carta do Novo Urbanismo: Qual seu significado para a América Latina? **Vitrúvius - Arqutextos**, ano 02, dez., 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/02.019/821>>. Acesso em 12 mai. 2018.

KESSEL, C. **Arquitetura neocolonial no Brasil**: entre o pastiche e a modernidade. Rio de Janeiro: Jauá, 2008.

LAPA, J. R. A. **A cidade**: os cantos e os antros. Campinas 1850-1900. São Paulo: Edusp, 1996.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A carta de Atenas**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1993.

LEGRIS, W. S. **Caetanista Lu Camargo, a memória viva da Avenida São Luiz**. 2012. [on-line]. Disponível em: <<https://ieccmemorias.wordpress.com/2012/06/08/caetanista-lu-camargo-a-memoria-viva-da-avenida-sao-luiz/>>. Acesso em 08 nov. 2017.

LEME, M. C. S. **Urbanismo no Brasil**: 1895-1965. São Paulo: Studio Nobel/FAUUSP/FUPAM, 1999.

LEMOS, C. A. C. **Alvenaria burguesa**: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. **A república ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

LODI, N. Código de Posturas. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 26 ago. 2006.

_____. Expansão urbana de Rio Preto. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 10 jan. 2016.

_____. Palácio das Águas: 60 anos. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 20 set. 2015.

_____. Rio Preto dos anos 1940: indústria e urbanização. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 24 mai. 2009.

MANOEL, S. K. **Fundação da casa popular (1946-1964)**: projeto frustrado de construção de uma política habitacional no Brasil. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: Universidade de São Paulo, 2004.

MARINS, P. C. G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, N. (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARQUES, F. Rio Preto em foco. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 26 dez. 2015.

MASCARO, L. P. **Difusão da arquitetura neocolonial no interior paulista, 1920-1950**. (Dissertação de Doutorado). São Carlos: Universidade de São Paulo, 2008.

MASCARO, L. P. **Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950**. (Dissertação de Doutorado). São Carlos Universidade de São Paulo, 2008.

MASCARO, L. P.; BOTOLUCCI, M. A.; LOURENÇO, J. M. Raul Lino: uma leitura dos projetos das “casas portuguesas”. **Oculum**, out., 2007.

MENEGUELLO, C. O coração da cidade: observações sobre a preservação dos centros históricos. **Revista Eletrônica do Iphan**. Dossiê Grandes Cidades, n. 13, 2005.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. 2 ed. Trad. Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec, 1998.

MOREIRA, F. D. A. A aventura do urbanismo moderno na cidade do Recife, 1900-1965. In: LEME, M. C. S. **Urbanismo no Brasil: 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel/FAUUSP/FUPAM, 1999.

MUNFORD, L. **A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASLAVSKY, G. **Modernidade arquitetônica no Recife: arte, técnica e arquitetura (1920- 1950)**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, C. S. V. de. **Boca do Sertão: a história de Piratininga na marcha do café**. São Paulo: Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 2015.

PAINEL. **Revista da Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto**, n. 243, de junho de 2015.

PEREIRA, M. S. **Os correios e telégrafos no Brasil: um patrimônio histórico e arquitetônico**. São Paulo: MSP/Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1999.

PERROT, M. Maneiras de morar. In: PERROT, M. **História da Vida Privada: da revolução francesa à primeira guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PINHEIRO, A. C. **O código de posturas do município na educação e normatização do “povo”**. (Dissertação de Mestrado) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PINHEIRO, E. P. **Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos**. Salvador: EDUFBA, 2002.

PINHEIRO, M. L. B. Moderno ou Moderne? Questões sobre a arquitetura francesa no entre guerras. In: CENTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO RIO DE JANEIRO. **Art Déco na América latina**. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/Solar Grandjean de Montigny, 1997.

PORTO, D. R. **O Barreiro de Araxá: projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais**. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: Universidade de São Paulo, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Memorial urbano de Campina Grande**. Campina Grande: A União, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Projeto Campina Déco**, v. 1-3. Campina Grande: Prefeitura Municipal, 2000.

QUEIROZ, M. V. D. **Quem te vê não te conhece mais**: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950). (Dissertação de Mestrado). São Carlos: Universidade de São Paulo, 2008.

QUEIROZ, M. V. D.; ROCHA, F. M. D. Caminhos da Arquitetura em Campina Grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950. In: MOREIRA, F. D. (Org.). **Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil**: universalidade e diversidade. Recife: FASA, 2007.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. **Evolução urbana do Brasil (1500-1720)**. 2 ed. São Paulo: Pini, 2000.

RIBEIRO, A. C. C. **Reconstrução da história e projeto moderno em Flávio Motta**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1997.

_____. *Art Déco sertanejo*. **Design & Interiores**, São Paulo, n. 41, 1994.

SAMPAIO, G. F. **Saneamento de uma cidade**: apontamentos para projetar de acordo com os ensinamentos de Saturnino de Brito, Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do S. G. E., 1952.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (org.). **História da Vida privada no Brasil**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, H. M. M. da. Café, imigração e urbanização no interior paulista. **Fatos e Versões**, v. 5, 2013.

_____. **Conflitos Na Elite**: a transformação dos grupos de poder de São José do Rio Preto na República Velha (1894-1930). (Dissertação de Doutorado). Franca: Universidade Estadual Paulista, 2009.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. **O fenômeno urbano**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SIMÕES JUNIOR, J. G. Melhoramentos na área central de São Paulo. In: LEME, M. C. S. **Urbanismo no Brasil: 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel/FAUUSP/FUPAM, 1999.

_____. **Anhangabaú: história e urbanismo**. São Paulo: SENAC/IMPrensa Oficial, 2004.

_____. **O ideário dos engenheiros e os planos realizados para as capitais brasileiras ao longo da Primeira República**. Portal Vitruvius, nov. 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq090/arq090_03.asp>. Acesso em 20 dez. 2007.

SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, A. **Arquitetura neoclássica brasileira: um reexame**. São Paulo: Pini, 1994.

SOUZA, C. F.; STEIGLEDER, C. N. Retomando Marshall Berman e a questão da modernidade e da modernização das cidades. In: PEIXOTO, E. R.; DERNTL, M. F.; PALAZZO, P. P.; TREVISAN, R. (Orgs.) **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Brasília, 2014**.

TEODÓZIO, D. M. **Do sertão à cidade: Planejamento urbano em São José do Rio Preto: dos anos 50 aos anos 2000**. (Dissertação de Doutorado). São Carlos: Escola de Engenharia da USP, 2008.

TOLEDO, M. M.; FREITAS, G. M. **Conjuntura Econômica de São José do Rio Preto**. 31 ed. São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação, 2016.

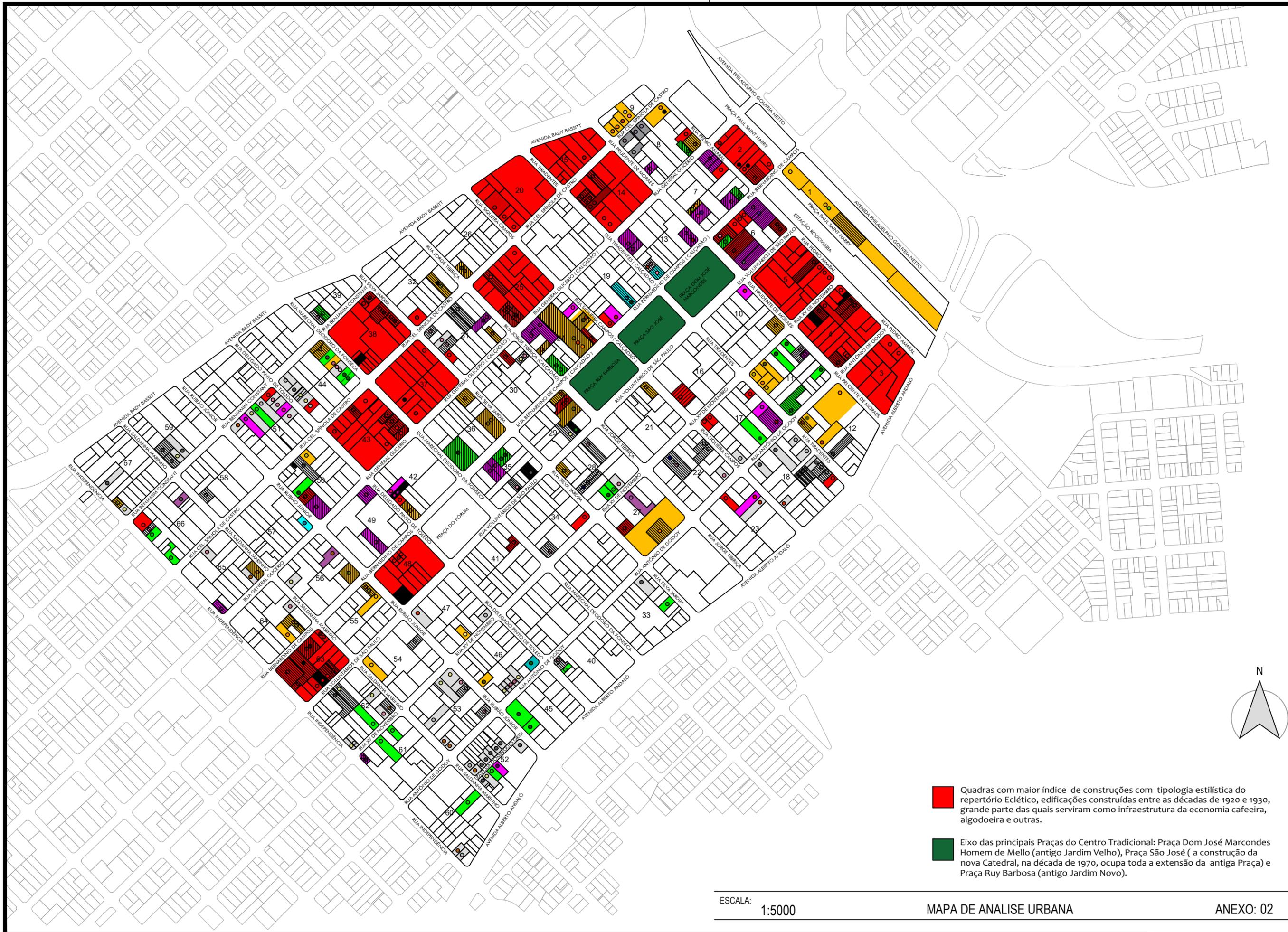
TONELLO, O. **São José do Rio Preto: Memórias de Oswaldo Tonello**. São José do Rio Preto: edição do autor, 2006.

UNES, W. **Identidade art déco de Goiânia**. Goiânia: Ateliê editorial/ Universidade Federal de Goiás, 2001.

VAZ, L. F. Modernização excludente e moradia no Rio de Janeiro. In: FERNANDES, A.; GOMES, M. A. A. F. **Cidade & História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: UFBA/Anpur, 1992.

_____. **Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro - séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.

VILLAÇA, F. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEAK, C.; SCHIFFER, S. R. (Orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.



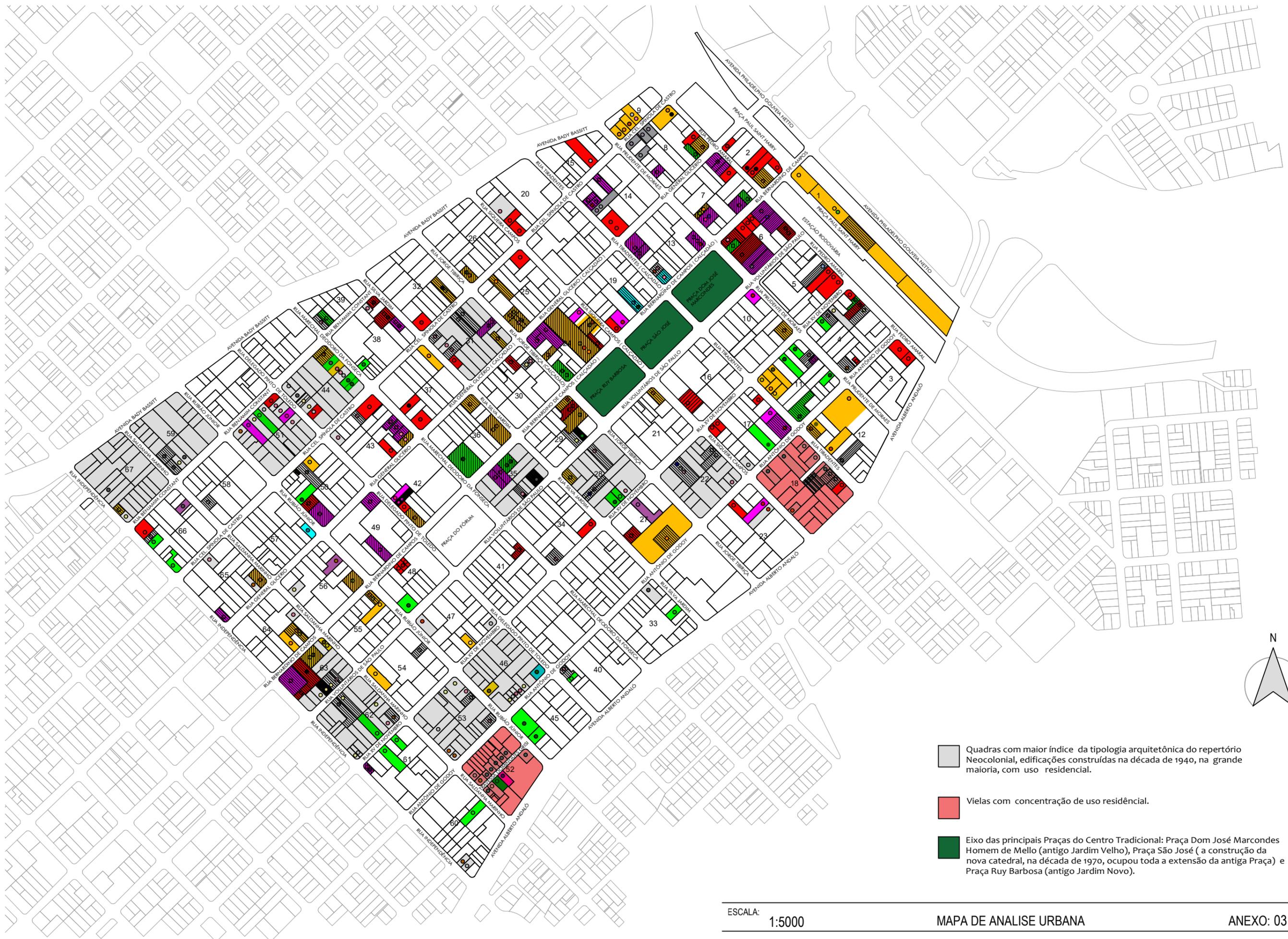
- Quadras com maior índice de construções com tipologia estilística do repertório Eclético, edificações construídas entre as décadas de 1920 e 1930, grande parte das quais serviram como infraestrutura da economia cafeeira, algodoeira e outras.

- Eixo das principais Praças do Centro Tradicional: Praça Dom José Marcondes Homem de Mello (antigo Jardim Velho), Praça São José (a construção da nova Catedral, na década de 1970, ocupa toda a extensão da antiga Praça) e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo).

ESCALA: 1:5000

MAPA DE ANALISE URBANA

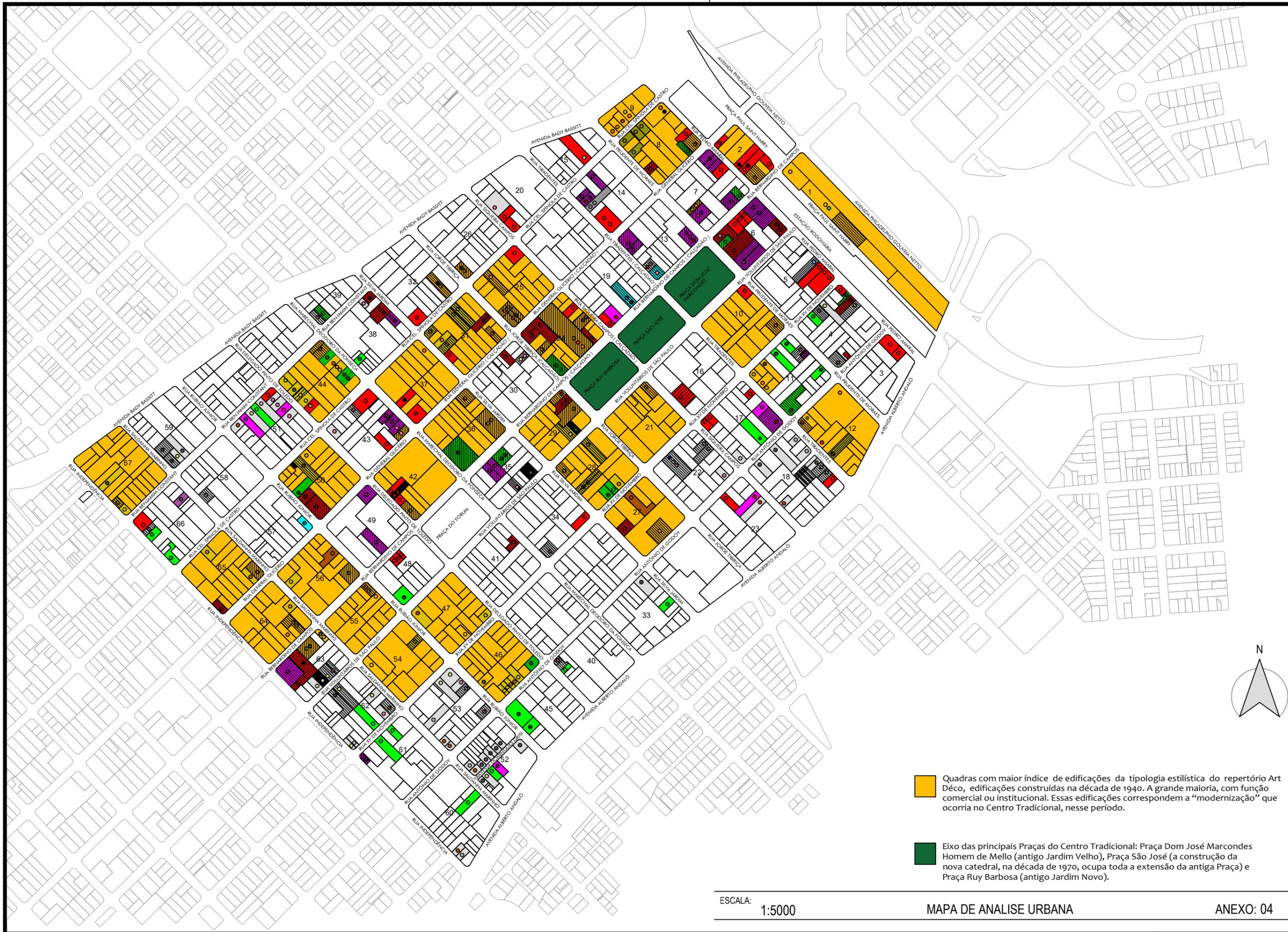
ANEXO: 02



Quadras com maior índice da tipologia arquitetônica do repertório Neocolonial, edificações construídas na década de 1940, na grande maioria, com uso residencial.

Vielas com concentração de uso residencial.

Eixo das principais Praças do Centro Tradicional: Praça Dom José Marcondes Homem de Mello (antigo Jardim Velho), Praça São José (a construção da nova catedral, na década de 1970, ocupou toda a extensão da antiga Praça) e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo).



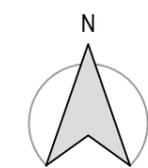
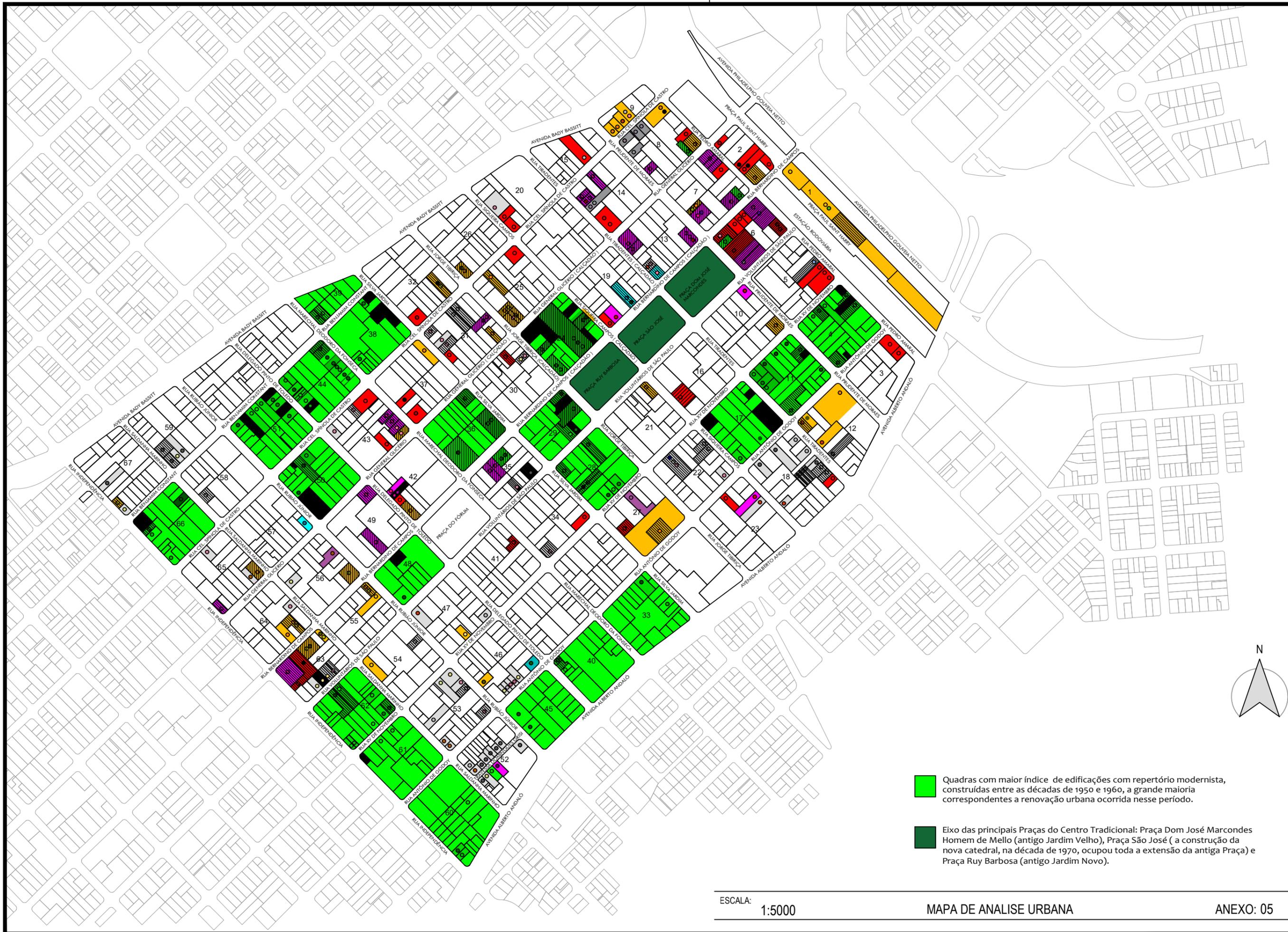
 Quadras com maior índice de edificações da tipologia estilística do repertório Art Déco, edificações construídas na década de 1940. A grande maioria, com função comercial ou institucional. Essas edificações correspondem a “modernização” que ocorria no Centro Tradicional, nesse período.

 Eixo das principais Praças do Centro Tradicional: Praça Dom José Marcondes Homem de Mello (antigo Jardim Velho), Praça São José (a construção da nova catedral, na década de 1970, ocupa toda a extensão da antiga Praça) e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo).

ESCALA: 1:5000

MAPA DE ANALISE URBANA

ANEXO: 04



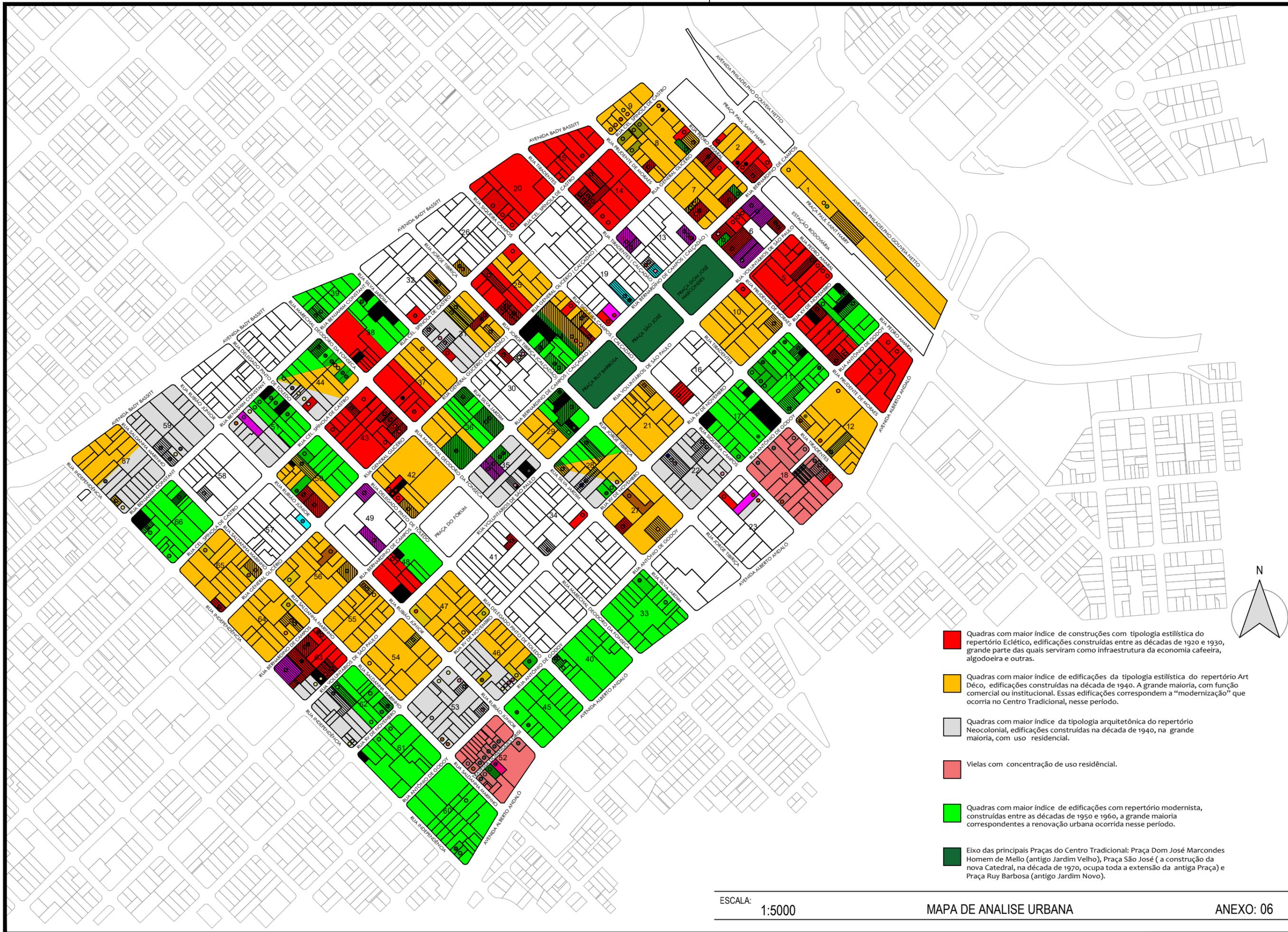
- Quadras com maior índice de edificações com repertório modernista, construídas entre as décadas de 1950 e 1960, a grande maioria correspondentes a renovação urbana ocorrida nesse período.

- Eixo das principais Praças do Centro Tradicional: Praça Dom José Marcondes Homem de Mello (antigo Jardim Velho), Praça São José (a construção da nova catedral, na década de 1970, ocupou toda a extensão da antiga Praça) e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo).

ESCALA: 1:5000

MAPA DE ANALISE URBANA

ANEXO: 05

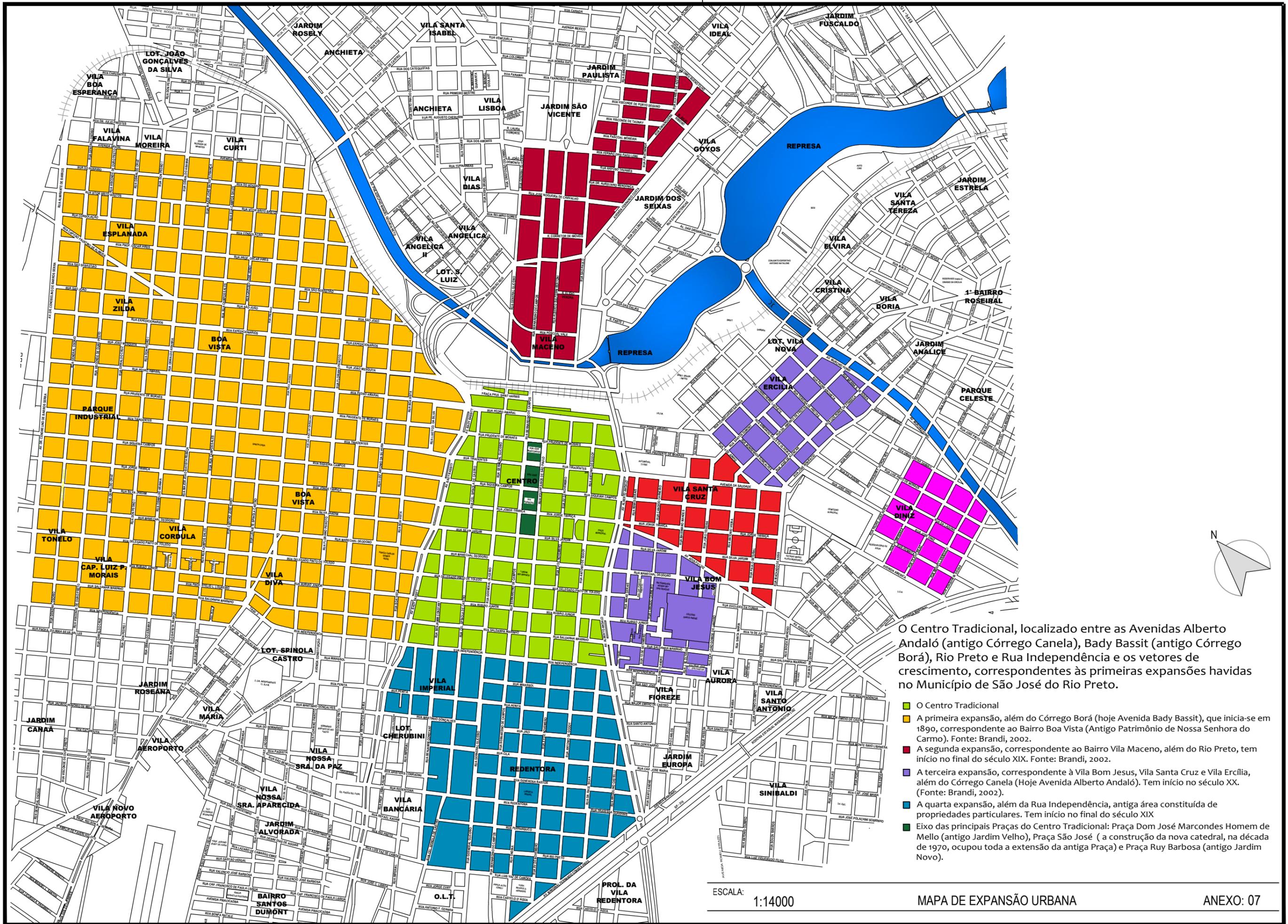


- Quadras com maior índice de construções com tipologia estilística do repertório Eclético, edificações construídas entre as décadas de 1920 e 1930, grande parte das quais serviram como infraestrutura da economia cafeeira, algodoeira e outras.
- Quadras com maior índice de edificações da tipologia estilística do repertório Art Déco, edificações construídas na década de 1940. A grande maioria, com função comercial ou institucional. Essas edificações correspondem a “modernização” que ocorria no Centro Tradicional, nesse período.
- Quadras com maior índice da tipologia arquitetônica do repertório Neocolonial, edificações construídas na década de 1940, na grande maioria, com uso residencial.
- Vias com concentração de uso residencial.
- Quadras com maior índice de edificações com repertório modernista, construídas entre as décadas de 1950 e 1960, a grande maioria correspondentes a renovação urbana ocorrida nesse período.
- Eixo das principais Praças do Centro Tradicional: Praça Dom José Marcondes Homem de Mello (antigo Jardim Velho), Praça São José (a construção da nova Catedral, na década de 1970, ocupa toda a extensão da antiga Praça) e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo).

ESCALA: 1:5000

MAPA DE ANALISE URBANA

ANEXO: 06



O Centro Tradicional, localizado entre as Avenidas Alberto Andaló (antigo Córrego Canela), Bady Bassit (antigo Córrego Borá), Rio Preto e Rua Independência e os vetores de crescimento, correspondentes às primeiras expansões havidas no Município de São José do Rio Preto.

- O Centro Tradicional
- A primeira expansão, além do Córrego Borá (hoje Avenida Bady Bassit), que inicia-se em 1890, correspondente ao Bairro Boa Vista (Antigo Patrimônio de Nossa Senhora do Carmo). Fonte: Brandi, 2002.
- A segunda expansão, correspondente ao Bairro Vila Maceno, além do Rio Preto, tem início no final do século XIX. Fonte: Brandi, 2002.
- A terceira expansão, correspondente à Vila Bom Jesus, Vila Santa Cruz e Vila Erclia, além do Córrego Canela (Hoje Avenida Alberto Andaló). Tem início no século XX. (Fonte: Brandi, 2002).
- A quarta expansão, além da Rua Independência, antiga área constituída de propriedades particulares. Tem início no final do século XIX
- Eixo das principais Praças do Centro Tradicional: Praça Dom José Marcondes Homem de Mello (antigo Jardim Velho), Praça São José (a construção da nova catedral, na década de 1970, ocupou toda a extensão da antiga Praça) e Praça Ruy Barbosa (antigo Jardim Novo).

ESCALA: 1:14000

MAPA DE EXPANSÃO URBANA

ANEXO: 07